
ATAQUE SOMBRIO
SOMBRA E LUZ
LIVRO 7
KIM RICHARDSON
AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

Ataque Sombrio

Sombra e Luz, Livro Sete

Kim Richardson

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com eventos reais ou locais, ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Ataque Sombrio, Sombra e Luz, Livro Sete
Copyright © 2023 por Kim Richardson

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução
no todo ou em qualquer forma.

CONTENTS

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Bruxa das Sombras
Mais Livros De Kim Richardson
Sobre A Autora

CAPÍTULO I

— Olha! Um cabelo branco! Um *maldito* cabelo branco! – gritou Tyrius, com a pata direita levantada com o que eu suspeitava ser um pelo preso entre os dedos. Ele paralisou, com os olhos azuis arregalados, e então caiu de costas sobre o balcão da cozinha, com as patas abertas e se contorcendo como um besouro moribundo. – Meus filhos vão me matar. Eu sei disso. Sinto em meus ossos.

Revirei os olhos e abri a caixa com a palavra COZINHA escrita em letras garrafais. Peguei o primeiro copo, desembrulhei o jornal e joguei o papel no chão antes de colocar o copo na primeira prateleira do armário da cozinha.

– Isso não é um cabelo branco. É um pelo branco, bobo. Caso tenha se esquecido... você está *coberto* de pelo bege e brancos – Peguei outro copo da caixa. – Você está exagerando um pouco. Não acha? Eles são apenas crianças. As crianças deixam seus pais loucos. Todo mundo sabe disso.

Dois meses se passaram desde que Kora deu à luz quatro lindos bebês baals, todos brancos, dois com os olhos azuis de Tyrius e os outros dois com os olhos amarelos da mãe. Eu já tinha visto minha cota de gatinhos, mas esses eram espetaculares, tinham olhos amplos e inteligentes de um baal e uma dose gigantesca de fofura.

Minha avó estava muito feliz por poder oferecer um lar para essa nova família. Ela os mimava muito, com refeições frescas todos os dias e as “sextas-feiras de carne crua”.

Tyrius rolou para trás e se sentou, com a cauda enrolada nas patas.

– Não é isso. Eles não são mais crianças. Eu consigo lidar com crianças. Posso tolerar as patas grudentas e a baba, até mesmo algumas bolas de pelo.

Crianças são fofas. Elas ficam felizes em ver você. São sorridentes e querem abraçar você – O gato estreitou os olhos. – Mas esses aqui... são adolescentes. Eles não ouvem. São rebeldes, respondem. Acham que sabem tudo.

Eu ri.

– Eu já fui assim uma vez – Pensei sobre isso. – Ainda sou.

– Ha ha – A cauda de Tyrius se contorceu atrás dele. – Eles são um bando de pequenos diabinhos.

– Eles *são* um bando de diabinhos. Diabinhos, demônios, dá tudo na mesma.

As sobrancelhas de Tyrius caíram sobre seus olhos e suas orelhas se abaixaram.

– Você não está sendo exatamente uma melhor amiga que dá apoio. O que aconteceu com 'Eu sempre vou te apoiar, Tyrius' ou 'Eu estou do seu lado, Tyrius'?

Soltei um longo suspiro.

– Vai ficar tudo bem. É só uma fase. Todos os adolescentes deixam seus pais loucos. Está em seu DNA. Eles vão superar isso.

– Não tão cedo – O gato cutucou a unha da sua pata dianteira. – Espere até você ter seus próprios filhos. Você verá que o bate-boca é especialmente brutal.

– Bem, é muito cedo para ter *essa* conversa com Gareth – Eu não gostaria de assustar o elfo com conversa de bebê. – Além disso, não sei se filhos está previsto em meu futuro. Além disso, no meu ramo de trabalho, provavelmente é uma má ideia pensar em formar uma família. Eu não gostaria que meus filhos ficassem órfãos antes de completarem dois anos – Se algum dia eu decidisse ter minha própria família, sem dúvida abandonaria o negócio de caça, pelo menos até que eles se tornassem adolescentes.

– Por falar em procriação – Tyrius cuspiu a unha. – Onde está aquele elfo? Continua vendendo drogas em Nova Jersey?

– Remédio fitoterápico – corrigi.

– Tudo a mesma coisa.

Empurrei o copo alto para o fundo da prateleira. Gareth vendia ervas medicinais na loja Crepúsculo Medicina Natural em Hoboken, Nova Jersey, para qualquer pessoa que precisasse, híbridos e humanos. – Ele ainda está decidindo se deve ou não manter a loja aberta em Nova Jersey, ou fechá-la e abrir uma nova aqui em Thornville.

– Bem, isso faria mais sentido, já que você mora aqui agora.

Eu sorri e olhei em volta da pequena cozinha com armários brancos e ladrilhos estilo metrô.

– Sim.

Gareth e eu decidimos encontrar um lugar só nosso e morar juntos. Era o próximo passo lógico em nosso relacionamento, já que éramos praticamente inseparáveis. Fazia sentido encontrar um lugar de que ambos gostássemos para começar nossa vida juntos.

Como minha avó não está ficando mais jovem, eu queria encontrar um lugar perto dela. No final, a casa do outro lado da rua dela estava para alugar e eu me joguei assim que vi o proprietário colocando uma placa de ALUGA-SE no gramado da frente. Na verdade, eu saí correndo da casa da minha avó, gritando

– Não faça isso! Estou aqui! – enquanto balançava os braços para o velho, assustando-o até a morte.

Eu também teria ficado com medo de mim.

O pobre homem, o Sr. Wallace, agora meu locatário, escorregou na grama e caiu de costas, arrastando a placa com ele. *Ops*. Eu o ajudei a se levantar, é claro. Assinamos os papéis naquela tarde. Isso foi há uma semana.

O fato de ser alugado era ainda melhor. O fato de não ter que lidar com impostos ou com uma entrada alta, que eu não tinha, foi uma bênção. Alugar, por enquanto, era exatamente o que eu precisava.

Era uma casa pequena azul-clara de dois andares com acabamento branco e uma grande varanda na frente. Petúnias vermelhas, laranjas e cor-de-rosa pendiam das floreiras abaixo das janelas da frente e lilases maduros ladeavam a casa. Embora não estivessem mais em floração, suas folhas verdes vibrantes faziam um belo contraste com o azul da casa. Eu teria assinado o contrato só por causa dos lilases.

A casa tinha três quartos, dois dos quais se tornaram nossos escritórios separados, e apenas um banheiro no andar de cima. Ela havia sido reformada ao longo dos anos, mas sempre mantiveram sua verdadeira arquitetura, e era uma casa adorável.

Gareth, aquele elfo sexy abençoado, não se importou em ficar tão longe de sua loja e me disse que ficaria feliz com o que eu escolhesse. Ainda bem que ele não sabia que eu tinha assinado os papéis *antes* de ligar para ele para contar sobre o lugar. *Ops*.

E o bônus? O elfo cozinhava *e* limpava. Não estou mentindo. Homens como esse estavam praticamente extintos. Ele era incrível. E eu era uma garota de muita sorte.

O rosto de seu pai, com sua cara feia, apareceu em minha mente. O pai de Gareth era o guardião de Imadell, a cidade dos elfos. Me perguntava o que ele acharia de seu filho, um elfo bem nascido, vivendo com uma pessoa como eu, um nascida-anjo com essência de arquidemônio em suas veias, que ainda estava tentando descobrir onde era seu lugar. Ele odiaria, isso era um fato, e esse pensamento me fez sorrir.

Eu não era mais uma Não Marcada, um nascida-anjo sem a marca dos arcanjos. A prova era aquela gloriosa marca de nascença em forma de P em meu pescoço, a qual eu não conseguia parar de olhar sem sorrir como uma idiota. Eu estava oficialmente marcada e abençoada pelo selo dos arcanjos, assim como todos os nascidos-anjo e assim como meus pais. Embora tenha sido o arcanjo Rafael que tenha feito isso, ela me deu o selo do arcanjo Miguel, igual ao de Layla.

Agora, com a proteção do selo, Layla e eu não estaríamos mais sujeitos a demônios, demônios superiores ou mesmo arquidemônios como Lucian, o rei de todos os idiotas. Nem ele e nenhum outro arquidemônio maldito poderia introduzir seu poder em nós. A única razão pela qual Layla e eu tínhamos a essência dele, pela qual não fomos Marcadas, era para ajudá-lo a roubar o Santo Graal. Bem, as coisas não saíram como ele havia planejado. Engole essa, Lucian.

É verdade que ainda tínhamos sua essência de arquidemônio em nós, mas isso não nos tornava ruins, não mesmo. A menos que quiséssemos ser ruins. No entanto, isso nos tornava mais fortes, mais resistentes às energias demoníacas. E, talvez, um pouco mais duronas também.

Layla e eu fazíamos parte do exército de nascidos-anjo. Fomos contratadas como Agentes, uma espécie de unidade policial especial dos nascidos-anjo, com um salário regular. Não era um trabalho das nove às cinco. Era mais um trabalho de vinte e quatro horas com uma abordagem caso a caso. As tarefas eram dadas a nós pelo nosso chefe, o Chefe da Casa, Miguel.

As primeiras semanas de trabalho foram especialmente movimentadas. Depois da jogada idiota de Lucian, milhares de demônios escaparam da Boca do Inferno, e nós trabalhamos sem parar para rastrear e acabar com todos eles. Minhas habilidades de Caçadora foram realmente úteis. Os outros

Agentes nascidos-anjo tinham sido um pouco indiferentes no início, e eu estava grata por ter Layla comigo para não me sentir tão estranha.

Mas eu havia conquistado meu lugar ali. Tinha literalmente *morrido* por isso. E se os outros nascidos-anjo tivessem algum problema comigo ou com Layla, eles podiam se ferrar. Porque eu não ia embora.

As coisas melhoraram depois da terceira semana. Provavelmente porque eu havia rastreado e matado duzentos e cinquenta e seis demônios sozinha. Impressionante, eu sei. O respeito começou a chegar depois disso, o que foi ótimo para mim.

Dobrei a caixa agora vazia, coloquei-a no topo da pilha de caixas de papelão vazias e passei para a próxima caixa cheia de pratos.

– Mais coisas de Gareth? – O baal deitou no balcão, esticando suas longas e elegantes pernas enquanto se deitava. Ele parecia uma daquelas estátuas de gatos do antigo Egito.

– Sim – respondi. – Eu nunca tive muita coisa.

– Eu sei.

– E a maioria das coisas que eu tinha foram destruídas por aqueles lobisomens.

– Junto com a cozinha do padre Thomas.

– Junto com a cozinha do padre Thomas.

– Bem – disse o gato. – Agora, com seu novo emprego, você pode comprar coisas novas, se quiser. Mas parece que você não vai precisar. O elfo tem utensílios de cozinha suficientes para você abrir um restaurante.

Me virei para olhar a montanha de caixas fechadas com a palavra PULOMANCIA escrita em negrito.

– É com isso que ele cozinha sua magia élfica. Ele me pediu para não tocar nelas até ele chegar em casa.

O gato inclinou a cabeça.

– Então… você vai abri-las?

Sorri.

– O que você acha que eu sou? Claro que sim – Não custava nada dar uma olhadinha. A magia do elfo me intrigava. Agora que morávamos juntos, eu teria uma noção real de como ele *preparava* sua magia. Ele *ia* me ensinar. Não havia como escapar dessa.

Tyrius parou de limpar sua barriga no meio da lambida.

– O que você está fazendo com esse sorriso malicioso na cara? Se você está pensando em maneiras de se atracar com o elfo no balcão da cozinha,

eu vou vomitar.

Balancei a cabeça.

– Não seja grosseiro. Estou apenas feliz, tá bom? Será que não posso ser feliz uma vez na vida? Finalmente tenho um cara legal na minha vida e um emprego de verdade. Aluguei uma casa fantástica. O que mais uma garota pode querer? – Um armário maior? Comer cheesecake todos os dias sem ganhar uns quilinhos extras? Uma garota ainda pode sonhar.

– Não estou acostumado com essa expressão de 'sorriso' no seu rosto, só isso – Tyrius continuou a se limpar. – E você está fazendo *muito* isso ultimamente.

– E daí?

– Estou acostumado com a cara feia de assassina ou os olhos malucos. Você sabe quais estou falando. Isso aí… é como uma nova Rowyn.

– E qual é o problema? – Coloquei as mãos nos quadris. – Você não gosta dessa nova Rowyn?

Foi a vez dele revirar os olhos para mim.

– Só estou *dizendo*… se você me permitir. Estou apenas começando a conhecer a nova Rowyn. Vai levar algum tempo, só isso.

– Hummm.

– Quero dizer… você, na verdade, *morreu* e voltou como um extraterrestre brilhante. Foi um momento *Crepúsculo* sem os vampiros. Isso deve mexer um pouco com a mente de alguém.

Abaixei minha cabeça.

– É isso então.

Tyrius coçou atrás da orelha e balançou a cabeça.

– Você era um maldito traje de carne, Rowyn. Passamos anos tirando sarro deles. Eu até fiz uma lista dos melhores para você.

– Eu sei. Eu estava lá. – E foi uma experiência que eu nunca esqueceria. Especialmente a parte de ser esfaqueada, depois a de morrer e, por fim, a de acabar em Horizon, conversando com um oráculo. Foi uma experiência alucinante, sim. Mas também foi incrível.

O gato siamês inclinou a cabeça.

– Você acha que eles virão pedir sua ajuda novamente?

– A legião dos anjos? – Eu ri novamente, abaixando a mão e pegando um prato da caixa. – Acho que já morri muitas vezes este ano. Uma vez foi o suficiente. Muito obrigada!

Uma batida veio da porta da frente.

Tyrius se levantou, com as orelhas girando em sua cabeça. – Bolas demoníacas – ele praguejou. – A cavalaria celestial voltou!

O prato escorregou de meus dedos, mas eu o peguei antes que ele se despedaçasse no chão.

– Não. Não pode ser – Será?

– É seu dia de folga, não é? – perguntou o gato. – Então, não são os nascidos-anjo precisando de você para polir seus egos. Isso cheira a peixe grande. Auréolas anônimas.

Passei a língua nos lábios e franzi a testa.

– Eles nunca usaram a porta da frente antes. Sempre *apareceram* do nada – E nunca foram convidados. Ok, admito que os anjos não eram meus seres celestiais favoritos antes. Mas agora que tinha vivido na pele deles, literalmente, nunca mais me sentiria da mesma forma. Talvez até sentisse um pouco de respeito, em um dia bom.

Então, por que eles apareceriam agora?

O baal farejou o ar.

– Não estou sentindo nenhum cheiro de peido celestial. Mas isso não significa que não sejam eles. Eles devem ter medicamento para isso em Horizon.

Coloquei o prato no balcão. Meu coração batia forte no peito enquanto eu atravessava o pequeno corredor que dava para a sala de estar à minha esquerda, passava pela escada à direita que levava ao segundo andar e seguia para a porta da frente. Na varanda da frente, pude ver a sombra de alguém vestindo roupas escuras, mas o vidro me impediu de ver quem era.

Algo roçou minha perna e passou correndo por mim.

– Tyrius. Não faça nenhuma idiotice – Olhei para o gato. – Mesmo que você *seja* um anjo. Você entendeu?

O gato sentou-se ao lado da soleira da porta e olhou para mim.

– Mas a idiotice é muito mais divertida!

Ótimo.

– Estou falando sério, Tyrius. Qualquer coisa idiota, qualquer coisa mesmo, e eu vou mandar você para casa. Para ficar com seus filhos.

A boca do gato se abriu.

– Você não faria isso.

– Não me teste, gatinho. Estou ficando com meus olhos loucos de novo – Respirei fundo e abri a porta da frente.

– Padre Thomas? – Olhei fixamente para o padre. Ele usava seu conjunto escuro de calça e camisa preta habitual, com o colarinho branco de clérigo destacado os tons escuros. Ele era alguns centímetros mais alto do que eu, com um físico atlético de dar água na boca e, embora eu não soubesse sua idade, imaginei que ele tivesse uns trinta e poucos anos.

– Como vão às coisas, padre? – disse Tyrius, e por um momento pensei tê-lo ouvido ronronar.

Meus olhos estavam fixos no padre. Algo estava errado. Suas feições bonitas de sempre estavam distorcidas pelo medo, exibindo linhas de expressão de dor ao redor dos olhos e da boca. Parecia que ele tinha visto um fantasma. Ou algo pior. O padre não era do tipo que se assustava facilmente.

Padre Thomas era um cavaleiro templário moderno, era um grupo de padres que travava uma guerra secreta contra os inimigos da igreja, demônios, híbridos e outros vilões sobrenaturais que representavam uma ameaça à igreja, e que a igreja escondia do público. Eles se autodenominavam Cavaleiros Celestiais e formavam uma equipe especialmente designada pela igreja para investigar todos os crimes incomuns que aconteciam na cidade e nos arredores, especificamente na cidade de Nova York.

– O que aconteceu? – perguntei, com o pavor se instalando no fundo do meu estômago.

Seus olhos castanhos escuros brilhavam com uma dor que fez meu coração se apertar.

– Um sacerdote – disse ele, com uma voz abatida como eu nunca tinha ouvido antes. Ele suspirou e acrescentou:

– Um membro dos Cavaleiros Celestiais foi assassinado.

Ah droga.

CAPÍTULO 2

A igreja de St. Joseph era a paróquia do padre Thomas, e era a igreja católica mais antiga de Thornville, datada do século XVII. Era uma beleza arquitetônica de pedra, ostentando amplos vitrais e gárgulas empoleiradas no alto das torres. As gárgulas eram as minhas favoritas. Uma parte de mim desejava que elas se libertassem de seu confinamento de pedra e ganhassem vida, e então poderíamos nos tornar amigas. Sim. Eu era um pouco louca nesse sentido. Mas elas eram tão bonitinhas com suas garras, dentes, caudas e asas. Elas me lembravam de Tyrius, só que maiores e sem o pelo.

Uma coisa era certa. Eu sempre gostei das minhas visitas aqui. Até agora.

Eu estava em um dos muitos escritórios que se ramificavam do prédio principal da igreja nos fundos e um nível acima do andar principal. Cadeiras e mesas de apoio jogadas, quebradas e tombadas estavam espalhadas por toda parte. Os papéis estavam espalhados pelo chão e os livros estavam empilhados aos pés de uma estante alta, como se um terremoto os tivesse derrubado. Uma variedade de espadas e adagas que poderiam espetar um elefante decorava a parede à esquerda e brilhava ao sol da manhã.

Olá, lindinhas. Elas estavam praticamente implorando para serem manuseadas, de preferência por minhas mãos calejadas e não tão femininas.

Sim, esses sacerdotes *adoravam* suas espadas. Eu também gostava. E eu mataria por uma coleção como essa.

Abaixo de uma janela emoldurada por pesadas cortinas douradas e vermelhas, havia uma escrivaninha de madeira, que combinava com o restante das cadeiras de madeira quebradas do século XVIII.

Eu já havia estado no escritório do padre Thomas antes, e este era quase idêntico. Exceto pelo fato de que parecia ter sido atingido por um furacão, e pelo padre morto.

O corpo estava virado para cima no meio da sala, em cima de um requintado tapete persa azul e bordô que se estendia por toda a extensão da sala. Eu imaginava que ele tinha entre quarenta e poucos anos, seus cabelos eram claros e sua barba curta era bem aparada. Seus olhos estavam fechados e seu rosto tinha uma expressão de medo ou dor. Era difícil dizer. Talvez as duas coisas. Mas eu sabia que o que quer que o tivesse matado, ou tinha causado muita dor, ou o assustado até a morte.

Ele usava o mesmo conjunto preto, justo e seu físico era musculoso e em forma, assim como o padre Thomas. Ele não tinha ferimentos, machucados, hematomas, nem sangue em seu corpo. Nem mesmo um arranhão. Não vi nada que indicasse como ele morreu. Mas não havia como negar que esse homem estava de fato muito *morto*.

Meu estômago se revirou com o fedor de carne podre e eu cobri a boca e o nariz com a mão até o estômago se acalmar. Vomitar o café da manhã de panquecas da minha avó não faria bem a ninguém. Especialmente porque aquelas panquecas eram muito boas.

O cheiro sufocante de esgoto que emanava do corpo indicava um estágio avançado de decomposição. Mas esse não era o caso. Ou, pelo menos, não era o que parecia.

Considerando a pele acinzentada, os lábios pálidos e as pontas dos dedos azuis, eu chutava que o corpo ainda estava no “estágio fresco”. Em outras palavras, não deveria estar cheirando como se as larvas estivessem fazendo um festival de carne nas entranhas do padre. Não por mais dois dias.

Ele não estava inchado, e não havia nenhum escorrimento no nariz ou na boca. Era como se ele tivesse todos os odores de um cadáver de uma semana, mas não tivesse a aparência física que deveria ter.

No meu trabalho, eu já tinha visto muitos cadáveres, alguns com a pele rasgada em tiras, outros com a cabeça cortada e outros queimados ao ponto de você não conseguir saber se a vítima era humana ou animal. Outros foram deixados em pedaços, o que levou muito tempo para colocar tudo em um saco quando suas partes estavam espalhadas por toda a cidade. No entanto, com esse… havia algo de errado.

Esse homem não morreu de causas naturais, como um ataque cardíaco ou um derrame. Algo sobrenatural o matou.

O padre era um dos Cavaleiros Celestiais de elite, o que significava que ele era um guerreiro treinado, um assassino. Ele era um matador com uma camisa clerical, não era o tipo de homem que poderia ser facilmente capturado ou morto. Pense em sacerdotes ninjas samurais, exatamente isso.

Meus olhos se voltaram para a coleção de espadas e punhais montados na parede. Não porque eram bonitas, ok, *talvez* um pouco porque fossem bonitas, mas porque teriam sido minha primeira escolha se algo ou alguém tivesse tentado me matar. Mas cada gancho de ferro ainda segurava sua arma. Nenhuma delas estava faltando. Ele nem mesmo as usou. Ou não teve tempo para isso.

Quem quer que o tenha matado era um filho da puta dos fortes.

O padre Thomas virou-se para mim e disse:

– Eu queria a sua opinião antes de chamar o legista. Eles vão achar que ele teve um ataque cardíaco ou um derrame.

Balancei a cabeça.

– Isso não foi um ataque cardíaco – Não havia nada de natural nessa morte.

– O cheiro é estranho – disse Tyrius enquanto se movia cuidadosamente ao redor do corpo, parando e farejando ao longo do caminho como um cão policial treinado. Na coleira improvisada em volta de seu pescoço havia um cristal pendurado com uma fita rosa. Era um pingente encantado que eu havia feito para ele meses atrás. O feitiço disfarçava a energia demoníaca de Tyrius na igreja e o fazia parecer um gato comum, escondendo sua verdadeira forma e permitindo que ele entrasse na igreja.

Abaixei minha mão.

– Estranho, tipo… ele está se decompondo? – perguntei ao gato.

Tyrius espirrou, balançou a cabeça e se recostou.

– Bem, ele não tem cheiro de rosas. Quero dizer, sim, o cara cheira como se tivesse mergulhado no esgoto de Nova York em um dia quente de verão. Mas há algo mais. Algo que não deveria existir. Algo… diferente.

– Como o quê? – Eu havia aprendido há muito tempo a sempre ouvir o instinto do demônio baal. Se Tyrius dissesse que havia algo de estranho no cheiro fedorento do cadáver em decomposição, eu sabia que era do meu interesse ouvir.

– Mmm – Tyrius inclinou a testa em direção à cabeça do sacerdote e cheirou novamente. – Não tenho certeza. Quero dizer… eu sei que já senti esse cheiro antes. Sei que sim… só que… droga. Não consigo me lembrar.

– Está tudo bem. Leve o tempo que você precisar, Tyrius – Senti os olhos do padre Thomas em mim. Eu sabia que não tínhamos muito tempo até que o legista chegasse e os outros membros da igreja começassem a entrar.

– Um demônio o matou – disse o padre Thomas, com a voz um pouco trêmula. – Não há outra explicação.

Pode haver centenas de outras explicações.

– É isso que estamos tentando determinar. Não queremos ser muito apressados e perder algo importante – Agora que eu estava representando os nascidos-anjo, não queria estragar tudo.

O padre franziu a testa para mim.

– O que mais poderia fazer isso com um homem? Olhe para ele. Não há um único arranhão. O padre Martin era um de nossos melhores cavaleiros. Ele matou muitos demônios. Muitos. Não entendo como isso pode ter acontecido. Como o demônio entrou na igreja.

– Não seria a primeira vez que um demônio entraria sorrateiramente em solo sagrado – eu disse a ele.

As orelhas de Tyrius giraram em minha direção.

– Se você está se referindo a *esse* demônio, posso garantir que não foi nada furtivo. Como eu poderia entrar aqui furtivamente com essa fita rosa enrolada em meu pescoço? Eu pareço uma versão do coelhinho da Páscoa.

A sensação de desconforto em minhas entranhas triplicou. Um demônio Superior ou até mesmo um arquidemônio poderia ter facilmente quebrado as proteções do solo sagrado para matar o padre. Lucian, o rei dos idiotas cósmicos, me veio à mente. Tá certo que ele não faria nada a menos que ganhasse algo com isso. Isso vale para todos os arquidemônios. A questão era: por quê? O que eles ganhavam com a morte do sacerdote?

– Preciso tentar de novo – Tyrius voltou a farejar o corpo do padre morto.

– Quem o encontrou? – Perguntei ao padre Thomas, com o desconforto ainda me incomodando.

O padre cerrou os dentes, com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu, hoje de manhã. Queria pedir o conselho do padre Martin sobre um caso em que estou trabalhando – Seus olhos voltaram para o corpo e depois desviaram como se ele estivesse tendo dificuldade em acreditar no que estava vendo. Ele não estava pronto para aceitar isso. Ou era doloroso demais.

Eu sabia que a irmandade era unida e senti pena do padre Thomas. Se eu fosse de abraçar, teria dado um abraço nele.

– Quando foi a última vez que você o viu vivo?

– Ontem à noite. Por volta das dez da noite – O padre Thomas esfregou o rosto com as mãos trêmulas. – Ele estava aqui. Vivo antes de eu sair. Ele estava vivo, Rowyn.

Olhei ao redor da sala para os papéis espalhados no chão e para os livros.

– Então, ele foi morto em algum momento entre as dez da noite e as oito da manhã.

O padre assentiu com a cabeça.

– Sim.

– Você sabe no que ele estava trabalhando?

O padre deu de ombros.

– Casos demoníacos? Era com isso que ele sempre trabalhava, era a maioria de seus casos. Ele tinha uma afinidade com isso.

Andei pela sala, tomando cuidado para não pisar em nenhum dos livros ou papéis no chão. Dei uma olhada nos livros antigos com encadernação de couro. *Guia de Exorcismo para Sacerdotes, Saiba Mais Sobre os Demônios, Como Banir o Sobrenatural, Demonologia 101 Volume 8.* Bem, pelo menos ele era consistente. Os Cavaleiros Celestiais eram famosos por suas habilidades em exorcismos bem-sucedidos. Embora seu número fosse pequeno, eles eram os melhores. E agora havia um a menos.

Girei, observando o estado deplorável da sala.

– Seu escritório está destruído. Eles estavam procurando alguma coisa.

– Ou é isso que eles querem que você pense – comentou Tyrius, em seguida, ele abaixou a cabeça e cheirou os dedos do padre morto. Ele deu um pulo para trás e fez uma careta. – Caramba, isso está estragado.

Ainda assim, pela minha experiência, os demônios não se importavam em simular uma cena de crime. Eles vinham para matar e pela alma humana. Eles raramente se preocupavam com qualquer outra coisa. A não ser que isso fosse pessoal e o demônio em questão tivesse algo contra o padre.

Dei um passo à frente e olhei para o corpo.

– Se um demônio o matou, vou precisar de uma lista de demônios que o padre Martin baniu recentemente, não, de *todos* os demônios que ele baniu em sua vida – Eu conhecia os demônios, e eles guardam rancor. O padre tinha feito muitos inimigos ao longo dos anos e, se um demônio tivesse a

chance de se vingar, eu tinha certeza de que ele viria aqui para matar o padre.

O padre Thomas arqueou uma sobrancelha. Ele desviou seus olhos escuros para mim e para o padre morto, e linhas de expressão pensativas apareceram em seu rosto.

– Nós catalogamos todos os demônios exorcizados e banidos. Posso lhe dar todas essas informações ainda hoje.

– Ótimo – Era um começo.

– É uma longa lista – disse o padre. – O padre Martin viajou por todo o mundo, banindo o máximo de demônios que pôde.

– Eu entendo – disse a ele. – Mas é a nossa melhor chance de descobrir qual demônio fez isso. Quando soubermos quem foi, poderemos fazer os preparativos necessários –Tipo, matar o maldito de uma vez por todas.

Ouvimos um zumbido de vozes quando os sacerdotes começaram a circular pelos corredores.

O padre Thomas avançou rapidamente para fechar a porta.

– Quem vai fazer a investigação da igreja? – perguntei-lhe, imaginando porque ele não queria que os outros vissem.

O padre trancou a porta.

– A igreja decidirá. Mas vou pedir para você liderar a investigação. Ainda quero que você investigue, Rowyn. Você tem acesso a registros que nós não temos. E suas habilidades de Caçadora serão valiosas aqui. Vou me certificar de enviar sua fatura para a igreja – Uma preocupação cruzou seu rosto. Ele olhou para a sala com um olhar um tanto incrédulo e depois balançou a cabeça. – Isso é muito ruim para a irmandade. A igreja tem seu próprio conjunto de regras. Não podemos burlá-las. Preciso de você nisso, Rowyn.

– Eu ajudarei. Não se preocupe – Eu sabia exatamente o que ele queria de mim. Ele queria alguém que não se importasse em *burlar* as regras. Eu.

Mas eu tinha a sensação de que ele não queria apenas que eu as burlasse. Ele queria que eu as *quebrasse*. Eu poderia fazer isso.

O rosto do padre Thomas se contraiu, e eu sabia que ele estava lutando com suas emoções, como todos os homens faziam, devido à besteira de que “homem de verdade não chora”. Eu nunca tinha visto o padre Thomas tão agitado antes, e não gostei disso.

Respirei fundo, o máximo que pude, sem inalar muito daquele fedor podre, e me ajoelhei ao lado do corpo. Primeiro verifiquei os pulsos, depois

puxei a gola para baixo e verifiquei a pele ao redor do pescoço.

– O que você está procurando? – O padre Thomas se inclinou sobre mim.

– Às vezes, os demônios deixam sua marca. Um carimbo, se você preferir, seu padrão de assassinato. Eles querem levar o crédito pela morte. Querem que você saiba, como um assassino em série que provoca o detetive. Os demônios e os assassinos em série são muito parecidos. Eles são narcisistas. E idiotas.

– Posso conseguir algumas luvas para você – ofereceu o padre, fazendo Tyrius rir.

Olhei para o gato, que fingiu estar interessado no cabelo do padre morto.

– Não, obrigada – Dei um sorriso breve para o padre Thomas. – O látex suprimiria as energias demoníacas. Preciso sentir a pele para ter uma noção das auras sobrenaturais.

Continuei a procurar ao redor do corpo do padre morto, verificando seus tornozelos, suas pernas, todos os pontos habituais onde os demônios deixavam suas marcas. A pele estava gelada como se tivesse em um freezer, o que era outra indicação de uma morte sobrenatural, mas eu não estava sentindo nenhum tipo de energia demoníaca familiar. Era como se elas tivessem desaparecido, sumido. Mas se o padre tivesse sido morto há apenas algumas horas, ainda deveria haver energias residuais no corpo e no ar.

No entanto, algo mais estava presente.

Uma sensação que eu nunca havia sentido antes. Era fraca. Não era fria nem quente, era apenas… diferente. Mas de uma coisa eu tinha certeza: era definitivamente poderosa.

Meu coração acelerou um pouco com a simples sensação de algo novo, algo sombrio.

Rastejei de volta para a cabeça ao lado de Tyrius e verifiquei atrás da orelha esquerda do padre.

– Você está sentindo alguma energia demoníaca? – perguntou o padre depois de um momento.

Ajoelhei-me, estendi a mão e virei a cabeça gentilmente para o lado para verificar atrás da orelha direita.

– Eu deveria… mas não estou sentindo as vibrações demoníacas habituais.

– Nem eu – disse Tyrius. – Totalmente sem vibração. Como se houvesse algo bloqueando todos os vestígios de energias demoníacas no corpo.

– Presumo que isso não seja normal? – perguntou o padre Thomas, cruzando os braços.

Suspirei e me apoiei em meus joelhos.

– No meu trabalho, tudo é possível – Verifiquei a linha do cabelo do padre morto. – Mas definitivamente estou sentindo alguma coisa.

O padre descruzou os braços e deu um passo à frente.

– O quê?

– Como eu disse – comentou Tyrius. – Há algo aqui. Sei que já senti isso antes. Só não consigo me lembrar *onde* ou *o que* é.

Fiquei olhando para o rosto do padre morto. Seus lábios estavam entreabertos, quase como se ele estivesse tentando me dizer algo.

– O que você está pensando, Rowyn? – Tyrius sentou-se ao lado da cabeça, com seus olhos azuis brilhando.

As respostas estavam aqui. Eu sabia que estavam. E eu iria encontrá-las.

Me aproximei, coloquei meus dedos cuidadosamente sobre a pálpebra direita do padre e a abri.

Respirei fundo.

Seu olho estava amarelo. A íris, a pupila e a esclera estavam amarelas, como se ele estivesse sofrendo de um caso grave de icterícia.

Só havia um motivo para os olhos ficarem amarelos.

– Sua alma foi levada – eu disse depois de um momento.

Ouvi o padre Thomas ofegar. O demônio não só matou o Padre Martin, como também levou a alma do sacerdote. Eu estava acostumada com demônios devorando as almas dos humanos. Mas havia algo profundamente errado e sacrílego em pegar a alma de um padre.

– É pior do que isso – disse Tyrius.

Meu coração bateu contra o peito.

– Pior do que tirar a alma de um padre? Isso está no topo da minha lista de muito errado.

Os olhos do gato estavam arregalados de preocupação.

– Você se lembra de quando eu disse que já havia sentido isso antes? Essa *sensação* que estou tendo do corpo e que não consegui identificar?

– Sim.

– Agora eu me lembro.

Engoli em seco, não gostando da tensão crescente em sua voz.

– Fala, Tyrius. O que é?

– Não foi um demônio que matou o padre – O gato esperou até parecer convencido de que tinha toda a minha atenção e disse: – Foi um necromante.

Bem, que droga.

CAPÍTULO 3

Um maldito necromante estava em minha cidade e havia matado um sacerdote. E eu não sabia quase nada sobre eles. Bem, além do conhecimento universalmente comum sobre a ressurreição dos mortos e tudo o mais.

Eu não tinha noção de nada. E odiava isso.

O fato de não ter noção não combinava comigo. Como uma Caçadora experiente, meu trabalho era saber tudo sobre todos os vilões sobrenaturais, incluindo os necromantes. Mas a verdade é que eu nunca havia encontrado um. Nunca. E o pior, o banco de dados do Elder Codex dos nascidos-anjo, um software que era como uma enciclopédia sobre o sobrenatural, também não tinha quase nenhuma informação sobre eles. Se os nascidos-anjo tivessem alguma informação sobre os necromantes, estaria lá.

Fiquei praticamente branca quando Daniel, o técnico nascido-anjo que trabalhava no programa e servia como especialista dos arquivos, riu quando liguei perguntando sobre os necromantes.

– Espera? Você está falando sério? – disse ele depois de um longo momento de silêncio, enquanto eu imaginava dando um chute na cara dele.

Como ainda era nova no trabalho, mordi a língua antes de cometer o erro irreversível, xingando-o. Então, optei por minha segunda opção.

– Você tem sorte de eu estar ao telefone e não ao seu lado neste momento. Porque eu tiraria o sorriso do seu rosto – Seu merdinha.

Isso o deixou mais sério.

Depois disso, ele me disse basicamente o que eu já sabia. Os necromantes eram humanos que praticavam uma forma de magia, a magia da morte. Essa era a única parte nova. Necromancia era uma prática de magia que en-

volvia a comunicação com os mortos, seja invocando seus espíritos, ressuscitando-os para trazê-los de volta ou usá-los como uma arma.

– Só isso? – perguntei a Daniel. – Isso é tudo o que você tem? Você está brincando comigo?

– Desculpe, Rowyn, mas isso é tudo o que eu sei – respondeu ele.

– Eu poderia ter pesquisado isso no Google.

– Sim. Você poderia ter feito isso.

– E vocês se dizem especialistas – Desliguei depois disso, não fazia sentido continuar atacando Daniel. Não era culpa dele o fato dos anjos terem feito um péssimo trabalho para coletar mais dados sobre os necromantes.

Eu esperava muito mais dos nascidos-anjo, talvez algo que me ajudasse a entender porque um necromante matou um sacerdote e levou sua alma. Pelo que entendi, os necromantes eram mestres de marionetes. Eles adoravam ressuscitar os mortos e usá-los como armas. Mas o corpo do padre Martin não havia sido ressuscitado, pelo que percebi na cena do crime. Não, o necromante o matou e foi embora. Mas por quê? Por que ele ou ela (Daniel também tinha acabado de me dizer que alguns necromantes eram mulheres) mataria um padre? O que a pessoa ganhava com a morte do sacerdote?

Eu precisava de algumas respostas e o padre Thomas também. Ele tinha sido tão bom para mim ao longo dos anos, e eu estava em dívida com ele. Devia a ele uma cozinha nova e mais um pouco. Eu devia a ele encontrar o filho da puta que havia matado seu amigo, e então, teríamos uma pequena dança mortal.

Enquanto isso, também registrei o caso da morte do sacerdote no Conselho dos nascidos-anjo, informei a situação e os detalhes e me nomeei a única responsável pelo caso. Nenhum outro nascido-anjo estava envolvido, pelo menos por enquanto. Minha conexão com o Padre Thomas tornou esse caso pessoal para mim. Se o necromante não tinha medo de matar um padre, quem poderia dizer que ele ou ela não mataria outro? Eu não ia deixar que nada acontecesse ao padre Thomas. De jeito nenhum.

Meu celular notificou uma mensagem de texto. Passei a mão sobre as pilhas de papéis, contas e livros que estavam espalhados sobre minha mesa e peguei o celular. Era Gareth. Eu havia lhe enviado uma mensagem no momento em que Tyrius e eu saímos da igreja, colocando-o a par da situação do necromante, esperando que ele pudesse esclarecer um pouco esse caso.

Gareth: *Não sei muito sobre os necromantes. Sei tanto quanto você. Eles gostam de brincar com os mortos. Vou ligar para o meu irmão e ver se*

ele sabe de alguma coisa. Vou fechar mais cedo. Estarei aí em breve.

Eu: *É melhor você trazer esse seu traseiro élfico para casa.*

Gareth: *Sim, senhora.*

Eu ri e coloquei meu celular de volta sobre as pilhas de papéis. Senti um arrepio delicioso em minha pele só de pensar em suas mãos grandes e másculas em meu corpo. *Concentre-se, Rowyn.*

Certo. Os pensamentos maliciosos sobre o que eu queria fazer com o elfo teriam que esperar.

Continuando…

Aproximei meu laptop, abri o Google e digitei "necromantes e sacerdotes" na barra de pesquisa. Percorri os resultados habituais, procurando algo que chamasse minha atenção. Mas depois de uma hora repassando as mesmas informações, de que os necromantes praticavam magia envolvendo os mortos, eu não estava mais perto de encontrar nada que pudesse ajudar no meu caso.

Esfreguei os olhos que ardiam por eu ficar tanto tempo olhando para a tela sem piscar.

– Rowyn? – Ouvi a voz de Tyrius vindo do andar de baixo.

– Aqui em cima! – Eu disse de volta.

Alguns momentos depois, o gato siamês entrou em meu escritório.

– Achou alguma coisa? – ele pulou habilmente na minha mesa e foi até o meu laptop.

– É basicamente a mesma coisa escrita por pessoas diferentes – Suspirei. – Como estão Kora e as crianças?

O gato levantou uma sobrancelha.

– A Kaia tentou queimar a cauda de Krystal com um fósforo. E Titus achou que seria divertido trancar Tyson no armário de vassouras por duas horas.

Soltei uma gargalhada.

– Pelo menos eles estão se divertindo.

– Você chama isso de diversão? – perguntou o gato, exasperado. – Aquilo parece uma zona de guerra. Kora está gritando e jogando as coisas. A vovó está gritando e bebendo. Tenta jantar enquanto todos se insultam.

Aproximei-me e acariciei seu queixo.

– Você veio aqui para buscar um pouco de paz. Não é?

Tyrius parecia um pouco culpado.

– Não. Eu vim aqui porque temos um caso para trabalhar.

Pisquei os olhos.

– Certo – Parte de mim sabia que ele tinha vindo aqui para buscar um pouco de paz, mas eu sabia que ele também queria me ajudar com o novo caso. Deus sabia que eu precisava de ajuda.

– E quanto aos nascidos-anjos? – perguntou o gato. – Eles têm muitas informações sobre o sobrenatural.

Balancei a cabeça.

– Não. Aquilo foi um fracasso. Eles não sabem mais do que nós. Fiz uma solicitação para obter mais informações, se elas estiverem disponíveis, mas, basicamente, eles não têm nada.

– Desculpe, Rowyn. Eu gostaria de saber mais sobre esses necromantes, mas a magia da morte é rara. Para ser sincero, pensei que ela tivesse sido abolida há séculos. Quero dizer, quem quer brincar com os mortos? Todas aquelas larvas e carne podre e pegajosa? É realmente nojento.

Recostei-me em minha cadeira.

– Sim, bem, há muitas aberrações no mundo. Os necromantes são apenas mais uma raça – Outra raça que eu ia matar.

O baal se deitou sobre minha conta de luz e se espreguiçou.

– Por que você acha que eles mataram o padre? – Ele olhou para a caneta que estava ao seu lado e a derrubou com um golpe de sua pata. *Gatos. Sempre derrubando as coisas. Qual o problema deles?*

Abaixei a mão e peguei minha caneta. Girando-a entre os dedos, eu disse:

– Por que as pessoas cometem assassinatos? Qual é a força por trás de qualquer assassinato? Todos os assassinatos e mortes são motivados por alguma coisa. Certo? Geralmente é a ganância financeira, a luxúria sexual ou a busca pelo poder.

– Você pode descartar a parte do sexo – disse o gato. – A não ser que o padre esteja escondendo algo.

Balancei a cabeça.

– Não havia nada de sexual daquele assassinato. Teríamos visto se fosse o caso. Então, resta a ganância e o poder.

Tyrius abanou a cauda.

– Todos nós sabemos que a igreja está nadando em dinheiro. E o escritório do padre foi destruído. Talvez eles *estivessem* procurando alguma coisa.

Levei a caneta aos lábios.

– Sim, pensei nisso.

– Como o quê? – perguntou Tyrius ao derrubar casualmente meu bloco de anotações amarelo no chão.

– Não faço ideia. Vou ter que perguntar ao padre Thomas – Abaixei a mão, peguei meu bloco de anotações e escrevi a pergunta nele.

– Se você quer minha opinião – disse o gato – Meu palpite seria o poder. É sempre sobre o poder. Especialmente com a magia. Ela nunca é o suficiente. Esses necromantes não são diferentes.

Tyrius tinha razão.

– Magia da morte – murmurei. Pensei em algo. – E as bruxas? Você acha que elas saberiam mais sobre os necromantes? Elas também praticam magia. Talvez elas sejam como suas primas há muito perdidas ou algo assim.

Tyrius riu e jogou meu branquinho no chão.

– De jeito nenhum. Convivi com minha cota de bruxas ao longo dos séculos, da luz e das trevas, boas e ruins. Mas nunca, e eu digo *nunca* mesmo, nenhuma bruxa quis se misturar a *esse* grupo. Quero dizer, você tem a magia branca e a negra, a magia elementar e até mesmo a magia de sangue. Mas nada se compara à magia da morte. Estamos falando de usar a perda da vida para a magia, como se os mortos fossem carregados com baterias. Isso é errado, é doentio. As bruxas não brincam com a magia da morte.

Apertei meus lábios.

– Talvez algumas brincam.

A boca do gato se abriu.

– Não se atreva a ir ver aquela bruxa velha, Evanora. Eu te proíbo! Você está me ouvindo! Ela colocou uma coleira em mim e tentou tirar seu sangue até a morte!

Foi minha vez de rir.

– Eu lembro – Mas ela também havia salvado minha vida. – Estava pensando em pedir para Gareth visitá-la. Ela *adora* o elfo. Se alguém pode fazê-la falar, ele é o cara. E se ela souber alguma coisa sobre magia da morte, vale a pena tentar.

Tyrius murmurou algo em voz baixa.

– Ok. Bom, muito bom.

Minha cabeça latejou com uma dor de cabeça repentina, e eu reconheci que era meu corpo tentando me dizer para me hidratar.

– Preciso de água – Eu estava sentada naquela mesa há tanto tempo que até minha bunda doía, e o lado direito estava praticamente dormente.

Empurrei minha cadeira para trás, coloquei meu celular no bolso e desci as escadas até a cozinha, esfregando minha bunda dormente com Tyrius ao meu lado.

– Certo, então sabemos que um necromante matou um padre – Abri a geladeira, peguei minha jarra de água e enchi meu copo. – Então, onde vamos encontrá-los? Você tem alguma ideia?

Tyrius pulou no balcão da cozinha e se sentou.

– Talvez em um cemitério? Se eu trabalhasse com os mortos, seria lá que eu estaria.

Engoli um pouco de água.

– Talvez. Mas se isso for verdade, eu já teria visto um até agora – Os cemitérios eram meus parques de diversão. Eu estava em um cemitério pelo menos uma vez a cada duas semanas, matando um ghoul que se banqueteava com a carne de um corpo recém-enterrado. Era dinheiro fácil. – Mas talvez você esteja certo. Podemos começar aqui no cemitério de Thornville e perguntar por aí. Ver se alguém viu alguma coisa ou se algum dos túmulos foi mexido.

– Seria mais rápido se o elfo estivesse aqui – comentou o gato. – Quanto tempo falta para o Gareth chegar?

Tomei outro gole de água.

– Ele chega só daqui a duas horas. Dependendo do trânsito – Só de pensar no elfo, meu estômago se encheu de borboletas. O fato de estarmos juntos oficialmente há mais de quatro meses e ele ainda fazer isso comigo era um bom sinal.

Meu celular notificou uma mensagem de texto, e eu o peguei.

– O padre Thomas quer me ver imediatamente – Olhei para cima e encontrei o olhar azul do gato. – Ele diz que tem algo dos necromantes.

Tyrius arqueou uma sobrancelha.

– Espero que não seja contagioso.

Coloquei meu celular de volta no bolso.

– Isso é bom. Quem sabe? Talvez tenhamos o caso resolvido até o fim do dia.

– Há – riu o gato, com a cauda se esticando atrás dele. – Tá bom. Depois do que vi, esses necromantes são brutais. Selvagens. O que precisamos é de uma equipe.

Levantei uma sobrancelha.

– E onde você acha que encontraremos essa equipe?

A porta da frente se abriu.

Layla estava na soleira da porta vestindo um conjunto rosa e preto de couro listrado, um corpete que levava os seios até o pescoço e um brilho perverso nos olhos. Seus longos cabelos escuros estavam presos para trás em uma trança francesa e suas botas de cano alto com salto de 15 cm lhe deixava mais alta. Ela parecia uma princesa amazona guerreira sadomasoquista, tudo junto.

Um chicote de couro preto estava pendurado em sua mão. E com um forte impulso, ela lançou o chicote fazendo um alto estalo.

– Estou pronta para derrotar alguns necromantes – disse ela, radiante.

Eu ri. Ela era a melhor irmãzinha *de todos os tempos*.

CAPÍTULO 4

— Acho que ela pensou que você disse que estava caçando uma *ninfa* e não um necro – comentou Tyrius, com um tom divertido.

Sim, minha irmãzinha era extrovertida, um pouco extravagante na maior parte do tempo e gostava de se vestir de forma sedutora. Mas ela era assim, e eu não queria que fosse de outra forma. Ela tinha conquistado o direito de usar o que quisesse. E se você tivesse algum problema com isso, bem, o problema era *seu*, porque ela estava fantástica.

Meu coração se apertou quando lembrei de vê-la no chão com o sangue ao seu redor. Layla havia aceitado o dom de Lucian, as trevas, e ele a enganou, fazendo-a pensar que a tornaria toda poderosa, quando, na verdade, planejava sacrificar sua vida para completar o ritual necessário para abrir a Boca do Inferno.

Eu quase a perdi.

Layla e eu trabalhávamos para o Conselho dos Anjos agora, e foi por isso que eu lhe enviei uma mensagem mais cedo. Se eu precisasse de mais alguém para trabalhar comigo nesse caso, eu escolheria Layla. Não porque ela era minha irmã, bem, talvez um pouco, mas porque ela podia dar-lhe um belo chute no traseiro. E, convenhamos, ela era divertida.

Por que dar uma surra triste quando você pode rir o tempo todo?

Minhas botas bateram na calçada pavimentada que levava à entrada lateral da igreja, para uma porta de carvalho arqueada, emoldurada por árvores lilases.

– Danto está trabalhando no clube? – Os dois geralmente eram inseparáveis, praticamente grudados desde o primeiro dia em que se conheceram.

Danto era dono do V-Lounge, um clube de vampiros na cidade de Nova York, que também funcionava como seu local de trabalho.

Layla olhou para mim atentamente e disse:

– Ele está preso resolvendo alguns problemas territoriais dos vampiros. Tudo o que eu sei é que eles querem fundir a Corte de Nova Jersey com a de Nova York, e isso deixou todos os vampiros irritados.

Franzi a testa.

– Sério?

Os lábios carnudos de Layla se abriram em um sorriso largo.

– Nada que ele não possa resolver.

Ela estava certa sobre isso. Danto sabia se virar sozinho. Como vampiro-chefe da Corte de Nova York, ele certamente já tinha visto sua cota de vampiros desordeiros.

– Tyrius. Você está usando seu cristal? – Eu tinha saído tão rápido que me esqueci de verificar se o gato estava com a coleira encantada.

As unhas do gato arranharam meu ombro.

– Se você se refere a essa gargantilha rosa berrante da Hello Kitty que está me causando torcicolo? Então, sim. Estou.

Um sorriso surgiu nos cantos dos meus lábios.

– Ótimo – Levantei o punho, bati e empurrei a porta, sem esperar pelo padre Thomas ou qualquer outro padre responder. Talvez eu tivesse me tornado ousada em meus anos de trabalho para a igreja. Ou talvez eu simplesmente não desse a mínima para o que pensavam de mim.

Segurei a porta para Layla, e então nós duas entramos na igreja, passamos por um pequeno saguão com painéis de madeira e tapetes antigos.

Todo o lugar estava muito limpo, e o ar cheirava a madeira e carpetes mofados. Ouvi um murmúrio distante de vozes enquanto eu subia o lance de escadas e me dirigia ao escritório particular do padre Martin. As vozes ficaram mais altas e vinham do escritório do padre assassinado. Os tons de vozes me diziam que se tratava de uma discussão acalorada, mas eu não conseguia entender o que estava sendo dito.

– Eles estão brigando? – Senti o hálito quente de Tyrius em minha bochecha quando me aproximei do escritório. Ele se deslocou em meu ombro até encontrar um lugar confortável. – Os padres estão brigando? Por que diabos os padres brigam? Para ver quem tem o colarinho clerical maior?

– Quieto, você – sussurrei. – Não se esqueça de quem está nos pagando extra por esse trabalho.

– Está bem, está bem. Não mate o gatinho – resmungou Tyrius, fazendo Layla rir.

Entrei no escritório no momento em que o volume de vozes atingiu um nível perigoso.

O escritório do padre Martin estava exatamente como eu o havia deixado, exceto pelo fato de que oito padres estavam reunidos lá e seu corpo havia desaparecido.

Um silêncio coletivo se espalhou pela sala quando todos os sacerdotes se viraram e olharam para nós. Suas expressões variavam de choque e decepção a indignação e raiva.

Eu podia lidar com as caretas e os olhares de desdém habituais, mas não estava preparada para o que aconteceu em seguida.

Como uma névoa de roupas pretas e lâminas prateadas, quatro sacerdotes atravessaram a sala mais rápido do que eu imaginava que os humanos pudessem se mover. Pisquei ao ver as quatro espadas afiadas apontadas para minha garganta.

Impressionante. Teria batido palmas se não estivesse convencida de que eles cortariam minha garganta.

Tyrius assobiou.

– Pensei que os Cavaleiros Celestiais estivessem do nosso lado.

Senti Layla roçar meu ombro e vi de relance a lâmina prata em sua mão quando ela a apontou para a virilha do sacerdote mais próximo.

– Se você tocar na minha irmã, eu vou castrar você, padre. E vai doer muito.

– Vá com calma, Layla – Mas ela estava certa. Cerrei os dentes de frustração. – Hum, padre Thomas? – Chamei ele por cima da cabeça dos padres. – Acho que você precisa chamar seus cachorros – *Antes que Layla e eu os cortássemos em lindos filés de padre.*

Ouvindo isso, os olhos dos sacerdotes se arregalaram. Ou eles não gostaram do comentário sobre o cachorro, ou podiam ler minha mente. As unhas de Tyrius arranharam minha pele com mais força.

– O padre Thomas me pediu para vir aqui – eu disse aos quatro padres, mantendo a conversa enquanto meu coração batia no peito. – Não vim aqui para lutar. Mas se vocês me acertarem com suas belas espadas, eu me defenderei. Não me importo que vocês sejam homens do clero. Eu matarei vocês. Não pense que não o farei.

O padre de cabelos ruivos curtos rosnou.

– As abominações não podem entrar na igreja. Elas serão *removidas*.

Levantei a sobrancelha.

– Abominações? Você está falando sério? É assim que você quer fazer isso? Xingando? – Crescer como uma Não Marcada na comunidade dos nascidos-anjo, fez com que eu tivesse um mestrado em xingamentos. Já tinha ouvido todos eles. Tá certo que, com meu novo selo, minha marca de arcanjo, eu achava que ter o sangue de um arquidemônio correndo em minhas veias não teria mais importância. Acho que eu estava errada.

Ondas de calor subiram ao meu rosto.

– Você está começando a me irritar, ruivo – eu disse a ele. – Todos vocês. Saiam do meu caminho antes que eu faça pequenos cubos de padre com a carne clerical de vocês.

Layla deu uma risadinha.

– Fico com o careca – disse ela, e eu ouvi a empolgação em sua voz. Ela estava quase tremendo de emoção. Ela queria lutar. – Ele parece um hemofílico.

Eu ri. Meu Deus, eu adorava aquela garota.

A boca do ruivo se contorceu, ele mostrou os dentes até as gengivas.

– Você é apenas uma mulher.

Ah, ele não disse isso! Disse? Então, tudo bem.

– Bem. Eu prefiro ser uma mulher do que um homem com a coleira da igreja enrolada em meu pescoço.

Tyrius riu.

– Você não consegue nem peidar sem pedir permissão.

Inclinei-me para frente até sentir a ponta de sua espada tocar meu pescoço.

– Já matei homens maiores e mais fortes do que você com os olhos fechados.

– E com as mãos amarradas atrás das costas – animou meu amigo peludo. – E pulando em uma perna só.

– Ah, espere! – disse Layla, puxando o corpete para cima, fazendo com que seus seios se levantassem um pouco mais. – Ok. Estou pronta agora – acrescentou ela com um sorriso.

– Chega! – O padre Thomas apareceu atrás da fila de padres. Ele colocou a mão nos ombros de um dos sacerdotes, mas olhava para mim com uma expressão do tipo “pare com isso, Rowyn”. – Deixe-os passar. Eu pedi que eles viessem.

Tyrius se endireitou em meu ombro.

– Você ouviu o padre. Vamos, idiotas.

Por um segundo, achei que os sacerdotes armados não iriam me ouvir, então, eles se afastaram e embainharam as espadas na cintura, sob as longas jaquetas pretas. O ruivo demorou um pouco, ele estava o tempo todo me encarando.

Pisquei os olhos para ele.

– Cuidado, ruivo. Se você continuar me olhando assim, vou pensar que você quer dormir comigo – Ops. Não consegui me conter.

O rosto do ruivo ficou três tons mais vermelho e ele se virou, falando em voz baixa com o padre careca que Layla havia escolhido.

Após me certificar de que os sacerdotes não iriam sacar suas armas novamente, coloquei minha lâmina da alma na cintura e entrei na sala.

Passei os olhos pelos sacerdotes.

– Parece que perdemos a festa – eu disse para ninguém em particular. – Se importa de compartilhar conosco?

Um dos padres, um sujeito grande que havia ficado para trás com o padre Thomas e que poderia facilmente passar por um lobisomem, fez uma careta profunda, diminuindo seus olhos já pequenos.

– O que eles estão fazendo aqui? – rosnou ele para o padre Thomas, que folheava as páginas de um bloco de notas em suas mãos.

– Pedi ajuda a Rowyn – respondeu o padre Thomas, acenando levemente com a cabeça em minha direção.

– Isso é assunto da igreja. Você não tem o direito de *envolvê-los*.

Fiquei com raiva quando ele usou a palavra *"eles"*, como se fôssemos doentes e altamente contagiosos. Parte de mim queria ir embora e deixar a igreja lidar com seus próprios problemas. Isso foi até eu avistar Layla passeando ao redor dos padres, lambendo os lábios sedutoramente enquanto os rodeava. Os padres pareciam estar no inferno.

Ok. Vou ficar um pouco mais.

– Vamos precisar da ajuda dela, padre Peter – continuou padre Thomas, fechando o bloco de notas, com a testa franzida. – Eu já esclareci isso com a igreja.

– Aquilo é um demônio no ombro dela – disse o padre Peter. – Você sabe a opinião da igreja sobre isso. Como você pôde deixar isso acontecer? Como você pôde deixar essa abominação entrar em nossa igreja sagrada?

Ah, droga. Então, era por isso que todos eles pegaram as armas na parede e olharam para Tyrius furiosos. Tinha um pouco a ver comigo e com a Layla, mas o verdadeiro problema era Tyrius. Não importava o quão bonitinho e fofinho ele parecesse, ele ainda era um demônio.

Que se danem. Eles não faziam ideia de como estavam errados. Ignorantes. Eu estava feliz que o padre Thomas não fosse como eles.

Tyrius soltou um rosnado.

– Amigo, eu odeio vir aqui tanto quanto você odeia minha presença aqui – rosnou o gato, levantei a mão e cocei a cabeça dele para confortá-lo.

A expressão do padre Peter se contorceu de repulsa, ele desviou os olhos para o padre Thomas.

– A igreja *nunca* permitiria que você se envolvesse com os hipócritas e pecadores. Você está colocando a igreja em perigo ao permitir a entrada de demônios.

A raiva me atingiu como uma onda. Eu realmente não gostava daquele padre.

– Se eu quisesse deixar os demônios entrarem, confie em mim, eu poderia ter facilmente conjurado alguns aqui. Sua igreja não é tão bem protegida quanto você imagina.

Tudo bem, não foi a coisa certa a se dizer, mas ele estava pedindo por isso.

O padre Thomas me lançou um olhar exasperado antes de voltar sua atenção para o padre.

– Acho que o padre Martin gostaria que fizéssemos o que fosse preciso para encontrar seus assassinos. Você não acha? Se isso significa contratar mais pessoas, então é exatamente o que vou fazer.

Ah-há. Padre Thomas, o rebelde. Tive a impressão de que ele não havia pedido permissão à igreja para nos envolver, ou melhor, envolver Tyrius. Malandro, malandro. Eu gostava ainda mais dele.

– Parece-me que o padre Thomas é o mais estranho – disse Tyrius.

– Parece que sim – Sim, ele parecia mesmo a ovelha negra da igreja.

Soltei uma risada quando Layla se curvou para ajustar as botas, batendo em um dos padres com sua bunda redonda. Ela estava se divertindo demais.

– Layla, pare de assustar os padres – provoquei.

Ela se endireitou e levantou o corpete com as duas mãos.

– Acho que eles têm medo dos meus seios. Mas talvez seja da minha vagina.

O padre Peter olhou para mim com um ar sombrio e triste.

– Acho que vou conversar com o Cardeal Vannelli – disse ele ao padre Thomas. – Você estará procurando uma nova paróquia quando isso acabar.

O rosto do padre Thomas ficou sério, mas ele não disse nada enquanto o outro padre passava por ele e saía pela porta. Depois de um momento, todos os outros padres saíram enquanto Layla mandava beijos atrás deles.

Me aproximei do padre Thomas.

– Me desculpe. Eu não sabia que o comitê de boas-vindas não seria acolhedor.

O padre Thomas respirou lentamente.

– Isso não é culpa sua, Rowyn. Eu pedi que você viesse.

– Mas você não consultou a igreja primeiro. E agora eles estão irritados com você.

A última coisa que eu queria era que o padre perdesse seu cargo por minha causa. Essa não era a melhor forma de retribuir um padre que o havia ajudado a sair de situações difíceis ao longo dos anos.

– Encontrei algo – disse ele, sem me responder. Ele abriu o bloco de notas que estava segurando o tempo todo. – Aqui – Ele apontou o dedo para a página. – Diz…

– Templo – eu li, vendo a palavra escrita em negrito na margem e circulada algumas vezes.

Layla apareceu ao lado do padre, praticamente se apoiando nele.

– O que mais está escrito?

– Estive lendo as anotações dele – informou o padre Thomas. – Ele estava investigando os necromantes. Não sei como ele descobriu isso. Há seis desses blocos de anotações. Ainda não tive tempo de ler todos eles. Não com tudo o que está acontecendo aqui. Tive que tomar providências para que seu corpo fosse transportado para o necrotério – Ele olhou para o chão, com os olhos escuros, pensativos e tristes.

Tyrius se inclinou para frente em meu ombro.

– Não se preocupe, padre. Nós vamos ajudar.

O padre Thomas ficou em silêncio e então se dirigiu à escrivaninha, onde havia mais cinco blocos de anotações semelhantes espalhados.

– Ele estava definitivamente trabalhando em algo. Acho que nenhum dos outros padres sabia. Alguns dos registros aqui datam de alguns meses atrás.

Segui o padre até a escrivaninha, com Layla ao meu lado.

– Ele deve ter encontrado algo muito importante para que esses necromantes quisessem matá-lo – Importante o suficiente para que um necromante viesse à igreja, matasse o padre e levasse sua alma.

O padre Thomas assentiu.

– Sim. Acredito que isso seja verdade.

– Sim, mas o quê? – perguntou Tyrius e, em seguida, pulou do meu ombro e aterrissou na mesa.

Layla abriu um dos blocos de anotações e seus dedos folhearam as páginas.

– Talvez esteja escrito no restante das anotações.

– Acho que tem algo a ver com isso – O padre Thomas me mostrou o bloco de notas novamente.

Duas palavras estavam circuladas na página.

– *A Passagem?* – Eu li em voz alta. – O que você acha que significa?

O padre apertou os lábios com força.

– Não tenho certeza. Algum ritual, talvez? Se ele tivesse confiado em mim – disse o padre. – Eu poderia tê-lo ajudado. Talvez isso – ele levantou os braços, gesticulando para a sala – Nunca tivesse acontecido.

– Não faça isso com você – eu disse a ele, falando por experiência própria. – Isso só vai fazer você se sentir pior e não vai trazê-lo de volta. Ele optou por *não* contar a você. Ele teve seus motivos. Talvez porque soubesse que isso colocaria sua vida em perigo. Obviamente, ele estava perto de descobrir algo sobre os necromantes. Não acho que ele morreu pelo simples fato de saber sobre eles. Ele tinha mais informações.

Tyrius cheirou um dos blocos de anotações e depois olhou para mim.

– Sobre o quê? O que um padre pode fazer com um maldito necromante? Exorcizá-lo?

Boa pergunta.

– Ainda não sei. Mas com tempo, posso descobrir – Olhei para o padre Thomas. – Algum dos outros padres sabe de alguma coisa? Porque se souberem, a vida deles pode estar em perigo.

O padre balançou a cabeça.

– Não. Acho que o padre Martin não compartilhou sua investigação com mais ninguém. Perguntei aos padres e eles pareciam tão chocados quanto eu com essas descobertas.

Layla sentou-se na escrivaninha balançando as pernas.

– A menos que eles tenham mentido para você.

O padre Thomas olhou para ela, mas não disse nada. Ele cerrou a mandíbula, seus pensamentos estavam a mil por trás dos olhos escuros. Interessante. Parecia que havia alguma tensão entre os Cavaleiros Celestiais. Se eu fosse adivinhar, parecia que eles não confiavam no padre Thomas. Talvez a ponto de esconderem informações valiosas dele.

Eu não era idiota o suficiente para pensar que, se pedisse ao padre Peter, ele me daria de bom grado alguma informação sobre o que o padre Martin estava fazendo. Se ele sabia de alguma coisa e não contou ao padre Thomas, nenhuma súplica me traria essas respostas.

– Talvez ele tenha confrontado os necromantes com alguma coisa – comentou Tyrius enquanto cheirava o próximo bloco de anotações. – Um segredo sujo do necromante o levou a morte.

– Possivelmente – Peguei um dos blocos de anotações e o folheei. Cada linha estava cheia da caligrafia do padre. Tive que ler a primeira frase três vezes para ela fazer algum sentido. Levaria dias para ler tudo.

Coloquei o bloco de notas de volta na mesa.

– Bem, não adianta especular quem sabe o quê e quem contou para quem sem nenhuma evidência real ou motivo – Olhei para o padre. – Então, esse templo. Você tem alguma ideia de onde ele fica?

– Sim – O padre Thomas folheou as páginas do bloco de notas em sua mão. Depois de um momento, ele apontou para o meio de uma página. – Em Fairview. Ele fala de um prédio nos arredores do cemitério.

– Deve ser isso. Deveríamos dar uma olhada – Minhas entranhas pularam de excitação. Que bom! Estávamos chegando a algum lugar.

Layla pulou da escrivaninha e aterrissou com os braços erguidos no ar, acima da cabeça, como uma ginasta.

– Eu sabia que este seria um dia incrível.

– Vou continuar lendo – disse o padre, com os ombros tensos. – Eles devem me manter ocupado por pelo menos um ou dois dias.

– Avise-me se você encontrar alguma coisa – eu disse, sentindo a emoção da caçada. – O que você quer que eu faça se encontrarmos um necromante? – Eu sabia o que preferia fazer, mas esse era o negócio da igreja, ou melhor, do padre Thomas, e como ele estava me pagando para caçar o necromante, ele era o chefe.

A expressão do sacerdote estava fechada, e seus olhos escuros ardiam com uma agressividade reprimida. Ele parecia querer uma briga e aprovei-

taria a primeira oportunidade para entrar em uma, seus olhos se moveram para a prateleira de armas na parede.

Ele não disse nada por um longo tempo.

– Traga-o aqui.

Acenei com a cabeça, sem me preocupar em mencionar que o necromante também poderia ser uma mulher. Alguns dos piores vilões que já enfrentei em minha vida eram mulheres.

– Pode deixar – eu disse, sentindo-me um pouco melhor agora que tínhamos um lugar para ir. A ideia de dar uma surra em alguns necromantes me deixava toda arrepiada.

Esfreguei minhas mãos e sorri para Tyrius e Layla.

– Parece que vamos bater em um templo.

CAPÍTULO 5

Fairview era a próxima cidade depois de Thornville. Embora eu já tivesse estado lá antes, não a conhecia bem o suficiente para ignorar meu fiel GPS. Nós três fomos no meu carro, Layla estava no banco do carona com Tyrius em seu colo. Quando chegamos ao cemitério local, já eram sete e meia da noite. O céu escuro cobria os arredores do cemitério com longas sombras que se moviam, acrescentando outro nível de arrepio ao cemitério sinistro.

Diminuí a velocidade quando cheguei à rua Old Wellington e passei pelo cemitério até o fim das lápides, onde surgiu uma linha de árvores altas. O cemitério dava para uma densa floresta de vastos carvalhos e pinheiros antigos. Entre as árvores, havia uma clareira e, no meio, uma única construção.

– Só pode ser isso – disse Layla, após avistar o prédio. Ela se arrepiou e olhou para mim, radiante. – Eu estava morrendo de vontade de experimentar o novo presente de Danto – Ela deu um tapinha no chicote em sua cintura e soltou uma risadinha. *Um presente interessante.*

Tyrius soltou uma gargalhada.

– Eu tenho que ver isso.

Estacionei meu carro no meio-fio e nós saímos.

O prédio não se parecia com um templo ou uma igreja. Pelo que pude ver, tinha um telhado plano e não tinha janelas. Parecia um bloco de cimento retangular gigante, sem nada de espetacular ou indicativo de que um grupo de praticantes de magia da morte se reunia ali. Se eu não soubesse para onde olhar, teria passado direto por ele.

A grama na altura do joelho e as ervas daninhas balançavam com a brisa. Uma passarela de tijolos velha, coberta de mato e em ruínas levava até o

templo, e isso não me fez sentir melhor.

– Esse é um templo de necromantes? – perguntou Tyrius, incrédulo, quando deu a volta e ficou ao meu lado. – Onde estão as relíquias da morte e as cabeças em estacas? Parece mais uma prisão.

– Parece um pouco – Pensando bem, parecia mesmo uma prisão. Eu podia até ver uma cerca de arame cercando o prédio. Talvez tenhamos que cortar para passar.

Fui para a parte de trás do meu Subaru, abri o porta-malas e peguei um alicate enferrujado.

O gato riu.

– Parece que você já fugiu da prisão antes. Você gostaria de compartilhar sua experiência?

– Gareth me deu isso – eu disse, e a lembrança do elfo me fez sorrir. – Ele pensou que eu pudesse precisar de algumas ferramentas. Você sabe, por via das dúvidas – Peguei uma grande bolsa preta com mais algumas ferramentas antigas de Gareth e mostrei ao gato.

– Uma garota deve estar sempre preparada – Deixei a bolsa cair enquanto fechava o porta-malas e trancava o carro.

Após verificar meu cinto de armas, virei-me para encarar Tyrius e Layla.

– Precisamos de um plano antes de entrarmos lá, ou vamos improvisar?

Tyrius deu de ombros.

– Me bateu uma fome, só consigo pensar em asas de frango grandes e suculentas. Por que estamos aqui mesmo?

– Estava pensando – comecei novamente. – Antes de entrarmos lá, temos que ter algum tipo de plano. Não podemos simplesmente entrar e dominá-los com nossa aparência de assassinos – Me perguntei se as roupas justas de Layla poderiam trabalhar a nosso favor se eles fossem de fato todos homens. Mas, por outro lado, os padres também eram, e todos eles pareciam levemente envergonhados com a sexualidade que emanava dela.

Layla colocou as mãos nos quadris.

– Vamos fazer o que sempre fazemos. Nós entramos, matamos, e saímos. Fácil.

Eu sorri. Estava tão orgulhosa dela.

– Normalmente, eu teria que concordar com você.

– Mas esses bostas são humanos – comentou Tyrius. – Você não pode simplesmente entrar lá e explodi-los em pedaços.

– Por que não? – riu Layla. – Eu sou muito, muito boa nisso.

Eu lhe dei um sorriso breve.

– Bem, para começar, o padre Thomas precisa interrogá-los. Então, precisamos trazer um deles de volta inteiro e vivo, de preferência o que matou o padre. Não quero um necromante sangrando em meu carro. E Tyrius está certo. Não temos permissão para matar humanos sem um motivo legítimo.

Layla fez um beicinho para mim.

– Mesmo que eles sejam muito, muito ruins?

– Sim.

Seu beicinho se aprofundou.

– Mas temos provas de que os necromantes mataram o padre. Você mesmo disse isso. Os olhos amarelos?

– Sim, eu disse isso. E você está certa. Mas não sabemos quantos estão lá dentro ou se todos estão envolvidos.

Tyrius sibilou.

– Aposto que estão todos envolvidos. Pelo que me lembro, os necromantes são muito unidos. Se você ferir um deles, todos virão atrás de você como uma praga.

– Talvez. Mas precisamos ser espertos. Nada de matar…

– Mas podemos machucá-los, certo? – perguntou Layla, fazendo questão de sacar seu novo chicote.

– Sim, acho que um pouco de dor deve ser suficiente.

Layla soltou um guincho, e uma expressão de alegria totalmente assustadora iluminou seu rosto, havia um brilho estranho, quase homicida, em seus olhos. Caramba!

– Vamos em frente! – Tyrius deu um pulo e ficou de pé com a pata direita apontada e a cauda esticada para trás, como um cão de guarda.

Tentei não rir enquanto seguia o gato siamês pelo caminho. Ele parecia mais interessado em deixar seu cheiro a cada poucos metros do que em nos levar até o prédio.

Chegamos à cerca e o portão estava destrancado. Então, abri o portão e joguei o alicate no chão. Eu o pegaria quando saíssemos. Passamos pelo portão e continuamos a trilha.

Quando estávamos a cerca de seis metros do prédio, eu senti algo.

Uma onda de energia passou por nós e nos cercou, era fria, suja e espessa. Meu estômago se contorceu, me dando uma náusea repentina, e fazendo minha pele se arrepiar. Uma magia negra e perigosa chamou minha atenção

para a fachada do templo. Essa era a mesma energia fria que eu havia sentido ao lado do sacerdote morto, um tipo de magia que destrói, apodrece e corrompe.

– Você sentiu isso? – perguntou Layla. Suas costas se enrijeceram de ansiedade e, pela preocupação estampada em seu rosto, eu sabia que ela estava pensando em Lucian e no que ele havia feito com ela.

– Sim – Não parei de andar e mantive um ritmo constante até chegar à frente do prédio. Ou seria a lateral? Havia apenas uma parede de cimento. Estranho.

Caminhei até o lado esquerdo do prédio. Era a mesma coisa. Sem janelas. Sem portas.

– Talvez esta seja a parte de trás do templo? – sugeriu o gato.

– Vamos dar a volta pelo outro lado – Caminhei pela grama alta até chegar ao final do edifício, que tinha talvez uns 30 metros, e virei. O restante do templo era uma parede de cimento uniforme.

– Que diabos é isso? – rosnei. Frustrada, corri pela parte de trás do prédio e depois corri por todo o lado direito, sem ver nenhuma janela, nenhuma porta e nenhum ponto de entrada. Nada. Era como se alguém tivesse despejado uma caixa de concreto gigante ali.

– Como vamos entrar se não há porta? – Layla havia perdido um pouco de sua valentia e sua expressão estava tensa.

– Tem que haver uma maneira de entrar. Se os necromantes podem entrar, nós também podemos – Pressionei minha mão na parede de cimento e desejei não ter feito isso.

Sibilei de dor e a puxei de volta.

– Você está bem? – perguntou Layla, pagando minha mão e examinando-a. – Não está queimada. Você não está machucada.

Afastei minha mão.

– Estou bem. Foi como se… como se a parede tivesse me mordido – Nunca havia imaginado falar essas palavras. Esta era uma noite estranha.

– É um feitiço – informou o gato, percebi que ele estava mantendo distância. – Um feitiço poderoso. Eu não consigo nem ver através dele. Acho que só os necromantes conseguem.

– Ótimo – Passei a mão na calça jeans, sentindo que deveria limpar o que quer que tivesse me mordido.

Tyrius olhou para mim.

– Talvez devêssemos ligar para Gareth.

– Você acha que ele poderia ajudar?

O gato inclinou a cabeça.

– Sua magia é diferente. Vale a pena tentar.

Ele estava certo. Peguei meu celular e liguei para o elfo.

– Ele não está respondendo – Coloquei o celular de volta no bolso. – Teremos que descobrir como entrar sem ele.

Tyrius colocou uma pata em minha perna e me olhou com sinceridade.

– Rowyn. Não sei de que outra forma *podemos* entrar sem algum tipo de magia. Talvez devêssemos encerrar a noite e tentar novamente amanhã.

– Não – Tínhamos chegado até aqui, e eu não estava pronta para desistir quando o padre Thomas precisava da minha ajuda. – Tem que haver uma maneira…

– Tem alguém vindo – sibilou Tyrius, com os pelos eriçados e os olhos azuis brilhando com a energia demoníaca azul.

Layla e eu nos jogamos no chão. Agachada e com o coração batendo no peito, virei minha cabeça para onde Tyrius estava olhando. Por entre a grama alta, vi uma figura subindo a mesma passarela que tínhamos acabado de passar.

Apontei para os arbustos atrás de nós.

– Ali. Escondam-se!

Nós três nos agachamos e corremos para o arbusto mais próximo. Bem, apenas eu e Layla, o que é muito mais difícil do que parece quando você não está acostumada a correr de quatro. Usando o mato grosso como cobertura, levantei a cabeça. O vulto continuava caminhando. Pelo tamanho dos ombros parecia um homem, ele usava uma capa preta pesada e um capuz que escondia todos os detalhes possíveis do seu rosto, que original, ele tinha um símbolo na roupa que era impossível decifrar pelas dobras do tecido.

– Você acha que ele nos viu? – perguntou Tyrius, deitado ao meu lado com seu pelo fazendo cócegas na minha bochecha.

– Logo descobriremos – Mas eu acho que não. Ele não estava olhando em nossa direção.

– Vamos pegá-lo – disse Layla, com o sorriso voltando ao rosto e os olhos arregalados de empolgação.

– Você está louca, mulher? – sibilou Tyrius. – Tem um necromante bem ali.

Layla levantou uma sobrancelha cética.

– Rowyn e eu podemos cuidar de um pequeno humano.

– Um pequeno humano que pode fazer magia da morte? Você não tem ideia do que ele é capaz. Você quer correr esse risco?

– Sim – Layla olhou para o gato, parecendo que não queria outra coisa senão usar seu chicote nele. Que bom! Isso era exatamente o que eu precisava.

– Ele tem razão – eu disse, mantendo minha voz baixa e meus olhos no necromante. – Eles não usam magia demoníaca, como as bruxas. Nós temos mais resistência quando se trata de magia das bruxas. Isso é diferente. Eles são diferentes – Eu não tinha ideia do que esperar, mas não iria embora sem pelo menos algumas respostas ou um necromante em minhas mãos. Eu não ia deixar que eles machucassem o padre Thomas.

Observei enquanto o necromante se virava de frente e caminhava para o lado direito do edifício até ficar de costas para nós. Ele levantou as mãos e, embora eu não conseguisse ver seu rosto, ouvi os sussurros de um cântico. Um vento forte e rodopiante surgiu ao redor do necromante, levantando sua túnica e fazendo-a ondular ao seu redor. O ar tinha um cheiro repentino de enxofre e podridão.

– Algo está acontecendo – sussurrei, sem ousar piscar para não perder nada.

A parede que ficava de frente para o necromante se movia e ondulava, como se fosse feita de água. E ali, diante do necromante, havia uma simples porta preta.

Layla se mexeu ao meu lado.

– Vamos, Rowyn. Há apenas um. Não vamos ter outra chance – Seus olhos brilharam. – Eu vou distraí-lo enquanto você o derruba por trás.

– Não.

– Por que não? – perguntou ela. Ouvi a frustração em sua voz enquanto o necromante abria a porta do templo, a estrutura era iluminada por uma luz amarela que se espalhava.

Soltei um suspiro, sentindo-me ousada e um pouco louca.

– Quero saber o que há lá dentro – respondi, fazendo Tyrius praguejar. O necromante passou pela abertura e desapareceu atrás da porta.

A adrenalina correu pelo meu corpo.

– Rápido, antes que a porta desapareça! – eu disse e saí em disparada pela grama alta em direção à porta do templo.

CAPÍTULO 6

Na verdade, eu nunca tinha entrado em um templo. Quero dizer, nunca tinha entrado em um templo *de necromantes*. Então, é claro, eu imaginei todos os tipos de zumbis e outras coisas mortas rastejando lá dentro. Eu não esperava que estivesse vazio e frio.

O frio me atingiu como uma marreta e, de repente, tudo o que eu podia fazer era evitar gritar de surpresa e desconforto. Era pior do que entrar em um necrotério, o que eu já havia feito várias vezes. Era como entrar em um freezer e ficar lá por mais de uma hora. Sim, um frio danado.

Esses malditos eram humanos, então como eles poderiam suportar isso?

Nos encontramos em um corredor composto pelo mesmo cimento do exterior. Tochas flamejantes forravam as paredes, dando-nos luz suficiente para ver o que nos cercava. Apesar das inúmeras tochas acesas, o fogo delas não parecia aliviar a frieza do lugar. Soltei um suspiro e fiquei ainda mais surpresa por não sair uma névoa branca com o bafo quente.

Além do frio intenso, o cheiro da morte estava ao nosso redor, uma dose gigantesca dela, como se em algum lugar desse templo houvesse milhares de cadáveres apodrecendo. Que legal.

Com o coração na garganta, fechei a porta, sentindo um leve toque de magia sobre minha pele. Fiquei atenta a qualquer movimento repentino, bem como ao rastro do necromante que havíamos seguido. Nada. Eu não conseguia ouvir nada além do meu coração batendo. E no final do corredor, nada além de sombra era visível. O necromante já havia desaparecido. Mas eu iria encontrá-lo.

– Bolas demoníacas. Parece um maldito freezer aqui dentro – resmungou o gato. – Não consigo sentir minhas orelhas. Acho que minhas orelhas

caíram.

– Não é tão ruim – Sim, era péssimo, e foi um esforço evitar que meus dentes batessem. Olhei para Layla, cujos ombros estavam nus devido ao corpete. Pelo menos eu estava usando uma camisa sobre minha camiseta. No entanto, Layla não parecia incomodada com o frio. Ela não estava nem um pouco trêmula. A mulher tinha o sangue quente demais.

– Isso nos faz duvidar se esses caras são realmente humanos, né? – disse o gato, com a voz ecoando suavemente. – Os humanos não são resistentes ao frio. Seus corpos não são feitos para isso. E aquele cara que entrou não estava exatamente vestido para uma turnê no Ártico.

– Isso é verdade – Sua capa era pesada, mas ele precisaria de algo mais quente se ficasse dentro do templo por mais de cinco minutos. Então, o que isso fazia deles? Meio-humanos? Outra coisa?

– Você acha que eles são demônios? – Layla puxou sua lâmina da alma e notei que ela havia prendido o chicote na cintura. Você podia chicotear um demônio, mas precisava de uma lâmina para matá-lo.

Balancei a cabeça.

– Não tenho certeza. Não saberemos até enfrentarmos um – Respirei fundo. – Mas é melhor começarmos a nos mexer se não quisermos acabar como picolés de nascidos-anjo.

Tyrius riu.

– Para onde? – perguntou o gato, e eu notei que seu pelo estava levantado. Parecia que tinha engrossado magicamente, como se ele tivesse feito uma mágica para obter uma pelagem mais grossa.

Puxei uma lâmina da alma e olhei para o corredor.

– Siga o cheiro.

– Nunca pensei que ouviria você dizer isso – murmurou o gato, com um tom divertido, enquanto avançava com Layla logo atrás dele.

Ok, eu não tinha muitos planos quando entramos. Eu ainda queria interrogar esses necromantes e encontrar o maldito que havia matado o sacerdote. No entanto, eu sabia que só o fato de estar dentro do templo já era um avanço. Precisávamos de informações. Eu queria ver com meus próprios olhos o que esses necromantes faziam. Talvez essa visita nos ajudasse a descobrir o que eles estavam tramando, pois os vilões estavam sempre elaborando planos.

À medida que entrávamos no templo, não vimos outras portas ou corredores. Havia apenas um corredor reto que nos levava a um conjunto de es-

cadas que dava acesso a um nível inferior que terminava em sombras. O templo tinha uma atmosfera de prisão, e eu não via a hora de sair dali.

Tyrius ficou paralisado.

– Você ouviu isso?

Parei ao lado de Layla e fiquei ouvindo.

– Vozes – respondi, ouvindo o som fraco, mas inegável, de vozes. Embora estivesse longe demais para entender o que estavam dizendo, eu definitivamente ouvi mais de uma.

– Vamos lá – Após dar uma olhada por cima do ombro e não ver nenhum necromante prestes a nos atacar, dei um sinal de positivo para Tyrius e nós descemos as escadas.

A cada passo, as vozes ficavam mais altas e meu coração batia mais forte. A escuridão aumentou, e eu pressionei meu corpo contra a parede, usando as sombras para me esconder o máximo possível.

Quando chegamos ao final, nos deparamos com um espaço aberto na parte de baixo, como um átrio, com pelo menos 90 metros de comprimento e cerca de 90 metros de largura. Paredes de pedra com cerca de seis metros de altura cobriam os lados do retângulo, enquanto na extremidade mais distante possuía um estrado. Pilares se erguiam no fundo, sustentando as paredes irregulares da caverna em meio a montes de terra desmoronada e vigas que pareciam ter sido colocadas muito antes da construção do templo. A temperatura havia caído mais cinco ou dez graus. As vozes estavam mais altas, mas eram murmuradas, e eu não conseguia entender o que eles estavam dizendo. O cheiro de podridão e a sensação de morte eram avassaladores. O medo deu um nó nas minhas entranhas, mas tínhamos chegado até aqui. Eu não voltaria sem algo.

Fiz sinal para que Tyrius e Layla me seguissem enquanto eu me abaixava e me arrastava para trás de um dos pilares e olhava para baixo para ver melhor.

O chão era uma mistura de terra dura e raízes. Em volta de um altar de mármore preto, havia doze figuras vestidas de preto. Os necromantes.

Seus capuzes estavam para trás, e finalmente pude olhar para o rosto de um necromante. Os rostos eram magros, como se não tivessem feito uma boa refeição há anos. O grupo tinha idades e sexos indeterminados. Eu estava certa. Havia mulheres também, mas isso não fez minha tensão aumentar. Mas o que estava sobre o altar fez meu coração disparar.

Uma mulher jovem, pelo que parecia, estava deitada de costas, com o corpo nu contra a luz fraca. Não consegui ver nenhuma amarra em seus pulsos ou tornozelos, mas isso não significa que ela não estivesse amarrada. Eles poderiam estar usando sua magia da morte para mantê-la ali. Ela piscou, olhando para o teto de terra. Ela estava viva.

Tyrius subiu em meu ombro.

– Bolas demoníacas – praguejou o gato, sua voz era baixa o suficiente para que apenas Layla e eu ouvíssemos. – Eles vão sacrificar uma virgem.

Um incenso espesso subia dos braseiros em chamas ao redor do círculo, dando ao ar frio um cheiro forte de enxofre misturado com algum outro odor desagradável que eu não conseguia identificar.

– Eu já vi esse filme – sussurrei. Foi como se eu tivesse acabado de entrar no filme *Indiana Jones e o Templo da Perdição,* na cena em que Indy, Willie e Shorty se depararam com os Thuggees sacrificando vidas humanas à deusa Kali. O filme era um clássico e um dos meus favoritos, mas *isso* era a vida real.

Conseguimos ouvir a voz de um dos necromantes falando.

– Oferecemos a você este sacrifício, mestre – disse ele. – Uma oferenda para a nova iluminação que começará – Os ossos de seu rosto eram sobressalentes e magros, e a luz dos braseiros refletia em sua cabeça careca. Eu o considerei o líder. À primeira vista, ele poderia parecer velho, até mesmo frágil devido a suas mãos finas, mas não tive essa impressão. Ele era esguio e alto. Sua voz era cheia de vigor e comando, e ele parecia um homem que dominava a sala, um homem com todo o poder e força.

Talvez *ele* tenha matado o padre Martin.

Layla se encostou em mim, com os olhos na mulher lá embaixo.

– Temos que salvá-la – Seus olhos escuros estavam cheios de fúria e estreitaram-se ainda mais enquanto ela olhava os necromantes.

Apertei seu braço com delicadeza.

– Nós vamos, mas ainda não – Sim, era exatamente isso que eu estava pensando também. Mas eu precisava de mais. Só um pouco mais.

– Oferecemos a você esta vida – continuou o necromante, sua voz era um canto lento cujas palavras dançavam enquanto ele falava. – Deixe que ela interrompa o fluxo da vida para a morte. Para começar o fluxo da morte, para que a Passagem se inicie.

– Assim será – disseram os outros necromantes em coro, fazendo com que minha pele se arrepiasse.

– Que diabos eles estão fumando? – murmurou Tyrius.

Eu tive que concordar. Que bobagem era essa? Embora fosse uma bobagem, eu ainda queria saber mais sobre “A Passagem”. O padre Martin havia escrito isso em um daqueles diários. Eu tinha a sensação de que isso tinha algo a ver com a morte do padre.

O líder necromante rompeu o círculo e foi em direção ao altar. Quando ele levantou as mãos, consegui ver um punhal preto em sua mão direita. Droga. Ele ia matá-la, tipo, agora mesmo.

– Eles devem tê-la drogado – Ouvi Tyrius dizer. – Veja. Ela nem sequer está resistindo. Provavelmente está tão fora de si que não faz ideia de que eles estão prestes a abri-la e oferecer suas entranhas a esse mestre.

– Na morte, nós elevamos – entoou o líder necromante.

Que ótimo. Chega dessa besteira de fim do mundo.

– O sangue será derramado. A morte será eterna e o equilíbrio será restaurado – continuou o necromante, seu cântico fluía suavemente de sua boca em um fluxo ininterrupto.

– Assim será – repetiram os outros necromantes em uníssono. *Uma vez já foi assustador o bastante, muito obrigada.*

O líder necromante então colocou a adaga nas mãos da mulher, o que me deixou muito surpresa.

– Humm. Talvez eu esteja muito enganado em minha sabedoria sacrificial e tudo mais – comentou o gato. – Mas… as virgens não costumam usar um punhal, certo?

– Certo – O que estava acontecendo? Eu escutei o líder dos necromantes. Ele disse que eles estavam prestes a sacrificá-la. Se *ele* não ia matá-la, para que o punhal?

O ar ficou pesado com uma energia repentina, um poder que estava ganhando impulso e se transformando em uma corrente selvagem e furiosa. As sombras se ergueram do chão perto do altar como espectros, elas não tinham rosto e pairavam no ar, eu contei dez. Nunca tinha visto sombras como aquelas antes. Elas me davam arrepios.

– O que *é* isso? – sussurrou Layla, e ouvi a tensão crescente em sua voz.

Balancei a cabeça, sem conseguir desviar o olhar.

– Não faço ideia – Mas eu tinha a sensação que eles estavam aqui para matar aquela mulher.

– Rowyn – insistiu Tyrius, suas unhas arranharam meus ombros.

– Eu sei – Olhei em volta procurando uma escada ou algo que nos levasse ao nível inferior, e a única que consegui ver estava bem à nossa frente. Isso ia funcionar.

– Por aqui – apontei e dei meia-volta.

Quando senti a presença atrás de nós, já era tarde demais.

CAPÍTULO 7

Um necromante estava de frente para nós. Era um homem, e um homem muito feio.

Por um segundo, achei que estava olhando para um ghoul. Seu rosto era pálido, quase branco como papel. Seus olhos estavam no fundo, fazendo com que as maçãs do rosto se destacassem como se ele nunca tivesse tido carne para preenchê-las. A pele do seu rosto era enrugada, como se ele tivesse passado a maior parte de sua vida ao sol sem se bronzear, o que seria péssimo. Ele não tinha cabelo, sobrancelhas, nem cílios. Tinha cerca de 1,80 m, e era magro, mas não me enganei pela falta de gordura. Esses caras praticavam magia da morte, seja lá o que for isso. Eu tinha a sensação de que estava prestes a ter meu curso introdutório.

Excelente.

Os lábios cinza-escuros do necromante se contorceram em uma careta. Seus olhos pálidos nos observavam, da mesma forma que uma criança olha para uma loja de doces. Meu sinal de alerta disparou.

– Bolas de necromante! – gritou Tyrius. – Eu nem sequer senti ele chegando.

Com Tyrius ainda em meu ombro, levantei-me lentamente e me afastei de Layla para dar a nós duas um amplo espaço para lutar contra esse filho da puta feioso. Afinal, ele estava sozinho, e eu me senti um pouco tola e ousada. Estava mais do que puta com o fato desses caras terem matado um padre.

Eu lhe dei um sorriso cheio de dentes.

– Estou gostando muito desta vibe meio Voldemort.

O rosto do necromante nem sequer se contraiu. Ele nem mesmo piscou.

– Acho que ele não sabe quem é Voldemort – disse o gato em meu ouvido, fazendo Layla rir.

Dei de ombros.

– Azar dele.

Quando olhei por cima do ombro, todos os necromantes estavam olhando para nós. Que legal! Pelo menos eles pararam o ritual que estavam realizando. Eu ainda precisava salvar a mulher.

Aquelas sombras assustadoras também desapareceram. Isso era uma vitória para nós.

Olhei de volta para o necromante e notei o símbolo vermelho em seu manto preto. Era ele que havíamos seguido. Ele deve ter nos vistos, o que significa que nos deixou segui-lo. Ele nos *deixou* entrar. Estava começando a me sentir uma idiota que levou seus amigos para uma armadilha.

Ele me observou e, em seguida, dirigiu o olhar para Layla, avaliando-a. Um sorriso lento e assustador se espalhou por seu rosto.

– Dois rato presos em uma armadilha – disse ele, sua voz era surpreendentemente normal e quase sem graça. Sim, era uma armadilha. *Rowyn, você é uma idiota.*

– A quem você está chamando de rato, aberração? – rosnou Tyrius, com o pelo eriçado em volta dele. – E são *ratos*, não *rato*, seu idiota analfabeto.

As narinas do necromante se dilataram como se ele estivesse sentindo o cheiro de Tyrius.

– Um demônio bruxo. Nós podemos utilizar você.

A fúria aumentou e eu levantei minha lâmina da alma.

– Se você se aproximar do meu amigo, seu necromante, enfiarei seus intestinos na sua garganta. É isso mesmo. Eu sei o que você é.

Quando o necromante sorriu novamente, ele exibiu seus dentes amarelos e podres.

– O sangue será derramado. A morte será eterna e o equilíbrio será restaurado. Assim será.

– Então vou ter que chutar sua bunda ossuda – eu disse a ele, e Layla bateu palmas. *Eu amo ela.*

O necromante ficou ali sorrindo. Ele parecia confiante demais com o fato de sermos três contra um. Não gostei disso.

– Ele não tem arma. Olhe para suas mãos – murmurou o gato.

Relutei em olhar, as mãos do cara eram esqueléticas, com unhas amarelas cheias de sujeira, como se ele tivesse feito jardinagem. Só que esses ca-

ras não mexiam com jardinagem. Eles mexiam com os mortos.

Ele estava se sentindo demais por alguém sem uma arma visível. Isso só podia significar uma coisa.

Ele estava prestes a usar um pouco de sua magia da morte.

Apontei minha lâmina para o necromante.

– Você pode ficar aí parado e continuar sorrindo, se quiser, mas nós vamos até lá e pegaremos aquela mulher. E então todos nós sairemos deste inferno.

O necromante não parava de sorrir, e eu finalmente entendi o motivo.

O barulho de muitos passos soou atrás de mim.

Me virei, com a lâmina da alma em minha mão.

Quando o exército de pessoas se aproximou de nós, contei cerca de uma dúzia. Seus olhos arregalados estavam vazios e seus rostos eram esqueléticos e mortais. Os cânticos dos necromantes foram substituídos pelo barulho de passos sendo arrastados. Eles tinham formas humanas vagas, ecos de quem foram um dia, com bocas escancaradas, emitiam gritos guturais e gemidos sem sentido. Os ossos estalavam na carne necrótica à medida que avançavam, deixando um rastro de sujeira, larvas, sangue velho e lama. Legal.

Pior, eles pareciam suculentos e fresquinhos… como se ainda estivessem se decompondo, como se tivessem acabado de sair de seus túmulos.

Fantoches de necromantes. Os necromantes haviam ressuscitado os mortos.

Tyrius ajustou seu peso em meu ombro.

– São zumbis.

– Não me diga – Isso explicava o cheiro de podridão deste lugar. Isso me fez pensar se os zumbis estavam aqui o tempo todo.

Houve um estalo alto de um chicote e eu me virei para ver os olhos de Layla brilhando, parecendo animada com a perspectiva de matar alguns zumbis.

– Cem dólares para aquele que matar mais zumbis – anunciou ela, com uma lâmina de alma em sua mão esquerda e seu chicote pendurado na outra.

Sorri para ela.

– É isso mesmo, mana – Meu sorriso se alargou ao ver a carranca no rosto do necromante.

– Mate-os – ordenou o necromante.

E então, os mortos avançaram.

CAPÍTULO 8

Eu não estava com meu manual de zumbis, não que eu tivesse um, e não que ele fosse útil no momento. Nós vimos os filmes. Ninguém lia manuais quando uma manada de zumbis estava atrás de você. Isso seria burrice.

Então, como você mata zumbis? Cortando suas cabeças ou enfiando a lâmina em seus cérebros. Sim, Hollywood estava certo. Sem o uso de seus cérebros, eles eram apenas um traje de carne podre. Os necromantes precisavam que os mortos tivessem cérebro para controlá-los. Sem cérebro. Sem controle. Sem problema.

Tyrius pulou dos meus ombros.

– Vamos lá, suas bolhas estouradas! Seus fantoches infestados de vermes!

O demônio baal fincou os pés e seu corpo brilhou com uma luz interna enquanto ele se preparava para se transformar em seu alter ego, uma magnífica pantera negra.

Olhei por cima do ombro para o necromante e apontei minha lâmina para ele.

– Isso é apenas um contratempo temporário – eu o avisei. – Verei você em breve, Morty – Eu tinha que lhe dar um nome. Precisava saber como chamá-lo antes de matar o magricela filho da mãe.

O necromante ficou ali parado, com uma expressão vazia. Esses caras eram estranhos.

Um rugido alto sacudiu o templo, e eu me virei. No lugar de um siamês, segundos atrás, estava uma pantera negra de 300 quilos. Isso sim era um gatinho *grande*.

– Eles são meus! – gritou Layla enquanto avançava com sua lâmina levantada e um olhar furioso atacando o zumbi mais próximo, um homem de pele escura.

Era realmente difícil levá-la a sério quando ela fazia isso.

O rebanho se separou em uma formação de luta, e alguns se voltaram para mim, cheirando a mortos-vivos e famintos por sangue.

Pode vir!

À medida que se aproximavam, senti uma magia fria e maligna neles, alimentando sua raiva. A magia do necromante. A magia da morte.

Uma zumbi com metade do couro cabeludo faltando me atacou. Eu me abaixei e rolei. Minha lâmina atingiu seu intestino. Um sangue escuro jorrou, e o súbito derramamento de vísceras podres caiu no chão com um som de sucção nojento.

– Tudo bem. *Isso* foi nojento.

Sem parar, enfiei minha lâmina em sua orelha até seu cérebro. Arranquei minha lâmina no momento em que outro zumbi se lançou contra mim.

Dei um passo para trás e, em seguida, passei a lâmina da alma na garganta do zumbi, colocando todo o meu peso nela.

A cabeça do zumbi desapareceu, e foi substituída por um jato de sangue feio e podre que me atingiu no rosto e em todo meu corpo. Que ótimo. O corpo do zumbi se debateu por um segundo e depois caiu para um lado, ficando imóvel.

Limpei um pouco do sangue de zumbi dos meus olhos.

– Não posso dizer que senti falta disso.

– Dois! – ouvi o grito feliz de Layla e eu vi a cabeça de um zumbi escorregar para o chão quando ela puxou o chicote para trás, ela conseguiu cortar a cabeça do morto como se tivesse usado uma espada. Aquele chicote era afiado.

Ouvi um rosnado à minha esquerda e me virei.

Tyrius, a pantera negra, saltou no ar e atacou um zumbi que havia se lançado contra mim. Ele se chocou com o zumbi com um som de impacto. A pantera e o cadáver caíram no chão. O zumbi se levantou e atacou Tyrius, mas a pantera avançou e cravou seus enormes dentes no pescoço do cadáver. Ele balançou a cabeça violentamente enquanto o zumbi tropeçava e cambaleava sob a ferocidade do ataque. Com suas mandíbulas poderosas, Tyrius agarrou o pescoço da coisa. Com um estalo horrível, a cabeça se sol-

tou e rolou para o chão soltando um jato de sangue. Tyrius soltou o corpo e, em seguida, levantou a grande pata e a acertou a cabeça, esmagando-a.

Muito bem garoto.

Um gemido chamou minha atenção. Outro zumbi contornou a manada e me alcançou, com sua boca horrenda escancarada.

Me esquivei, avancei e acertei seu peito com minha lâmina da alma. Eu errei. O zumbi se virou e eu estremeci quando ele arranhou minha garganta com suas unhas decompostas e retorcidas. Credo.

Dei um pulo para trás.

– Não sei se devo ficar impressionada por você conseguir se esquivar ou enojada com o cheiro de fezes que exala de você.

– Uhhggghhh – gemeu o zumbi enquanto se arrastava para a frente.

– Uhhggghhh – zombei e enfiei a lâmina da alma em sua garganta, cortando as artérias e atravessando os ossos do pescoço. A boca do zumbi se abriu, expelindo sangue escuro. Puxei minha lâmina para trás e a enfiei em seu lóbulo frontal.

Dei-lhe um chute no estômago e o zumbi caiu no chão.

– Cinco! – Ouvi o grito empolgado de Layla por cima dos gemidos e lamentações dos zumbis restantes. O sangue escuro estava por todo seu rosto e peito, sua linda roupa estava toda manchada. Ela me viu olhando e sorriu. Até tirou um tempo para me dar um pequeno aceno.

A mulher estava enlouquecida.

Dois zumbis me atacaram de uma vez. Eles não dão um tempo.

Enfiei minha lâmina diretamente na boca aberta do zumbi mais próximo, deslizando suavemente entre o palato superior e o cérebro. Puxei minha lâmina de volta assim que o outro zumbi me atingiu.

Cambaleei para o lado, mas mantive minha lâmina em movimento. Cortei a barriga do outro zumbi, seus intestinos ficaram a mostra enquanto escorregavam pelo corte como um macarrão espaguete gigante. Legal.

Mal tive tempo de brandir minha lâmina novamente quando outro morto-vivo veio até mim, sibilando e rosnando como uma fera selvagem. A coisa morta-viva se agitava descontroladamente, balançando seus braços com golpes fortes. Girei e me esquivei, contornando-o pelas costas, enquanto enfiava minha lâmina na parte de trás de sua cabeça.

Puxei minha lâmina quando o zumbi caiu no chão.

Ofegante, olhei em volta por um momento. Tyrius estava sentado no chão, lavando-se com uma pilha de zumbis a seus pés. Os rostos dos zumbis

haviam sido esmagados e estraçalhado até que não pudessem mais ser reconhecidos, nem parecia que um dia eles foram humanos.

Todos os zumbis, ou melhor, o que restou deles, jaziam em pilhas no chão. Eles não estavam nem se contorcendo. A manada estava acabada.

– Você me deve cem dólares – disse Layla, com os olhos brilhando com uma alegria febril e o queixo pingando um sangue que não era dela.

O corredor estava encharcado de sangue, e eu também. Outra coisa que notei foi que Morty havia desaparecido. Não foi uma grande surpresa.

Ouvi algo metálico batendo em uma superfície dura e corri para a beira da passarela da caverna para olhar para baixo. A mulher estava no chão ao lado do altar, com a adaga escura ainda em sua mão.

Merda. Eu não sabia se aquelas coisas voltariam e a matariam. Eu tinha perdido a chance de torcer o pescoço de um necromante, mas não ia deixar uma inocente morrer.

Olhei para Layla e Tyrius.

– Vamos lá. Ela precisa de nossa ajuda – insisti e saí correndo em direção à passarela. Cheguei ao outro lado e desci a escada dois degraus de cada vez.

Quando cheguei ao altar, a mulher estava de pé com o punhal apontado para o peito.

– Ei, calma aí – eu disse, diminuindo a velocidade até parar. Embainhei minha lâmina e levantei as mãos. – Está tudo acabado agora. Você está a salvo. Você está segura. Fica calma. Você está segura. Me dê a faca – Se com roupa eu estava com frio neste lugar, essa mulher viraria um picolé humano se não a tirássemos daqui logo. Primeiro, eu precisava tirar aquela faca afiada de perto dela.

Seus olhos cheios de lágrimas me fitaram.

– Você *estragou* tudo! – disse a mulher, com o corpo tenso e os olhos furiosos.

Ok. Eu *não* esperava por isso. Esperava um agradecimento, talvez?

– Como é? – Ela estava obviamente delirando. – Acabei de salvar sua vida. Você está claramente sob efeito de drogas pesadas e não tem ideia do que está dizendo – Eu não queria ter que discutir com uma mulher nua e muito drogada. No entanto, seus olhos estavam lúcidos.

Layla se posicionou do meu lado esquerdo.

– O que está acontecendo? – perguntou ela, assim que Tyrius apareceu do meu lado direito.

– Não tenho certeza – eu disse a ela. Ao ver a pantera negra, os olhos da mulher se arregalaram e ela deu um passo para trás, com o punhal tremendo perto de sua barriga.

Levantei minha mão e fiz um gesto para a pantera.

– Tyrius. Fique bem aí. Ok, gatinho? – Eu não queria assustar a mulher ainda mais. Só Deus sabia que drogas eles haviam lhe dado. A pantera inclinou a cabeça em resposta e ficou onde estava.

– Ouça – eu disse, voltando-me para a mulher. Olhando-a mais de perto, ela era um pouco mais velha do que eu, talvez trinta anos, seus cabelos eram castanhos encaracolados e ela tinha grandes olhos cor de avelã. – Me dê a faca, está bem? Acabou – eu disse novamente. – Eles não podem mais machucar você.

A mulher soltou uma gargalhada.

– Me machucar? – Ela tinha um sorriso largo e enlouquecido no rosto. – Você deveria ter cuidado da sua vida, sua vadia idiota – Ela pressionou a ponta da faca contra seu peito. – Estou me oferecendo à Morte – disse a mulher, com um tom sério, como se eu devesse saber o que isso significava.

Layla riu enquanto guardava a lâmina da alma e o chicote na cintura.

– A doida pelada é toda sua.

Fiz uma careta para a mulher.

– Chega de usar drogas, senhora – Estendi minha mão. – Agora, seja uma boa menina e me dê a maldita faca.

A mulher ergueu a cabeça em sinal de desafio.

– O sangue será derramado. A morte será eterna, e o equilíbrio será restaurado. Assim será.

– Me dê a faca! – ordenei novamente, minha paciência estava se esgotando.

– O sangue será derramado.

Tá, eu já estava farta dessa conversa fiada. Então, fiz o que tinha de fazer.

Eu lhe dei um tapa na cara, com força.

A cabeça da mulher se inclinou para o lado e ela cambaleou. Ela se virou para mim e disse:

– Eu *vou* morrer. É o que nasci para fazer. Você não pode me impedir.

– Você que pensa – Eu lhe dei outro tapa e a sacudi para garantir que ela acordasse. – Acorda! Você está louca? Você não quer morrer por esses aspirantes a Voldemort. Você quer viver. Viver é bom.

A mulher riu, apesar das duas grandes palmas vermelhas em seu rosto. Minhas. Minhas mãos eram tão grandes assim?

– Minha vida pertence à Morte – disse ela, em tom sério. – Quem é você para tirá-la dele?

– Rowyn Sinclair – eu a informei e lhe dei outro tapa.

Dessa vez, a mulher cambaleou para trás e, quando olhou para mim novamente, seus olhos ardiam de fúria. Então seu rosto se acalmou e suas mãos se enrolaram em volta do cabo da lâmina, ela estava preparando-se para se golpear.

Ela ia fazer isso, eu podia sentir. Mas eu também não tinha tempo para essa besteira.

Fechei o punho, dei um salto para frente e dei um soco forte em sua têmpora direita.

Seus olhos se arregalaram e ela ficou mole, caindo no chão enquanto a adaga escorregava de sua mão.

Abaixei a mão e a peguei. Assim que minha pele entrou em contato com o metal, eu a senti. A lâmina vibrava com um poder frio e zumbia, lembrando a energia do necromante. Ela não parecia cruel ou sinistra em minha mão, apenas… diferente. Era bonita, e quanto mais eu olhava para ela, mas percebia que não era forjada, ela era feita de uma pedra preta brilhante que parecia muito com um vidro. Muito, muito bonito. E agora ela era minha.

Olhei para a mulher inconsciente no chão e disse:

– Assim será, sua vadia louca.

CAPÍTULO 9

Quando chegamos de volta à igreja, já era quase meia-noite. Enrolamos a louca em um cobertor que eu tinha no banco de trás do meu Subaru e a colocamos no banco traseiro.

O plano era pegar um necromante, o que não aconteceu, então a segunda melhor opção era a mulher louca nua que queria se sacrificar para a Morte, o que não me agradou muito.

Eu não queria que ela soubesse onde eu morava, então o único lugar lógico era a igreja. Eu já havia ligado para o padre e contado a ele o que havia acontecido em detalhes. Quando terminei, ele sugeriu que a levássemos para a igreja, o que foi ótimo para mim. A igreja do padre Thomas também era um santuário de coisas sobrenaturais, então fazia sentido levá-la para lá.

Dirigi até o estacionamento da igreja e desliguei o motor. Um homem com um chapéu escuro e um longo casaco preto estava encostado no poste de luz, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

– Olha, o elfo está aqui – disse Tyrius, com as patas no painel. O gatinho voltou a sua forma de siamês para que pudéssemos caber todos no carro. Depois, ele se enrolou no colo de Layla e dormiu o caminho todo para recarregar as baterias. A transformação no Hulk havia esgotado suas energias.

Abri a porta e Tyrius pulou para fora correndo até o elfo.

– Cara, você acabou de perder a luta de zumbis do ano!

– Luta de zumbis? – Gareth caminhou até o carro quando Layla e eu saímos. Ele me observou, seus olhos analisaram minha calça jeans, a blusa e o rosto sujo. A luz projetava uma sombra sobre o rosto do elfo, tornando-o misterioso e supersexy. Seus cabelos castanhos escuros apareciam sob o

chapéu, que escondia aquelas lindas orelhas pontudas. Eu queria mordiscá-las.

A preocupação marcou suas feições.

– Não se preocupe – eu disse. – Não é meu sangue – Eu lhe dei um sorriso. – É uma longa história – Abri a porta do passageiro de trás. – Você pode me ajudar com essa mulher? Ela não parece, mas é pesada.

– Além de louca – lembrou Layla, cruzando os braços. – Ela estava prestes a se matar se Rowyn não a tivesse impedido. Uma maluca completa.

Gareth se inclinou para dentro do carro.

– O que você fez com ela? – perguntou ele se afastando.

Dei de ombros.

– Talvez eu a tenha nocauteado *sem querer*.

O elfo olhou para mim com os olhos arregalados.

– Você a nocauteou acidentalmente?

– É isso mesmo. Eu tropecei e, sem querer, fechei o punho e, sem querer, bati na cabeça dela.

Tyrius gargalhou.

– Essa foi boa.

– Obrigada – Fiz uma reverência.

Gareth levantou uma sobrancelha, em seguida, estendeu a mão, puxou cuidadosamente a mulher para mais perto e a levantou em seus braços. A cabeça dela se inclinou para trás nos braços grandes e fortes dele. Eu estava totalmente excitada com a força dele, mas também com um pouco de inveja por não ser eu quem estava em seus braços. Parecia confortável.

Franzi a testa.

– Você está fazendo parecer que é fácil demais – Layla e eu praguejamos, suamos e a arrastamos muito para subir as escadas com ela e sair do templo. Não ajudou o fato dela estar nua.

– Apenas abra a porta – Gareth caminhou em direção à porta lateral da igreja como se não estivesse carregando o peso de outro ser humano em seus braços.

– Eu abro a porta – disse Layla enquanto corria na frente do elfo com uma desenvoltura que não deveria ser possível com aqueles saltos de 15 centímetros.

– Vamos, preguiçosa – disse Tyrius, enquanto avançava para alcançar Gareth.

Quando cheguei à porta, o padre Thomas já estava lá, segurando-a aberta para o elfo.

– Apresse-se – insistiu o padre enquanto olhava para a vizinhança, embora eu não soubesse quem estaria acordado a essa hora observando a igreja.

O padre olhou duas vezes para o meu estado, mas não para Layla, porque ela tinha conseguido limpar misteriosamente o sangue do rosto e das roupas durante a viagem de carro até aqui. Eu, bem, eu parecia uma figurante de um filme de zumbis de quinta categoria, aqueles que são os primeiros a morrer, você sabe quem são.

– Você deveria ter visto o estado do outro cara – eu disse, sorrindo e esperando melhorar o clima. Ele não sorriu de volta. Agora eu me sentia uma idiota. Não é como se eu tivesse tempo para trocar de roupa e tomar um banho. Eu ia ter que ficar cheirando a tripas de zumbi. Bom pra mim.

Sentindo-me um pouco constrangida, limpei minhas botas na grama. Era o melhor que eu podia fazer.

Todos entramos, e o Padre Thomas nos levou para os fundos e para o andar superior, onde ficavam os escritórios. O padre estava praticamente correndo, e fiquei muito curiosa quando ele nos conduziu para dentro do seu escritório, fechou a porta e a trancou.

– Coloque-a aqui – O padre Thomas puxou uma de suas cadeiras estofadas com uma almofada volumosa de couro marrom. Sua expressão era sombria.

Gareth fez o que o padre instruiu e deitou a mulher inconsciente na cadeira, tomando cuidado para não puxar o cobertor que escondia sua nudez. Nos aglomeramos em volta dela enquanto sua cabeça continuava a balançar para o lado. Ela ainda estava muito inconsciente. Devo ter batido nela com mais força do que imaginava. Foi mal.

O elfo estendeu a mão e apertou a minha. Eu apertei a dele de volta.

– Vou precisar fazer algumas perguntas a ela – disse o padre. Sua expressão era tensa, e ele ficava enrolando e desenrolando os dedos. Eu nunca o tinha visto tão agitado. Ele sempre foi calmo e controlado e, se eu fosse adivinhar, ele parecia um pouco assustado. Não gostei disso.

– Não tem problema – Antes que eu pudesse impedi-la, Layla deu um tapa no rosto da mulher, agarrou seus ombros e a sacudiu com força.

– Acorde! Acorde ou eu vou te bater de novo.

Isso ajudou.

Os olhos da mulher se abriram, embora seu olhar estivesse distante e sem foco. Ela piscou algumas vezes e, quando seus olhos se fixaram em mim, ela franziu a testa.

Eu sorri para ela.

– Aí está você. Você tirou um bom cochilo?

A mulher me encarou e depois olhou ao redor da sala.

– Onde estou?

– Em um lugar seguro – disse o padre Thomas. Ele pegou uma cadeira idêntica, colocou-a na frente dela e se sentou, inclinando-se na borda da cadeira.

– Qual é o seu nome?

A mulher se mexeu na cadeira e deu uma risada breve.

– Você vai se arrepender – Ela passou os olhos por todos nós. – Vocês estão todos mortos. Eles virão atrás de vocês agora. Aguardem.

– Que legal – Me aproximei até ficar bem acima dela e me inclinei. – Que tal você responder às perguntas do padre bonzinho antes que eu dê outro tapa na sua cara?

– Isso mesmo – disse Layla enquanto soprava uma grande bolha de chiclete rosa. A bolha estourou. – Faça o que ela disse.

– Preciso ver isso de perto – Tyrius riu e pulou na mesa do padre Thomas para ver melhor.

– Não vou dizer nada a você – A mulher deu um sorriso distorcido, e seus olhos estavam focados e brilhantes. – Você terá que me matar.

– Certo. E terminar o trabalho para você? Nem pensar – Eu sabia que a morte dela significava algo, um feitiço ou algum ritual, mas não tinha certeza do quê. De qualquer forma, eu não estava disposta a ajudar. Cruzei os braços. – Gareth, se você quiser tentar.

Layla deu um passo para trás quando o elfo tirou a mão direita de dentro do paletó. Um pó rosa-claro jorrava de seu punho fechado.

Os olhos da mulher se arregalaram ao ver o pó élfico.

– O que é isso?

– Pó da verdade – respondeu o elfo.

– Fique longe de mim – Ela se recostou na cadeira, parecendo que estava se preparando para fugir. O que era uma ideia idiota, porque eu a impediria.

Sua confiança foi substituída pelo medo, e ela se inclinou para frente na cadeira.

Movimentando o pulso rapidamente, Gareth jogou o pó sobre a mulher.

O pó rosa caiu sobre ela como uma explosão de pó de fada. A mulher agitou os braços no ar e em volta do rosto na tentativa de escapar do pó. Tarde demais.

Ela tossiu várias vezes. Em seguida, recostou-se na cadeira com os olhos fechados e o rosto contorcido. Quando ela abriu os olhos novamente, sua expressão estava vazia e seus olhos distantes, como se ela estivesse em um estado hipnótico, olhando para algo que não estava lá.

– Qual é o seu nome? – repetiu o padre Thomas depois que Gareth fez um aceno de cabeça encorajador.

A mulher se mexeu como se estivesse tentando se lembrar de algo.

– Cynthia.

– É um prazer conhecê-la Cynthia – disse o padre Thomas, com a voz controlada, embora seus ombros estivessem tensos. – Você pode me dizer o que estava fazendo no templo dos necromantes está noite?

– Eu estava me oferecendo à Morte – disse Cynthia, com a voz calma e controlada, como se estivesse comentando sobre os belos móveis do padre Thomas.

Mas o fato dela ter se oferecido livremente como um sacrifício não foi o que fez minha pressão subir. Mas a maneira como ela se referiu à morte, como se *a morte* fosse uma coisa ou uma pessoa, foi muito perturbador.

O padre se aproximou.

– Por quê? Por que você faria isso, Cynthia? Toda vida é preciosa. Toda vida tem um propósito.

Cynthia piscou os olhos.

– Minha vida tem um propósito. Oferecê-la à Morte. Foi por isso que nasci.

Que horror. Olhei de soslaio para Gareth. Sua sobrancelha arqueada me disse que ele estava tão no escuro quanto eu.

O padre Thomas respirou fundo.

– Você pode me dizer o que teria acontecido se você tivesse oferecido sua vida esta noite?

Cynthia deu algumas piscadas lentas.

– Deixe-o interromper o fluxo da vida. Para iniciar o fluxo da morte. Que a Passagem comece – disse ela com uma voz monótona. – Que ela comece no fluxo do rio, da vida e da morte. O sangue será derramado. A morte será eterna e o equilíbrio será restaurado. Assim será.

– Mais uma vez com essa conversa mole – murmurou Tyrius. – Faltam-lhe alguns parafusos bem grandes naquela cabeça bem vazia.

O padre observou seu rosto, e percebi que ele sentia pena dela.

Me aproximei mais.

– Pergunte a ela o que significa 'A Passagem'.

– Cynthia – disse o padre Thomas. – Você pode me falar sobre essa passagem? O que é exatamente? O que ela significa?

Cynthia olhou fixamente para o padre.

– Eu não deveria contar.

O padre olhou para Gareth.

– O seu pó ainda está funcionando?

– Sim – Gareth se inclinou e deu uma olhada mais de perto em Cynthia. – Eu lhe dei uma grande dose. Ela deveria estar muito disposta a responder às suas perguntas. Pode ser apenas uma emoção reprimida. Ou talvez eles tenham colocado um bloqueio nessa parte. Mas isso é muito difícil de fazer.

– Pergunte a ela novamente – insisti, esperando que um pouco mais de incentivo soltaria sua língua. Não tínhamos lutado contra uma manada de cadáveres em decomposição à toa.

O padre se virou e encarou a mulher.

– Cynthia. Sou seu amigo. Os amigos contam tudo uns aos outros. Não é mesmo? – disse ele com um sorriso enorme e sincero. Ele estendeu a mão e segurou as mãos dela. – Eu sou seu amigo, Cynthia. E você é minha amiga. Então, veja… você pode me contar.

Legal. Parece que o padre já havia feito isso antes.

– Sim – disse Cynthia. – Você é meu amigo.

Quase soltei uma gargalhada quando percebi que Layla olhava para o padre como se nunca o tivesse visto antes.

O padre Thomas hesitou.

– Isso é ótimo, Cynthia. Você está indo muito bem. Agora, me conte sobre a Passagem. O que você quer dizer com isso?

Os lábios de Cynthia se entreabriram e ela disse:

– A Passagem começará quando toda a vida deixar de existir. A vida passará para a morte. Então haverá equilíbrio.

Balancei a cabeça.

– Eu ainda não entendi.

– Eu também não – Tyrius se esticou sobre a mesa. – Estou com fome. Você tem alguma coisa para comer neste lugar? – Ele abriu a boca de novo,

mas a fechou diante do meu olhar.

O padre Thomas olhou para mim.

– Deve ser apenas o trajeto que todas as vidas devem fazer quando morrem. É nisso que a maioria das religiões acredita. A passagem da vida para a morte.

– Hum, talvez – Eu não tinha tanta certeza. Estava mais inclinada a pensar que era mais sinistro do que isso. Estávamos falando de necromantes, um grupo de humanos psicopatas que ressuscitava os mortos.

O padre voltou sua atenção novamente para a mulher.

– Cynthia, quem disse que você não deveria contar?

Cynthia engoliu em seco e disse:

– O necromante Superior. Lorde Krull.

Franzi a testa. *Lorde Krull*. Nunca tinha ouvido desse nome. Mas, por outro lado, eu não sabia muito sobre os necromantes.

– É ele quem está encarregado dos outros? Foi ele que pediu que você se sacrificasse? – perguntou o padre Thomas.

Cynthia assentiu com a cabeça.

– Sim.

Me aproximei para ficar acima de Cynthia.

– O necromante Superior é aquele a quem você se referiu anteriormente como a Morte? – Achei que seria mais fácil se eu perguntasse diretamente a ela.

– Não – respondeu à mulher, senti um calafrio subir pela minha espinha e se instalar no meu pescoço.

– A morte é uma pessoa? – Perguntei novamente. Talvez ele estivesse acima desse necromante Superior, aquele que dava as ordens.

Cynthia balançou a cabeça lentamente, com as sobrancelhas franzidas.

– Não.

Olhei para o padre, que estava franzindo a testa, antes de me voltar para Cynthia.

– O que *é* a Morte?

Cynthia ficou quieta e depois piscou.

– A morte é o mestre. A morte é tudo.

– Ótimo – Esfreguei meus olhos com as mãos. Eu sabia que havia algo ali, ou era algo que ela não podia nos contar porque não sabia ou porque ela não entendia.

– Cynthia – O padre Thomas apertou as mãos dela. – Por que os necromantes mataram o padre Martin? Será que ele sabia algo sobre eles? Um segredo, talvez?

– Não sei – disse a mulher, franzindo a testa.

Gareth me olhou de relance, com as sobrancelhas baixas e cético, e eu dei de ombros. Eu sabia o que ele estava pensando, que talvez isso fosse uma grande perda de tempo. Talvez eu devesse ter dado ouvidos à Layla e, em vez disso, ter agarrado o necromante.

– Ela não está exatamente nos ajudando – Layla apoiou as palmas das mãos na escrivaninha. – Talvez devêssemos tê-la deixado lá.

Parte de mim concordava com ela. Mas a outra parte ainda precisava de respostas.

Ajoelhei-me ao lado de Cynthia e toquei seu braço, imitando a maneira gentil do padre.

– Cynthia. Você sabe o que os necromantes querem? O que eles querem acima de tudo?

A mulher sorriu pela primeira vez.

– Sim.

Que bom! Estávamos chegando a algum lugar.

O padre Thomas voltou sua atenção para mim e fez um gesto para que eu continuasse com minha linha de perguntas.

– Isso é ótimo, Cynthia – eu disse, tentando suavizar minhas feições no que eu esperava ser um olhar amigável. – Você pode me dizer o que é? Acho que me esqueci –Tyrius me lançou um olhar e eu dei de ombros. Eu tinha que tentar alguma coisa.

– Cumprir a profecia – respondeu à mulher.

Eu gemi com os dentes cerrados. Você poderia pensar que eu ficaria feliz com essa resposta. Mas não fiquei. Qualquer coisa relacionada a profecias geralmente resultava em muitas vidas perdidas e um ou dois idiotas que acreditavam ser o “escolhido”. A noite estava ficando cada vez melhor.

Lambi meus lábios.

– Cynthia. Qual *é* a profecia?

Os olhos cor de avelã da mulher encontraram os meus e ela disse:

– O Andarilho da Morte derrubará o véu entre a vida e a morte. Então, os mortos ressuscitarão.

Que ótimo.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, nós invadimos o templo dos necromantes. E quando digo “nós”, refiro-me a mim, Tyrius, Layla, Gareth, padre Thomas e dez de seus Cavaleiros Celestiais. Eu não esperava encontrar os necromantes lá, e disse isso ao padre Thomas. Mas ele estava agindo sob as ordens da igreja, e eles queriam derrubar esses falsos adoradores.

Como eu esperava, os necromantes haviam desaparecido. Passamos duas horas percorrendo todas as salas e os túneis subterrâneos que Tyrius havia descoberto por meio de uma passagem escondida, encontrando apenas o que restou dos zumbis que havíamos matado, alguns ratos e aranhas e muitas e muitas moscas. Que nojo.

Os necromantes haviam levado todas as evidências. Não havia mais papéis, livros, taças de ritual ou mesmo uma única vela. Eles haviam limpado o local. Gareth estava espalhando seu pó élfico nos corrimões e maçanetas à procura de impressões digitais. Se um desses necromantes já tivesse sido preso antes, ele ou ela estaria em qualquer um dos sistemas, humano ou dos nascidos-anjo. Mas até agora seus esforços tinham sido inúteis. Nada. Os necromantes eram meticulosos e organizados. Isso me disse que essa não era a primeira vez que eles saíam com pressa.

Os Cavaleiros Celestiais insistiram em tirar fotos e catalogar tudo. Layla e eu fizemos o mesmo, em parte porque não queríamos parecer que não estávamos ajudando, mas também precisávamos documentar o caso que eu havia aberto.

– Terminei de fazer minha ronda – disse Tyrius.

Desviei o olhar do altar que estava investigando, que era a única evidência que os necromantes não levaram. Provavelmente porque ele pesava al-

gumas centenas de quilos.

– Sua ronda? – perguntei.

O gato siamês veio em minha direção, com o rabo para cima, e pulou no altar.

– É isso mesmo. Eu marquei todas as portas, todos os cantos, todos os recantos deste lugar nojento com o meu cheiro.

Levantei uma sobrancelha.

– Tyrius. Você fez xixi nas coisas dos necromantes?

Ele sorriu.

– Você pode apostar que sim. Duas vezes.

Soltei uma gargalhada, o que me rendeu alguns olhares bastante desagradáveis de alguns sacerdotes que estavam investigando algumas das runas e gravuras no chão. Eu já havia tirado fotos dessas marcas e as examinaria mais tarde. Não havia necessidade de me aproximar muito dos sacerdotes que haviam apontado suas espadas para mim. Eu não me esqueceria disso.

O gato lambeu sua pata e começou a esfregar seu rosto.

– Acho que os padres não gostam muito de nós.

– Temos isso em comum – eu disse, dirigindo meu olhar para eles.

O rosto do padre Peter ficava permanentemente fechado quando eu estava por perto. Ele estava ao lado do padre Thomas e longe dos outros padres, pela expressão dura no rosto do padre Thomas eles estavam tendo alguma discussão acalorada.

– Não me importo com o que eles pensam. Eu me importo com o que o padre Thomas pensa – O padre Thomas era meu amigo e aliado. Eu faria praticamente qualquer coisa por ele. O padre Peter? Bem, ele poderia beijar a minha, você sabe o que.

– Você acha que a Cynthia vai ficar bem? – A voz de Tyrius era baixa. – Quero dizer… eu sei que ela está muito confusa, mas talvez com algum aconselhamento ela possa ficar bem.

Olhei para o gato e guardei meu celular no bolso.

– Não sei. Ela parecia ter sofrido uma lavagem cerebral. Alguém com uma convicção tão forte sem a ajuda de drogas ou magia me diz que ela foi doutrinada em uma idade muito jovem. Possivelmente durante toda a sua vida. Mas com o padre Thomas cuidando dela, eu diria que ela tem uma boa chance de melhorar – Era o que eu esperava.

O padre Thomas havia me informado que ele e a igreja cuidariam de Cynthia. Ele disse que daria a ela o melhor tratamento possível, seja lá o

que isso significasse. Eu não confiava nos outros Cavaleiros Celestiais, mas confiava no padre Thomas. Eu sabia que ele faria o melhor que pudesse para ajudar aquela pobre mulher, embora parte de mim achasse que já era tarde demais para isso.

O gato sentou-se no altar e inclinou a cabeça.

– Bem, pelo menos não foi um fracasso total. Ela nos disse o nome do necromante Superior e essa suposta profecia em que eles acreditam. É melhor do que nada.

– É verdade – Suspirei e olhei para Gareth, que agora estava espalhando um pouco de pó dourado no chão perto do grupo de sacerdotes com um sorriso estranho no rosto. Ele me viu olhando e deu uma piscadela. Elfo malandro. Ele só estava fazendo isso para irritá-los. Eu poderia beijá-lo agora mesmo.

– Bom. Definitivamente, não está tão frio quanto antes – observou o gato. – Por que você acha que isso acontece?

– Acho que é uma ligação direta com a magia deles – Eu não tinha certeza, mas fazia sentido. – Agora que eles se foram e levaram a maior parte de seus suprimentos mágicos, ou o que quer que usem para conjurar sua magia da Morte, a temperatura do templo voltou ao normal – Eu ainda podia sentir alguma magia residual, mas pouca. Os necromantes tinham ido embora há muito tempo.

– Para onde você acha que eles foram?

– Não faço ideia – Meu olhar voltou para o padre Thomas, que havia ficado mais vermelho e parecia que estava prestes a arrancar o colarinho clerical do padre Peter. – Talvez valha a pena conversar com Cynthia. Poderíamos perguntar a ela.

– Pessoal! – Layla desceu correndo os degraus, o que ela fez parecer fácil e sexy. Todos os padres se viraram para ela. Ela olhou para eles quando chegou ao final da escada e lhes mandou beijos e acenos com os dedos.

– O quê? – Perguntei, vendo Gareth vindo em nossa direção.

O rosto de Layla estava corado quando ela me alcançou.

– Lá fora. Encontrei algo muito estranho.

– Mais estranho do que este lugar?

– Ah, sim – Layla estreitou os olhos. – Mas você precisa vir ver.

O elfo se aproximou de nós.

– O que foi? – Ele estava com as mãos nos bolsos, estudando Layla com olhos calmos e inteligentes.

– Há uma trilha na floresta – disse Layla. – As árvores estão marcadas com símbolos estranhos e algumas têm amuletos assustadores pendurados em seus galhos.

– Para onde o caminho leva? – perguntou Gareth.

Layla balançou a cabeça.

– Eu não sei. Não consegui chegar tão longe.

– Já é um começo – Olhei para Tyrius e Gareth. – Vamos dar uma olhada.

Fiquei feliz com o ar fresco quando nós quatro saímos do templo. Qualquer coisa era melhor do que o ar podre e estagnado do templo.

– Onde, Layla? – Perguntei, abrindo caminho pela grama alta.

– Aqui – Layla correu para a primeira linha de árvores diretamente atrás do templo. – Aqui. Por aqui – insistiu ela, e todos nós fomos atrás dela.

Assim que atravessamos a primeira linha de árvores, vi a trilha. Era difícil, e qualquer um poderia ter passado despercebido se não estivesse olhando, mas era definitivamente uma trilha. Havia pedras aqui e ali, mas a maior parte era de terra batida. O caminho nos levou para baixo de uma longa fileira de bétulas e freixos, com os galhos baixos que puxavam meu cabelo algumas vezes. Depois de dois minutos, o caminho se tornou mais óbvio, ele foi claramente definido como uma rota e não como um caminho de vida selvagem.

Quanto mais fundo íamos, mais escuro ficava, e parecia que já era tarde da noite em vez de apenas onze da manhã. O ar estava mais fresco e notei que não conseguia ouvir nenhum cantar dos pássaros ou gritos de esquilos furiosos nos repreendendo por estarmos em seu território. Eu sempre soube que deveria confiar nos animais. Se eles não vinham para essa parte da floresta, isso só podia significar que tinham medo dela. O mal estava à espreita aqui.

Afastei alguns galhos do meu rosto e continuei na trilha que conseguia ver enquanto Layla nos conduzia. Ela havia trocado seu traje rosa e preto por um todo preto de couro, ele parecia pintado em seu corpo, como um macacão de couro de uma peça só. Ela usava as mesmas botas de salto alto, mas não tropeçou nenhuma vez. A mulher era um milagre ambulante de salto alto.

O ar se intensificou com uma súbita energia fria e raivosa, parecida com energia que eu havia sentido no templo. Meus sinais de alertam soaram.

– Ali – disse Layla, apontando para algo pendurado em um galho.

Me aproximei dela e olhei mais de perto. Um boneco de palito estava pendurado em uma corda fina. A figura era feita de corda e ossos, ossos realmente minúsculos, e torcidos para parecer uma pessoa. Seus membros estavam retorcidos e tinha um nó representando a cabeça, sem feições. Pequenas runas foram pintadas nela em marrom, que parecia perturbadoramente com sangue seco.

– Assustador – eu disse, olhando para o estranho boneco de osso semelhante a um boneco de vodu. Eu não imaginava que os necromantes praticassem vodu ou algo semelhante, mas, por outro lado, eu ainda não sabia quase nada sobre eles.

Gareth encostou em meu ombro.

– Parece vodu.

Meus olhos encontraram os do elfo.

– Você acha que os necromantes estão fazendo vodu?

O elfo deu de ombros.

– Não sei, mas você não o coloca em exposição assim só para os pássaros.

– Se você acha isso assustador… você vai adorar isso.

Me virei quando ouvi o tom de voz de preocupação de Tyrius e olhei para o que o gato estava apontando.

– Caramba – Uma seção inteira das árvores estava coberta com aqueles bonecos assustadores, parecia enfeites em uma árvore de Natal na versão pesadelo. O que era pior do que assustador? Sinistro. Havia algo de sinistro nesses enfeites. Peguei meu celular e tirei algumas fotos para mostrar ao padre Thomas mais tarde. Ele gostaria de saber sobre isso.

– Eu disse que era estranho – Layla se aproximou de uma árvore com a mão estendida como se quisesse tocá-lo.

Prendi a respiração.

– Não toque nisso! – Eu gritei e peguei sua mão de volta. – Pode estar amaldiçoado ou algo assim.

Tyrius espirrou e balançou a cabeça.

– Sim. Poderia transformar você em um fantoche necromante.

A ideia de minha irmã acabar como um desses zumbis fez com que a bile subisse em minha garganta. Isso nunca iria acontecer. Nunca.

– Talvez seja um aviso? – disse o gato. – Para assustar os humanos desmiolados?

– Bem, o que quer que sejam, é esquisito. Vamos continuar – Saquei minha lâmina da alma e segui em frente. Agora eu estava liderando o grupo. Se algo maligno estivesse lá fora, eu queria ser a primeira coisa que ele veria antes de cortar sua cabeça.

Depois de cinco minutos caminhando pelas árvores e arbustos em uma trilha que mal existia, Layla parou e deu meia-volta.

– Eu fui até aqui.

Me virei, vendo apenas mais árvores e mais daqueles assustadores bonecos dos necromantes.

Tyrius roçou em minha perna.

– Para onde você quer ir? Você quer voltar?

– Não. Vamos continuar – eu disse a eles. – Você não decora um caminho como esse se ele não leva a algum lugar.

– É verdade – respondeu o gato. – Vamos lá, pessoal. Vamos seguir a estrada assustadora de boneco vodu! – Tyrius avançou como um cão de caça em busca de um cheiro.

Eu segui o gato com Layla logo atrás de mim e Gareth na retaguarda. Eu não tinha ideia de para onde estávamos indo ou o que poderíamos esperar quando chegássemos ao final, se é que havia um fim. Também não estávamos exatamente preparados para uma caminhada na floresta. A última coisa de que eu precisava era que nos perdêssemos.

Quanto mais nos aprofundávamos, mais sinistra ficava a floresta. Era quase como se ela tivesse olhos, como se estivesse nos observando e não gostasse do que via. Sem os sons naturais de animais e insetos, era como se a floresta estivesse prendendo a respiração em antecipação ao que aconteceria em seguida.

Uma luz surgiu ao nosso redor. A densidade da floresta diminuiu e entramos em uma clareira de grama alta.

No meio da clareira havia um celeiro feito de madeira velha e desgastada pelo tempo, com duas grandes portas na frente e sem janelas. Era o lugar ideal para você esconder algo, longe de olhares curiosos. Talvez uma arma.

– O que você está pensando? – Os olhos azuis de Tyrius brilharam para mim.

– Os necromantes estão escondendo algo. Precisamos ver o que há lá dentro.

– Rowyn, espere! – gritou Gareth, mas eu já estava correndo pelo campo.

A imagem do padre Thomas morto me deu uma descarga de adrenalina. Eu *não* deixaria isso acontecer. Qualquer que fosse a arma que estivesse ali, eu a destruiria. Você pode apostar.

Corri pela grama alta, feliz por estar fora da floresta densa, com a brisa soprando no meu cabelo.

Meu coração estava batendo contra o peito quando cheguei ao celeiro. As portas estavam trancadas com um simples ferrolho de ferro. Inclinei minha lâmina da alma, que ainda estava na minha mão direita, e coloquei minhas mãos no trinco. Mas uma mão forte me afastou.

– O que há de errado com você? – O rosto de Gareth estava contorcido de raiva e medo. – Não sabemos o que há lá dentro.

Minha raiva explodiu, mas ela sumiu diante do medo real que vi em seus olhos. Medo por mim.

– Eu sei… eu só… tá bom, não fui inteligente – Ele me pegou de jeito.

Tyrius apareceu.

– Você é uma mulher muito louca! – gritou o gato. – Em um segundo estou cercado de grama e no outro você desaparece. Não faça isso de novo. Você me deu um susto danado.

– Desculpe.

O rosto de Layla estava corado quando ela chegou até nós, o que a deixou ainda mais bonita.

– Acho que vou ter de comprar botas novas…

Um som de algo raspando veio de dentro do celeiro. Havia alguma coisa lá dentro.

Nós quatro demos um pulo para trás e paramos.

Tentei ouvir para ter uma noção do que havia ali. Poderiam ser animais de fazenda. Cabras? Talvez até ovelhas?

– Não se trata de animais – disse o gato, lendo meus pensamentos com o nariz levantado no ar, suas narinas estavam dilatadas.

Layla apontou sua lâmina para as portas do celeiro.

– Você acha que há zumbis lá dentro?

Bem observado. Olhei para Gareth, meu coração se apertou ao lembrar da dor que vi ali.

– Se eu fosse eles – eu disse, baixinho. – Também acharia um bom lugar para escondê-los.

Tyrius deu mais uma cheirada.

– Não estou sentindo cheiro de carne podre fresca – disse o gato. – Mas isso não significa que não sejam eles.

Naquele momento, vários gemidos familiares veio de dentro do celeiro.

Zumbis.

Mudei de posição.

– Vocês ouviram isso? Não podemos deixar um celeiro cheio de zumbis.

– Não, não podemos – Gareth foi até as portas e colocou a mão no trinco.

– Prepare-se.

Juntos, Layla e eu assumimos posições defensivas, enquanto Tyrius se agachou ao lado de Gareth.

– Agora! – Com um movimento rápido para cima, Gareth levantou o trinco, abriu as portas do celeiro e deu um passo para trás.

Eu corri para a frente, pronta para destroçar alguns cadáveres, e congelei.

O problema é que eles não eram zumbis.

Era um grupo de pessoas reunido no celeiro, talvez quarenta ou mais. Algumas se viraram ao ouvir o som das portas do celeiro se abrindo e outras estavam olhando para o outro lado. Algumas estavam de lado, com a cabeça apoiada nas paredes.

Fiquei olhando, incapaz de me mover por um momento, com uma sensação de pavor percorrendo meu corpo.

Os que me encaravam olhavam com expressões distantes e sem graça, como se a pessoa que eles haviam sido tivesse sido apagada. Eles me observavam com os mesmos olhos do padre Martin, os mesmos olhos amarelos.

Suas almas haviam sido tomadas.

CAPÍTULO II

— Bolas demoníacas – praguejou o gato, com o pelo das costas eriçado. – Eles não têm alma. Eles não têm alma, Rowyn!

Eles não têm alma, repeti em minha cabeça, tentando entender o que estava vendo.

Passei os olhos pelo celeiro. Cada um deles tinha os olhos amarelos. Engoli em seco, uma sensação de náusea se instalou em meu estômago.

Todas essas pessoas, esses seres humanos inocentes, foram roubados, foi tirado deles o que eles tinham de mais precioso, seu espírito, sua individualidade, suas almas.

Uma mistura de raiva e medo percorreu meu âmago.

– Mas… como isso é possível? Como é possível que eles ainda estejam vivos?

A imagem do padre morto apareceu em meus pensamentos. Eu não sabia que uma pessoa podia viver sem alma. Sempre pensei que uma vez que a alma fosse removida, era uma sentença de morte. O corpo e a alma andavam juntos. O corpo era como uma máquina, e a alma era a energia que a operava. A bateria. Sem a energia, a máquina era inútil.

Mas essas pessoas estavam vivas. Eu podia ver o peito delas subindo e descendo a cada respiração. Isso não poderia ser real… poderia? Como eles poderiam estar aqui vivos, mas sem alma? Não fazia sentido.

– Eu não chamaria isso de vivo – Gareth entrou no celeiro, com o rosto preocupado e cheio de horror, enquanto inspecionava um homem de trinta anos sem se aproximar demais ou tocá-lo.

Layla olhou para dentro.

– Parece que eles estão dormindo.

– Ou em coma – disse o gato. Ele cheirou a perna de uma jovem loira. – Uma coisa é certa. Eles têm o cheiro de necromancia por toda parte.

Respirei fundo e tentei controlar minha frequência cardíaca. Não podia deixar que o medo ou a raiva pensassem por mim.

Passei por Layla e entrei no celeiro, indo em direção a uma senhora idosa que lembrava minha avó. Estalei meus dedos em seu rosto. Ela nem sequer se mexeu. Ou piscou. Era como se eu nem estivesse lá. Era quase como se ela estivesse cega, mas não estava.

– Talvez isso seja outra coisa. Um feitiço? Uma maldição?

– É uma maldição mesmo – disse o demônio baal. – Uma maldição de necromante que tomou a alma dessas pessoas, é isso. A humanidade delas foi roubada. Agora são apenas cascos vazios, vasos.

Observei enquanto a velha se afastava de mim, com seus olhos amarelos distantes e o rosto inexpressivo.

– Mas como, Tyrius? Você sabe tão bem quanto eu que ninguém pode viver sem sua alma. Uma vez que a alma é removida, você está morto. O corpo morre. Ele murcha e se reduz a nada. Mas isso… essas pessoas estão *vivas*.

O gato voltou seus olhos azuis para mim.

– Não sei o que dizer a você. É como se eles estivessem em um estado de sonambulismo perpétuo ou algo assim – O gato saltou e correu pelo celeiro, parando e farejando todos, um de cada vez.

– E eles estão apenas… – Olhei ao redor do celeiro para eles. Eles eram todos diferentes em tamanho, gênero e etnia. Não havia nada remotamente semelhante nessas pessoas, exceto o fato de serem todos humanos. – Eles estão apenas parados aqui. A porta está aberta. Mas nenhum deles sequer olhou para a saída. Nenhum deles fez questão de sair – Eu não queria dizer isso, mas disse. – É como se eles estivessem esperando.

– Esperando o quê? – Gareth olhou para mim.

– Não sei, mas não pode ser bom.

Tyrius se afastou.

– Bem, eles são todos humanos. Não estou sentindo nenhuma vibração de híbrido ou de anjo. Portanto, sabemos que os necromantes estão usando apenas humanos.

– Por enquanto – Seja lá o que eles estavam tramando, eu não achava que eles parariam nos humanos. Por que parar por aí?

– Por que os necromantes estão mantendo eles aqui assim? – Layla embainhou sua lâmina. A raiva crescente tornou sua voz mais clara, se não mais alta. – Isso é doentio.

– É isso mesmo – concordou o gato, sentando-se no chão do celeiro e enrolando a cauda nos pés. – Isso está me dando calafrios – Ele estremeceu como se estivesse tentando tirar água do seu pelo.

Soltei um longo suspiro.

– Não sei porque ou como os necromantes pegaram suas almas e os deixaram vivos – eu disse, ainda sem entender como isso era possível, embora eles estivessem diante de mim. – Mas eles os colocaram aqui por algum motivo, para escondê-los.

Tyrius abanou a cauda.

– Então eles saíram com pressa e deixaram esses pobres coitados para trás?

Um pensamento me ocorreu.

– Se eles os mantiveram vivos e os esconderam, isso significa que são importantes. Importantes o suficiente para mantê-los longe de todos. O que significa que… – Um sorriso apareceu em meu rosto. – Eles voltarão. Os necromantes voltarão aqui para buscá-los.

As orelhas de Tyrius giraram sobre sua cabeça.

– Você está pensando o que eu estou pensando.

Meu sorriso se alargou.

– Emboscada.

– Agora você está falando a minha língua – disse o gato.

– Vamos esperar por eles – eu disse, vendo isso claramente em minha mente. – E quando eles aparecerem… nós os derrubaremos – Ou os mataremos. Não me importava. Eu queria que eles morressem depois de ver isso. Isso era doentio, perverso. Ninguém deveria ter permissão para tratar as pessoas dessa forma. Ninguém.

Percebi um movimento atrás de mim e me virei para encontrar um garoto de cerca de dez anos vindo em minha direção. Inspirei por entre os dentes.

– Ah, não.

O garotinho se aproximou, talvez impulsionado pelo som da minha voz. Seus olhos estavam amarelos, como os de todos os outros, e seu rosto era pálido e tinha uma expressão distante, senti um aperto no coração. Ele pa-

rou cerca de um metro e meio de mim e cambaleou por um momento. Depois se virou e ficou olhando para o teto ou para algo que só ele podia ver.

Senti meus olhos arderem enquanto minha raiva voltava à tona.

– Não podemos deixar que eles se safem depois disso. Isso não está certo.

Senti uma mão na parte inferior das minhas costas.

– Eles não vão – disse Gareth ao se aproximar de mim, deixei que o calor de sua mão me acalmasse por um momento. – Eles vão pagar por isso. Eu juro.

Me virei ao ouvir o ódio em seu tom de voz. Seu rosto tinha um tom sombrio, e eu podia ver a fúria que ardia em seus olhos.

– Pelo menos eles não estão nos atacando – Tyrius se levantou e foi cheirar o garoto. – Pelo menos eles não são zumbis.

Mas eu não tinha certeza do que era pior. Ser uma coisa morta-viva ou uma coisa viva em coma. Isso era uma grande confusão.

– Algo está acontecendo.

Me virei ao ouvir o alerta na voz de Tyrius.

– O que foi?

O pelo do gato se eriçou em suas costas até ficar todo levantado ao redor dele. Suas narinas se dilataram, absorvendo um cheiro, e suas orelhas se achataram na cabeça.

– Sinto cheiro de necromantes.

E então, todos eles, jovens e velhos, todos se voltaram e fixaram sua atenção em nós.

– Isso não pode ser bom – respirei fundo.

Tyrius deu um passo para trás da pessoa que estava cheirando.

– Uh, Rowyn. É impressão minha ou todas essas pessoas de olhos amarelos simplesmente *se ligaram*? Como se alguém tivesse ligado os interruptores?

– Tyrius, afaste-se deles – Minha voz estava carregada de tensão, enquanto eu persuadia o gato com a mão livre e mantinha a atenção nas pessoas de olhos amarelos, caso uma delas saísse da linha e decidisse agarrar meu amigo peludo. Relaxei um pouco assim que o gato estava seguro atrás de mim, mas não tanto.

Veja bem, havia algo assustador em um ghoul se banqueteando com um cadáver velho, e então havia isso, um celeiro cheio de pessoas sem alma e

de olhos amarelos, todas olhando para nós ao mesmo tempo, com as mesmas expressões sem graça, mas intencionais.

Esse foi o ponto alto de todo tipo de assustadorismo.

Abafei um calafrio.

– Sinto-me como se estivesse olhando para o meu próprio filme de terror – respirei fundo enquanto Layla e Gareth me cercaram de cada lado.

– Eles estão sendo controlados como os zumbis – disse Gareth, um pó élfico escorria de suas mãos. – Um necromante os está controlando.

– Como eu disse, alguém acabou de *apertar* os botões – miava o gato a meus pés.

– Eles são fantoches animados – Olhei para seus rostos, lamentando que estivessem sendo usados dessa forma. – O necromante que os está controlando não pode estar tão longe – Era uma suposição, mas parecia se encaixar.

– Por que eles estão olhando para nós desse jeito? – perguntou Layla. Eu podia sentir a incerteza em sua voz enquanto ela se movia de um pé para o outro.

– Para nos assustar? – Foi um exagero, mas eu não tinha ideia do que estava acontecendo ou porque eles estavam parados ali nos observando.

– Está funcionando – disse o gato.

– Se os necromantes estão *controlando* essas pessoas – eu disse. – Isso significa que eles também podem ver através de seus olhos?

– Sim – O rosto de Gareth estava duro. – Eles podem nos ver.

– Está bem, então. Vamos testar a teoria de vocês – Levantei a mão e mostrei o dedo.

E todos eles nos atacaram.

Ops.

Eles se moviam com rigidez, com os braços e as pernas se contorcendo, como se estivessem lutando contra o início do rigor mortis. Suas articulações sacudiam, eles se moviam como brinquedos que não haviam sido montados corretamente. Foi a coisa mais horrível que já presenciei, e já tive minha cota de pesadelos.

– Isso responde à sua pergunta? – gritou o gato enquanto corria para fora do celeiro, arranhando as tábuas de madeira.

Mais e mais vieram em nossa direção com as mesmas expressões vazias, e eles estavam ganhando impulso.

– Pra fora! Pra fora! Rápido! – eu gritei. Eu não queria lutar com eles. Mas também não queria que eles nos matassem, que era, sem dúvida, o que os necromantes queriam fazer. Mas isso não era culpa dessas pessoas. Elas estavam sendo manipuladas, usadas.

– Saiam! – Gareth me empurrou para fora do caminho. Suas mãos pareciam um borrão, seus movimentos eram rápidos demais enquanto ele atingia o rebanho de pessoas sem alma que se aproximava com uma nuvem de pó élfico turquesa.

Recuei e corri para fora.

– Não os machuque! – Gritei quando alcancei Layla e Tyrius do lado de fora do celeiro.

O elfo disparou rapidamente nuvens pó élfico contra as pessoas sem alma sem parar, como uma arma automática. Ele ficou de pé com as pernas afastadas, com a magia élfica saindo dele como uma fonte de pó de fada.

A primeira fileira de pessoas cedeu e, em seguida, simplesmente desabou, formando uma pilha mole no chão. Depois, outra. Depois outra, até que a última pessoas sem alma caiu, empilhada sobre as demais, parecia uma pilha horrenda de cadáveres.

O medo apertou meu coração.

– Por favor, diga-me que eles não estão mortos – Olhei para o grupo empilhado um sobre o outro, Gareth estava de costas para nós, com os ombros tensos.

O coração das pessoas ainda estava batendo. Para mim, isso era considerado vivo, e eu não achava que Gareth mataria todos eles porque eles não tinham almas.

Soltando um longo suspiro, ele se virou lentamente e saiu do celeiro. Quando se virou para me olhar, seu rosto se contorceu em uma careta.

– Eles não estão mortos. Estão apenas dormindo. Isso deve segurá-los por algumas horas.

– Legal. Pó do sono – Tyrius deu uma olhada na pilha de pessoas deitadas no chão do celeiro, sem ousar entrar.

Layla colocou sua lâmina na cintura.

– Isso é uma grande confusão. Temos que contar ao padre Thomas.

– Sim. Nós temos – Fiquei olhando para o amontoado de pessoas no celeiro. Algumas estavam com os olhos fechados, mas outras eu ainda conseguia ver o amarelo. Essas pessoas eram mães, filhas, maridos e filhos de al-

guém. Essas pessoas tinham vidas. E os malditos necromantes as haviam tirado. Eles não tinham esse direito.

– Quem sabe o padre possa ajudá-los? – disse Tyrius, com a voz carregada de tristeza e os olhos azuis brilhando enquanto olhava para mim.

Eu duvidava disso. Tentei sorrir para o gato, mas não consegui. Sentia-me mal e com uma raiva febril que não conseguia controlar.

– O que faremos com eles? – perguntou Layla, com a voz calma e dura, seu rosto estava pálido. – Não podemos simplesmente deixá-los aqui. Eles precisam comer, beber água.

Dei um passo à frente.

– Bem, não podemos arriscar que eles saiam e se misturem com a população. Não até descobrirmos como isso foi feito com eles e como podemos reverter o processo. Vamos mantê-los aqui e buscar ajuda – Lutei contra a bile que subiu em minha garganta quando fechei as portas e os tranquei lá dentro. Tentei me convencer de que estava fazendo isso por eles e não por nós ou pela população. Se eles saíssem, só Deus sabe o que os necromantes os levariam a fazer.

Eu estava furiosa e cansada enquanto voltávamos pela floresta até o templo. Nós quatro estávamos quietos, todos pensando no que havíamos acabado de testemunhar.

Os pensamentos me invadiram enquanto eu tentava ordená-los. Todas aquelas almas foram tiradas daquelas pobres pessoas. Se os necromantes não sugavam as almas como os demônios, então onde elas estavam?

CAPÍTULO 12

Meu hiperplano de montar uma armadilha para os necromantes usando os desalmados no celeiro foi interrompido abruptamente quando a notícia foi divulgada.

O padre Thomas e os outros padres, horrorizados com a notícia, não permitiram que os usássemos como isca. O que, pensando bem, fazia sentido. Em vez disso, os quarenta e dois humanos desalmados foram retirados de helicóptero, sem brincadeira, e transportados para uma instalação da igreja. Eles seriam cuidados lá até descobrirmos como reverter o processo. *Se conseguíssemos* reverter o processo. Esse era um grande *"se"*.

Parte de mim não acreditava que pudéssemos. Eu nunca tinha ouvido falar de algo assim antes. Em todas as histórias que ouvi sobre a alma deixando o corpo, independentemente das circunstâncias, o corpo morre. A alma viajava para Horizon, o lugar para onde todas as almas ia depois que um mortal morria, ou simplesmente desaparecia, morria, era comida pelo demônio que a havia sugado.

As almas eram como baterias. Elas continham energia. Muita energia. Essa era a principal razão pela qual os demônios ansiavam por elas. O padre Thomas havia levado os humanos sem alma sob seus cuidados, e eu não queria que ele soubesse das minhas dúvidas. Ele parecia muito convicto que tudo seria resolvido com o tempo. Eu gostaria de ter o mesmo otimismo que ele.

– Eu sei que você pode fazer isso, Rowyn – disse o padre Thomas, e a convicção em sua voz fez meu peito apertar. – Não podemos deixar essas pessoas inocentes morrerem. Pense nelas como se tivessem uma doença. Um vírus. E você precisa encontrar a vacina.

Ok, se você colocar dessa forma, parece fácil. Mas não era.

Os necromantes não eram idiotas. Se eles podiam remover a alma de uma pessoa, mantê-la viva e depois pilotar o corpo, esses malditos eram mais espertos do que pareciam. Talvez mais inteligentes ainda.

Mas eu era um buldogue. Não pararia até encontrá-los. Isso era uma promessa.

Eu não sabia se os necromantes só podiam fazer maldição ou feitiço de remoção da alma (isso era o que eu achava que era) aos humanos ou se os híbridos e os nascidos-anjo também podiam se tornar seus fantoches. Eu ainda tinha muitas perguntas sem resposta e parecia que quanto mais eu me aprofundava, mais confuso ficava.

Sentada no sofá, coloquei uma mecha de cabelo molhado atrás da orelha. Fiquei olhando para a taça de vinho na mesa de centro, que estava cheia até a borda com uma quantidade generosa. Achei que depois de um longo banho me sentiria melhor. Mas não me senti.

– Você vai tomar seu vinho ou vai ficar olhando para ele a noite toda? – Gareth sentou-se ao meu lado no sofá. O calor de sua coxa contra a minha era agradável e reconfortante. Ele estendeu a mão e esfregou minhas costas com movimentos lentos e uniformes. Foi uma sensação incrível. Ele era fantástico. Mas eu não conseguia me livrar da sensação em meu estômago, a sensação doentia de que os necromantes estavam tramando algo e a situação com aquelas pobres pessoas era apenas o começo de algo muito pior.

– Você mal tocou na comida – Os olhos de Gareth estavam bem abertos e angustiados, e eu sabia que ele estava preocupado comigo.

Ele tinha feito o jantar. Frango ao curry. Estava maravilhoso, e minhas papilas gustativas fizeram uma festa dentro da minha boca, o que fez me sentir ainda mais culpada por comer apenas duas garfadas.

Após ver o último helicóptero da igreja decolar com as últimas pessoas sem alma, todos nós fomos para casa, mentalmente exaustos e frustrados. Danto veio buscar Layla em minha casa e Tyrius foi embora às pressas, ele queria estar com sua esposa, seus filhos e minha avó.

– Converse comigo. Odeio ver você assim – Gareth estendeu a mão e puxou minhas mãos para que eu me virasse e ficasse de frente para ele. Uau. Um homem que realmente *queria* conversar. Eu estava no paraíso.

Estendi a mão e belisquei a pele do seu braço. Com força.

Ele mal reagiu, apenas arqueou uma sobrancelha.

– Por que você fez isso?

Dei de ombros e sorri.

– Só estou verificando para ter certeza que você é real.

Gareth riu, e o som profundo vibrou pelo meu corpo. A intensidade em seus olhos escuros causou formigamento em toda a minha pele, fazendo meu sangue pulsar.

Abri a boca e depois a fechei novamente, tentando descobrir como dizer o que estava sentindo sem parecer louca.

– Tenho essa sensação – Tentei novamente.

– Que sensação?

Dei uma pequena risada.

– Uma muito ruim – Inclinei meu corpo em direção a ele e coloquei minha perna sobre a dele.

Gareth apoiou a cabeça no cotovelo.

– Você pode me contar. Eu aguento.

Um sorriso apareceu no canto da minha boca.

– Bem, já que você *insiste* e tudo mais… Estou com um aperto no estômago, como se o que descobrimos hoje fosse um vislumbre de algo muito pior. Quando penso em todas aquelas pessoas… quero dizer, no que os necromantes fizeram com elas é doentio e perverso, mas elas foram trancadas lá por um motivo.

Gareth ficou em silêncio por um momento.

– É parte de um plano maior.

– Exatamente – Passei meus olhos pelo seu rosto. – Não consigo parar de pensar nisso. Então, precisamos descobrir qual é esse plano maior antes que os necromantes comecem a tirar a alma de mais pessoas para substituir aquelas – Era uma suposição, mas eu tinha a sensação de que era uma suposição ótima.

O elfo colocou sua mão grande em minha perna.

– Eles devem ter outro templo em algum lugar da cidade ou próximo a ela.

Levantei minhas sobrancelhas.

– Eu não tinha pensado nisso. Você acha que a Cynthia saberia?

– Podemos perguntar a ela. Vale a pena tentar.

Entrelacei meus dedos com os dele.

– Já que está fazendo isso, você deveria perguntar a ela sobre as pessoas no celeiro. Se ela foi criada naquela *comunidade*, talvez ela saiba porque eles foram colocados lá. Talvez ela saiba como os necromantes podem rou-

bar a alma de uma pessoa e mantê-la viva. Ela provavelmente sabe muito mais também.

Gareth esfregou o polegar em minha mão.

– Vou ligar para o padre Thomas e ver se ele pode marcar um encontro com ela.

Acenei com a cabeça.

– Parece bom.

– Você sabe o que mais parece bom? – O elfo colocou a mão livre em volta da minha cintura e me puxou para cima dele, de modo que eu ficasse em seu colo. Em seguida, suas mãos desceram e agarraram minha cintura, puxando-me para mais perto.

Passei minhas mãos pelas suas costas. Subindo, meus dedos brincaram com os cabelos de sua nuca.

– Seu elfo travesso – sussurrei, olhando para sua boca. Eu não conseguia evitar. Meu corpo exigia que eu fizesse alguma coisa. Obedeci e coloquei minhas mãos sob sua camisa, sentindo seu peito e os músculos duros.

O elfo emitiu um som baixo. Ele se aproximou mais, senti o seu calor através do material fino da minha camisa, e ele pressionou os lábios nos meus. Seus lábios eram macios, quentes e exigentes. Sua barba por fazer roçou meu rosto, causando formigamento em minha pele. Com o coração batendo forte, soltei um som suave de felicidade. Minha língua encontrou seus dentes, e seus músculos ficaram tensos. Afastei minha língua, provocando-o.

Ao senti-lo, sua respiração ficou ofegante. Seus olhos estavam escuros e cheios de desejo.

Sorri maliciosamente para ele enquanto tirava seu cinto.

Então ouvimos uma batida na porta da frente.

Fiquei paralisada e olhei para Gareth.

– Não me lembro de ter feito planos com ninguém – disse eu, virando a cabeça para a porta da frente. – Talvez seja Layla ou o padre Thomas – eu disse a ele, lembrando que o padre tinha aparecido aqui ontem.

– Essas pessoas não têm telefones? – resmungou o elfo, com a voz dura, mas com traços de frustração.

Mostrei-lhe meus dentes, pressionei meus lábios nos dele, mordiscando a parte inferior e tirei minhas pernas de cima dele. Corri para a porta da frente, dando uma olhada pela janela do corredor. Reconheci as roupas pretas do padre.

Relaxando um pouco, abri a porta.

– Oi, pad…

Havia um homem parado na varanda da frente, mas não era o padre Thomas.

Ele era alto, como Gareth, e tinha o peito musculoso. Talvez ele tivesse uns quarenta anos, seus cabelos castanhos comuns estavam ficando grisalhos em algumas partes. Sua camisa preta estava amassada e seus jeans estavam manchados de lama. E, enquanto Gareth andava imponente e com confiança, a postura desse homem era mais desleixada e sem graça, seus braços estavam soltos ao lado do corpo.

A luz da varanda brilhava em seus olhos, ele tinha pés de galinha nos cantos e o mesmo tom das pessoas no celeiro.

Meu coração bateu forte em meu peito.

Caramba!

Seus olhos amarelos me disseram tudo o que eu precisava saber. Exceto *porque* ele estava aqui.

O estranho começou a caminhar deliberadamente em minha direção, e eu recuei por instinto. Minhas mãos tocaram minha cintura, mas percebi que havia tirado meus cintos de armas, ele estava no andar de cima no meu quarto.

Droga.

Recuei, mantendo meu corpo voltado para o homem sem alma, enquanto meu coração batia contra o peito e minha mente tentava entender o que estava acontecendo.

– Gareth! – gritei enquanto voltava para o corredor e cambaleava para a sala de estar, com o homem sem alma me seguindo.

Ouvi o elfo xingar e o som de seus pés pesados batendo no piso de madeira atrás de mim. Pude ver seu casaco preto pendurado no cabide da entrada atrás do homem sem alma. Nós dois estávamos sem armas.

Quando bati em algo duro atrás de mim, parei, e Gareth se moveu para ficar ao meu lado.

O homem sem alma parou, ele desviou os olhos para Gareth e depois os voltou para mim. Sua boca se retorceu em um sorriso e ele começou a rir. O som era uma mistura de um grunhido gutural com um eco, como se duas vozes rissem ao mesmo tempo, o que era muito assustador.

Arrepios surgiram em minha pele.

– Você roubou meus subjugados – disse o homem. Eu podia ouvir duas vozes distintas saindo de sua boca, era como se houvesse duas pessoas diante de nós, não uma. E então percebi que o necromante estava falando por meio dele.

Oh, isso ia ser bom.

Uma explosão de raiva tomou conta de mim.

– Você não pode roubar pessoas, seu idiota.

– Elas eram minha propriedade. E você as levou – Seus olhos se voltaram para Gareth, que havia se afastado um pouco, e inclinava-se para o corredor. Eu sabia que ele estava tentando pegar seu casaco.

Dei um olhar duro para o homem sem alma.

– Você pegou aquelas pobres pessoas e as enfiou em um celeiro sem comida ou água, seu idiota.

– Os mortos não precisam comer.

Soltei um grunhido.

– Eles não estão mortos. Essas pessoas estão *vivas*. Elas teriam morrido se não fosse por nós – E, de alguma forma, eu iria salvá-las, mas, no momento, não tinha ideia de como faria isso. Aquela imagem do garotinho no celeiro me assombraria para sempre se eu não fizesse algo.

O rosto do homem sem alma se enrugou no que eu suspeitava ser uma expressão pensativa, mas ele parecia rígido e mecânico, como um robô experimentando suas expressões faciais pela primeira vez.

– Os subjugados não têm alma – disse o homem. – Você os chama de pessoas, mas eles não são – Ele me deu um sorriso preguiçoso e perverso. – Não mais.

Rangendo os dentes, eu não queria nada mais do que dar um chute na cabeça desse cara. Mas eu não estaria machucando o necromante. Eu estaria machucando aquele homem inocente.

– Por que você não aparece em vez de se esconder atrás desse homem? O quê? Você tem medo de uma simples mulher? – Pelo canto do olho, vi Gareth dar um passo à frente em direção ao corredor. Que bom! Eu tinha que manter esse cara ocupado falando. Eu conseguia fazer isso.

O homem sem alma apenas me encarou com seus olhos amarelos, com o rosto enrugado e um sorriso sinistro.

– Qual é o seu nome? – arrisquei. – Qual deles é você? – Tentei novamente. – Você é o mesmo necromante que lançou os zumbis sobre nós? Ou você é o líder. Aquele… Lorde Krull? – Quando ele não respondeu, pergun-

tei: – Como você sabia onde eu morava? – Eu odiava o fato de ele ter descoberto quem eu era e ter aparecido aqui, mas odiava ainda mais o fato da minha avó, Tyrius, Kora e seus filhos morarem do outro lado da rua.

Algo me ocorreu. Se os necromantes podiam ver através dos olhos dos desalmados que eles controlavam, isso significava que eles tinham ouvido toda a nossa conversa no celeiro. Eles ouviram tudo. E agora eles sabiam quem nós éramos.

Porcaria.

O homem sem alma sorriu novamente.

– Eu sei tudo o que há para saber sobre você, Rowyn Sinclair.

Me encolhi. Então, eu estava certa.

– Isso é porque eu mostrei o dedo para você? Vê se cresce, é só um dedo – Eu sabia que tinha sido uma má ideia, mas agora era tarde demais. No entanto, isso não explicava por que ele pilotou o homem sem alma até a minha casa. Por que se dar ao trabalho? A menos que ele quisesse alguma coisa.

O homem sem alma soltou uma gargalhada que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. Seus olhos se voltaram para Gareth, que havia conseguido se afastar uns três metros para longe de mim.

– Eu também sei sobre o elfo.

Gareth ficou paralisado, com o rosto duro.

– Você não sabe nada sobre mim.

O desalmado riu novamente.

– Você pode usar sua magia élfica em meus subjugados. Mas isso não mudará nada. Você não pode me tocar. Você não conseguiria me alcançar.

Foi minha vez de rir.

– Que tal você sair desse corpo e nós lhe mostraremos que conseguimos.

Sua cabeça se movia de um lado para o outro, seus olhos amarelos se arregalavam quando ele via algo de interesse em minha sala e cozinha, como se estivesse coletando informações sobre minha casa, sobre mim.

Entrei na sua frente.

– Que diabos você quer? – A raiva enrijeceu meus músculos. Ele poderia estar usando o corpo desse pobre coitado, mas se não parasse de espionar, eu poderia fazer algo estúpido, como dar um chute na cara dele.

O homem sem alma cerrou os dentes.

– Finalmente, uma pergunta inteligente – Ele levantou as mãos e bateu palmas. O movimento era rígido e mecânico, lembrando-me de um manequim. Em seguida, seus braços caíram novamente ao lado do corpo. – Eu estava começando a perder a esperança em você. Achei que nunca chegaríamos lá. Afinal de contas, você é apenas uma Caçadora. Você rastreia e mata. Essa é a sua habilidade. Não é verdade?

– Você tem cinco segundos antes que eu o deixe inconsciente. É melhor você fazer valer a pena – Eu não ia ficar aqui parada e deixar que esse necromante me insultasse em minha própria casa. Ele era assustador, mas eu ainda podia acabar com ele sem nenhuma arma. Eu ainda tinha minha cara de assassina.

Ergui uma sobrancelha para ele.

– Ah… eu sei… Você me *quer* – sorri, mostrando os dentes. – Eu entendo. Se eu fosse você, também me desejaria.

O homem sorriu, encostando os lábios nas gengivas.

– Você roubou algo que é meu e agora eu o quero de volta – disse o necromante, com seus olhos amarelos me observando.

– Ou o quê? – Desafiei e coloquei as mãos nos quadris. – Você vai me matar com seu mau hálito? Você não me assusta, pequeno fantoche – Com o canto dos olhos, eu podia ver que Gareth estava quase vestindo seu casaco, mas eu não queria dar "boa noite" ao necromante ainda. Eu precisava de mais informações.

– Você não pode vencer essa, Rowyn – advertiu o necromante. Seu tom era seco, mas, de alguma forma, cheio de veneno.

– Sim, eu posso – Eu não tinha ideia do que estávamos falando. Mas em caso de dúvida, devemos mostrar que sabemos tudo.

O homem sem alma inclinou a cabeça enquanto a fúria franzia sua testa.

– Devolva o que você roubou, ou você e todos que você conhece morrerão.

Revirei os olhos.

– Como se eu já não tivesse ouvido essa antes.

– Esta é a sua última chance.

Uma fúria tomou conta de mim.

– Boa tentativa. Não tenho medo de você. E de jeito nenhum vou devolver aquelas pessoas para que você possa abusar delas. Como você está fazendo com esse pobre coitado. Você é doente. E se alguém vai morrer… será você.

Os olhos amarelos do homem sem alma se fixaram em mim.

– Em breve, você verá.

– Tudo o que vejo é um covarde – eu disse, e a atenção de Gareth se voltou para mim. Eu podia vê-lo mover os lábios para mim, mas mantive meu olhar no homem sem alma. – Você não é tão forte assim, não é? Você está com medo. Você se esconde atrás desse homem porque tem medo.

– Você – disse o necromante. – Você é uma Caçadora irracional. Você não tem poder.

– E você tem? – Claro que sim, mas eu queria irritá-lo. Parecia estar funcionando.

O homem de olhos amarelos se contorceu e abriu os braços novamente.

– O controle da mente é o maior poder, uma habilidade que você não consegue compreender com seu cérebro de Caçador irracional.

– Está bem, então – Já que estávamos engajados em uma conversa, era melhor mantê-lo falando. – Se eu sou tão idiota, que tal você me dizer como removeu as almas deles? Com um feitiço? – Procurei em seu rosto qualquer indicação de que eu estava no caminho certo. – Uma maldição? Um ritual? Você usou algum tipo de arma?

As mãos de Gareth pingavam pó élfico turquesa enquanto ele se dirigia ao homem sem alma tão silenciosamente quanto um demônio baal. *Manda vê, elfo.*

O homem sem alma girou a cabeça, parecendo ter olhos na parte de trás da cabeça. Ele olhou para o elfo, depois se virou e se concentrou em mim novamente.

– Todos vocês morrerão. E na morte, eu encontrarei vocês.

Franzi a testa.

– Desculpe-me, o quê? Eu não falo seu idioma idiota.

O homem sem alma levantou a mão e agarrou sua cabeça.

Gareth jogou o pó turquesa no homem rapidamente.

Mas já era tarde demais.

Houve um estalo horrível quando o homem sem alma quebrou o pescoço e caiu no chão.

CAPÍTULO 13

Corremos pelo estacionamento da Abadia Saint Mary, com Tyrius em meus calcanhares e Gareth ao meu lado.

O edifício tinha um tamanho modesto e foi construído nos estilos arquitetônicos românico e bizantino. O design perfeitamente equilibrado era coroado por três cúpulas erguidas sobre os pilares de pedra. Uma luz amarela quente emanava das muitas janelas e portas, iluminando a abadia como uma joia preciosa. Ela era enorme, do tamanho de um hospital de quatro andares. Era uma beleza arquitetônica, mas eu não estava aqui para admirar a vista.

Quando o necromante disse que eu me arrependeria, não esperava que fosse tão cedo.

Minutos depois dele ter quebrado o pescoço do seu próprio subjugado, recebi um telefonema de um padre Thomas frenético. Aparentemente, os outros desalmados haviam se libertado do confinamento em que os padres os haviam colocado e estavam correndo por toda a abadia, atacando padres, monges e algumas freiras.

Liguei para Layla e deixei uma mensagem. Ela levaria pelo menos uma hora para chegar no norte, em Thornville. Gareth e eu estávamos mais perto.

Após pegar Tyrius, entramos na infame caminhonete Ford F100 1970 azul clara de Gareth e aceleramos em direção à abadia.

Não havia tempo para fazer nada a respeito do morto em minha sala de estar. Eu lidaria com ele mais tarde.

Minhas coxas ardiam quando chegamos à entrada, que era um par de portas de madeira de três metros de altura.

Tyrius passou por mim a galope, abaixou a cabeça, farejou as portas e disse:

– Limpo! – enquanto voltava.

Bati na porta com o ombro porque não consegui parar. Estremeci, girei a maçaneta e entrei.

Entramos apressadamente em um grande hall do tamanho da minha sala de jantar e sala de estar juntas. Uma escada dupla gigante levava aos andares superiores, ladeada por portas e corredores que se estendiam em ambas as direções. Os móveis eram poucos, mas eram primorosamente feitos de madeira polida e eram lustrosos. No saguão havia quatro cadeiras grandes de madeira polida e couro marrom.

Me lembrava a igreja do padre Thomas. Era surpreendentemente bem iluminada, com grandes lustres e arandelas revestindo as paredes, que eram uma mistura de pedra, drywall e vigas de madeira. O lugar era enorme. Você precisaria de mais ou menos um dia para fazer um tour completo. Novamente, não havia tempo para você bancar o turista.

Tyrius assobiou.

– Belo cafofo. As crianças adorariam brincar de esconde-esconde aqui. Talvez até queimem alguns tapetes e cortinas, mas é tudo em nome da diversão.

– Para onde? – perguntou Gareth. Seus olhos escuros sensuais brilhavam sob o chapéu, e seu longo casaco preto caía sobre os ombros largos, derramando pequenas nuvens de pó élfico multicolorido.

– Não faço ideia. Nunca estive neste lugar antes – Olhei para além de Gareth, para os corredores e salas intermináveis. – O padre Thomas deveria nos encontrar na entrada. O fato do padre não estar aqui não me agradou muito.

– Você acha que aconteceu alguma coisa com ele? – perguntou Tyrius, com as orelhas baixas, lendo meus pensamentos.

Eu não queria ter que pensar nisso. O necromante estava furioso conosco por termos tomado seus subjugados. E agora, ele poderia ter matado o padre Thomas por vingança. Ou apenas porque podia.

Um segundo depois, o que parecia ser os gritos de um bando de animais raivosos encheu o ar.

Olhei para o elfo e puxei minha lâmina da alma.

– Siga os gritos.

E foi o que fizemos.

Nós três corremos pelo piso de pedra, meu coração estava prestes a explodir, enquanto eu corria o mais rápido que podia, escorregando ocasionalmente no piso polido.

Tyrius correu à nossa frente parecendo um borrão bege e preto, como um guepardo em miniatura. Ele podia ser pequeno, mas o gato siamês era como um papa-Léguas bombado.

Senti o cheiro de sangue antes de eu ver o rastro vermelho com pegadas manchadas.

Ele correu pelo corredor e desapareceu abruptamente na esquina. Segui o sangue, eram grandes poças ziguezagueando em uma linha respingada. Era *muito* sangue.

Cerrei os dentes, a tensão se apoderando de cada músculo quando me aproximei da esquina. *Por favor, não deixe que seja o padre Thomas.*

Cheguei ao cruzamento e virei.

No chão, próximo à parede, havia um homem. Ele estava deitado de costas, com os olhos castanhos opacos abertos e olhando para o teto. Um fluxo de sangue escorria da sua barriga e se acumulava ao seu redor. Uma mistura de pele pálida e sangue aparecia na abertura da sua camisa preta. Um pequeno cabo prateado de uma faca se projetava de seu peito, e respingos vermelhos manchavam seu colarinho branco.

Mas não era o padre Thomas.

– Graças a Deus – murmurei, arrependendo-me imediatamente. Essa era uma vida. E pelos ferimentos de defesa em seus braços e mãos, ele havia lutado muito. Ele não merecia isso.

– Pobre homem – disse Tyrius, contornando o corpo com cuidado para não tocar no sangue. Ele parou perto da peça prateada que estava no peito do padre.

– Isso é uma faca de manteiga – Tyrius se virou e olhou para nós. – Quem diabos mata alguém com uma faca de manteiga?

– Uma pessoa muito doente – Uma sensação de pavor me invadiu. Se os desalmados conseguiam matar alguém assim com uma faca de manteiga, eu odiaria ver o que eles fariam se colocassem as mãos nas espadas dos sacerdotes.

– Parece que ele lutou muito – Gareth se aproximou e se ajoelhou ao lado do padre morto.

– Quem quer que tenha feito isso, fez um grande estrago em seu intestino, comentou Tyrius. Ele encontrou meu olhar. – Se isso for obra dos desal-

mados, é pior do que pensávamos.

Agarrei minha lâmina da alma com mais força.

– Não foram eles que fizeram isso. Foram os necromantes. Não esqueça – Respirei fundo. – Vamos continuar.

Demos meia volta e corremos pelo corredor em direção às vozes e os gritos. Passamos por mais corpos, outro padre, a julgar pelo colarinho branco, ele tinha um garfo perfurando no olho esquerdo, e um jovem de vinte e poucos anos tinha a garganta cortada. Ele usava uma camiseta branca e calça jeans, portanto não era um padre.

Eu não tinha ideia de como os desalmados tinham colocado as mãos nos talheres, mas se não os detivéssemos logo, a abadia seria um banho de sangue.

Minha imaginação me proporcionou uma ótima visão daquela multidão de olhos amarelos rasgando o padre Thomas enquanto ele tentava salvá-los. Sim, aposto que ele estava tentando, e isso o levaria à morte.

Aumentei a velocidade, minha adrenalina subindo à medida que acelerava minhas pernas. Tyrius galopava à nossa frente, enquanto Gareth e eu nos esforçávamos para alcançá-lo.

Não tivemos que correr por muito tempo.

Chegamos ao final do corredor e abrimos um conjunto de portas duplas basculantes, que revelaram uma área grande que eu suspeitava ser o refeitório da abadia. Mas agora parecia mais um campo de refugiados, com fileiras de sacos de dormir sobre berços (os que não estavam virados) e uma clínica improvisada nos fundos, separada por paredes dobráveis.

E a cafeteria estava em guerra.

– Ah, meu Deus – engasguei-me com o pico de adrenalina.

Os gritos aumentaram e sons de dor e terror encheram a grande sala. Quarenta e duas pessoas fortes e sem alma lutavam contra o que eu só podia supor que fossem cerca de seis sacerdotes e uma dúzia de outras pessoas que não reconheci.

Por serem controlados, eles lutavam com uma eficiência irracional, como robôs programados apenas para matar. Alguns abriram caminho através da fila de sacerdotes, e outros simplesmente usavam as mãos para tentar agarrar uma perna ou um braço. Eu não queria nem pensar no que eles fariam se pegassem um deles.

Os gritos aumentaram, eram agudos e terríveis. Eu não tinha certeza do que era mais perturbador: uma horda de zumbis rasgando e mastigando hu-

manos inocentes ou uma multidão de humanos golpeando e esfaqueando humanos inocentes sob o comando de necromantes. Achei que era a última opção.

Embora eu continuasse comparando os desalmados com os zumbis, uma diferença inegável separava os zumbis dos desalmados. Os zumbis matavam tudo o que se movia, eram instrumentos de matança irracionais, mas os desalmados eram controlados, eles moviam-se com propósito e com a inteligência dos marionetistas, os necromantes.

Isso os tornou uma ameaça muito maior do que meros zumbis.

O frio me envolveu quando vi o padre Thomas encurralado em um canto contra uma parede distante, lutando contra duas mulheres que tentavam esfaqueá-lo com o que eu acreditava serem colheres. Você poderia rir, mas colheres nas mãos erradas podem ser tão mortais quanto facas.

Eu podia ver uma espada pendurada em sua cintura, balançando em sua bainha. Ele não a estava usando para se defender.

– Maldito padre – rosnei. – Ele não vai lutar contra eles.

– Ele vai morrer se não fizermos nada – insistiu Tyrius.

Ele estava certo. Eu tinha que chegar até ele antes que o matassem.

– Entendo que ele não quer machucá-los – eu disse. – Gareth, você tem mais da sua magia élfica do sono?

– Tenho – Gareth se mexeu ao meu lado. – Se pudermos agrupar todos eles, talvez usando as mesas como barreiras e fechando-os dentro do círculo, eu poderia jogar em todos eles de uma vez. Talvez eu consiga acertar alguns sacerdotes, mas pelo menos vai parar a luta.

Não era o melhor plano, mas, dadas as circunstâncias, poderia funcionar.

– Por mim, tudo bem. Vamos lá! – gritei e corri para frente.

Uma mulher sem alma se virou quando me aproximei do grupo. Ela estava na casa dos sessenta anos, seus cabelos loiros estavam despenteados e ela não tinha expressão alguma no rosto. Mas seus olhos amarelos se arregalaram ao me ver.

– Rowyn – disse a mulher com a mesma voz de necromante do cara morto no chão da minha sala.

Sim. Totalmente assustador e sobrenatural, e eu quase tropecei quando ouvi aquele som. Isso me causaria pesadelos por muitos anos.

Seu corpo se moveu bruscamente e ela se lançou contra mim, com as mãos esticadas para o meu cinto de armas.

Acho que não, senhora assustadora.

Eu girei, e usando o cabo da minha lâmina, acertei-a com força na têmpora esquerda e ela caiu.

Dei a volta na mulher.

– Desculpe. Mas você tinha esses olhos *malucos*.

– Uma já foi, faltam quarenta e um – murmurou Tyrius, seu corpo brilhava com uma luz branca enquanto ele começava a se transformar em seu alter ego.

– Rowyn.

O som de terror de Gareth desviou meus olhos da mulher no chão e eu segui seu olhar.

Então, notei o silêncio que havia se instalado.

Soltei um gritinho dentro da minha cabeça ao ver todos os olhos amarelos me encarando.

Os desalmados ficaram imóveis, com os rostos vazios enquanto me observavam, nos observavam. Os desalmados não eram pessoas. Eles compartilhavam uma consciência, como os Borg de *Jornada nas Estrelas*, mas sem as partes mecânicas. Mesmo assim, era assustador.

Um rosnado baixo chamou minha atenção para a esquerda. A pantera negra gigante abriu a boca, revelando fileiras de dentes afiados do tamanho de facas de cozinha.

– Eu sei – eu disse à pantera. – Eu também não gosto disso.

Relaxei um pouco quando vi o padre Thomas, vivo e livre daquelas duas mulheres que haviam voltado sua atenção para mim com o resto do rebanho de olhos amarelos.

O que aconteceu em seguida foi ainda mais perturbador.

Todas as pessoas sem alma abriram a boca ao mesmo tempo.

– Você vai morrer – disseram em uníssono, era a mesma voz de necromante e ampliada como se fosse mágica. – Aceitem o inevitável. Abrace seu verdadeiro mestre. Abrace a morte.

– Ótimo discurso de incentivo – eu disse ao grupo, minha voz ecoava pelo refeitório. – É o orador motivacional do ano. Acho que o gabinete do prefeito local está contratando. Vocês deveriam dar uma olhada.

Tyrius sorriu ao meu lado, mas como uma pantera, parecia mais um rosnado curto. Que fofo.

E então, todos os desalmados atacaram no mesmo momento.

CAPÍTULO 14

Se eu achava que ouvi-los falar todos juntos era assustador, isso nem se comparava ao fato deles se moverem todos ao mesmo tempo, com o mesmo andar e ritmo, com as pernas e os braços sacudindo ao mesmo tempo. Eu queria gritar, mas não podia. Os Caçadores não gritavam como meninas. Geralmente éramos nós *que provocávamos* os gritos.

Eu estava no inferno. Um exército de bonecos de tamanho humano caminhava na minha direção.

O que uma garota pode fazer? Correr? Parece bobagem. Mas foi o que fiz.

Fui para a esquerda, enquanto Gareth foi para a direita. E Tyrius, bem, Tyrius avançou sobre a manada que se aproximava como uma escavadeira. Os desalmados se espalharam como pinos atingidos por uma bola de boliche, criando um caminho livre atrás dele. Ele não estava usando suas garras ou dentes, o que era ótimo, e os desalmados que ele atingia tinham apenas alguns ossos quebrados. Eles poderiam se curar disso, assim que eu descobrisse como devolver suas almas.

Por enquanto, ou eles ficavam no chão atordoados, ou tinham as pernas quebradas. Era ruim, mas eu preferia isso à morte deles.

Me joguei para frente enquanto os gemidos e assobios ficavam mais altos, passei por cima do que eu achava ser um padre morto no chão, coberto de sangue, e cheguei ao centro do refeitório no momento em que uns vinte sem alma vinham correndo em minha direção. Peguei a mesa dobrável de metal de seis por quatro mais próximas, girei-a e empurrei-a contra outra mesa, de modo que as duas ficassem encostadas, como se eu estivesse fazendo uma mesa maior com as duas.

Olhei para cima e vi Gareth empurrando duas mesas em frente a mim. Estávamos fazendo o possível para tentar reunir os desalmados em um só lugar.

Eu não podia arriscar contar nosso plano para o padre Thomas ou para os outros padres, mas quando vi dois padres, o ruivo que havia colocado uma espada no meu pescoço e outro que reconheci do escritório do padre Martin, empurrando e guiando alguns desalmados para o centro do refeitório, eu sabia que eles entendiam o que estávamos planejando fazer.

Vi um clarão branco e me virei para ver o padre Thomas jogar o que parecia ser uma toalha de mesa sobre três dos desalmados. Eles pararam de se mexer. Inteligente. Se os desalmados não podiam ver, os necromantes também não podiam. Que padrezinho esperto. Eu o amo.

O padre Thomas se virou para mim e eu lhe dei um sinal de positivo.

– Você tem mais desses? Use-os! – gritei e me virei enquanto o padre corria para o que parecia ser um depósito nos fundos do refeitório.

Vislumbrei algo grande e preto. Tyrius estava andando pelo refeitório a passos largos, derrubando qualquer sem alma que viesse até ele. Achei que o grande felino estava se divertindo demais, principalmente quando ele soltou um rugido que parecia uma gargalhada.

Alguns desalmados nos observaram, e eu pude ver que eles perceberam o que estávamos fazendo quando seus olhos amarelos se iluminaram. Eles pararam, soltando um uivo de desaprovação. Sacudindo os braços, eles contornaram os outros, tentando se libertar e vieram atrás de mim pelo outro lado.

– Ah, não, vocês não fizeram isso – me inclinei para o lado e agarrei outra mesa, puxando-a o mais forte e rápido que pude. Ela bateu no canto da outra mesa com um estrondo alto e impediu que os desalmados chegassem até mim. Eles tropeçaram contra a barreira, com os braços sacudindo.

Obviamente, isso não duraria muito tempo. Eles poderiam facilmente passar por cima das mesas, mas não fizeram isso. E eu também não ia esperar para ver se eles conseguiriam. Só precisávamos que eles ficassem juntos por alguns segundos, tempo suficiente para que Gareth jogasse sua magia élfica.

Os humanos não possuíam habilidades sobrenaturais como a força dos lobisomens ou a velocidade dos vampiros. E esses humanos desalmados não eram diferentes. Graças aos deuses. No entanto, notei uns segundos de atraso na reação enquanto o necromante, ou os necromantes, quem sabe se

era apenas um controlando ou uma equipe, os controlavam. Era a única coisa que eu podia usar contra eles.

Os necromantes não conseguiam prever meus movimentos. Eu precisava disso.

Ofegante, continuei e não parei. Continuei me esquivando e agarrando mesa após mesa até que Gareth e eu formamos um formato de U com as mesas, prendendo os desalmados em seu interior.

– Está funcionando! – gritei para ele sem pensar.

Três sem alma conseguiram se libertar de um sacerdote que estava tentando empurrá-los para o centro e se voltaram para mim.

Ops.

Seus olhos amarelos focaram, e quase pude ver o necromante por trás deles enquanto se dirigiam a mim. Havia neles a sensação de algo calmo e perigoso, de algo perverso e malicioso além do alcance de qualquer ser humano, e isso me assustou muito.

Os desalmados vieram até mim, e foi preciso um grande esforço para não usar minha lâmina da alma e cortar suas gargantas.

Humanos inocentes, Rowyn, eu disse a mim mesmo. *Nós não matamos inocentes*. Seria uma passagem só de ida para o Submundo para mim se eu começasse a fatiá-los.

Mas isso não significava que eu não pudesse dar um soco na cara deles.

Um homem musculoso, com barba castanha, segurava um garfo prateado em uma mão e uma faca na outra.

Embainhei minha lâmina para poder usar minhas mãos.

– Estou recebendo sinais contraditórios aqui. Ou você está a fim de lutar, ou quer me jantar.

Ele se lançou sobre mim.

Me esquivei, acertei um gancho de esquerda em seu abdômen e dei-lhe um golpe com minha mão direita em sua mandíbula. Ele cambaleou para trás e então dei um chute em seu membro. Quando tiver dúvidas, mire nas bolas.

Eu não tinha certeza se o cara sem alma sentia dor até ver o homem cobrir a virilha com as mãos e cair de joelhos.

Então, tá. Bom saber.

Assim que ele caiu, outra mulher sem alma veio até mim. Seus longos cabelos castanhos me lembravam Layla.

Ela veio até mim com colheres, uma em cada mão, manipulando-as como se fossem lâminas afiadas. Seus movimentos eram fluidos e não bruscos, e eu achava que o necromante que a conduzia estava concentrado nela, colocando toda a sua mente no controle desse corpo. Sem dúvida, porque ele queria me matar.

– Pode vir! – Fiz um gesto com minha mão direita. Não que isso importasse. Pois ela continuou vindo na minha direção.

Ela tinha um largo sorriso em seu rosto enquanto atacava, golpeando e girando, impulsionada por alguma força invisível dentro dela. Eu continuava pulando para longe, e ela continuava errando.

Diminuí o ritmo, achando que estava um passo à frente do necromante.

Grande erro.

Quando diminuí a velocidade e esperei que ela desse um golpe à direita, ela fintou e deu um golpe à esquerda, pegando-me de lado com uma de suas colheres.

Gritei e cambaleei, sentindo o sangue e a dor.

Me endireitei.

– Você me *deu uma colherada*! – Sim, eu sabia como isso soava estranho.

O rosto da mulher ficou em branco quando ela abriu a boca.

– Você é um animal selvagem que precisa ser colocado em sua jaula. Então, sua alma será minha, Rowyn Sinclair – disse a mesma voz que reconheci do homem sem alma que havia aparecido à minha porta.

– Isso não vai acontecer – Dei um salto para frente, me esquivei, girei e dei um chute no joelho dela. Algo estalou e ela caiu. – Eu disse a você.

– Rowyn!

Me virei ao ouvir urgência na voz de Gareth. Ele estava preso atrás de uma mesa com doze sem alma empurrando-o contra ela. Seus braços se agitavam enquanto tentavam agarrá-lo.

Passei por eles dando socos e chutes com golpes precisos e medidos, fazendo com que o desalmado mais próximo caísse. Mas outros simplesmente saltaram sobre os que estavam no chão e continuaram chegando.

– Faça alguma coisa! Rápido! – gritou Gareth. – Não posso continuar segurando!

– Eu sei!

Que droga. Um mar de desalmados estava entre mim e Gareth. Pior ainda, metade do rebanho ainda estava do outro lado da armadilha de mesa que

estávamos tentando construir.

– Rowyn. Pegue!

Girei e peguei a ponta de uma corda grossa com minha mão. O padre Thomas segurava a outra ponta, a pelo menos seis metros de distância.

Olhei para o padre e sabia exatamente o que ele estava pensando enquanto enrolava a ponta da corda em seu braço para prendê-la.

Seguindo seu exemplo, fiz o mesmo.

– Tyrius. Para trás – gritei, vislumbrando o pelo preto no meio da multidão.

E então estávamos nos movendo.

Corremos, com a corda frouxa entre nós. Eu olhava em volta, descontroladamente, enquanto ziguezagueava em volta dos desalmados, pegando-os com a corda e enrolando-a em volta deles. Trabalhamos rápido. Precisávamos fazer isso antes que os necromantes percebessem.

Quando percebi que os fugitivos estavam todos emaranhados em nossa corda, todos amarrados e incapazes de se mover, soltei a corda.

– Vamos ver quanto tempo você leva para sair dessa – eu disse para ninguém em particular.

Avistei Tyrius e fiquei sem fôlego.

– Tyrius. Coloque esse homem no chão!

Um homem estava pendurado na boca da pantera. Ele batia no rosto da pantera com suas mãos repetidamente.

Tyrius, a pantera negra, levantou uma sobrancelha irritada, foi até o centro da cafeteria e cuspiu o homem. O homem caiu no chão e ficou imóvel. Com a cauda erguida, Tyrius passou por mim, com a cabeça levantada e orgulhoso.

– Quando quiser, Gareth – eu disse, vendo que os sacerdotes, ensanguentados e espancados, tinham se afastado dos desalmados para dar a Gareth um grande espaço. Eu também me afastei, não querendo ser atingida pelo pó do sono de Gareth.

– Odeio isso – disse o padre Thomas parando ao meu lado, respirando com dificuldade e parecendo desgrenhado. O pavor tirou seus traços bonitos de sempre, fazendo-o parecer sombrio e magro. – Isso não está certo. São pessoas.

– Eu sei – A culpa me atingiu com força. – Eu também odeio isso. Mas essa é a melhor maneira de ajudá-los antes que machuquem mais alguém ou a si mesmos.

É verdade que, se eu não conseguisse descobrir como devolver suas almas, a situação ficaria muito pior.

Observei enquanto o elfo tirava os punhos de dentro da jaqueta, com um pó turquesa escorrendo entre os dedos.

E então algo estranho aconteceu.

Os desalmados se afastaram dele, movendo-se até se juntarem àqueles que o padre Thomas e eu havíamos laçado.

O rebanho se separou e, do meio, surgiu uma única pessoa. Não, não era uma pessoa, mas o garotinho que eu tinha visto no celeiro.

Gareth se mexeu.

– Espere – gritei. – Deixe-o falar – Quem sabe, os necromantes poderiam se descuidar e nos dar alguma informação que precisávamos.

Gareth franziu a testa para mim, mas ficou quieto, com as mãos ainda pingando pó élfico.

Os olhos amarelos do menino encontraram os meus quando ele abriu a boca e falou. – O sangue será derramado. A morte será eterna, e o equilíbrio será restaurado.

– Não me interessa – respondi.

O garoto me encarou por um segundo e, em seguida, a luz em seus olhos amarelos se apagou, como se tivesse sido extinta. Parecia que qualquer centelha de vida ainda existente nele havia desaparecido, e ele caiu no chão.

Não.

Senti um aperto na garganta de pavor enquanto observava a cena se desenrolar. Os segundos passavam como se estivessem em câmera lenta. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir.

Gareth estendeu a mão, atingindo o rebanho com seu pó.

Mas já era tarde demais.

Ao nosso redor, o brilho deixou os olhos dos desalmados, como se alguém tivesse desligado seus interruptores de vida. O rebanho caiu no chão em uma pilha de corpos sem vida.

Estavam todos mortos.

CAPÍTULO 15

— Você acha que eles vão aparecer? – Tyrius colocou outro pedaço de pizza na boca e começou a mastigar.

– Espero que sim – Apoiei os braços sobre a mesa da cozinha, com a fatia de pizza vegetariana pela metade olhando para mim no prato. Eu adorava a pizzaria local Giorgio Pizza, mas não conseguia dar outra mordida.

– Quando você ligou para eles? – Gareth estava sentado com os braços cruzados sobre o peito, com as pontas das orelhas pontudas aparecendo por entre os cabelos escuros grossos e desgrenhados. Atrás dele, havia pilhas de caixas que ainda não havíamos desempacotado.

Meus ombros caíram e desviei o olhar das caixas antes que ficasse mais deprimida.

Recostei-me em minha cadeira.

– Ontem à noite, quando voltamos.

Tyrius engasgou com sua pizza e sentou-se na mesa ao meu lado.

– Bolas demoníacas em chamas! Você chamou os anjos? Por favor, diga-me que você não tentou invocar um novamente. Rowyn? Você não tentou, né?

– Eu poderia ter feito isso – Olhei para o gato com um sorriso breve no rosto. – Mas não fiz isso. Agora tenho que passar pelos canais adequados. Estou trabalhando para o Conselho, e eles têm protocolos a seguir. Se eu quiser manter meu posto, *preciso* segui-los.

– Bom – O gato mastigou e depois engoliu. – Isso é bom. Bem, já passa do meio-dia. Quando eles disseram que apareceriam?

– Eles não o disseram – Essa era a única coisa que eu odiava nos anjos. Você nunca sabia quando ou se eles apareceriam. Eles apareciam quando

queriam, quando era conveniente para eles, não para você.

Anjos. Eu tinha uma relação de amor e ódio com eles.

Mas o Conselho me garantiu que meu caso havia sido protocolado como prioridade um, devido todas as mortes humanas e porque os necromantes ainda estavam desaparecidos. O Conselho também decidiu colocar outras quatro equipes de agentes de nascidos-anjo no caso para encontrar os necromantes responsáveis ou qualquer pista que pudesse ajudar.

Fiquei feliz e surpresa com a decisão do Conselho. Eu precisaria de toda a ajuda que pudesse obter.

– E quanto à Layla? – perguntou o gato, olhando para o meu prato.

– Eu disse a ela para ficar em casa. Eu a informo mais tarde – Não fazia sentido arrastá-la para cá sem algo sólido. Ela e Danto haviam aparecido na abadia ontem à noite, meia hora depois dos necromantes terem matado todos os desalmados.

O gato se inclinou sobre meu prato e o cheirou.

– Você vai comer isso? – Ele colocou a pata sobre o prato, como se já fosse dele.

– Não mais, agora que você colocou seu DNA nele – Empurrei meu prato para ele. – Você pode ficar com ele. Pode comer, não estou com fome.

O baal atacou o que restou da minha pizza como se não comesse há meses. Não pude deixar de rir.

– Não tão rápido, Tyrius – disse eu, balançando a cabeça. – Você vai passar mal.

– Bobagem – disse o gato ao engolir. – Você já ouviu falar de um baal que comeu até passar mal?

– Talvez.

– Mentirosa – O gato bufou e voltou a comer minha pizza, espalhando respingos de molho de tomate por todo o rosto e nariz e, dessa vez, fazendo Gareth rir.

Olhei para o elfo. Eu não o ouvia rir desde ontem, e sentia falta disso. Tudo o que eu queria era me deitar na cama com ele e sentir seu corpo quente musculoso contra o meu. Mas agora não era o momento de me preocupar com pensamentos de um elfo nu e sexy.

Não ajudava o fato de todos os meus pensamentos sensuais terem sido destruídos pela imagem dos olhos sem vida daquela criança que passava em minha cabeça. Eu mal havia dormido a noite toda. Como eu poderia, se ain-

da tínhamos um grupo de necromantes dementes e assassinos à solta em algum lugar da cidade?

A bile subiu em minha garganta ao pensar em todas aquelas pessoas mortas amontoadas no refeitório da abadia. Parecia tão fácil para os necromantes as controlarem, tão fácil tirar suas vidas como se não significassem nada.

– E quanto aquele ali? – perguntou Tyrius entre uma mastigação e outra. – Ele está começando a cheirar. E não digo cheirar rosas.

Meus olhos passaram da cozinha para o corpo na sala de estar. Ele estava envolto em um plástico transparente, o mesmo que usamos para embrulhar nossos móveis, para evitar que o corpo se decompusesse sobre o piso de madeira recém-acabado.

– O Conselho disse para você deixá-lo aqui. Aparentemente, os anjos querem inspecionar o corpo – Não é à toa que eu não conseguia dormir com um cara morto na minha sala.

– Acho que é o mesmo para os corpos na abadia? – perguntou o gato, enquanto começava a lamber a pata e lavar o rosto. Meu prato estava vazio e brilhava de tão limpo.

– Eu não sei. Acho que o padre Thomas está planejando identificar cada corpo para poder entrar em contato com suas famílias imediatas.

– O que eles dirão que foi a causa da morte? – perguntou Gareth.

– Acho que me lembro dele ter dito um vírus ou algo assim – Ninguém acreditaria, na verdade. A menos que fossem membros da comunidade paranormal.

Gareth descruzou os braços, seu rosto estava preocupado.

– Ele terá de explicar como todos foram parar na abadia. Essas pessoas não eram parentes. Elas poderiam ser de qualquer lugar de Nova York ou até mesmo de fora do estado.

Acenei com a cabeça.

– A história que ele inventou é que o hospital local os transferiu para a abadia, por não ter espaço suficiente para eles e não querer contaminar outras pessoas ou as enfermeiras e os médicos.

– Isso funcionaria – Tyrius se deixou cair sobre a mesa e rolou de costas com as pernas abertas. – Estou cheio como um peru no Dia de Ação de Graças. Eu pareço gordo para você?

– Sim.

– Rowyn? – perguntou Tyrius, e pude ver uma pequena barriga se formando.

– O quê?

– Não consigo me mexer.

– Por que não estou surpresa?

O elfo se levantou.

– Vou fazer um café – disse ele, sorrindo. Observei seu belo traseiro enquanto ele se dirigia à cozinha e enchia a cafeteira com água.

– Boa ideia – Um café parecia ótimo neste momento. Observei Gareth por um momento antes de voltar meus olhos para o corpo do morto. – Eram muitas pessoas sem alma.

– Sim, um bocado – disse o gato. – É normal eu não conseguir sentir minha boca? Ah, meu Deus, não consigo sentir meus bigodes.

Me mexi na cadeira.

– Ainda não sabemos como os necromantes conseguem remover a alma de um corpo sem matá-lo.

– Isso, nós não sabemos – Tyrius hesitou. – Minha voz está estranha para você?

– Quero dizer… – Inclinei-me para frente e apoiei os cotovelos na mesa. – Todas aquelas pessoas, todas aquelas pessoas sem alma. Como eles conseguiram lidar com tantas ao mesmo tempo?

– Talvez eles tenham usado uma arma ou algo assim – comentou o gato. – Você está vendo isso? Eu realmente estou diferente. Pareço uma versão do Barry White. Kora vai adorar isso.

Fiquei olhando para ele por um momento.

– Quarenta e duas pessoas desaparecidas em um dia? A polícia humana teria se mobilizado, mas não ouvi nada sobre relatos de pessoas desaparecidas na cidade.

– E quem sabe quanto tempo eles ficaram naquele celeiro – Gareth colocou uma das duas xícaras de café que estava segurando na mesa para mim e se sentou.

– É verdade – Senti os olhos de Tyrius em minha xícara quando a levei aos lábios. – Nem pense nisso, gatinho.

O gato revirou os olhos.

– Eu nem sequer disse nada.

– Você não precisava fazer dizer – Tomei um gole de café e meus olhos se arregalaram com o glorioso sabor amargo. Rapidamente tomei outro go-

le. – O que eu *realmente* gostaria de saber é por quê? Por que fazer isso?

– É aquela maldita profecia – miou o gato.

Deixei escapar um suspiro.

– Acho que não saberemos muito até que encontremos um necromante e o derrotemos.

– De preferência com a minha bota na sua bunda – disse o elfo, e eu sorri para ele.

– Conto com você – provoquei. Seus olhos escuros e sedutores percorreram meu rosto, e eu não conseguia acreditar que ele era meu. Todo meu. Bom para mim.

Gareth enrolou os dedos longos na xícara de café.

– Você sabe se Cynthia disse mais alguma coisa sobre os necromantes que possa nos ajudar?

Inclinei-me e verifiquei meu celular.

– Nada ainda. O padre Thomas ficou de me avisar, mas acho que agora ele está ocupado com todos os cadáveres. Não acho que ele dará notícias hoje.

Senti-me mal pelo padre. Dois de seus Cavaleiros Celestiais haviam sido mortos, embora eu não soubesse quais. Eles eram unidos. Eram uma família.

Toda essa situação passou de ruim para muito pior em um curto espaço de tempo.

Inquieta, tamborilei meus dedos sobre a mesa. Eu precisava fazer alguma coisa. Eu era uma fazedora. Não ficava sentada esperando as diretrizes dos outros. Eu não era assim. Eu podia trabalhar para o Conselho dos Anjos, mas ainda era uma Caçadora. E os caçadores colocavam a mão na massa.

Quanto mais eu esperava que os anjos aparecessem, mais tensa e irritada eu ficava. Se eles não aparecessem logo, talvez eu tivesse que resolver o problema com minhas próprias mãos. Que se dane o Conselho. Vidas estavam em jogo.

Eu *ia* invocar um anjo.

Pode me chamar de louca, mas eu não podia ficar aqui sem fazer nada.

Tomei o último gole do meu café e me levantei.

– Não posso esperar mais…

Houve um súbito estalo no ar.

Me virei e, na minha cozinha, havia um homem ao lado de um pastor alemão branco.

Anjos.

Tyrius rolou para o lado.

– Ah, que bom. A polícia aureolar está aqui. Estamos salvos.

CAPÍTULO 16

O homem era alto e tinha um rosto simpático. Ele parecia ter quarenta e poucos anos e estava em ótima forma física. Seu terno cinza-claro era perfeitamente ajustado aos ombros largos e à cintura estreita, onde eu podia ver as duas lâminas da alma. A cabeça raspada brilhava à luz da janela da cozinha e sobre sua pele morena.

Eu já tinha visto minha cota de anjos, mas era sempre um pouco chocante ver aquele brilho sob a pele deles, como se milhões de pequenas luzes brancas estivessem logo abaixo da superfície. Seus trajes de carne brilhavam. Não é brincadeira.

A lembrança de minha própria experiência como anjo veio à tona. Eu mesmo havia usado um traje desses. A sensação era que eu estava usando uma fina camada de pele de outra pessoa sobre a minha. Foi preciso um pouco de tempo para me acostumar. Mas a sensação de poder que irradiava dele fez toda a diferença. Meu corpo angelical tinha poder, e eu era rápido. Rápido como um vampiro, se não mais.

Eu tinha sido um anjo das trevas por um dia. E foi incrível.

Meu olhar se voltou para o cão branco que poderia facilmente passar por um lobo. Ele era magnífico, com pelo da cor de neve e um corpo grande e musculoso. Seus olhos dourados me observavam com um olhar sinistro que brilhava com uma inteligência elevada.

O cão era um escoteiro da Legião dos Anjos. E meu amigo.

Toda a minha raiva reprimida de antes desapareceu ao ver um rosto amigável e familiar.

Sorri e me levantei. Empurrando minha cadeira para trás, fui até o lindo cachorro branco.

– Oi, Lance. Estou feliz em ver você de novo – A última vez que o vi foi na batalha da Boca do Inferno de Lucian. Fui acariciar a cabeça dele, como normalmente faria com qualquer cachorro, mas puxei minha mão no último minuto, optando por segurá-la na minha frente. Acho que Lance não teria gostado disso.

– Não sei se devo aplaudir ou chamar o controle de animais – resmungou Tyrius ao pular da mesa e se aproximar para ficar bem na cara de Lance, mostrando suas unhas afiadas enquanto batia no piso de madeira.

Excelente. Simplesmente fantástico.

Lance manteve o olhar fixo em mim.

– É bom ver você de novo também, Rowyn. Gareth – disse o cachorro, ignorando o gato. – Este é Shane.

O anjo Shane fez um leve aceno com a cabeça.

– Oi!

– Estamos aqui para ver o corpo – disse o cão. – Presumo que seja o rolo de sushi humano que está na sua sala de estar.

– Você é muito inteligente – disse o gato. – Que outro cadáver você encontrou? Você vê outro cadáver por aqui?

– Tyrius – adverti, querendo cutucá-lo com o pé. – Não faça isso. Não agora. Estou falando sério – Eu sabia que anjos e demônios eram arqui-inimigos, e era assim também para mim até que me tornei um anjo. E isso tornou quase impossível eu explicar ao meu amigo peludo como minha visão dos anjos havia mudado. Eu não tinha certeza se ele simplesmente não entendia ou se ele simplesmente se recusava a tentar.

O gato fez uma careta, mas manteve a boca fechada.

Fui até a sala de estar para desembrulhar o corpo, mas Gareth chegou antes de mim. O elfo cuidadosamente desembrulhou o corpo. Ele franziu a testa e cobriu o nariz enquanto removia a última camada de plástico.

Dei um passo para trás com o mau cheiro.

– Uau. Isso é forte – Corri para as janelas da sala de estar e levantei as duas para tomar um ar fresco. Eu já havia cheirado minha cota de cadáveres, zumbis, ghouls, o que você quiser, mas havia algo horrível no cheiro desse corpo em decomposição, como o cheiro do esgoto da cidade de Nova York no dia mais quente do verão, multiplicado por cem.

– Acho que o plástico piorou a situação – disse o gato, mantendo uma boa distância entre ele e o homem morto.

Quando consegui respirar novamente, aproximei-me do corpo. Seus olhos estavam fechados, algo que Gareth o havia fechado antes de o embrulharmos. A cabeça do homem morto estava em um ângulo estranho, prova de que seu pescoço havia sido quebrado.

Eu tinha que concordar com Tyrius, envolvê-lo em plástico havia de alguma forma acelerado o processo de decomposição. Com aquele cheiro horrível, veio a condição horrível do corpo. A pele tinha a aparência rígida e cerosa que os cadáveres têm. Pior ainda, eu podia ver uma fina película sobre ela, como se fosse suor, embora eu soubesse que não era. Eram os próprios fluidos do corpo escapando pelos poros da pele.

Por estar tão perto, meus olhos lacrimejaram com o mau cheiro, mesmo com as janelas abertas. Embora o desconhecido cheirasse a esgoto, eu sentia pena dele. Em algum lugar desta cidade, sua família sentia sua falta. E eles não faziam ideia do que havia acontecido com ele.

Surpreendentemente, Shane não pareceu muito afetado pelo cheiro quando se ajoelhou ao lado do corpo e o inspecionou. Suas mãos foram direto para o rosto do homem morto e ele abriu o olho esquerdo.

– A alma foi tomada – disse Shane, com uma voz monótona, embora amigável.

– Não me diga – disse Tyrius com um tom de deboche. – Conte-nos algo que não sabemos.

Olhei para o gato e ergui as sobrancelhas para Gareth, que sorria com o comentário de Tyrius. Ele me viu olhando e me lançou um olhar tipo “quê?”.

Shane colocou as mãos cerca de cinco centímetros acima do cadáver do homem morto, com o rosto concentrado.

– Sinto a marca do necromante nesse humano – continuou Shane, como se Tyrius não o tivesse interrompido.

Tyrius soltou um grunhido exasperado.

– Rowyn já disse a vocês que foram os necromantes, seus idiotas cósmicos. O que mais você quer? Você quer que façamos adivinhações também? Isso ajudaria a acelerar o processo?

– Há um procedimento para o nosso trabalho, catnip – rosnou Lance. – Se você não gostar… pode ir embora.

– E perder os truques Jedi desse cara? – pensou o gato enquanto se sentava em suas patas. – Você terá que me arrastar daqui, seu vira-lata pulguento.

Gareth se virou, seus ombros se mexiam no que eu suspeitava ser uma risada. Cara, esses dois. Eu queria chutar a bunda dos dois.

Tivemos muita sorte que os anjos realmente vieram. Embora tenha levado mais de doze horas, ainda assim foi uma vitória. E eu ia aceitar isso.

– O que mais você pode me dizer sobre a alma dele? – Inclinei-me um pouco para a frente e quase vomitei com o mau cheiro.

– Posso sentir que a alma foi removida do corpo e mantida em algum lugar. Ela ficou viva por alguns dias. E então morreu.

Levantei as sobrancelhas, seriamente impressionada.

– Uau. Você pode dizer tudo isso fazendo seu truque Jedi? – O quê? Não pude resistir. Tyrius *tinha* começado.

Um sorriso surgiu nos cantos dos lábios do anjo, e pude perceber que ele estava orgulhoso.

– Sim. É uma aura residual do que foi levado. Como impressões digitais, se você preferir.

– Legal – Eu queria sorrir, mas o cheiro continuava interferindo nos músculos do meu rosto.

– Eu posso remover um pouco do cheiro com meu pó élfico, se você quiser – disse Gareth, olhando para mim. – Talvez isso ajude?

– Isso não será necessário – O anjo manteve sua atenção no morto. – Sua magia removeria informações valiosas sobre como essa pessoa foi controlada, sobre o que restou de sua aura, sobre os remanescentes de sua alma e sobre o necromante que a controlou. Os cheiros são naturais. Assim como a decomposição da carne. Isso não me incomoda.

Tyrius resmungou alguma coisa e eu lancei um olhar torto para ele.

Eu estava na presença de dois anjos e não ia mostrar a eles a fraqueza de meu corpo mortal. Se ele podia trabalhar ao lado do desconhecido fedorento, eu também podia.

Tentando me convencer de que o cadáver cheirava a rosas e lilases, ajoelhei-me ao lado do anjo.

– Você disse que a alma estava armazenada em algum lugar – perguntei, respirando pela boca. – O que isso significa exatamente?

Shane encontrou meu olhar.

– Cada alma tem sua própria marca ou impressão. Cada pessoa é diferente. Isso é sua individualidade, se você preferir. Imagine… que cada pessoa nesta Terra tenha um número. Eu posso sentir a vida dessa alma, então posso rastrear seu número, seguir seu caminho.

– Como um GPS? – perguntou Tyrius.

O anjo olhou para o gato.

– Exatamente.

– Ok, admito que isso é muito legal – disse Tyrius, e juro que vi os lábios de Lance se retraírem em um sorriso.

Shane olhou para mim novamente.

– Com esse conhecimento, sei que a alma desse homem foi removida e mantida em algum lugar. Ela não foi ingerida ou morta, o que geralmente acontece quando os demônios matam um mortal.

Assenti com a cabeça, sabendo disso muito bem.

– Mas os mortais não foram mortos. Não no início.

Shane apertou os lábios.

– E a alma também não. Sua alma viveu por três dias. Disso eu tenho certeza. E então ela simplesmente… morreu. Rapidamente.

Inclinei-me um pouco para trás do corpo, na esperança de tomar um pouco de ar fresco.

– Como eles podem fazer isso? Os necromantes? Como eles podem aprisionar uma alma? Não faz sentido.

Tyrius limpou a garganta.

– Não se esqueça que eles removeram as almas *e* mantiveram os corpos vivos.

– Certo. Isso mesmo.

O anjo deu de ombros.

– Meu palpite é que seja com a magia de morte. Mas terei que examinar um pouco mais para ter certeza. Os necromantes usam os mortos como armas. Nunca ouvi falar deles usando almas, e desta forma.

– Agora você ouviu – disse Tyrius.

Olhei para o anjo.

– Onde você acha que eles estavam guardando as almas? Será que as guardavam em suas têmporas? – Como é possível guardar uma alma? Em um pote? Em uma sala? Eu estava tendo muita dificuldade em tentar imaginar isso.

– Mais uma vez, não tenho certeza – disse o anjo. – As almas são basicamente energias. Para que você consiga capturar uma alma e mantê-la viva e escondida em algum lugar, é necessário um grande poder. É possível que os necromantes tenham descoberto uma maneira de fazer isso em seu tem-

plo… e também é possível que as almas tenham sido mantidas… *em outro lugar*.

– Em outro lugar? – perguntei, sem perceber a dureza em sua voz. – Você quer dizer no Submundo?

Os olhos escuros do anjo encontraram os meus.

– Também é uma possibilidade. Mas, novamente, tudo isso é apenas especulação.

Filho da puta. Isso era horrível.

Minha tensão aumentou, enrijecendo meus ombros.

– Você acha que eles fizeram um acordo com um demônio?

O anjo olhou para o corpo.

– Eu teria dito não antes de ver isso com meus próprios olhos. Os demônios negociam almas mortais. E eles têm o poder de manter as almas por alguns dias, até mesmo semanas. Mas geralmente é por algo maior, como poder sobre seu mundo e, é claro, mais almas. Mas um demônio fazendo um acordo com um necromante? O que os necromantes poderiam oferecer aos demônios em troca? Se não as almas em questão? Os necromantes são mortais. Eles não significam nada para os demônios. E, pelo que posso ver, a alma não foi violada por demônios. Não há vestígios demoníacos. Nenhum.

Esfreguei meus olhos. Agora eu estava ainda mais confusa.

– Pode ser apenas uma teoria, mas é alguma coisa.

– A melhor *coisa que* temos até agora – disse Tyrius, e fiquei surpresa por ele estar concordando com o anjo.

Se os necromantes tivessem realmente feito um acordo com os demônios, eu poderia quebrar esse acordo se conhecesse o demônio em questão. Também ajudaria saber o que os necromantes ofereciam aos demônios. Uma coisa era certa. Essa bagunça dos necromantes estava cada vez pior.

Tyrius balançou a cauda atrás dele.

– Bem, pelo menos sabemos que mais ninguém teve sua alma sequestrada.

– Que nós saibamos – Olhei para o anjo. – A Legião mantém o registro das almas, certo?

– Sim.

– Isso faz parte da descrição do trabalho de um anjo da guarda.

– Isso.

– Então – eu disse. – Vocês sabiam que algumas almas estavam desaparecidas?

O anjo balançou a cabeça e se levantou.

– Não é assim que funciona.

Eu me levantei, sem querer olhar para ele.

– Sério? Está bem. Explique para mim – Se a Legião sabia sobre as almas desaparecidas, por que eles não fizeram nada a respeito?

– Sabemos quando as almas morrem – respondeu o anjo, e vi Gareth cruzar os braços, observando o anjo com uma expressão curiosa. – Mantemos o registro de todas as almas vivas. Quando uma única alma morre, mesmo entre bilhões, nós sabemos. Mas uma alma desaparecida… não é uma alma morta. Não tínhamos como saber que os necromantes estavam fazendo isso. Não até que os nascidos-anjo nos contasse.

Isso não era o que eu queria ouvir.

– Então, a Legião não poderá nos avisar se os necromantes começarem a roubar almas novamente.

Shane balançou a cabeça.

– Receio que não.

Tyrius praguejou.

– Isso não é bom, Rowyn. Como vamos encontrar esses malditos doentes se não sabemos onde ou quando eles vão atacar novamente?

Ouvi uma notificação do meu celular e eu o tirei do bolso. Meu coração disparou ao ler a mensagem.

– Acabei de receber um 190 do Conselho – Olhei para cima e encontrei o olhar intenso de Gareth. – Os necromantes foram vistos na Times Square, em Nova York.

– Para tudo! – Tyrius saltou no ar, com a cauda levantada chicoteando atrás dele. – Vamos nessa!

Sorrindo, corri para o corredor, enrolei meu cinto de armas na cintura e coloquei minha jaqueta sobre ele. Somente quando calcei minhas botas é que me lembrei do anjo e do cadáver.

Ops.

Voltei correndo para a sala de estar.

– Vocês dois vêm com a gente? – perguntei, dando uma olhada para Lance e Shane.

– Eu vou – disse o cachorro branco. – Você vai precisar da minha ajuda.

– Como se precisássemos de um banho de pulgas – murmurou Tyrius.

Shane me deu um sorriso breve.

– Vai. Preciso levar o corpo para Horizon. Precisamos fazer alguns testes e ver se conseguimos descobrir como os necromantes conseguiram manter o corpo vivo sem a alma.

Fazia sentido.

– Obrigada por sua ajuda.

O anjo sorriu.

– O prazer é meu.

Antes que eu pudesse perguntar ao anjo como ele planejava levar o cadáver com ele, ele disse:

– Vai, eu cuido dele. Presumo que você tenha uma banheira, certo?

– Sim – respondi, sabendo que os anjos precisavam de água para fazer a transição para Horizon. Isso ainda não explicava como ele iria transportar o corpo, mas não era uma decisão minha. Eu estava sendo chamada em outro lugar. – Tudo bem, então.

Quando olhei para trás, Gareth, Tyrius e Lance estavam esperando por mim na porta da frente.

Sorri, imaginando a surpresa no rosto do necromante quando meu punho acertar sua mandíbula. *Peguei você, seu filho da puta*.

Sentindo-me um pouco melhor, saí correndo pela porta da frente.

CAPÍTULO 17

Corremos em meio à multidão ao longo da West 42nd Street, em Manhattan. Enormes edifícios de pedra e vidro se erguiam ao nosso redor, de ambos os lados. Grandes outdoors e telões do tamanho de carros piscavam para nós. A rua movimentada inundava meus ouvidos com buzinas altas e motores de carros. Senti o cheiro de graxa e cerveja dos bares, assim como o de amendoim torrado, asfalto e o fedor de escapamento.

Milhares de moradores locais e turistas andavam pelas ruas, rindo e aproveitando a vida na cidade. A rua estava lotada com os homens e mulheres de negócios habituais: em ternos caros, carregando cafés em uma das mãos enquanto conversavam ao celular com outra.

– Você sabe onde fica a 42nd Street? – Ouvi a voz de Tyrius em meu ouvido. O corpo do gato estava enrolado em meu pescoço como um cachecol.

– Perto da 9th Avenue – respondi ofegante, consciente de que uma mulher humana estava me olhando de forma estranha. Então, seus olhos se arregalaram quando ela viu um grande cachorro branco correndo ao meu lado quando passei correndo por ela.

Tudo bem, parecíamos um pouco estranhos. Não era todo dia que você via um homem com um chapéu fedora e um longo casaco preto, uma mulher com um gato enrolado no pescoço e um lobo branco correndo ao lado sem coleira ou focinheira. Éramos um verdadeiro grupo heterogêneo, e era assim que eu gostava.

Avistei a placa verde com os dizeres 9th Avenue em letras brancas.

– Pronto. Chegamos – eu disse ao parar na esquina da rua, com os pulmões prestes a explodir no peito.

Tyrius se moveu em volta dos meus ombros.

– Não estou vendo nenhum necromante. Pulguento, você está sentindo alguma vibração de necro aí embaixo?

Lance olhou para a multidão.

– Seus bigodes ficariam surpresos se eu dissesse que sim? – Não me assustei com o fato do cachorro ter falado bem no meio de um grupo de humanos. Para eles, parecia apenas o latido de um cachorro comum e não a voz de uma pessoa.

– Não meta meus bigodes nisso – miou o gato.

Gareth se aproximou de mim.

– Onde eles estão? – Seu longo casaco balançava ao redor dele como uma capa, ele parecia um superelfo.

O cão branco inclinou a cabeça para o lado.

– Bem aqui.

Um homem humano passou e deu um tapinha na cabeça de Lance.

– Cachorro bonito – Ele me mostrou os dentes e foi embora.

Foi muito difícil não rir da expressão no rosto de Lance, em parte de horror e em parte de raiva. O que você esperava? Ele tinha escolhido se vestir como um cachorro, e um cachorro *branco* gigante. Ele estava destinado a chamar a atenção.

– Aqui? – Tyrius foi até meu ombro esquerdo. – Estamos *aqui*. E eu não os vejo. Parece que você não é tão esperto quanto pensa que é, Benji.

As orelhas do cão se achataram em sua cabeça.

– Estou dizendo a você. Os necromantes estão aqui. Posso sentir suas energias.

– Suas energias – repeti, desejando ter novamente aqueles poderosos sentidos de anjo. Eu meio que sentia falta disso. E da minha supervelocidade. Eu sabia que os anjos tinham uma capacidade maior de sentir o sobrenatural, mas em uma multidão de milhares de mortais, onde cada um tinha sua própria energia, isso era realmente impressionante. – Quantos são?

– Três – respondeu o cachorro. – Estou sentindo três energias *diferentes e* distintas.

Três. Meu coração batia no peito enquanto eu girava com a mão no meu cinto de armas. Eu não ia sacar minha lâmina em plena luz do dia, não ainda, e não a menos que não tivesse outra escolha. Avistei uma das equipes de nascidos-anjo do outro lado da rua, todos com roupas pretas e caras fechadas idênticas. Eles também não tinham visto os necromantes.

Se Lance disse que eles estavam aqui, eles *estavam* aqui. Eu acreditava nele e confiava em seus instintos angelicais. Os necromantes estavam aqui. Eu só precisava encontrá-los.

– Talvez devêssemos nos separar – disse Gareth. – Talvez possamos identificá-los melhor se nos separarmos. É impossível ver alguma coisa com todas essas pessoas – Ele franziu a testa para um grupo de jovens que o acertou de propósito no ombro ao passar por nós.

– O elfo tem razão – disse Tyrius. – Este lugar está cheio de humanos. Nunca conseguiremos identificá-los em uma multidão como essa.

– Nós vamos – Olhei para as cabeças que se aglomeravam em nosso lado da calçada. – Tenho certeza que posso identificá-los – Acho que nunca vou me esquecer dos rostos magros que os necromantes tinham. – Eles não têm magia de transformação – Ou será que têm? Esperava que não.

– Não – O hálito quente de Tyrius roçou minha bochecha. – Eles têm magia da morte. É pior.

– Não estou vendo nenhum zumbi no momento – O pavor que eu vinha sentindo desde que pulei da caminhonete de Gareth se intensificou. Primeiro, por que os necromantes estavam aqui? O que tinha na 42nd Street que os atraiu?

– Bem – disse Tyrius, senti que ele se deitou em meu ombro e se ajeitou até ficar confortável. – Vou tirar um cochilo. Você me acorda quando a ação começar.

– Só podia ser um gato – murmurou Lance.

– Exatamente – Tyrius encostou seu nariz frio em meu pescoço. Embora eu não pudesse ver seus olhos, tinha certeza que estavam fechados.

Soltei um longo suspiro e olhei em volta, vendo centenas de humanos, mas nenhum necromante. Será que os necromantes estavam se escondendo? Será que eles nos viram e fugiram?

– O quão gentil você quer que eu seja se eu pegar um deles? – perguntou Gareth, com um toque de malícia na voz.

Dei um sorriso para o elfo.

– Tão gentil quanto eu seria, querido.

O elfo sorriu, deixando seu belo rosto mais sexy.

– Essa é a minha garota.

– Vocês podem calar a boca? – gemeu o gato. – Estou tentando dormir um pouco. Sem pesadelos, muito obrigado. Acho que acabei de vomitar dentro da minha boca.

Eu ri, o que era totalmente inadequado no momento, mas aliviou um pouco a tensão que eu estava sentindo.

Não sei por quanto tempo fiquei ali observando a onda de humanos que se formava ao nosso redor. Os transeuntes sempre nos olhavam. Lance estava chamando muita atenção. Os amantes de animais iam até ele e coçavam sua cabeça, enquanto o cachorro me lançava um olhar mortal. Mas a maioria dos humanos nos ignorava.

Quando me senti um pouco mais relaxada, eu a vi.

No meio de uma onda de pessoas, a menos de 30 metros de mim, estava um necromante.

Ela era alta, estranhamente alta para uma mulher. Talvez 1,80 m, mais ou menos. Mesmo de onde eu estava, podia ver seu rosto claramente. Suas feições eram alongadas, com as maçãs do rosto salientes abaixo dos olhos pálidos que repousavam abaixo de uma sobrancelha sem pelos. Seu rosto era magro e pálido, como se ela tivesse passado fome de propósito por anos. Mas isso não era anorexia. Acredito que isso era o que acontecia com o corpo quando você brincava com a magia da morte. Você acabava parecendo um cadáver. Como a morte.

Seus ombros ossudos estavam cobertos por uma túnica preta e seu rosto estava parcialmente escondido pelo capuz. Ela me lembrava os personagens Sith de *Guerra nas Estrelas*. Se ela achava que usar aquilo faria com que ela se misturasse, ela era ainda mais idiota do que a ideia de que raspar as sobrancelhas era uma coisa legal. Acredite em mim. Sobrancelhas raspadas não ficam bem. Ponto final.

E ela ficou ali simplesmente, de frente para mim, enquanto as pessoas se aglomeravam ao seu redor. Ela se manteve parada com determinação, confiança e olhos calculistas. Ela queria que eu a encontrasse. Ok, então isso pode ser parte do seu plano.

Mas, mesmo assim, eu ia chutar o traseiro ossudo dela.

Seus olhos pálidos se concentraram em mim e seu rosto se esticou em um meio sorriso, como se sua pele estivesse prestes a explodir.

– Ali! – gritei, apontando para a necromante que não havia se movido. Quando vi que Gareth e Lance também a tinham visto, eu saí correndo.

Não vale a pena esperar.

Lá vou eu.

Com as mãos estendidas, tirei os humanos do caminho enquanto corria em direção à necromante. Ela era minha. Toda minha.

– Um pequeno aviso teria sido bom! – gritou Tyrius enquanto se pendurava em meus ombros, suas unhas perfuravam minha pele enquanto ele se segurava para sobreviver.

– Eu avisei. Eu disse 'lá!'.

– Isso não foi bom o suficiente – miou o gato.

A necromante deu meia-volta e se esgueirou por entre a multidão. Isso não importava, eu estava de olho nela. Ela não ia a lugar algum.

– Saia! Saiam do caminho! Saiam! – gritei enquanto empurrava os humanos do meu caminho de forma não muito gentil. Um homem grande e barbudo me xingou. Não o culpei. Eu também teria me xingado.

– Desculpe – gritei enquanto seguia em frente.

Vi um pedaço da sua túnica preta antes que ela desaparecesse em meio a uma multidão de adolescentes. Ela era rápida. Como ela conseguia se mover tão rápido com todas aquelas pessoas no caminho? Corri para o local onde a havia visto pela última vez. Não havia nada.

Praguejando, avancei, contornando os humanos pela rua até vê-la novamente. A necromante se virou. Seus olhos estavam completamente brancos e seus lábios se moviam enquanto ela erguia as mãos como se estivesse entoando um cântico. Uma névoa escura emanava de suas mãos, espalhando-se por cima e ao redor dela como uma esfera negra brilhante.

– Cuidado, estou sentindo um feitiço chegando – disse Tyrius.

– Não me importo. Posso alcançá-la antes que ela termine – A fúria borbulhava em mim enquanto eu corria em direção a ela.

Algo me agarrou por trás e fui puxada contra um peito duro.

– Não faça isso – sussurrou Gareth em meu ouvido, com as mãos em volta da minha cintura, prendendo-me a ele.

– Por quê? Eu posso pegá-la – Eu me debatia em seu braço, confusa com o motivo dele ter me agarrado. Um clarão branco apareceu em minha linha de visão e Lance apareceu perto de nós. Suas orelhas estavam baixas e um rosnado profundo emanava de sua garganta.

Os lábios de Gareth tocaram minha bochecha.

– Você não pode. Olhe.

A esfera de névoa se espalhou por uma circunferência de cerca de 30 metros, envolvendo pelo menos uma centena de humanos. O cheiro de podridão era avassalador e maior do que qualquer outro cheiro na rua.

Isso durou apenas alguns segundos, e então a esfera caiu.

Se Gareth não tivesse me agarrado, eu estaria dentro daquela esfera.

Com as mãos ainda erguidas, a necromante sorriu para mim. Bem, acho que ela estava sorrindo para mim, mas, sem as íris, era difícil dizer para quem ela estava olhando.

E então algo estranho aconteceu.

Todas as pessoas que estavam dentro do círculo congelaram. Depois de um momento, a pele de todas elas começou a brilhar, como se tivesse sido pintada com milhões de pequenos diamantes. Os diamantes então se soltaram e pairaram sobre cada uma delas, lentamente se unindo em uma bola de luz, como um pequeno sol. As almas.

Ah, não.

Eu sabia o que estava acontecendo e não podia fazer nada além de observar enquanto as almas eram arrancadas das pessoas inocentes. Então, todas as almas seguiram em direção à necromante. No início, pensei que ela fosse agarrá-las de alguma forma, então ela simplesmente estalou os dedos e as almas desapareceram.

– Rowyn – disse Tyrius. – O que diabos acabou de acontecer?

– Ela levou suas almas. Foi isso que aconteceu – Me soltei dos braços de Gareth, meus olhos estavam fixos na cadela necromante. Puxei minha lâmina, apontei para ela e disse: *você está morta*.

Quando voltei a olhar para os humanos, todos me encaravam com olhos amarelos.

As unhas de Tyrius arranharam meu ombro.

– Acho que isso não é bom.

Ainda sorrindo, a necromante baixou as mãos e disse:

– Mate-os.

E então a multidão de humanos desalmados girou, seus olhos amarelos se fixaram em nós e eles atacaram.

CAPÍTULO 18

Você já viu o filme em que uma multidão sai correndo atrás de você na 42nd Street? Exatamente, eu também não.

Nós três corremos na direção oposta logo depois que Gareth disparou dois tiros de pó élfico do sono, que, infelizmente, só atingiu cerca de vinte deles. Eles caíram, mas outra multidão de desalmados passou por cima deles e veio até nós novamente.

Isso nos deu alguns segundos de vantagem, e aceitamos isso de bom grado.

Também fiquei feliz por estar usando minhas botas confortáveis, que eram perfeitas para correr. Nem me imaginava correr com aquelas botas de salto de 15 centímetros que Layla usava, isso teria me matado ou quebrado um tornozelo. Provavelmente as duas coisas.

– *Adoro* uma corrida à tarde – eu disse ofegante enquanto abria caminho entre dois homens de terno escuro que ainda não tinham notado a multidão se aproximando atrás de nós. – Para onde estamos correndo?

Gareth correu ao meu lado, com suas longas pernas se movendo com facilidade.

– Minha caminhonete.

– Vamos atropelá-los com a sua caminhonete?

– Não – O elfo fez uma careta. – Minha caminhonete vai nos tirar daqui.

Certo. Dei uma olhada para trás e senti um certo alívio. A multidão de desalmados ainda estava um pouco atrás de nós. A caminhonete de Gareth estava a apenas dois quarteirões de distância. Nós iríamos conseguir.

Ouvimos gritos do outro lado da rua.

– Rowyn! Olhe para a sua esquerda – gritou Tyrius.

Do outro lado da rua, vinha outra multidão de humanos de olhos amarelos correndo. *Que merda é essa?*

– Ali! – gritou Lance, correndo à nossa frente na calçada.

Outra manada de desalmados se aproximava rapidamente, com seus braços rígidos e mecânicos, mas se movendo rapidamente.

– Como isso aconteceu? – gritei. Gareth ficou ao meu lado com os olhos arregalados.

Era como se todas as pessoas na Times Square tivessem perdido suas almas e estivessem agora sob o controle dos necromantes.

E estávamos cercados.

Você pode chamar isso de intuição de anjo misturada com essência de demônio, mas eu os vi. De pé, em ambos os lados da rua, vestidos com túnicas pretas pesadas idênticas, estavam mais dois necromantes.

Ótimo.

Um necromante viciado já era ruim o suficiente. Três, bem, três era muito pior.

– Vamos lá. Por aqui – gritou Gareth, enquanto virava à esquerda na 8th Avenue e seguia para o sul, longe da loucura.

Lance e eu corremos atrás dele. Segurei Tyrius enquanto forçava minhas pernas a correr o mais rápido possível. Eu não queria arriscar que ele caísse e fosse pisoteado pela multidão.

Meu coração batia dolorosamente contra minha caixa torácica. Observei Lance galopar sem esforço à nossa frente, seus músculos se contraindo e a beleza da forma como suas pernas fluíam. Seu corpo foi feito para correr e me fez desejar que eu pudesse me transformar em um cachorro só dessa vez. Quatro pernas eram muito melhores do que duas.

– Rowyn! Rowyn! Você não pode se esconder de nós – entoava os desalmados bem atrás de nós. As vozes dos necromantes foram ampliadas como se estivessem falando por meio de um megafone.

E então todos eles riram. Porque, convenhamos, eles eram psicóticos. E assustadores como o inferno.

O som fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem. Era o som mais assustador que já ouvi, até Tyrius apertou meu ombro com força.

– Logo tudo estará acabado – diziam as vozes em coro. – A vida será erradicada. A morte se levantará.

Corri por cerca de trinta segundos, cerrando os dentes enquanto a multidão corria atrás de nós. Eu era uma boa corredora, mas não conseguia man-

ter um sprint completo para sempre.

O som de passos pesados atrás de mim mudou, tornando-se mais alto e instável. Eles estavam mais perto. Droga. Eu não sabia o quão perto eles estavam, mas pareciam estar perto. Perto demais.

Dei uma olhada por cima do ombro e depois desejei não ter feito isso.

Três ou talvez quatrocentas pessoas sem almas, todas de etnia, idade e gênero diferentes, corriam atrás de nós como um show de marionetes assassinas. Seus braços eram trêmulos e rígidos, e seus rostos estavam todos vazios de expressão. Mas seus olhos brilhavam com inteligência e astúcia.

– Não olhe para trás! – gritou Tyrius. – Apenas corra! Corra!

Ele não precisou dizer duas vezes.

Com uma nova onda de adrenalina, encontrei meu segundo fôlego e corri como se o diabo estivesse em meus calcanhares. De certa forma, ele estava.

A caminhonete de Gareth apareceu à frente. Lance chegou primeiro e esperou. Então o elfo chegou e saltou sobre o capô da caminhonete como um dublê de Hollywood. Ele chegou do outro lado, abriu a porta e ele e Lance entraram. Impressionante.

Quatro segundos depois, abri a porta do passageiro e entrei, Tyrius pulou dos meus ombros quando fechei a porta.

Bum!

A caminhonete sacudiu enquanto centenas de sem alma se lançavam contra ele repetidamente, o som do metal sendo esmagado pelos punhos explodiu ao nosso redor.

Gareth praguejou enquanto batia com a mão na maçaneta da porta.

– Tranque as portas.

Era uma caminhonete antiga, então tivemos que fazer tudo manualmente.

Me virei e tentei alcançar a maçaneta, mas minha porta se abriu um pouco.

Meu coração acelerou quando o rosto de um homem sem alma apareceu na janela. Sua mão se agarrou à borda de metal da porta e a abriu um pouco mais. Em um instante, eu estava com a mão na maçaneta da porta, puxando-a, mas o homem era mais forte. Então, para meu desespero, outra pessoa sem alma apareceu ao lado dele, com as mãos na porta e a puxando junto com ele.

Porcaria. Porcaria. Porcaria.

– Rowyn! – gritou Gareth.

– Eu sei – gritei de volta, puxando a maçaneta da porta com a mão direita o mais forte que pude.

Não tendo outra escolha, peguei minha lâmina com a mão esquerda e golpeei com força em seus dedos. A porta se soltou e eu a puxei para fechá-la, batendo na maçaneta com um *baque*.

Olhei para o banco. Cinco dedos ensanguentados me encaravam.

Ops.

Bum!

Me encolhi enquanto os desalmados se atiravam contra a minha janela, com os rostos ensanguentados e a pele machucada pela força, deixando grossos rastros de sangue escorrendo pelo vidro.

Um barulho alto veio do teto da caminhonete, enquanto eles pisoteavam. A luz do sol da tarde se foi quando centenas de desalmados subiram na caminhonete e nos cercaram por todos os lados. A caminhonete deu um solavanco e eu me virei para ver os desalmados subindo na caçamba da caminhonete e batendo no painel traseiro com os punhos.

– Bolas demoníacas! – gritou Tyrius. – Eles estão tentando invadir!

Lance rosnou e latiu para os desalmados atrás de nós.

O medo tomou conta de mim. Olhei para Gareth e vi que seus olhos estavam fixos em mim e sua expressão era sombria.

O elfo colocou a chave na ignição e a caminhonete começou a funcionar.

– Sim, é isso mesmo! – disse Tyrius enquanto se endireitava em meu colo. – Vamos acabar com esses malditos! Avante, elfo!

Fiz uma careta, olhando para Gareth, mas seus olhos estavam à sua frente, na dúzia ou mais de desalmados que haviam subido no capô e agora estavam quebrando o para-brisa com a cabeça e com as mãos. Isso não era bonito, e era muito assustador.

O vidro atrás de nós se estilhaçou. Estremeci e levantei minha lâmina ao me virar. O vidro tinha trincado, mas ainda estava firme.

– Não vai se manter por muito tempo – eu disse. – Se não formos embora agora… não vamos conseguir – *Não, porque esses fantoches vão nos despedaçar com suas próprias mãos.* A ideia de suas mãos frias em meu corpo fez a bile subir no fundo da minha garganta. Eu não ia deixar isso acontecer.

– Gareth. Precisamos nos mexer.

As mãos do elfo estavam apertadas no volante.

– São pessoas inocentes.

– Que provavelmente já estão mortas – lembrei ele, as palavras pareciam horríveis quando saíram da minha boca. – Se não formos embora, morreremos. Se morrermos, como vamos deter os necromantes? O Conselho precisa de nós. Os humanos precisam de nós. Precisamos ir embora. Agora! – Antes que os fantoches necromantes nos cortem em pedaços.

– Não sei quanto a você, cara – disse Tyrius. – Mas eu tenho quatro filhos e uma esposa. Meus filhos precisam de mim. Minha esposa precisa de mim. E eu preciso de mim, droga!

O rosto do elfo estava contorcido de horror.

Passei o braço ao redor de Lance e coloquei minha mão no ombro de Gareth.

– Não podemos salvar todos eles, mas salvaremos alguns – A caminhonete balançou novamente e tombou um pouco para o lado, por um momento terrível pensei que estávamos fritos. Então a caminhonete caiu novamente, se endireitando.

– Parece que eles querem nos derrubar – disse Lance. Ele olhou para mim. – Posso passar pela janela e buscar ajuda.

– Ah, tá bom! – interrompeu Tyrius. – Quando você voltar, tudo o que haverá sobrado de nós é uma sopa vermelha e macarrão de pele desfiada.

Os olhos de Gareth se estreitaram.

– Só há uma saída.

– Sim. Passando por cima eles – disse o gato, senti um aperto no peito.

O elfo enfiou as mãos no bolso do casaco e, quando as retirou, elas estavam cheias de pó élfico preto.

– O que é isso? – Nunca tinha visto essa cor antes, embora o preto não fosse tecnicamente uma cor, mas quem se importa?

– Algo que vai explodir – disse o elfo.

– Adoro coisas que explodem – disse Tyrius, com os olhos arregalados, e Lance riu. Estranho. Os dois estavam se dando bem?

Com as mãos fechadas cheia de pó élfico, Gareth baixou a janela.

Eu me endireitei.

– Gareth. Não faça isso – O elfo estava louco. – Eles vão entrar.

Ignorando-me, Gareth se inclinou sobre a janela aberta, deu alguns socos no rosto de alguns sem alma para abrir caminho e, em seguida, jogou o pó sobre o capô da caminhonete.

Ele entrou novamente.

– Espere!

– O quê?

Assim que a poeira baixou, houve uma explosão.

A caminhonete deu um solavanco e eu juro que ficamos no ar por alguns segundos.

Meus ouvidos zumbiram, mas quando olhei em volta, a luz atravessava o para-brisa. Os desalmados que estavam na frente e sobre o capô da caminhonete estavam caídos na calçada, longe do carro. Eles se mexiam e estavam prontos para se levantar.

Sem se preocupar em fechar a janela, Gareth engatou a marcha da caminhonete e pisou fundo no acelerador.

Eu recuei quando os pneus da caminhonete guincharam e aceleramos pela 8th Avenue.

– Que se dane o submundo! – praguejou Tyrius quando pulou atrás de mim e se apoiou no encosto de cabeça do banco de trás. – Cara. Isso foi incrível.

Um sorriso apareceu no rosto do elfo.

– Eu sei.

Eu ri e passei a mão na cabeça de Lance. Ele me olhou de soslaio, mas não me importei. Estávamos seguros.

Quando a caminhonete acelerou na 8th Avenue, eu me virei e olhei para trás.

O elfo não havia matado nem mesmo um único desalmado.

Isso foi impressionante.

CAPÍTULO 19

O escritório do padre Thomas estava abafado e cinco vezes mais quente do que da última vez em que estive aqui. A sala cheirava a suor masculino e medo. Fiquei de pé com os braços cruzados, encostada na estante de livros na parede mais distante. Primeiro porque o ar parecia menos abafado aqui e segundo porque eu tinha uma boa visão das coisas que estavam acontecendo.

Meus músculos estavam rígidos de tensão e eu sentia uma dor no pescoço do lado esquerdo que latejava e descia para o ombro. Eu sabia que era estresse, mas não podia fazer nada a respeito por enquanto. Depois do ataque da máfia dos desalmados de ontem na Times Square, eu mal havia dormido, talvez duas horas no máximo, o que também poderia explicar a dor no pescoço.

Assim, quando o padre me enviou uma mensagem sobre uma reunião de emergência às 13h, peguei meu cinturão de armas, entrei no meu Subaru e dirigi até a igreja.

– A cidade de Nova York está em isolamento – dizia o padre Peter, sentado na cadeira do padre Thomas. *Cara. Isso é muito grosseiro.*

O padre Thomas sentou-se em uma pequena cadeira de escritório à direita. Se ele estava chateado com o fato de outro padre ter invadido seu espaço, ele não demonstrou.

Os outros Cavaleiros Celestiais estavam todos reunidos no escritório, alguns sentados em cadeiras trazidas de outras salas e outros no sofá. Seis sacerdotes estavam reunidos, contando o ruivo a quem eu devia uma surra.

– Está em todos os noticiários – O padre Peter se inclinou sobre a mesa, entrelaçando os dedos. – Estão chamando isso de 'supervírus', e as pessoas

estão assustadas. Elas estão em quarentena em suas casas, com medo de sair e pegar o vírus.

– O que nos favorece – disse um dos sacerdotes de cabelos loiros curtos, cujo nome me escapou. – Quanto mais pessoas ficarem em casa, menor será a chance de serem infectadas pelos necromantes.

Ele tinha razão. Eu odiava ver minha cidade em tal desordem e desesperança, mas a verdade era que os humanos estavam mais seguros se ficassem em casa. Por enquanto.

Mas os necromantes não podiam se esconder para sempre. E eles teriam o que mereciam. Isso era uma promessa.

– Onde estão todos os desalmados agora? – perguntou o padre ruivo.

– Nas ruas – respondeu o padre Thomas, com a voz rouca. – Continuam circulando pela Times Square. Eles estão lá desde ontem, lutando contra os policiais de Nova York que estão tentando contê-los para levá-los aos hospitais.

O padre Peter balançou a cabeça.

– Eles não conseguirão contê-los. Há muitos deles. Há mais de dois mil desalmados na cidade neste momento.

Respirei fundo. Que droga, eu não sabia que eram tantos. Apenas algumas centenas nos atacaram, mas parecia que os necromantes estavam ocupados roubando almas inocentes.

Frustrada, abri a boca para falar e me virei para o lado, esperando encontrar Gareth, mas vendo apenas uma estante de livros ao meu lado. *Ops*. Sentindo-me tola, fechei a boca e fingi estar interessada em um livro antes de me virar novamente.

Eu havia pedido a Gareth para ficar com a minha avó, embora Tyrius e Kora estivessem com ela. Com tudo o que estava acontecendo, não me parecia certo deixá-la sem proteção extra. Gareth amava minha avó e daria sua vida para protegê-la. Eu ainda estava abalada com o que havia acontecido ontem e, se Gareth não tivesse ficado com minha avó, eu teria recusado a reunião com o padre Thomas. Desculpe-me, mas minha avó estava em primeiro lugar, e o padre poderia fazer uma recapitulação por telefone.

Após o incidente na caminhonete, Tyrius ficou muito quieto, sem dúvida pensando em como estávamos perto de morrer e pensando em seus filhos. Quando deixei Gareth na casa da minha avó, o gato siamês perguntou se eu me importaria se ele ficasse com Kora e as crianças em vez de ir co-

migo à igreja. Meu coração se apertou com o medo que se refletia em seus lindos olhos azuis.

– Sim. Você deve ficar com seus filhos – eu disse a ele. – Eu cuido disso. É só uma reunião. Eu conto tudo para você quando voltar.

– Vamos guardar pizza para você – respondeu o gato, deixando de lado a tensão visível em sua postura.

Eu duvidava disso. Seus filhos comiam mais do que ele. Se sobrasse uma borda, eu consideraria isso um milagre.

– Você teve notícias do vira-lata? – Tyrius perguntou.

– Ainda não – eu disse. Deixamos Lance em um lago próximo ontem, para ele seguir caminho para Horizon. Ele prometeu que voltaria assim que a Legião tivesse novas informações sobre os desalmados e os necromantes. Parecia-me que demônio catnip estava começando a gostar do anjo vira-lata. A ideia me fez sorrir durante todo o caminho até a igreja, mas a sensação não durou muito.

– Falei com o prefeito – continuou o padre Peter e meus olhos se voltaram para ele do outro lado da sala. Ele hesitou e sua expressão ficou amargurada. – Eles vão chamar a Guarda Nacional para *remediar* a situação.

– Remediar como? – perguntou um dos sacerdotes com barba curta e olheiras que apareciam através de seus óculos.

O padre Peter ficou em silêncio por um momento.

– Erradicar a infecção antes que ela se espalhe.

Ele não precisou falar mais nada. Todos nós sabíamos o que isso significava. Eles iriam matar duas mil pessoas. Matá-las para proteger milhões.

Eu esperava uma indignação coletiva dos padres, mas todos ficaram sentados em silêncio, com expressões sombrias idênticas.

Que droga. Isso era péssimo. A Guarda Nacional não tinha ideia do que estava enfrentando. Eles não entendiam isso, não tinha como. Esta não era uma pandemia comum. Não era um vírus. Era magia da morte, mas eles não sabiam disso. Para proteger o resto da população, eles iriam matar todos aqueles desalmados.

Mas talvez houvesse uma maneira de salvá-los.

– Quanto tempo falta para a Guarda Nacional aparecer? – perguntei a nenhum padre em particular. O roubo de todas aquelas almas pesava muito sobre mim.

Os olhos do padre Peter se concentraram em mim. Ele hesitou, como se estivesse pensando se deveria me contar.

– Quando? – perguntei novamente. Não me importava que meu tom fosse exigente, e nem me importava se ele não gostasse de mim. Eu não estava aqui para fazer amigos. Eu estava aqui para fazer meu trabalho, e era exatamente isso que eu ia fazer.

– Amanhã de manhã. Nove da manhã em ponto – disse o padre finalmente, embora seus lábios tenham se torcido de desgosto, como se revelar essa informação tivesse deixado um gosto amargo em sua boca.

Encostei-me na estante de livros e pude sentir as lombadas deles atravessaram o tecido da minha jaqueta. Isso não me dava muito tempo para rastrear os necromantes, mas era tudo o que eu tinha. Cerrei os dentes. Eu faria isso dar certo.

O padre Peter ainda me olhava como se eu fosse um inseto inútil que ele não via a hora de esmagar. Então, continuei olhando para ele até que ele finalmente desviou o olhar.

Você não me assusta, padre.

– A igreja está enviando reforços – O padre Peter se recostou na cadeira, olhando para todos na sala, exceto para mim. – Eles estarão aqui esta noite.

– Quantos? – perguntei enquanto esperava até ele olhar para mim. – Quantos a igreja enviará?

Ele cerrou a mandíbula.

– Cinquenta.

Levantei uma sobrancelha.

– Cinquenta? Você está falando sério? Cinquenta não é o suficiente. Nem de longe é o suficiente – Não me preocupei em esconder o ceticismo de minha voz. Cinquenta era uma piada.

– Isso mesmo – desafiou o padre. – Cinquenta Cavaleiros Celestiais. Cinquenta guerreiros *habilidosos* da igreja – ele acrescentou um tom de desdém.

Ele era um idiota se achasse que isso impediria de alguma forma os milhares de desalmados. Eles seriam massacrados, mas eu não estava a fim de começar uma guerra com a igreja.

– E quanto a você? – argumentou o padre Peter, seus olhos se estreitaram ao olhar para mim, e senti que os olhos de todos os outros sacerdotes também se concentraram em mim. – O que o Conselho dos nascidos-anjo está fazendo para nos ajudar?

– Bem, para começar – eu disse a ele. – Eles enviaram todos os Agentes nascidos-anjo disponíveis por procurar esses necromantes. São cerca de duzentos, se não mais – Não eram milhares, mas era melhor do que cinquenta.

Houve um silêncio. Tudo bem. Isso não estava indo bem, e eu estava feliz por Gareth não estar aqui para testemunhar isso.

A tensão na sala era grande, e eu não os culpava. Todos nós sentíamos isso.

– Rowyn – disse o padre Thomas, e eu dirigi meu olhar para ele. – Você me disse algo antes sobre como viu os necromantes roubando as almas. Você pode nos contar mais sobre isso?

Engoli em seco e respirei fundo.

– Antes de acontecer – comecei a falar, enquanto a imagem dos lábios da necromante se movendo em um cântico voltava à tona. – A necromante disse um feitiço. Eu estava muito longe e, com todo o barulho da rua, não consegui ouvir as palavras. Mas com certeza era um feitiço. Acho que era um feitiço de magia da morte.

Um coro de suspiros indignados e gritos exasperados dos sacerdotes encheu a sala. Amadores.

– Rowyn? – O padre Thomas me deu um aceno de cabeça encorajador para que eu continuasse.

Esperei que a sala se acalmasse.

– Ela levantou as mãos…

– Ela? – disse um dos sacerdotes, o único que tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo. – O necromante era uma mulher?

– Sim, uma *mulher* – Olhei para suas expressões chocadas. – Parece que os necromantes não discriminam os sexos – Deixei-os digerir isso por um momento. – Então ela levantou os braços e produziu uma espécie de névoa negra que se espalhou por uma multidão – Respirei fundo e acrescentei: – Então vi suas almas.

– Você *viu* as almas deles? Como? – perguntou padre Peter.

– Eu vi suas almas deixarem seus corpos. Eu as vi… pairando no ar.

O olhar do padre Peter se fixou no meu.

– E para onde foram as almas?

Sabia que essa pergunta estava por vir.

– Eu não sei. Ela estalou os dedos… e elas simplesmente desapareceram.

– Simplesmente desapareceram? – perguntou o padre Peter, incrédulo. – As almas não podem *simplesmente* desaparecer. Ou elas vão para Horizon ou são mortas e não vão a lugar algum.

– Bem, estas simplesmente *desapareceram* – eu disse, começando a me irritar com a atitude dele. – Veja, não estou inventando isso. Eu vi com meus próprios olhos. Meus amigos também. As almas desapareceram. Para onde foram? Não faço a menor ideia. Mas os necromantes sim.

Se fossem concedidos prêmios para a "cara feia do ano", o padre Peter teria sido um verdadeiro vencedor.

– Você é uma jovem muito insolente – disse o padre.

Fiz uma reverência.

– Obrigada, querido.

O padre Thomas pigarreou.

– Onde você acha que elas estão, Rowyn?

– Bem, Shane, o anjo que veio ver o corpo em minha sala de estar, acredita que talvez as almas tenham sido levadas para o Submundo.

Lá vem…

Os padres soltaram outra rodada de gritos exasperados de indignação. O padre Thomas se levantou e olhou para os outros padres. Eles pararam com seus acessos de raiva, mas continuaram com o olhar fixo.

– O anjo – disse o padre Thomas enquanto juntava as mãos diante de si – Acredita que os necromantes estão trabalhando com os demônios?

Dei de ombros.

– É uma teoria. Ele me disse que entraria em contato comigo mais tarde com mais informações. Mas, por enquanto, é a única coisa que faz sentido. Quero dizer, as almas não estão aqui, neste mundo. Se não estão aqui, têm de estar em outro lugar. Esse outro lugar está apontando para o Submundo – Porque não sabíamos onde mais elas poderiam estar.

Os olhos escuros do padre Thomas examinaram meu rosto.

– E como os necromantes conseguem manter os corpos vivos sem uma alma? Ou como eles podem controlá-los?

Balancei a cabeça.

– Ele não sabe. Ele me disse que teria respostas para mim após examinar melhor o corpo – Não era muita coisa, mas era a verdade e era tudo o que eu tinha no momento. – Vocês podem me encarar o quanto quiser – eu disse aos outros padres, olhando para cada um. – Isso não vai mudar que

agora temos um monte de nada e milhares de pessoas vão morrer se não detivermos os necromantes.

– Essas pessoas já estão mortas – O padre Peter me encarou. – Uma vez que a alma deixa o corpo, ela não pode voltar.

Virei-me para o padre Thomas, com os olhos cerrados.

– Do que ele está falando? – Não gostei da expressão no rosto do padre. – Isso é verdade?

O padre Thomas suspirou.

– Receio que sim, Rowyn. Quando a alma deixa o corpo, ela já iniciou seu novo caminho. A alma só sai quando o corpo está realmente morto. As almas entram no corpo quando uma nova vida nasce. E elas saem quando o corpo morre.

Besteira.

– Mas essas pessoas não estão mortas – Cerrei os punhos e senti a dor queimar minha pele quando minhas unhas cortaram as palmas das mãos. – Elas estão andando e respirando. Têm batimentos cardíacos. Isso não é estar morto. Isso é estar *vivo – Vocês são uns idiotas de colarinho branco.*

O padre Peter me lançou um olhar de desdém e depois disse:

– As pessoas não voltam dos mortos.

– Eu voltei – Falei antes que pudesse me conter. O arcanjo Rafael não havia dito que minha ressurreição devia ser um segredo. Meu rosto estava quente com uma onda de fúria borbulhante. – Eu morri. E aqui estou eu. Em carne e osso. Então, como você explica isso?

O padre Peter sorriu.

– Você é uma mentirosa.

Precisei de todas as minhas forças para permanecer imóvel e não saltar pela sala para acertar um chute na garganta do padre.

Meu sangue latejava em meus ouvidos e, em vez disso, eu correspondi ao seu sorriso.

– Não estou mentindo – Os padres desviaram o olhar de mim, me ignorando como se eu fosse louca. Ok, eu fazia coisas malucas às vezes, mas isso não me tornava louca.

A boca do padre Peter enrijeceu.

– Os necromantes ressuscitam os mortos. É isso que eles fazem. Como Caçadora, eu presumiria que você soubesse disso. Parece que eles dominam essa habilidade, pois reanimaram milhares de mortos.

– Milhares de vivos – respondi. Não pude evitar. – Essas pessoas estão vivas.

O rosto do padre adquiriu um tom mais escuro.

– Por que você está aqui, Caçadora, se não está disposta a ajudar?

– Estou tentando ajudar.

– Parece-me que você está apenas desperdiçando nosso tempo. Estamos aqui para discutir como salvar a vida daqueles que importam.

Levantei minha voz.

– Aqueles que importam?

O padre Peter olhou para o padre Thomas.

– Sim, os vivos que correm perigo com a magia da morte dos necromantes. Os outros milhares que estão em risco se não pusermos um fim a isso.

– Então, deixe-me ver se entendi. Vocês não vão fazer nada? – Olhei para todos eles. – Vocês vão simplesmente deixar todas essas pessoas morrerem?

– É extremamente desgastante ter que ficar repetindo a mesma coisa várias vezes. Vou dizer a você uma última vez. Essas pessoas estão mortas. Esqueça-as. Pense naquelas que estão vivas.

Eu já estava farta.

– Você está errado. E eu vou provar isso – Deixei o escritório furiosa.

– Rowyn! Aonde você vai? – gritou o padre Thomas.

– Estou com uma necessidade repentina de tomar um banho – gritei de volta quando passei pela porta e fui em direção ao corredor. *Para tirar essa sujeira de mim*.

As vozes dos padres se elevaram com raiva. O padre Thomas e alguns outros que não consegui reconhecer gritavam. Eu estava tão furiosa que mal conseguia enxergar direito e praticamente chutei a porta lateral e saí correndo. O ar fresco foi bem-vindo em minhas bochechas quentes enquanto me dirigia para o meu carro no estacionamento. Eu não tinha ideia se minha teoria estava certa, se de alguma forma as almas fossem devolvidas aos seus corpos, suas vidas voltariam. No entanto, eu tinha a sensação de que isso poderia acontecer. Eu não conseguia explicar. Simplesmente não conseguia aceitar o que os sacerdotes estavam me dizendo. *Eu* tinha morrido e fui trazida de volta. Se funcionou para mim, não funcionaria para todas aquelas pessoas? É verdade que eu tinha morrido com um propósito, para me tornar um anjo das trevas, mas o princípio era o mesmo. Não é?

Se alguém era especialista em almas, eram os anjos. Shane saberia e, da próxima vez que o visse, eu lhe perguntaria.

Quando a figura encapuzada entrou na minha linha de visão, já era tarde demais.

CAPÍTULO 20

— Ok, vou admitir. Você me pegou – eu disse ao necromante porque, convenhamos, ele realmente me pegou. Mas isso não significava que eu ainda não pudesse lhe dar uma surra.

E sim, dessa vez era *ele*. Embora parecesse um viciado em crack, eu o reconheci como o mesmo necromante que havia jogado seus zumbis em nós no templo. Isso ia ser divertido!

Apesar do capuz manter boa parte do seu rosto na sombra, sua pele branca parecia brilhar à luz do sol. Ela tinha aquela aparência cadavérica cerosa. Algo que parecia ser uma sombra preta emoldurava seus olhos pálidos, dando-lhe uma aparência de guaxinim. Embora eu já o tivesse visto antes, a ausência de sobrancelhas e cílios ainda me assustava. O fedor de podridão era o pior. Ele cheirava como se tivesse dormido com os mortos. Talvez fosse isso.

Com os instintos à flor da pele, olhei para o estacionamento e para os prédios vizinhos. Não consegui ver nenhum zumbi ou desalmado em lugar algum. Mas isso não significava que eles não estivessem escondidos, esperando o momento perfeito para me emboscar. Eu duvidava muito que ele fosse aparecer sozinho. Pelo que eu havia testemunhado, os necromantes nunca lutavam sozinhos. Eles sempre tinham um exército à sua disposição. Um exército de mortos. Ou pior, um exército de desalmados.

Arranquei minha lâmina da alma.

– Onde estão seus amigos mortos? Pensei que vocês nunca saíssem de casa sem eles – sorri. – Vocês brigaram?

Os lábios cinzentos do necromante se abriram amplamente.

– Achei que poderíamos fazer isso, só nós dois. Ele arqueou uma sobrancelha sem pelos. – Você sabe… um a um.

O modo como ele me olhava, como se me quisesse, não para fazer sexo comigo, mas para comer minha alma, era um milhão de vezes mais assustador e perturbador. Sem falar que era nojento.

– Tenho que agradecer a você – eu ri. – Você acabou de tornar meu trabalho muito mais fácil.

Seu rosto, enrugado e abatido como se tivesse ficado na água por meses, abriu um sorriso.

– É mesmo? E que trabalho é esse, Rowyn?

– De te dar uma surra, bobão – Mostrei a ele meus dentes. – Você vai me dizer seu nome ou quer que eu invente um? Tenho um monte de nomes ótimos para você. Por favor, diga que sim.

O necromante deu uma risadinha.

– Você pode me chamar de Lorde Rath.

Eu ri de volta.

– Não vou chamar você de *lorde*. Não, vou chamá-lo de Rath. Parece um pouco com rato. Você não acha? Você gosta desse nome? Esse nome combina com você. Boa escolha – Fiz um joinha para ele.

Lorde Rath cruzou as mãos à sua frente.

– Vou tornar isso mais fácil para você.

– Manda, Rath. Rath. Rath. Rath – Por alguma razão, eu estava gostando de dizer esse nome. – O suspense está me matando – *Mas eu vou matar você primeiro. Fedorento.*

O necromante me mostrou seus dentes amarelos e podres.

– Devolva-me o ferro ex mortuis agora e eu deixarei sua alma viver. Se você se recusar, vou atormentar sua alma até o fim dos tempos com o resto deles.

Empinei o quadril.

– O que é ferro ex mortuis? Desculpe, mas eu não falo a linguagem de babaca.

– A lâmina que você tem no quadril – respondeu Lorde Rath, com a voz seca. – Devolva-a.

Ah, sim. Então, essa lâmina era importante para ele. Por quê? Uma coisa era certa. Se ela era importante o suficiente para ele me procurar, de jeito nenhum eu a daria a ele.

– Rath, Rath, Rato, ops, quero dizer Rath. Você precisa respeitar as regras, amigo. Todos nós precisamos.

O rosto do necromante estava inexpressivo.

– As regras?

Acenei com minha lâmina enquanto falava.

– Achado não é roubado. Vamos lá, você sabe disso.

Os lábios cinzentos de Lorde Rath se retorceram em um rosnado.

– O ferro ex mortuis não pertence aos descrentes. Você já o sujou, tendo-o ao seu lado dessa maneira. Você nunca deveria tê-lo tocado com suas mãos imundas.

Olhei fixamente para minhas unhas.

– Ok, talvez eu precise de uma manicure, mas não as chamaria exatamente de imundas. Um pensamento me ocorreu.

– Foi por isso que você veio à minha casa? – Eu achava que era porque tínhamos libertado os desalmados do celeiro, mas agora não tinha tanta certeza. – Você veio por causa da sua lâmina? Por isso? – Mostrei meu cinturão de armas com a lâmina do necromante em sua nova bainha.

Lorde Rath não disse nada, mas eu interpretei isso como um grande sim.

Bati no ferro ex mortuis com meu dedo.

– Por que isso é tão importante? É apenas um pedaço de pedra. É pedra, não é? Tá certo que ela é muito bonita. Faça outra, vou ficar com esta aqui.

O necromante baixou a cabeça.

– Você nunca entenderá, mas a lâmina é inútil para você. Somente na morte o ferro ex mortuis pode brilhar.

– Certo – respondi. – E você ia usá-la para sacrificar aquela pobre mulher, Cynthia.

O sorriso de Lorde Rath era algo sombrio.

– Cynthia escolheu voluntariamente se sacrificar para a Morte. Ninguém a forçou, ela estava feliz em fazer isso.

Respirei fundo.

– Feliz? A mulher sofreu uma lavagem cerebral desde que era criança em seu culto assustador. Ela não tinha ideia do que estava fazendo. Você estava usando ela. A vida dela não significava nada para você.

– Pelo contrário – disse o necromante. – Sua vida teve um grande significado. Ao contrário da sua, a dela tem um propósito *verdadeiro*.

Por que ele teve que falar isso?

– Minha vida tem significado, seu magricela. Ela foi feita para te dar uma surra.

Lorde Rath riu.

– A única coisa que você tem que vale alguma coisa neste mundo… é a sua alma. As almas são ferramentas poderosas.

Tive vontade de vomitar ao ouvir o seu tom doentio.

– Já que estamos falando de almas – comecei. – Com qual demônio você negociou? – Se eu conhecesse o demônio, talvez pudesse fazer um acordo melhor. Provavelmente não daria certo, mas eu estava desesperada. Eu faria qualquer coisa para ter as almas de volta.

O sorriso do necromante desapareceu.

– Demônio?

– Sim. Aquele que está guardando todas as almas que você roubou no Submundo.

O homem sinistro riu ao ouvir isso, e o som provocou uma onda de pontadas em minha pele.

– Os necromantes não fazem acordos com demônios – ele riu novamente e, dessa vez, eu queria lhe dar um soco na cara. – E nunca daríamos a eles nenhuma de *nossas* almas. Por que daríamos a eles a fonte do nosso poder? – Ele me encarou por vários segundos. – Você realmente não sabe nada sobre nós. Não é?

Ok, agora eu estava realmente confusa. Se os necromantes não fizeram um acordo com os demônios e as almas não foram mantidas no submundo, onde estavam as almas?

Mostrei a ele meus dentes.

– Que tal você me contar, e então poderemos discutir sobre isso também – Eu duvidava que ele fosse contar, mas valia a pena tentar.

Lorde Rath permaneceu calmo.

– Você não tem o conhecimento necessário para entender, Caçadora. Seria uma perda de tempo.

– Blá, blá, blá. Estou ficando entediada – Era parcialmente verdade. – Vamos lutar ou o quê?

Lorde Rath fez um gesto com a mão direita.

– Me dê a lâmina – ele ameaçou. – Não pedirei novamente.

Acenei para ele com minha lâmina da alma.

– Venha pagá-la, Rato – Eu não ia facilitar as coisas para ele. Depois do que eles fizeram com todos aqueles humanos, ele merecia uma boa surra.

Os lábios de Lorde Rath se moveram em um feitiço silencioso. O vento soprou mais forte, assim como o cheiro de carniça e enxofre. O necromante piscou e seus olhos ficaram completamente brancos.

Que porcaria. Isso de novo não.

Um barulho repentino chamou minha atenção para os fundos da igreja, para o cemitério. Vi umas pessoas se movendo ao redor das lápides, com passos rígidos e lentos. Não eram pessoas. Eram zumbis, cerca de cinquenta deles.

Droga.

Arqueei uma sobrancelha e olhei para o necromante.

– Uma multidão de zumbis em plena luz do dia. Você é corajoso. Tenho que admitir isso.

– Obrigado – disse o esquisitão.

– Você nunca quis uma luta justa – Eu sabia que as chances de sobreviver a uma multidão de cinquenta zumbis eram mínimas, mesmo para mim. Eu tinha mais chance de lutar apenas contra esse necromante viciado na morte. – Você não sabe lutar, não é? Você é patético demais, fraco demais para saber como fechar um punho e usá-lo.

Seus olhos se arregalaram, a frustração era evidente em seu rosto.

– Não preciso usar meus punhos. Um rei não precisa lutar quando tem um exército à sua disposição.

Rei? Isso era um ego gigante falando. Dei de ombros.

– Já brinquei com os zumbi antes. Está ficando um pouco clichê demais para mim. Que tal você me dar algo novo? Que tal você me mostrar suas bolas gigantes de necromante e lutar – Sim, isso não saiu bem, mas você entendeu.

Lorde Rath baixou o capuz. Sua cabeça careca brilhava e partes de seu couro cabeludo tinham marcas pretas, como se ele tivesse pegado um pedaço de carvão e espalhado na cabeça e nas laterais do pescoço.

– Como quiser, então – disse o necromante. – Eu não queria ter que fazer isso ainda, mas você me fez mudar de ideia – Houve silêncio por um momento. – Me surpreende que uma idiota como você já tenha sido uma Caçadora.

– Eu ainda sou uma Caçadora, idiota – eu disse, não consegui esconder a raiva e a frustração em minha voz.

– Não por muito tempo – Ele murmurou uma palavra em voz baixa, e a multidão de zumbis que se contorcia e se arrastava parou logo após o limite

do estacionamento da igreja.

Dei um suspiro mental de alívio. Não foi uma grande vitória, mas eu a aproveitei.

Não gostei do sorriso presunçoso no rosto do maldito.

– Por que você está sorrindo? A luta ainda nem começou.

Lorde Rath olhou para mim com uma expressão entre irritação e satisfação.

– Você tirou algo de mim e agora eu tirei algo de você.

Senti um certo arrepio com suas palavras. Ele tinha uma atitude arrogante, olhava para mim como se já tivesse vencido a luta. Ele não era um lutador, não no sentido literal da palavra. Ele era um pensador. Os pensadores eram o pior tipo de inimigo. Um inimigo inteligente não precisava ser mais forte ou mais rápido do que você. Ele só precisava ser mais esperto.

E era exatamente isso que ele estava pensando.

Engoli em seco e me abaixei em posição de luta.

– Você não tem nada meu.

Lorde Rath inclinou a cabeça e começou a me rodear enquanto eu me movia de acordo.

– Eu a peguei – disse ele, fechando a mão em punho. – Agora é minha. Sempre será minha.

Entendi. Ele quis dizer minha alma.

– Eu ainda tenho minha alma, idiota.

Ele me olhou, com um leve lampejo de humor em seu olhar.

– Eu não estava falando da sua. Estou falando da alma de um familiar. Alguém precioso para você.

Outro calafrio subiu em espiral da parte inferior das minhas costas até o pescoço e ficou lá.

– O que você disse?

– Você não me deu escolha, Rowyn. Você deveria ter me devolvido o ferro ex mortuis quando eu lhe pedi.

Ah, meu Deus. Vovó.

Meus joelhos se dobraram e quase caí.

– Você… – Não, eu não conseguia nem dizer as palavras. Isso não poderia ser verdade. – Você está mentindo – Eu deveria ter ficado com ela. Eu nunca deveria ter vindo.

Lorde Rath inclinou a cabeça.

– Você sabe que não estou. E foi tão fácil. Quase uma piada, como foi fácil tirar sua alma. Eu mal levantei um dedo.

A raiva invadiu meu corpo.

– Eu não acredito em você! Você é um mentiroso. Mentiroso! – rosnei, apontando minha lâmina com uma fúria mal controlada. – Se você fez alguma coisa com ela… vou matar você e todos os seus irmãos e irmãs esquisitos – Tentei me concentrar em meio ao meu acesso de raiva, mas a imagem da minha avó morta esmagou toda a razão do meu cérebro.

– Acabou – disse Rath, e então ele lambeu os dedos como se estivesse lambendo a cobertura de um bolo. – A alma é minha. Sempre será minha. Para sempre.

Minha raiva se transformou em uma loucura total e uma vontade de matar.

Me conectei com minhas habilidades de Caçadora, direcionei minha atenção e voei para frente, com minha lâmina da alma apontada para sua garganta.

Seu braço se levantou e ele jogou algo em meus olhos.

Cambaleei quando uma dor explodiu em meus olhos, como se ele tivesse me jogado ácido. Praguejei enquanto as lágrimas se derramaram em meu rosto. Ardia como o inferno. Pisquei os olhos, mas era como se minhas lágrimas fossem feitas de areia.

Eu mal conseguia enxergar.

Eu ri, virando-me para uma silhueta que eu esperava ser o necromante, mas que também poderia ser um poste de luz.

– Você é um lutador sujo.

– Nunca estabelecemos nenhuma regra – disse o necromante. Certo, definitivamente, não é um poste de luz. – Pensei que você conhecia todos os truques, Caçadora.

– Eu também – Lamentei minha arrogância em relação às minhas habilidades de luta. Agora, com minha visão prejudicada, não seria tão fácil quanto eu pensava.

Algo prateado cintilou em sua mão. Poderia ser uma faca ou uma corrente.

Em um piscar de olhos, o necromante, pelo que pude perceber, veio até mim, com suas vestes negras esvoaçando ao seu redor.

Piscando rapidamente, me esquivei e o golpeei de lado. Ele se defendeu. Nossas lâminas se encontraram e o choque percorreu meu braço. Ele podia

ser magro, mas era forte e rápido.

Mas minha raiva ainda estava à flor da pele, alimentando minha doce amiga adrenalina.

Ele avançou e nos chocamos novamente. Meus olhos ardiam, implorando para que eu parasse e jogasse água neles.

Algo voou em minha direção. Uma faca? Um punho? Eu não tinha ideia.

Quando senti a picada em minha coxa, eu soube. O desgraçado havia me cortado.

Lorde Rath riu em algum lugar à minha direita.

– Qual é a sensação de ser impotente?

– Qual é a sensação de ser um idiota gigante?

– Você chama isso de luta? – perguntou o necromante. – Você parece mais uma barata tonta. E ainda acha que pode me vencer?

Me inclinei para o lado, e ele deu um pequeno passo à frente. Bati em seu braço esquerdo e avancei, atingindo-o com meu punho esquerdo. Rath cambaleou para trás. O maldito magricela era mais rápido do que eu pensava.

Ele riu, mostrando os dentes, e pude ver as manchas de sangue. Pelo menos eu tinha acertado ele e não o poste de luz.

Em um estado de semi-cegueira e raiva intensa, girei abruptamente. A luz da minha lâmina da alma reluzia à medida que eu desferia golpes e cortes, canalizando minha máxima rapidez, dado meu limitado poder de visão.

Uma forma se moveu próximo a mim. Tentei agarrar seus braços. Pois se ele não conseguisse mexer sua lâmina, não poderia lutar.

Sua bota me acertou. O golpe me jogou para trás, e estrelas bloquearam a visão que me restava.

Aí.

Caí no chão, com o rosto molhado de lágrimas, meus olhos pareciam estar derretendo. Não foi legal.

Uma sombra dançou diante de meus olhos. Ele não ia me enganar novamente.

Levantei-me, balançando minha lâmina diante de mim. Meus olhos ainda ardiam, mas agora eu podia ver melhor, como se estivesse olhando debaixo d'água.

Lorde Rath estava de braços abertos, e palavras saiam de sua boca. Seus lábios se moviam, enquanto ele sussurrava uma língua que eu nunca tinha

ouvido antes. Era gutural, quase demoníaco, um cântico de magia da morte.

Ah, droga.

Eu não era a Caçadora mais esperta do mundo, mas sabia quando me correr. Tipo, agora.

Virei-me, meus pés escorregaram e caí de joelhos. Enquanto tentava me levantar, os cânticos do necromante ficaram mais intensos atrás de mim, mais altos, e as palavras mais sinistras. Eu sabia que estava em sérios apuros quando me engasguei com o enxofre no ar.

Eu precisava alcançar meu carro.

O pânico tomou conta da minha mente. Consegui ver meu carro logo à frente e forcei minhas pernas a correr mais rápido, com o coração batendo forte.

E então o mundo desacelerou. Eu desacelerei.

Era como se eu estivesse presa em um mundo de fantasia. Tudo ao meu redor estava confuso, até mesmo minha mente. Um gelo se instalou ao meu redor, era lento e espesso. Gradualmente, a magia cresceu e se espalhou por mim, fluindo do meu peito para a cabeça e os dedos dos pés. Ela se espalhou até me consumir.

Lorde Rath continuou sussurrando. Eu podia ouvi-lo claramente, colocando poder nas palavras.

Pisquei os olhos. Estava entorpecida, meu corpo não respondia à minha mente. Quando olhei para minha mão, soltei um grito silencioso, embora não tivesse certeza se o grito havia saído.

Pequenas luzes brilhantes cobriram minha pele como se eu fosse feita de diamantes.

Então eu senti minha alma sendo puxada.

Lorde Rath estava roubando minha alma. E eu me tornaria um de seus fantoches sem alma.

O medo tomou conta do meu coração. Tentei me mover, tentei fugir, mas meu corpo não respondia.

Não! Eu ia morrer. Nunca mais veria minha avó, Tyrius ou Gareth.

Ouvi risadas. Acho que era um pouco engraçado. Eu, a extraordinária Caçadora nascida-anjo, tendo sua alma sugada. Não era assim que eu me imaginava morrer.

Pisquei os olhos, o brilho das partículas da minha alma brilhava como o sol.

Faça alguma coisa, Rowyn!

Mas não consegui. Uma partícula de raiva era tudo o que me restava. Uma única lágrima escorreu pela minha bochecha.

O necromante apareceu em minha linha de visão. Agora eu podia ver claramente. Pude ver seu rosto risonho enquanto ele dizia o último feitiços da morte.

O sorriso de Lorde Rath era brilhante e perverso. Ele abriu bem a boca e o cântico da Morte se espalhou.

Então, a ponta de uma espada atravessou sua cabeça e apareceu por entre seus dentes.

O sangue jorrou da boca do necromante e seus olhos se arregalaram de medo. Em seguida, ele caiu de bruços.

O padre Thomas puxou sua espada de prata reluzente da nuca do necromante. A expressão no rosto do padre era de pura raiva, sua boca se retorceu em um rosnado.

Estremeci quando senti uma sensação gélida deixar meu corpo rapidamente, deixando-me enjoada e com um gosto amargo na boca, como carne podre. A magia da morte saiu em um fluxo constante e depois desapareceu, deixando um fraco sussurro.

Caí de joelhos e estendi as mãos quando uma onda de náusea me atingiu. Assim que pude, olhei para as minhas mãos. Minha pele cor de oliva havia voltado. Ela não brilhava mais. Acabou, eu ainda tinha minha alma.

– Rowyn! – O padre Thomas se ajoelhou ao meu lado e senti sua mão em meu ombro. Você está bem? – O tilintar do metal batendo no chão soou quando ele largou a espada. – Você está bem?

Tossi até encontrar minha voz.

– Acho que sim. Obrigada – eu disse, com a voz rouca. Fiquei feliz que o belo padre salvou minha vida. Encontrei seus olhos escuros. – Como você…

– Eu saí procurando por você – O padre Thomas soltou um suspiro. – Eu queria me desculpar pelos outros. Talvez nem sempre concordemos, mas o coração deles é bom.

Eu sorri, feliz por sentir os músculos do meu rosto novamente.

– Não tenho certeza se eles têm coração.

– Vi você com o necromante, enquanto vocês lutavam. Voltei correndo para pegar minha espada.

– Fico feliz que tenha feito isso – Desviei os olhos para o necromante. – Ele tentou levar minha alma – eu disse, com os lábios trêmulos.

– Eu sei. Ele nunca mais fará mal a ninguém – O padre Thomas passou o braço por baixo de mim. – Você consegue ficar de pé?

– Acho que sim.

O padre me ajudou a ficar de pé. Cambaleei um pouco, mas depois de um momento consegui ficar de pé com firmeza, minha força havia voltado.

– O que aconteceu com seus olhos? – A preocupação franziu as feições do padre. – Eles não parecem bem, Rowyn.

– Rath jogou algo em meus olhos – Resisti à vontade de esfregá-los. – Não sei o que era, mas doeu muito.

– Venha para dentro – disse o padre. – Tenho um médico de plantão que trabalha para a igreja.

– Não – Eu me sentia mais forte a cada respiração. – Você cuidará do corpo desse maldito?

O padre Thomas franziu a testa.

– Sim, mas…

– Eu tenho que ir. Aconteceu algo com minha avó.

– Rowyn, espere!

Mal o ouvi enquanto caminhava em direção ao meu carro, a imagem da minha avó morta apareceu em minha mente. Deixei tudo de lado, a culpa, o medo, a raiva, e concentrei-me em andar direito sem cair de cara no chão.

Cerrando os dentes, forcei minhas pernas a se moverem cada vez mais rápido. E então eu comecei a correr, e não parei até chegar no carro.

CAPÍTULO 21

— Vovó? Vovó! – Gritei quando entrei pela porta da frente da casa da minha avó, suando e cuspindo. Me sentia como um cão raivoso. Meu rosto estava molhado de lágrimas, pois o medo de perder minha avó me consumia por completo. Eu não sentia mais nada. Estava entorpecida por um medo tão forte que temia que ele tirasse minha vida e me jogasse em um lugar escuro, sozinha e cega.

– Vovó! – Gritei novamente quando entrei cambaleando na cozinha e parei.

Vovó, Kora, Tyrius e seus filhos, Krystal, Tyson, Kaia e Titus, estavam todos sentados nas cadeiras e na mesa da cozinha. Todos nasceram com pelo branco, mas fiquei feliz que suas cores estivessem mudando à medida que cresciam. Eu não conseguiria distingui-los sem marcas ou cores diferentes. Os pratos estavam cheios de respingos de molho de tomate, pimentões verdes, pedaços de cogumelos e pedaços da borda, era a única evidência de que a pizza havia sido servida.

– Caramba, Rowyn – disse Tyrius, piscando várias vezes. – Parece que você entrou em um lava-rápido.

– Rowyn? – Minha avó se levantou da cadeira. – O que foi? O que aconteceu com você?

Olhei fixamente para seus belos e grandes olhos azuis, com os lábios tremendo enquanto tentava controlar minhas emoções. Eu não disse nada. Não consegui falar, cambaleei até ela e a abracei o mais forte que pude sem quebrar sua coluna. Inspirei seu perfume de sabonete de lavanda e vinho.

– Você está bem – eu disse para o cabelo dela. – Você está bem.

– É claro que estou bem – disse minha avó. – Mas se você não me soltar logo… vou sufocar.

Eu a soltei e dei um passo para trás.

– Desculpe.

Minha avó me observou.

– É melhor você começar a falar, mocinha. Quero saber porque você achou que havia algo errado comigo – Ela apontou um dedo para o meu rosto. – E nem pense em mentir para mim. Tenho seis baals que vão me contar se você fizer isso.

Tyrius riu, e seus filhos começaram a rir também.

– Ela pegou você, Rowyn.

– Um necromante apareceu, é isso – A imagem do rosto de Rath me provocou uma onda de raiva. Ele havia mentido. Mentiu para me irritar, para baixar minha guarda. Tinha funcionado.

Tyrius pulou na mesa da cozinha, com o pelo eriçado em volta dele.

– Um necromante? Onde? Achei que você tinha ido falar com os sacerdotes.

Assenti com a cabeça, sentindo-me subitamente cansada e faminta com o cheiro de comida. – Ele me atacou no estacionamento da igreja.

– Pai, vamos pegá-lo – disse Titus. Ele era o maior dos filhos e o que mais se parecia com a mãe, com uma penugem de pelo branco puro e grandes olhos dourados e ferozes. Meu coração se derreteu com a ferocidade de sua voz. – Estou pronto. Eu sei que estou.

– Eu também quero ir! – disse Kaia, que era a cara do seu pai. Além do fato de ser menor, ela era seu clone.

Krystal pressionou as patas na borda da mesa.

– Se a Kaia vai, eu também vou! – Ela era branca também, mas tinha lindas listras cinza em volta das patas e da cauda, parecendo um lince.

– Sou o mais velho – disse Tyson. – Eu devo ir – Embora não fosse tão grande quanto Titus, seu pelo era uma mistura de branco e bege com cinza escuro no rosto, orelhas, patas e cauda. Ele se parecia mais com um siamês como sua irmã Kaia.

Os quatro jovens baals aplaudiram. Eu sorri para as bolinhas de pelo fofas e mortais.

– Obrigada, pessoal – eu disse aos baals adolescentes, vendo o humor de Kora mudar enquanto ela lançava um olhar para Tyrius. – Mas o Padre Thomas cuidou disso.

– O padre Thomas? Não pode ser – As orelhas de Tyrius se agitaram. – Agora estou empolgado. Fale mais.

Minha avó puxou uma cadeira.

– Sente-se antes que você caia. Deixe-me pegar uma fatia de pizza e uma boa taça de vinho para você.

A pizza parecia fantástica, e juro que comecei a babar. Deixei-me cair na cadeira.

A mão firme de minha avó pressionou meu ombro enquanto ela se inclinava sobre mim.

– Primeiro, preciso cuidar desses olhos.

Tyrius foi até a beira da mesa e me encarou.

– Bolas demoníacas, mulher. O que aconteceu com seus olhos?

Balancei a cabeça.

– Rath jogou algo neles.

– Rath? – riu Tyrius. – Que nome idiota. Mas, por outro lado, ele é um necromante. Os filhotes caíram na gargalhada. O som parecia tão natural e agradável que me senti relaxar um pouco.

Recostei-me na cadeira.

– Sim, bem, ele queria que eu o chamasse de *Lorde* Rath. Sem chance. – Novamente, os filhotes caíram na gargalhada. Eu tinha meu próprio público. Era uma sensação incrível.

Minha avó se aproximou de mim e examinou meu rosto.

– Seus olhos estão péssimos, querida.

– Está tudo bem. Eles vão se curar sozinhos – eu a acalmei, sabendo que uma das vantagens de ter sangue de anjo era minha super habilidade de cura.

– Você não sabe como seu corpo reage a essa magia da morte – Minha avó me olhou com um olhar maternal. – Você quer correr esse risco? Você não pode conseguir outro par.

– Tudo bem.

Ela foi até a pia e abriu a torneira.

– Aqui – Minha avó me jogou um pano frio. – Pressione isso em seus olhos. Vai diminuir o inchaço.

O inchaço? O quão ruim eles estão?

Tyrius sentou-se bem na minha frente.

– Como o padre está envolvido em tudo isso? O suspense está me dando calafrios. Ele sacudiu o corpo.

Pressionei o pano em meus olhos. Isso realmente melhorou.

– O padre Thomas salvou minha vida.

– Como assim? – perguntou Tyrius. – O que o necromante queria?

Tirei o pano dos olhos por um momento, assim que minha avó colocou um prato na minha frente. Pressionando o pano apenas em meu olho esquerdo, peguei a fatia de pizza vegetariana suculenta com a mão livre e dei uma mordida. Minhas papilas gustativas explodiram. Cara, eu estava faminta.

Engoli, sem me importar com a gordura que escorria pelas laterais da minha boca.

– Ele queria sua lâmina de volta – Bati na lâmina preta em minha cintura. – Aparentemente, ela é importante. Não faço ideia do motivo, mas é. O suficiente para ele me procurar. O suficiente para que ele me procurasse… duas vezes – Mudei o pano para o outro olho. – Era o mesmo que jogou seus zumbis em nós no templo.

Tyrius soltou um rosnado.

– Aquele maldito magricela. Eu deveria ter rasgado a jugular dele quando tive a chance – Os filhotes caíram na gargalhada novamente, mas elas se transformaram em risadas abafadas e nervosas quando eles perceberam o olhar da mãe. Eu sorri. Kora era uma ótima mãe. Ela era rígida quando precisava ser, mas também era gentil e amável com seus filhos.

Tyrius pigarreou, e minha sensação de calor e conforto foi embora.

– Você tem alguma ideia do que essa lâmina pode fazer?

– Não faço ideia – Mordi minha fatia de pizza novamente e engoli. – Estou sentindo algumas vibrações sobrenaturais, mas nada que diga porque ela é tão importante para os necromantes. Ele a chamou de *ferro ex mortuis*.

– Faca dos mortos – traduziu Tyrius, seus bigodes se eriçando enquanto ele fazia uma careta.

– Faz sentido – Mudei o pano de olho. – Parece uma lâmina da morte, mas não é. Por um lado, não emite a mesma energia e não é feita de metal. Parece mais que foi esculpida de pedra.

– Rowyn, posso ver? – perguntou Kaia, com seus olhos azuis focados em mim.

– Sim, eu também quero ver! – disse Titus, pulando da cadeira para a mesa e indo até Tyrius.

– Se vocês vão ver, eu também devo. Eu sou a mais esperta– Krystal balançou a cauda de um lado para o outro.

Tyson bufou.

– Esperta? Você tem o poder mental de um pássaro.

Krystal lhe lançou um olhar.

– Você só está com ciúmes porque sou mais inteligente do que você.

Tyson sibilou.

– Fala isso de novo.

Krystal riu.

– Eu disse…

– O-o-o-k, pessoal – eu disse, vendo o pelo de Kora se eriçar e suas unhas aparecerem nas patas dianteiras, parecia que ela estava prestes a bater em alguns de seus filhos. – Talvez mais tarde. Vou ficar com ela até Shane voltar. Talvez ele saiba sobre isso.

Tyrius olhou para a borda que ficou no meu prato.

– Boa ideia. A princesa divina disse quando voltaria?

Abri a boca para responder, mas depois a fechei. Algo estava faltando. Olhei para a cozinha.

Meu coração parou. O pano molhado escorregou da minha mão.

Enrijeci.

– Onde está Gareth? – Eu não podia acreditar que não havia pensado nele. Acho que ter quase perdido a alma faz isso com uma pessoa. Ele deveria estar aqui.

– Ele está bem – Minha avó se aproximou e apertou meu ombro. – Ele acabou de sair. Foi até a sua casa para buscar mais vinho. Ele queria que eu provasse aquele vinho português que ele não para de elogiar.

Graças às almas. Soltei um longo suspiro enquanto meu coração disparava novamente.

– Tudo bem. Tudo bem. Ele está bem.

Tyrius cutucou meu ombro com o nariz.

– *Você* está bem?

– Estou bem – Acariciei seu queixo. – Só estou um pouco abalada. Já estou melhor. Não achei que contar a eles sobre como quase perdi minha alma para o necromante viciado em morte faria bem. Isso só pioraria as coisas.

Minha avó se virou dos armários da cozinha, com as mãos nos quadris, lembrando-me de mim mesma.

– Você viu minha vasilha grande de plástico com a tampa vermelha?

– Sim. Está lá em casa. Você me emprestou há três dias com algumas sobras de lasanha. Está limpa. Deixe-me ir buscá-la, aproveito e trago Ga-

reth.

Minha avó sorriu para mim.

– Que bom. Terei uma pomada para seus olhos quando você voltar.

Empurrei minha cadeira para trás e me levantei.

– Volto já – eu disse aos baals, Tyrius me olhou desconfiados, saí da cozinha antes que ele suspeitasse que eu estava escondendo algo.

Fechei a porta da frente da casa da minha avó, aparentemente eu a havia deixado aberta o tempo todo, e atravessei a rua em direção à minha casa. A pizza me deu a energia necessária, mas eu ainda estava zonza e todos os músculos do meu corpo doíam como se eu tivesse acabado de sair de um ringue de luta depois de combater vinte demônios bombados.

Eu sabia que o elfo prepararia uns de seus remédios élficos curativos assim que olhasse para mim. E eu os aceitaria de bom grado.

Uma sombra se moveu pela janela da frente e eu reconheci a silhueta do meu elfo sexy.

Fui até a porta da frente e entrei, sem me preocupar em fechá-la. Eu só queria vê-lo e abraçá-lo. Era uma loucura pensar o quanto eu precisava do seu carinho. Era ainda mais louco imaginar o que eu faria sem ele.

– Gareth – chamei enquanto caminhava pela sala de estar até a cozinha.

O elfo estava de pé na pia da cozinha, de costas para mim.

– Gareth? Você não me ouviu? – Fiquei olhando para seu belo traseiro. Eu ia lhe dar um tapa.

– A vovó está esperando aquele vinho que você falou…

Gareth se virou, com movimentos lentos e rígidos.

Soltei um gemido de cortar o coração. Caí de joelhos, incapaz de colocar ar suficiente em meus pulmões enquanto meu mundo desmoronava.

Olhei para o meu elfo, meu lindo e forte elfo mago.

E seus olhos amarelos me encararam.

CAPÍTULO 22

— Rowyn? Você precisa acordar. Não me obrigue a chicotear você, mulher. Você sabe que sou bom nisso.

Eu sabia que era a voz de Tyrius. Eu a reconheci, mas ele parecia tão distante, como se estivesse no fim do mundo, em um penhasco, e estivesse gritando para mim. Estranho. Por que ele estava tão longe? Por que eu estava tão longe? Eu estava sonhando? Isso era um sonho? Parecia um sonho.

O cheiro das energias demoníacas se espalhava pelos níveis superiores dos meus pensamentos, percorrendo meu estado de sonho. Eu estava quente e confortável, embora meu colchão fosse duro, quase como uma pedra. Estranho. Mas eu não queria acordar. Não sabia porque, mas me senti melhor assim. *Continue dormindo. Fique aqui.*

– Ela perdeu o controle – ouvi Tyrius dizer. – Ela está louca. Está pronta para ir para o manicômio.

– Rowyn? É Layla. Você consegue me ouvir? – Desta vez, Layla falava comigo, sua voz era fraca, quase um sussurro. Por que todos estavam tão distantes?

Oi, irmãzinha. Estou ouvindo você. Como vai?

– Você precisa voltar para nós – continuou Layla, sua bela voz flutuava ao meu redor como o som de folhas ondulantes ao vento.

– Olhe para ela – disse a voz de Tyrius novamente. – Ela está em choque. Ela precisa de um médico. Ela precisa de Pam. Precisamos chamar Pam. Tipo, *agora*.

Pam? Eu conheço esse nome. Algo frio tocou minha bochecha e depois minha testa.

– Ela está muito quente. Talvez esteja com febre – disse Layla, com a voz mais alta do que o normal. – O que você disse que aconteceu com o necromante?

– Ela lutou com ele e depois o padre a salvou, matando-o – respondeu o gato. – Ela não entrou em detalhes, o que, pensando bem… parece que ela estava escondendo alguma coisa. O que só pode significar que... foi muito ruim.

Você é um gato esperto. Você é muito inteligente.

– Ele poderia tê-la deixado doente assim? – Ouvi Layla perguntar. – Ele colocou um feitiço nela, você acha?

– Não sei – disse o demônio baal. – Ela parecia melhor na casa da vovó. Seus olhos ainda estavam ruins, mas ela comeu pizza. Não. Isso aconteceu depois que ela viu Gareth.

Gareth… onde está Gareth?

– Ela parece muito mal, Tyrius – ouvi a voz de Layla novamente, embora mais suave dessa vez. – Estou com medo.

– Eu também. Mas ficar aqui sentado não vai ajudá-la. Temos que fazer alguma coisa. Antes que fique pior.

Alguém bateu palmas.

– Acorde, Rowyn – disse Layla novamente. – Precisamos de você. Eu preciso de você. Gareth precisa de você.

Gareth? Por que ele precisava de mim? Onde ele está? Não consigo ouvi-lo.

O som de pés descalços na madeira se aproximou de mim.

– Vamos levá-la para a casa de Pam. Eu a levarei para o carro – disse uma voz.

É Danto? Danto está aqui? Oi, Danto! Espere um pouco… onde é aqui? Isso é um sonho, não é?

– Ou… podemos optar por algo mais rápido – disse Tyrius.

– O que é? – questionou Layla, firme.

– Quando estiver em dúvida, opte pela dor.

Algo tão afiado quanto agulhas perfurou minha pele, e a dor explodiu em meu braço. Gritei e puxei meu braço do agressor. Minha mente passou do sono para a consciência. Pisquei, com o olhar um pouco desfocado, e vi o rosto de um gato siamês olhando para mim.

– Tyrius? – Puxei meu braço para minha linha de visão. Vi quatro buraquinhos pingando sangue. – Você me mordeu. Por que você me mordeu?

O gato me deu um sorriso presunçoso.

– De nada. Agora você pode se levantar.

– O quê? – Só então percebi que estava deitada no chão, olhando para o teto. Me sentei. Estava na minha cozinha.

Com o olhar ainda desfocado, pressionei as palmas das mãos no chão para me equilibrar, como me lembrava de ter feito antes de entrar em pânico.

– Quanto tempo fiquei desacordada?

– Cerca de uma hora – Layla sentou-se ao meu lado e segurou minha mão. Seus dedos quentes eram reconfortantes contra minha pele fria. – Eu vim assim que Tyrius me ligou.

– Tyrius ligou para você? – Girei com os joelhos no chão. Danto estava na sala de estar, parecendo um modelo em um daqueles comerciais de perfume. Sua camisa preta aberta revelava um peito bronzeado e musculoso. Seu belo rosto estava contorcido pela dor e seus olhos escuros brilhavam de tristeza.

Atrás dele havia um homem amarrado a uma cadeira. As pontas de suas orelhas pontudas atravessavam os cabelos escuros, ondulados e desgrenhados. Um pedaço de pano preto estava enrolado em sua cabeça para cobrir seus olhos.

Gareth.

Senti as paredes da cozinha se fecharem sobre mim e, então, tudo começou a girar novamente à medida que os eventos do que havia acontecido antes voltaram à tona… seus grandes olhos amarelos me encarando.

Meu peito se contraiu.

Gareth.

Ele estava sentado em uma das cadeiras da cozinha. Suas mãos e pés estavam amarrados com corda, e mais um pedaço de corda circundava seu corpo. Ele movia a cabeça de um lado para o outro como se estivesse tentando ouvir.

Com os lábios e as pernas trêmulas, fiquei de pé. A pizza da minha avó fez um bolo na minha garganta, mas eu a forcei a descer antes de vomitar. Lembrei-me de ter gritado. Meus olhos se fecharam e senti todas as emoções novamente.

Meu coração parecia ter morrido ali mesmo. *Por favor, não*, pensei, com as lágrimas me cegando enquanto olhava para ele.

Senti um toque em minha perna e olhei para baixo para ver Tyrius se esfregando em mim. Meu amigo peludo estava tentando me confortar.

– Sinto muito, Rowyn – disse Layla, com a voz carregada de tristeza. Eu não quis olhar para ela. Se eu olhasse para ela, perderia o controle novamente.

Meus olhos ardiam, mas eu não deixei as lágrimas caírem. Não era hora de chorar.

Danto veio em minha direção.

– Achei melhor cobrir seus olhos. Para o caso de um dos necromantes aparecer.

– Isso não vai acabar com os necromantes completamente, mas vai ajudar – comentou o gato enquanto se aproximava do elfo. – Pelo menos, por enquanto. Até descobrirmos o que… o que fazer.

Assenti com a cabeça, sem conseguir falar. A culpa era minha. Eu tinha provocado isso. Gareth estava sem alma por minha causa.

– Rowyn? – Layla esfregou meu braço. – Por favor, diga alguma coisa.

Minha garganta ardia. Culpa. Arrependimento. Raiva. Tristeza. Todos competiam dentro de mim, mas não tinha um vencedor.

Fiquei ali em silêncio, olhando para o homem que eu amava, para o homem que me amava com todo o seu ser.

Eu havia arrancado sua alma. Na verdade, foi o necromante que fez isso, mas poderia muito bem ter sido eu.

Danto esfregou a mandíbula.

– Devemos entrar em contato com a família dele?

Encontrei minha voz.

– O que você quer dizer com isso?

O vampiro cruzou os braços, olhando para o chão.

– Bem. Não deveríamos contar a eles o que aconteceu? – Seu rosto perfeito se contraiu de angústia. – É a família dele. Eles deveriam saber que ele está… perdido.

A raiva venceu a batalha emocional.

– Por que você está falando como se ele estivesse morto? – eu me irritei. – Ele *não* está morto – Eu estava praticamente gritando. Não sentia mais nenhuma culpa. Só estava com raiva. Como eles não conseguiam ver que o elfo ainda estava vivo, ainda respirava…

Engolindo em seco, dei um passo hesitante em direção a Gareth.

– Tenho que consertar isso – sussurrei.

– Isso não é culpa sua, Rowyn – Tyrius apareceu ao meu lado. – Você não pode se culpar.

Dei uma risada amarga.

– Ah, sim, eu posso. *Eu* fiz isso. Se eu tivesse devolvido a lâmina idiota de Rath, Gareth ainda estaria… – O quê? Completo? Inteiro? Seria meu novamente? – Ele ainda seria Gareth. Não isso.

– Você não sabe – Tyrius balançou a cabeça, com as orelhas abaixadas. – Você não sabe se os necromantes não teriam feito isso de qualquer maneira. Eles estão brincando conosco. Com você.

Meus olhos percorreram o rosto de Gareth. Seus lábios se moviam, mas não eram palavras, ele não dizia nada, eram apenas os murmúrios de uma pessoa louca.

– Por quê? – Minha voz tremeu, e eu odiei isso. – Por que eles estão fazendo isso? O que eles querem?

– Acho que posso ajudar você com isso – disse uma voz familiar.

Meu coração saltou para a garganta e eu me virei.

Shane estava na cozinha e Lance estava a seu lado.

CAPÍTULO 23

Encarei Shane. Sua pele estava mais escura sob a luz fraca da cozinha, parecia até cor de chocolate. Ele usava roupas casuais pretas, com uma jaqueta de estilo militar.

– Você pode me ajudar com o que exatamente? – Minha voz saiu mais rouca do que eu queria. Minha personalidade de Godzilla estava levando a melhor.

Shane hesitou, parecendo me dar alguns segundos para me recompor. Seus olhos se moveram para trás de mim. Vi o choque nos olhos do anjo quando ele viu Gareth e ouvi o pequeno gemido de Lance que quase me fez cair de joelhos novamente.

Shane se virou para mim novamente e disse:

– Quando isso aconteceu?

Abri a boca para dizer a ele, mas meu maxilar ficou paralisado, as palavras sumiram da minha garganta. Não pude evitar as emoções que se abateram sobre mim novamente. Era como se eu estivesse revivendo o choque de ver Gareth sem alma, tudo de novo… e de novo… e de novo…

– Há cerca de uma hora e meia – disse Layla, e eu soltei um pequeno suspiro de alívio.

Danto assumiu uma postura mais firme, com as mãos postas diante do corpo.

– Tivemos que contê-lo para que ele não machucasse ninguém… nem a si mesmo.

Tyrius se adiantou e se sentou ao lado da perna de Gareth, com as orelhas baixas e os olhos estreitos perigosamente, parecendo um cão de guarda, ou melhor, um gato de guarda.

– Foi o necromante chamado Rato. Ele queria que Rowyn sofresse.

– Funcionou – Esfreguei o rosto, tentando fazer com que meus músculos voltassem a funcionar. Levei a mão à cintura e tirei a faca do necromante. – Por causa disso – Mostrei a lâmina aos anjos. – Ele a chamou de…

– Ferro ex mortuis – respondeu Shane. – É uma lâmina de sacrifício que os necromantes usam durante o ritual da morte. Eles a chamam de "A Passagem". A transição da vida para a morte.

Franzi a testa. Tinha que ser mais do que isso. Ou talvez não fosse, e Rath fosse apenas um maldito gigante que não queria compartilhar seus brinquedos com os outros.

Tyrius bufou.

– Bem, pelo menos agora sabemos o que isso significa – Ele balançou a cabeça para os anjos. – Que outras notícias celestiais você tem para nós? Vocês estão recebendo as mensagens divinas neste momento?

Olhei para Tyrius. Eu não podia ficar brava com ele por perturbar os anjos. Era a única coisa normal em minha vida no momento. Eu precisava de toda a normalidade que pudesse ter.

– Isso não importa mais – Coloquei a lâmina de volta em minha cintura, perguntando-me por que me dei ao trabalho de guardá-la. – Ele fez isso com Gareth porque eu não quis devolvê-la. Não há mais nada, além disso.

– Rowyn – rosnou Tyrius. – Não faça isso. Você sabe que esse não é o único motivo.

– Na verdade, é – Meu temperamento se exaltou e vi Layla olhando para o chão. Sua expressão triste estava acompanhada de lágrimas.

Danto observava Layla, com os dedos dos pés tremendo como se estivesse pensando em tomá-la nos braços para confortá-la. Eu sabia que ele queria fazer isso, mas estava se segurando por minha causa.

Meu estômago deu um nó. Eu daria qualquer coisa para sentir os braços fortes de Gareth ao meu redor. Meus olhos ardiam. Que droga. Eu não iria chorar. Já tinha tido um colapso hoje. Não iria sofrer outro. Gareth precisava de mim. Eu *iria* trazê-lo de volta.

Piscando rapidamente, desviei os olhos para os anjos.

– O que você descobriu?

Shane se aproximou.

– Sabemos porque os necromantes estão levando as almas.

– E onde eles as estão escondendo – disse Lance. Seus olhos dourados se voltaram para Tyrius, desafiando-o a dizer algo sarcástico.

Tyrius levantou as sobrancelhas depois de um momento.

– Essa informação é *grátis*, ou você está esperando que nós lhe paguemos ou algo assim? Vamos lá. Cuspa logo essa baboseira celestial.

– Lembra quando eu disse a você que as almas são cheias de poder? – Shane falava rápido.

– Sim – respondi. – Todo mundo sabe disso.

– É verdade. Essa é uma das razões pelas quais elas são tão atraentes para os demônios.

– Cara – disse Tyrius. – Estou recebendo sinais contraditórios aqui.

Shane exalou lentamente, um gesto mortal.

– Para realizar sua magia da morte, os necromantes precisam de muito poder, uma quantidade enorme. Eles precisam somar o poder para controlar e manter os corpos dos vivos. Somente as almas podem emprestar esse tipo de energia.

Cruzei os braços.

– Até agora, tudo bem. Estou esperando a parte em que devo ficar intrigada – Ok, isso foi duro, mas eu estava no meu limite e não conseguia parar. Nem mesmo para os anjos.

– Quando o corpo morre – continuou Shane. – As almas retornam para Horizon.

– Quando não são comidas por demônios – interrompeu o gato.

– Mas os necromantes encontraram uma maneira de contornar isso – continuou Shane.

Meu interesse foi despertado.

– Continue.

– Com sua magia da Morte – disse o anjo. – Eles podem armazenar as almas em um lugar onde elas não podem escapar. Um lugar onde nem mesmo os demônios podem chegar. Um lugar onde os necromantes podem usar o poder de todas as almas que roubaram.

– Se preparem – disse Tyrius. – Lá vem.

Engoli em seco.

– Que lugar é esse?

– Um novo reino – disse Lance, e Tyrius praguejou.

O baal cuspiu no chão.

– Você precisa parar de fumar esse crack celestial, vira-lata. Não existe um *novo* reino. Existe aqui, existe o seu baseado e existe o Submundo. É isso.

O cão branco balançou a cabeça.

– Não mais.

– Isso é uma grande baboseira cósmica – Os olhos azuis de Tyrius encontraram os meus. – Você acredita nessas aberrações celestiais? Diga a eles, Rowyn. Diga a eles que isso não é legal.

Com o pulso acelerado, olhei para os anjos.

– Se você estiver mentindo para mim… – Eu não queria completar a frase. Tinha a sensação de que me arrependeria.

Danto e Layla sentiram minha tensão e vieram para perto de mim.

Shane nem sequer reagiu à minha explosão.

– Não estou mentindo para você, Rowyn. Existe um novo reino. Nós acabamos de descobri-lo.

Meus lábios se abriram.

– Um novo reino? Você está falando sério?

– Muito – disse Lance. – Conseguimos recuperar alguns ecos de memória por meio do corpo humano que estava conectado ao necromante. Foi assim que soubemos que os necromantes estavam armazenando as almas naquele lugar. Um lugar que eles chamam de Morte.

É claro que se chamava Morte. Porque Raio de Sol já estava sendo usado.

Tyrius cutucou minha perna.

– Acho que os auréolas lá em cima estão ficando sem ar.

Balancei a cabeça. Tyrius não disse que eles estavam mentindo, mas sim que eram loucos e acreditavam em sua loucura. Isso fazia com que fosse verdade?

– O que você quer dizer com um novo reino? Como isso é possível? Os necromantes são humanos, a menos que você saiba algo que eu não sei. E humanos não podem criar reinos – eu disse, meu horror se misturava à confusão.

Lance olhou para Shane.

– Você quer contar a ela ou quer que eu conte?

Levantei uma sobrancelha.

– Contar o quê?

– Vá em frente – disse Shane.

– Deuses e deusas podem criar reinos e realidades – começou o cão. – Assim como este reino, a Terra, o reino dos vivos, foi criado.

Tyrius sibilou.

– Todos nós conhecemos a história, vira-lata. Você precisa seguir o programa.

– Há outra entidade. Você pode chamá-la de deus ou chamá-la pelo seu verdadeiro nome – Lance piscou os olhos algumas vezes. – Essa entidade se chama Derrigor.

Tyrius assobiou.

– Isso está ficando cada vez melhor.

– Quieto, Tyrius – Olhei para os anjos. – Deixe-me adivinhar. Essa entidade, Derrigor, os necromantes fizeram algum tipo de acordo com ele? – Falei "ele", já que o nome soava masculino.

– É nisso que a Legião acredita – disse Shane. – Derrigor tem o poder de criar reinos. Os necromantes devem ter descoberto isso e o invocou de alguma forma, ou simplesmente o despertou.

Tudo isso fazia muito sentido.

– Eles esconderam bem esse novo reino – disse Shane.

– Mas não o suficiente – comentou Lance. – Eles não conseguiram esconder todas essas almas para sempre. A energia delas começou a escapar pelas fendas do lugar, elas são mais ou menos como os Rifs que se abrem. Foi assim que o encontramos.

Um pensamento me veio à mente.

– Como os necromantes podem roubar as almas dessas pessoas e mantê-las vivas enquanto as manipulam?

– Pense neste lugar como uma usina de energia gigante – explicou Shane. – E a energia armazenada das almas, têm uma ligação direta com seus corpos. Como um quadro elétrico com fios conectados a cada pessoa, alimentando-a com energia.

Os olhos dourados de Lance brilharam quando ele encontrou os meus.

– Achamos que essa é a razão pela qual os corpos continuam vivos. Esse poder se alimenta dos corpos mortais. Sustentando-os.

– Mas por quanto tempo? – Olhei para Gareth, que não havia se mexido desde que os anjos chegaram. – Por quanto tempo as almas podem viver naquele lugar?

Shane deu de ombros.

– É difícil dizer. Talvez anos. Até que a alma seja completamente drenada.

Uma explosão de angústia me invadiu.

– Mas aquelas pessoas não têm anos. Elas têm menos de um dia.

Lance e Shane se entreolharam.

– Você quer dizer as pessoas na Times Square? – perguntou Lance.

– Eles estão enviando as tropas humanas – disse Tyrius. – Eles acham que é um vírus. E vão matar todas aquelas pessoas por medo de que ele se espalhe.

Danto praguejou baixinho e passou a mão em seus cabelos negros e exuberantes. Eu sabia que esse era seu gesto característico quando ele estava nervoso ou irritado. Num instante, Layla encontrava-se junto a ele, e seus dedos se uniram aos dele.

Senti o desespero tomar conta de mim. Pela alma de todas aquelas pessoas, pela de Gareth. Meu coração parecia ter parado. Eu estava imersa em um mar de dor, como se essa fosse a única emoção que me restasse…

Mas eu ainda tinha mais uma carta para jogar.

Cerrei os dentes, lutando para não deixar transparecer meu medo e desespero.

– Você disse que aquele lugar, o reino da Morte, onde as almas estão sendo armazenadas e usadas, é a razão pela qual os corpos ainda estão vivos.

Shane assentiu, com o rosto pensativo.

– Sim, sim, é isso mesmo.

Eu andava pela sala enquanto as ideias brotavam em minha mente, e pensamentos e ideias se conectavam em planos maiores.

– Então… as almas também estão vivas. Certo?

– Sim – respondeu Shane.

Apertei os lábios enquanto continuava a andar.

– *Se*, hipoteticamente, as almas fossem libertas daquele lugar… – Respirei fundo antes de fazer a pergunta que estava morrendo de vontade de fazer. – Se elas fossem libertas, poderiam encontrar seus corpos e voltar a ser a pessoa que era antes?

Esperei, com uma esperança desesperada, quase dolorosa, que apertava meu coração. Olhei para Tyrius, que agora se mexia desajeitadamente.

Por um momento, houve silêncio. Ou os anjos não sabiam as respostas, ou temiam minha reação a essas respostas.

Lance finalmente respondeu.

– Tecnicamente, e eu realmente *digo* tecnicamente, porque nunca ouvi falar que isso tenha acontecido antes… – O cão piscou os olhos. – Eu diria que… sim… sim, as almas encontrariam seus corpos e dariam vida a eles.

A esperança de que eu pudesse trazer Gareth de volta para mim era desesperadora e dolorosa. Mas as palavras do anjo eram tudo o que eu precisava ouvir.

– Mas isso é um grande *se* – disse o cão, após ver minha expressão. – Como eu disse, isso nunca foi feito antes.

Tyrius inclinou a cabeça.

– Você nunca ouviu falar que isso tenha acontecido antes. Mas não significa que não funcionará, pulguento.

Lance puxou o lábio para cima para mostrar os dentes.

– Eu nunca disse que não funcionaria, gatinho.

Mordi o lábio.

– Bom. Isso para mim, já é bom o suficiente.

– Rowyn – disse o gato. – Você está com aquela expressão quando está cozinhando ideias nesse seu cérebro grande.

Olhei para a sala. Todos olhavam para mim.

– É que… talvez se…

– Ora, não é uma maravilha esse pequeno grupo reunido? – disse uma voz que não reconheci.

Um calafrio percorreu meu corpo, como se dedos gelados estivessem lentamente envolvendo meu pescoço e me sufocando.

Me virei, já sabendo o que me esperava.

O rosto de Gareth se contraiu em um sorriso.

– Embora eu não possa vê-la, reconheço sua voz. Olá novamente, Rowyn Sinclair. Os lábios do elfo se moveram, mas não era a voz dele.

Era a voz do necromante.

CAPÍTULO 24

Eu não sabia se deveria gritar, chorar ou correr até lá e dar um chute no rosto do homem que eu amava, só para fazer a voz parar.

Não era certo. Isso não deveria ter acontecido. Não comigo. Não com Gareth.

Respirei fundo, tentando manter minha compostura, embora a sala estivesse começando a oscilar novamente. O rosto de Gareth estava sorrindo, embora eu soubesse que o elfo não estava sorrindo, mas sim o necromante. Gareth era apenas uma ferramenta, uma marionete para o mestre das marionetes.

Meus olhos se fecharam e senti um nó na garganta. A dor me atingiu em cheio e cambaleei para ficar de pé. Eu não iria cair. Não na presença do homem que levou a alma de Gareth.

Com as pernas trêmulas, caminhei até o elfo, usando o movimento para esconder meu corpo trêmulo. Dei mais um passo para perto dele, querendo me ajoelhar e puxá-lo para mim, respirar seu cheiro, apenas para sentir seu calor.

Em vez disso, olhei para ele, sabendo que ele não estava ali, sabendo que havia um parasita dentro dele.

– Qual deles é você? – questionei, minha voz tremia com uma fúria mal controlada. A cabeça de Gareth se virou em direção à minha voz. Quando ele não respondeu, eu disse: – Você é aquele que se chama Lorde Krull?

O sorriso no rosto de Gareth se alargou. Era estranho e frio, nada parecido com aquele ao qual eu tinha me apegado tanto. Não havia calor. Era mecânico e errado.

– Muito bem – disse o necromante Lorde Krull. Sua voz era rouca e seca, como a de um homem que já havia passado do seu centésimo aniversário. – Eu vi você com o sacerdote. Eu vi o que ele fez com meu irmão, Lorde Rath.

– Rato – interrompeu Tyrius. O gato siamês estava a meus pés. – O rato está morto, idiota.

A cabeça de Gareth se moveu de um lado para o outro, como se o necromante dentro dele estivesse tentando encontrar a fonte da voz, sem sucesso.

– Você estava espionando ou espiando? – perguntei.

– Espiando – disse Tyrius. – Eu posso sentir o cheiro em sua voz de espião.

Eu amava aquele gato.

– Entendi – eu disse, certificando-me de falar diretamente com o necromante. – Você estava espiando pelos olhos daqueles zumbis na igreja. Você gosta de espiar, né? – Você é *um nojento.*

– Estamos sempre observando – disse Lorde Krull. – Estamos sempre ouvindo. Ouvimos e vemos *tudo*.

Tyrius fungou e cuspiu no chão.

– É impressão minha ou isso parece muito com uma versão doentia do Big Brother?

– Você não está errado – Eu tinha um plano. E para que meu plano funcionasse, eu precisava que algumas perguntas fossem respondidas.

Virei-me ao ouvir passos e vi Layla e Danto se aproximando de mim, ambos com expressões severas. Os anjos permaneceram onde estavam. *Por mim, tudo bem.*

Inclinei-me para frente, tentando aliviar a dor em meu peito para poder pensar com clareza.

– Qual é o significado de tudo isso? O que você quer das almas?

Gareth riu, ou melhor, Lorde Krull riu. O som era como o murmúrio de um animal moribundo. Não era normal.

– Este mundo está sendo desperdiçado com a imundície dos humanos. Seus corpos são fracos, mas suas almas… bem… suas almas são poderosas.

– Mas você também está usando os corpos deles. Não está?

– Sim, até eles definharem – respondeu o necromante. – Mas suas almas continuarão vivas, alimentando-nos com força e poder inimagináveis.

A culpa parecia querer parar meu coração, desviei o olhar antes que fizesse algo estúpido, como usar minha bota para calar sua boca. Tyrius se sentou ao meu lado no chão, infeliz, com os bigodes se contorcendo de irritação.

Voltei meus olhos para o elfo. Metade de seu rosto estava coberto pela venda, fiquei feliz com isso. Dessa forma, eu poderia fingir que não era ele. Eu quase podia me fazer acreditar que não era Gareth. Quase.

– Isso tem a ver com aquela profecia? – perguntei. – Sim, eu sei sobre ela. Cynthia contou. Ela contou *muita* coisa – Mentira total. A verdade é que ela quase não falou nada além de recitar escrituras de cultos e outras bobagens. Procurei alguma expressão em seu rosto, mas não sabia se ele estava franzindo a testa ou não.

O necromante adotou uma linha mais dura.

– Cynthia era um presente para o Mestre. Levá-la foi um erro. Sua vida não era sua. Ela pertencia a ele. Você não tinha o direito de tomar esse presente.

– Cynthia é uma pessoa, seu idiota. Ela não é uma coisa.

– Sua vida servia apenas a um propósito. Ela aceitou esse propósito. Ela o queria. E você tirou isso dela.

– Eu lhe devolvi a vida – Ele parecia estar falando demais, e eu não queria interromper. – A profecia. O Andarilho da Morte. Do que se trata?

O necromante se endireitou em sua cadeira. Ele levantou a cabeça e disse:

– O Andarilho da Morte derrubará o véu entre a vida e a morte. E quando isso acontecer, toda a vida perecerá. E então os mortos ressuscitarão.

Coloquei as mãos nos quadris.

– Deixe-me adivinhar. Você é o tal Andarilho da Morte, certo?

O rosto de Lorde Krull-Gareth se contraiu em um largo sorriso.

– Eu sou.

– Adorável.

– O sangue será derramado – continuou o necromante. – A morte será eterna, e o equilíbrio será restaurado.

Minha pulsação ainda não havia se estabilizado, e seus cânticos só me irritavam ainda mais.

– Se eu matar você, sua profecia não se tornará realidade. Todas as suas esperanças e sonhos – estalei os dedos. – Desaparecerão.

Os cabelos escuros de Gareth caíram sobre a venda.

– A profecia se cumprirá – disse o necromante. – Não há nada que você ou sua pequena gangue desajustada do Scooby-Doo possam fazer para impedir isso.

– Cara. O Scooby é incrível – miou Tyrius.

– Nós nunca vamos parar – disse o necromante. – E você não pode fazer nada para nos impedir. Assim como não havia nada que você pudesse fazer para salvar a alma do elfo – Lorde Krull-Gareth sorriu e passou a língua sobre o lábio inferior. – E eu levarei a alma de sua avó em seguida.

Vovó.

Tyrius sibilou e rosnou, com o pelo das costas eriçado e as garras prontas para matar.

Uma pressão terrível se abateu sobre mim. Vovó era a única conexão com meus pais. Se algo acontecesse com ela…

Meu instinto de proteger e matar era avassalador. O medo e a fúria envolveram minha mente. Em um ímpeto de pura fúria, eu o ataquei.

– Seu desgraçado! – eu gritei. Em um instante, minha mão envolveu seu pescoço antes que eu percebesse o que estava fazendo.

– Rowyn! Pare! – Layla se chocou contra mim, ela colocou suas mãos sobre as minhas enquanto tentava tirá-las do pescoço do elfo.

Continuei apertando.

– É o Gareth – gritou Layla. – Você está machucando o Gareth. Rowyn. Você está machucando o Gareth. Rowyn. Pare!

Você está machucando o Gareth.

Respirando com dificuldade, soltei seu pescoço e vi as marcas vermelhas em sua pele, as marcas das minhas mãos. Fiquei paralisada, tomada pelo horror do que havia feito e pela frustração de ter permitido que minhas emoções me dominassem.

O necromante emitiu um som de reprovação.

– Cuidado com isso, Rowyn – sibilou ele. – Você não quer machucar seu amado elfo, quer? Mais um aperto de amor desse e você teria tornado meu trabalho muito mais fácil – Ele riu, e o som provocou um arrepio em minha alma.

Levantei a mão e tirei a venda dos seus olhos. Eu queria que esse desgraçado visse meu rosto antes de… o quê? Eu o matasse? Eu não podia fazer nada. Esse era Gareth. O necromante sabia que eu nunca o machucaria, a não ser estrangulá-lo um pouco.

Os olhos amarelos me fitaram. O rosto de Gareth estava acabado, sua pele estava amarela demais, como se ele estivesse com febre. O parasita nele estava lentamente drenando sua vida.

Cerrei os dentes e encostei meu rosto no dele.

– Estou indo buscar você, Lorde Krull.

Os olhos do necromante se iluminaram com uma cor de urina velha. Ele abriu a boca para dizer algo…

E então meu punho acertou sua têmpora direita. A cabeça de Gareth se inclinou para trás e depois caiu para frente.

– Droga, mulher – riu Tyrius. – Isso vai deixar um hematoma muito feio. Por que diabos você fez isso?

– Eu fiz o que tinha que fazer – *Sinto muito, Gareth*. Puxei a venda de volta e cobri seus olhos. Depois me virei e encarei os anjos, eles estavam exatamente no mesmo lugar.

– Se eu matar todos os malditos necromantes – eu disse, me aproximando – As almas se libertarão? – Eu já tinha um pressentimento de qual seria a resposta, mas tinha que perguntar.

Shane e Lance trocaram um olhar. O silêncio deles foi minha resposta.

Isso me deixou apenas uma opção. Minha última carta.

Coloquei-me diante deles, com as mãos nos quadris, e disse:

– Me fala como encontrar esse novo reino.

CAPÍTULO 25

– Você está louca! – gritou Tyrius e, por um segundo, pensei que ele tivesse se transformado em seu alter ego, a pantera negra. Ele correu para perto de mim. – Rowyn. Acho que foi você que levou uma pancada na cabeça porque está falando *maluquice*, mulher.

Acenei com a cabeça.

– Sim. Acho que sim.

– Ele tem razão – disse Layla, com a voz cheia de pavor. Seus olhos se arregalaram e a preocupação em seu rosto fez meu peito se contrair. – Você não pode estar falando sério.

– Muito – Voltei para os anjos. – Como faço para encontrá-lo?

Shane passou a mão sobre a cabeça careca.

– Mesmo que lhe digamos, você não poderá entrar.

– Se houver uma porta… eu posso – Com quem ele achava que estava falando? Eu tinha morrido e me tornado um anjo sombrio. Não havia nada que eu não pudesse fazer. Ou, pelo menos, nada que eu não tentasse.

Shane balançou a cabeça, as linhas de expressão marcaram seu rosto.

– Não é um reino para os vivos, Rowyn. É um reino da morte.

– Daí o nome – disse Tyrius, com as orelhas girando na cabeça. – Se chamasse Happy Hour, não haveria problema.

– Rowyn – Lance se adiantou, com a cauda baixa. – Seu corpo mortal não pode passar. Seria fisicamente impossível você entrar. Sinto muito, mas não vai funcionar.

Fiquei com a boca seca diante da imensidão do que estava prestes a dizer.

– Mas minha consciência o fará.

Layla soltou um suspiro agudo.

– O que você quer dizer com isso?

Pisquei os olhos e disse:

– Projeção astral.

– Que inferno – Tyrius bateu na testa com a pata e caiu para o lado, duro como um gato empalhado.

Todos olhavam para mim como se eu fosse louca. Ok, talvez eu estivesse um pouco.

– Eu costumava fazer isso o tempo todo quando era jovem. Não sei dizer porque consigo fazer isso, talvez tenha a ver com minha herança demoníaca, ou angelical, ou talvez nenhuma das duas. Só sei que posso. Tyrius pode contar a vocês. Acabei parando com isso, mas me lembro de como funciona – *Eu acho.*

Layla empinou o quadril e olhou para os anjos.

– Isso funcionaria?

Shane olhou para Lance.

– Sim – disse Shane ao voltar seu olhar para mim. – A consciência ou o espírito de Rowyn pode viajar para esse reino – Ele estreitou os olhos. – No entanto. É um risco *enorme*. Não sabemos muito sobre esse novo reino. Você não sabe o que enfrentará quando estiver lá.

– Estou disposta a correr esse risco – eu disse. Tyrius ainda estava no chão, mas sua cabeça tremia e seus lábios murmuravam a palavra “não”.

– Se algo acontecer com sua consciência – disse Layla. – Se ela morrer lá… isso significa que ela morrerá aqui também?

Agora ela acabou de estourar minha bolha de felicidade.

– Sim – Lance baixou os ombros. – Um não pode viver sem o outro.

Layla se virou para mim, com suas belas feições tensas e irritadas.

– Então, basicamente, você quer ir para esse reino da morte sozinha e arriscar sua própria vida? Você nem sabe se isso vai funcionar.

– É a única maneira.

O rosto de Layla estava ficando vermelho de novo.

– Deveríamos tentar matar todos os necromantes primeiro – disse ela. Seu lábio inferior tremia, e me doeu vê-la tão chateada. Eu sabia que ela estava preocupada comigo.

– Isso não vai funcionar – eu disse a ela. – Mesmo se matarmos todos eles, as almas ainda estarão presas. Gareth ainda estará preso – Senti um nó na garganta, e foi preciso um esforço gigantesco para não começar a chorar.

Olhei para trás. Gareth, ou o que restou dele, ainda estava inconsciente. Se eu não tentasse, nunca conseguiria viver comigo mesmo.

Encontrei os olhos escuros de Layla.

– Vou até lá e libertarei as almas. Podemos eliminar os necromantes quando eu voltar.

– Não – Tyrius se sentou, seus olhos azuis brilhavam com a energia demoníaca. – Você não vai, esquece. Se eu tiver que amarrar você como Gareth, eu o farei.

– Você o ouviu, Tyrius? – Eu estava gritando, meu nervosismo me dominou novamente. – Você não o ouviu dizer que ia matar a vovó? Quem será o próximo? O padre Thomas? Você? Kora e as crianças? Você sabe que eu tenho que parar isso. Eu tenho que fazer isso.

– Não, você não tem – Os olhos do gato estavam arregalados. – Por que sempre tem que ser você? Não pode ser a bunda de outra pessoa que está em jogo aqui? Você não precisa salvar o mundo o tempo todo.

– Desta vez, sim – eu disse a ele. – Porque desta vez… – Meus olhos se voltaram para Gareth. – É pessoal.

– Eu também me preocupo com ele – murmurou Tyrius. – Mas acho que ele não gostaria que você fizesse isso. É muito arriscado.

– Você vai me impedir? – rosnei. – Gareth não hesitaria em fazer o mesmo por mim. Ele viajaria até a Morte e voltaria para me salvar. E é exatamente isso que vou fazer.

Morte... aqui vou eu.

Tyrius murmurou algo que eu não consegui entender. Mas o gatinho tinha parado com a birra. Que bom!

Olhei para o vampiro.

– Danto – eu disse, meu coração batia forte no peito. Minha pressão subiu e se transformou em uma dor de cabeça gigante. – Você precisa manter Gareth seguro até eu voltar. Você pode fazer isso por mim?

O vampiro assentiu com a cabeça, com um leve sorriso.

– Não tem problema.

– Tyrius – Olhei fixamente para o gato. – Você precisa manter a vovó segura. Você ouviu o que ele disse. Então você precisa ficar de olho nela. Você entendeu? Estou contando com você. Não me decepcione.

O gato franziu a testa.

– Você acha que eu sou o quê? Uma galinha? É claro que posso mantê-la segura!

Eu sorri.

– Bom gatinho.

– Sim, sim, sim – Tyrius fez beicinho, com as orelhas abaixadas.

Eu exalei longamente.

– Layla – Olhei para minha irmã. – Preciso que você ligue para o padre Thomas e conte a ele o que está acontecendo. Diga a ele para ficar atento aos necromantes, zumbis ou mais desalmados. – Respirei fundo. – Depois, eu preciso que você mantenha meu corpo seguro enquanto eu estiver naquele lugar. Ok?

– Eu farei isso – disse Layla. – Mas você tem certeza, Rowyn? E se algo acontecer com você lá? E se você… não voltar?

Eu sabia onde ela queria chegar. Eu havia pensado sobre isso também, por exatamente três segundos. Mas minha mente estava decidida.

– Se eu não voltar, paciência. Mas eu tenho que fazer isso. Não há nada que você possa dizer ou fazer para me dissuadir. Minha mente já está decidida.

– Eu sei – Layla desviou o olhar, suas emoções transpareciam em suas belas feições. – Apenas… volte para nós. Está bem?

– Confie em mim, não estou planejando ficar lá – Claro que não. Eu ia libertar as almas e depois ia dar uma surra em alguns necromantes. Estava ansiosa por isso. De jeito nenhum eu perderia essa chance.

– Shane. Lance. Preciso de vocês enquanto faço isso. Vocês terão que me levar a esse novo lugar, tudo bem?

– Sim – disse Shane, e Lance assentiu com a cabeça.

Esfreguei minhas mãos uma na outra.

– Tudo bem, então. Ah, antes que eu me esqueça – eu disse. – Aquele tal de Derrigor está nesse reino também?

Shane e Lance responderam ao mesmo tempo.

– Sim.

Eu sorri.

– Maravilha.

CAPÍTULO 26

Eu tinha que admitir que projetar astralmente minha consciência para o reino da Morte, um novo plano de existência que ninguém, além do deus que o criou, havia visto, era muito idiota. Quero dizer, era completamente estúpido, irracional e imprudente.

No entanto, lá estava eu, caminhando alegremente para a minha possível morte.

Deitei em cima da cama, totalmente vestida e totalmente armada (não tenho certeza se isso ajudaria, pois nunca tentei trazer nenhuma arma quando fiz projeção astral quando criança), Lance descansava no pé da cama, perto dos meus pés, e Shane estava sentado na beirada da cadeira ao meu lado, parecendo pálido e batendo os joelhos.

– Você pode parar com essa perna? – eu disse a ele. – Você está me fazendo perder a concentração.

Shane me deu um sorriso presunçoso enquanto imobilizava a perna.

– Desculpe.

Virei minha cabeça no travesseiro e olhei para frente, com os braços cruzados sobre o peito. Layla estava encostada na minha cômoda, com o chicote na cintura, parecendo estar ansiosa para usá-lo.

Soltei um longo suspiro, tentando me livrar de toda a tensão em meu corpo e tentando limpar minha mente para me concentrar no que eu tinha que fazer. Tinha sido difícil ver Tyrius ir embora, especialmente porque o gato não olhou para mim. Ele estava furioso comigo, eu sabia disso, mas sua preocupação era maior.

Meus olhos se fecharam em meio a um turbilhão de sentimentos conflitantes. Afastei todos os pensamentos, as preocupações, as dores e fui para

aquele lugar dentro de mim, aquele lugar familiar para onde eu costumava fugir quando criança. Onde as dores de perder meus pais e ser diferente não podiam me tocar. Aquele lugar era minha fuga.

Concentrei-me em minha respiração, esvaziando minha mente enquanto me visualizava flutuando sem mover meu corpo físico. Senti o poder se acumulando com uma leve brisa. Ele fez cócegas em mim, e minha respiração ficou mais lenta quando reconheci a sensação familiar.

Era mais fácil do que eu pensava. Parecia que a habilidade de projeção astral estava apenas esperando que eu a usasse novamente, como uma bicicleta velha esquecida na garagem.

Concentrei minha consciência para ficar ali, pairando no quarto, como um fantasma.

– Estou pronta – eu disse depois de um momento, minha voz era baixa e vagarosa, como um sussurro. Tyrius odiava essa parte. Se eu continuasse pensando em Tyrius ou em qualquer outra pessoa, eu perderia a conexão. – Pegue minha mão – Estendi a mão direita. – E me fale sobre o reino da Morte. Você precisa me mostrar o máximo que puder. Me mostre onde ele está. Você precisa abrir sua mente e me deixar ver. Faz sentido?

Tá certo que eu nunca havia tentado fazer isso com ninguém, então não tinha ideia se meu plano brilhante funcionaria. Eu sempre projetei sozinha, geralmente com Tyrius na cama ao meu lado, praguejando o mais alto que podia na esperança de que isso atrapalhasse minha concentração. Mas isso acabou reforçando minha habilidade e talento para transportar meu eu superior para outro lugar.

– Sim. Faz sentido – Shane segurou minha mão. Sua mão era fria e áspera, o que me fez perceber o quanto esses trajes mortais eram próximos do real. – Não sei onde estão as almas nesse lugar. Você terá que encontrá-las sozinha.

– Tudo bem – murmurei, tentando não perder a conexão.

– É um lugar grande, Rowyn. Se você se encontrar em apuros… volte. Nós encontraremos um jeito – Quando eu não disse nada, o anjo murmurou: – Boa sorte. Aqui vai.

Enquanto nossas mãos permaneciam unidas, deslizei minha consciência para a mente de Shane.

Minha pele formigava enquanto sua aura tocava a minha, diversas sensações percorriam minha consciência como seda deslizando sobre a areia.

Senti uma onda de energia quando os pensamentos de Shane se conectaram aos meus, como se estivéssemos compartilhando uma memória em nossas mentes. O que ele via em sua mente, eu via na minha.

Em seguida, visualizei-me flutuando novamente, até sair da cama, sem mover meu corpo físico, passando pelo telhado da minha casa nova, até estar um pouco além das estrelas.

Era uma sensação incrível flutuar, voar, e eu me perguntava por que havia parado. Puberdade? Vai saber.

Eu não conseguia mais sentir a mão de Shane envolvendo a minha. Não conseguia sentir a maciez do meu travesseiro nem o conforto do meu colchão. Não sentia nada.

Essa era a pior parte. Me encontrava em um lugar que eu chamava de o "nada", isso sempre me dava arrepios. Eu nunca ficava lá por muito tempo, sempre me certificava de ter um lugar de destino.

Fiquei ali por um momento, esperando por algo, esperando ser transportada para o reino que estava na cabeça de Shane.

Mas nada aconteceu.

Havia apenas escuridão ao meu redor. Como se eu estivesse presa em uma caixa preta gigante, sem luz, sem paredes, apenas um abismo de nada. *Onde diabos eu estou?*

Você consegue ver a porta de entrada, Rowyn?

Estremeci ao ouvir a voz de Shane em minha mente. Sim, isso me assustou um pouco. Eu não estava acostumada a ter outra voz falando dentro da minha cabeça além da minha.

Ela se parecerá com um portal e se destacará. Você consegue vê-la?

Fiz o que me foi pedido e procurei uma luz nessa escuridão gigantesca. Se isso era um vislumbre da mente de Shane, havia um monte de nada.

E, sem mais nem menos, eu a vi.

Uma partícula de luz, do tamanho de uma ervilha, cintilou como uma única estrela brilhante em um céu escuro. Ela pulsava levemente, com feixes de luz girando no sentido horário ao seu redor com velocidade cada vez maior.

– Tudo bem, Rowyn. Você sabe o que fazer. Vá em direção à luz – disse a mim mesma.

Usando a luz como meu guia, eu avancei.

Essa era a melhor parte da projeção astral, o superpoder de voar do super-homem, ou melhor, da supermulher (porque mulher maravilha já exis-

tia). Eu adoraria ter uma capa neste momento. Roxa, não vermelha. Ah, e botas de cano alto para combinar também. Mas pode esquecer a meia-calça. Ninguém quer ver isso. Nem mesmo meu eu superior.

A luz brilhava e crescia à medida que eu me aproximava, até que ficou do tamanho de uma porta.

Não era uma porta propriamente dita, mas um redemoinho de luz que havia sugado tudo ao seu redor. E eu era a idiota que ia entrar.

– Assim como a luz no fim do túnel – sussurrei. – Legal.

O que você falou, Rowyn? Estou tendo problemas para entender você. Ouvi Shane dizer novamente.

Ops. Esqueci de desligar meu walkie-talkie interno com o anjo. O que quer que eu dissesse em voz alta, as pessoas próximas ao meu corpo ouviriam.

– Nada – eu disse em voz alta.

Você viu uma luz? Shane perguntou.

– Sim. Estou indo em direção à luz agora – Espero que ela não me engula.

Se cuide, Rowyn.

O medo tinha a mesma sensação em meu corpo espiritual e em meu corpo físico porque o medo era um sentimento, um estado mental. E, neste momento, eu estava morrendo de medo. Não vou mentir. Eu tinha que estar louca para viajar para um novo reino desconhecido ocupado por algum deus. Eu sabia que se aquele Derrigor me matasse em seu reino, matasse meu espírito, meu corpo físico também morreria. Minha alma, meu espírito, tudo em mim morreria.

Se eu não conseguisse voltar, eu sabia que Layla reuniria uma equipe e mataria os necromantes. Eu sabia que ela não pararia até matar todos eles, ou morreria tentando.

Isso era o que mais me assustava. Parte de mim sabia que os necromantes eram mais fortes. Com a ajuda da energia das almas, eles eram uma força imparável. O que aconteceria se eles chegassem a um milhão de desalmados? Dez milhões?

A única maneira de detê-los era cortar o vínculo com o poder deles. Se esse lugar era uma usina de energia gigante, eu ia desligar a tomada.

Ao libertar as almas, eles ficariam impotentes. Ok, talvez não completamente impotentes, mas mais fracos e fáceis de matar.

Determinada, encarei a luz brilhante. Não havia como voltar agora. Eu ia até o fim.

– Lá vou eu! – Eu gritei enquanto fazia uma pose de super-herói.

Disparei para frente como um foguete.

Ops.

Como um astronauta no espaço, eu segui em linha reta no mesmo ritmo, direto para a boca daquela fera.

– Carambaaaaa! – Gritei rindo, meio aterrorizada.

Me preparei e então cheguei à porta. Ou melhor, fui *sugada* para dentro.

CAPÍTULO 27

Você já entrou naqueles brinquedos do parque de diversões que você entra em uma daquelas cadeiras gigantes que ficam girando e girando e girando até você sentir que vai vomitar seu almoço?

Isso foi muito, muito pior.

Mesmo com meu corpo espiritual, senti-me mal, como se minha cabeça estivesse prestes a se soltar do pescoço. Uma luz branca explodiu ao meu redor enquanto eu era puxada por um aspirador de pó gigante. O salto para o portal me atingiu como um jato de água gelada, sendo um golpe logo no início, com o impacto se transformando na sensação de ser puxada em todas as direções.

Senti meu corpo se despedaçar, bem, não meu corpo *físico*, mas as partículas que compunham meu corpo espiritual. Não foi nem de longe a mesma sensação que tive quando estava em Horizon e pulei naquela piscina. Ver meu corpo se desintegrar tinha sido uma explosão, e eu não estava com medo. Agora, eu estava apavorada.

Que merda. Isso estava errado. Eu ia ser desfragmentada.

Esforcei-me para manter a calma. Enlouquecer agora não me ajudaria em nada. Mantive meus pensamentos concentrados, lutando para manter meu espírito firme.

E quando pensei que estava prestes a explodir literalmente, bati em algo sólido.

Sólido?

Rolei sobre algo duro, definitivamente duro, enquanto um formigamento me percorria. Piscando, esperei que meus olhos se ajustassem à luz repentina. Quando as formas entraram em foco, olhei ao redor.

Dunas azul se estendiam diante de mim em todas as direções. Algumas árvores se espalhavam pela paisagem e, à primeira vista, pensei que estivessem mortas. Então, rapidamente percebi que o que eu pensava serem galhos mortos e sem folhas eram as raízes. Galhos cobertos de folhas vermelhas e laranjas se estendiam no chão como um tapete texturizado.

As árvores estavam de cabeça para baixo. Todas elas.

Estranho.

Estava claro, parecia ser por volta do meio da tarde. Olhei para o céu. Não havia nada brilhante que explicasse a luz, nenhum sol. É claro que não. Aqui não era a Terra. O céu indicava isso, ele era verde com listras amarelas e laranja, como se tivesse sido pintado com pinceladas gigantes. Também não havia nuvens brancas, mas grandes rochas roxas flutuantes pairavam no céu como se a gravidade não as afetasse.

Bandos de pássaros voavam acima de mim, com suas penas prateadas contrastando com o céu verde. Eles voavam em um movimento de um lado para o outro, e não no fluxo para cima e para baixo com o qual eu estava acostumada. Na verdade, eu nem conseguia ver suas asas, apenas grandes caudas que pareciam movimentá-los. Quando um deles voou perto de mim, percebi que não eram pássaros. Eram peixes.

Cardumes de centenas de peixes voavam em um céu verde com rochas roxas flutuantes, sobre a areia azul e as árvores de cabeça para baixo. Tudo isso era muito estranho.

Me senti como se tivesse entrado em uma das pinturas de Salvador Dalí. Era um mundo de cabeça para baixo. Não, essa não era a palavra certa. Esse lugar era simplesmente… errado. Como se quem o tivesse criado não estivesse bem da cabeça. Como se o criador estivesse louco.

– Isso deve ser divertido.

Estava frio e achei estranho que eu pudesse sentir alguma coisa com meu corpo espiritual. Porque *isso* nunca acontecia. Mas ele estava lá, um frio glacial, como se eu tivesse entrado em uma geladeira gigante.

Olhei fixamente para minhas mãos e depois as balancei. Elas pareciam… sólidas.

– Ainda mais estranho.

Peguei um punhado de areia, o que eu não deveria ter conseguido fazer. As partículas ásperas arranharam minha pele enquanto eu as via escorrer entre meus dedos. Eu poderia ficar aqui sentada por horas me perguntando

porque isso estava acontecendo, ou poderia levantar a bunda e começar a procurar as almas.

– Posso ter um bom e velho surto mais tarde – Cambaleando, fiquei de pé. A sensação palpável deste corpo real me surpreendeu, quase como se fosse o meu próprio corpo.

E então me dei conta.

Esse corpo era muito parecido com o de quando eu era um anjo vestindo um traje mortal. Era como usar a pele de outra pessoa que se parecia com você sobre a sua própria pele. Era eu, mas não verdadeiramente, era um substituto, um avatar.

E esse avatar era um pouco diferente do traje de carne dos anjos. Aqui, eu não sentia as habilidades sobrenaturais extras dos anjos ou a força que vinha com o traje mortal dos anjos. Essa pele era… comum.

– Que pena – Não importava. Desde que me levasse até as almas, eu poderia ser até verde, não me importava. Mas asas teriam sido incríveis.

Girei, tentando determinar onde diabos estariam as almas. Eu tinha imaginado as almas presas em uma gaiola gigante, onde eu poderia arrombar a fechadura e libertar todas elas. Não tive essa sorte.

– Quando é que tenho sorte? Nunca. Essa é a verdade – Um pensamento me ocorreu. – Shane? Você ainda consegue me ouvir? – Minha voz estava muito mais forte agora, bem, pelo menos para mim, parecia mais normal e menos sussurrante.

– Shane? Olá? – Esperei pela voz de Shane em minha cabeça, mas tudo o que ouvi foi um monte de nada. Nossa conexão foi cortada. Eu estava sozinha. Sabia que essa era uma possibilidade, mas ainda assim não era legal.

Em pânico, entrei em minha mente, naquele lugar, naquele nível de consciência ao qual eu sempre ia quando fazia projeção astral.

Não senti nada. Havia apenas um vazio e poeira à deriva, mais nada. Um frio e um vazio preencheram o espaço onde minha consciência deveria estar. Minha própria conexão foi cortada. A conexão entre meu espírito e meu corpo físico foi cortada.

Isso não era bom. Sem o fio de força vital que conectava minha consciência ao meu corpo físico, eu não sabia como voltar para casa.

– Tudo bem. Não entre em pânico. Eu posso consertar isso. *Não* entre em pânico.

Tarde demais. Eu estava em pânico.

Fechei os olhos e contei até dez, tentando me acalmar. Se havia uma maneira de entrar, sempre havia uma maneira de sair. Deixando o desespero de lado, abri os olhos.

– Certo. Por onde devo começar?

Não havia leste e oeste, ou norte e sul. Sem o sol, eu não tinha ideia para onde ir e meu senso de direção era péssimo. Então, escolhi uma colina com uma grande formação rochosa que poderia ser uma montanha e fui em direção a ela. Por que diabos não?

Corri lentamente conforme o terreno permitia, atravessando os montes de areia azul e as árvores de cabeça para baixo. Pensei em chamar as almas. Mas como eu as chamaria? *Almas? Olá, almas?* Isso não soava bem.

– Olá? Pessoas? Espíritos? – eu chamei e parei ao perceber como isso soava idiota. Fiquei parada por um momento, ouvindo. Mas não ouvi nada além do vento. Com os olhos arregalados, coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto estudava as infinitas dunas azuis. O ar fedia, e o cheiro de enxofre misturado com algo adocicado ficou preso na minha garganta.

Era isso que esse Derrigor cheirava?

Então percebi que era ainda mais idiota gritar daquele jeito. Derrigor certamente me ouviria. Será que ele sabia que eu estava aqui? Essa era uma probabilidade, se ele soubesse quem entrasse ou saísse do reino da Morte. A preocupação franziu minha testa. Sim, ele sabia que eu estava aqui.

– Isso não foi inteligente, Rowyn.

Comecei a correr novamente. As almas estavam aqui. Eu só precisava encontrá-las antes que Derrigor me encontrasse. Sim, é muito fácil.

Sem saber quanto tempo meu espírito poderia durar nesse novo reino, corri mais rápido. Com mais força. Desci uma colina e depois enfrentei a desafiadora jornada de ir para a outra. Sim. Esse avatar era péssimo. Não havia força sobrenatural nesse corpo.

Continuei em frente, concentrando-me na montanha rochosa à distância e usando-a como meu destino. Eu estava tão concentrada na montanha que, quando atingi a parede, foi quase como um baque.

Aí.

Minha testa bateu primeiro. Depois, com o choque, levantei a cabeça e bati o queixo. Depois disso, deslizei vergonhosamente com a cara no vidro até o chão, porque foi exatamente essa a sensação que tive. De bater em uma parede de vidro.

Fiquei de pé com a mão na testa, para minha surpresa não tinha nenhum inchaço. Mas ainda doía. Isso foi estranho, mas não tão estranho quanto eu ter batido em uma parede no meio do nada.

– Um pequeno aviso teria sido bom.

Estendi a mão e toquei algo que parecia ser uma superfície lisa. Um vidro? Um espelho? Como não conseguia ver meu reflexo, descartei a possibilidade do espelho. Ou era um vidro realmente limpo, ou uma projeção de algum tipo.

Se havia uma parede de vidro, eu tinha a sensação de que havia mais. Isso era uma prisão, uma prisão de vidro gigante. Então, onde estavam as almas?

Levantei a cabeça e me virei.

Um som de cascalho e pedras ecoou de todos os lados, à medida que cinco figuras encapuzadas, cobertas por mantos negros pesados, me cercaram. Seus rostos estavam escondidos na sombra de seus capuzes. Espirais de névoa negra os envolviam, como se estivessem envoltos em uma aura de morte. Eles eram vagamente humanoides, porém mais parecidos com um macaco do que com um humano, com braços anormalmente longos e uma leve curvatura na postura.

Eu sabia o que era isso. Já os tinha visto antes. Eram os mesmos espectros negros que eu tinha visto no templo dos necromantes, logo antes de tentarem sacrificar a pobre e idiota da Cynthia. Só que, dessa vez, eles eram sólidos.

E estavam vindo na minha direção.

Ah, que inferno.

CAPÍTULO 28

O que fazer quando se está prestes a ser atacado e não há saída? Você usa seu dom de comunicação, é isso.

Firmei meus pés no chão e me abaixei.

– Olá, eu sou Sasha – disse a eles. Regra número um ao enfrentar um inimigo, nunca diga seu nome verdadeiro. Regra número dois, nunca demonstre medo, mas capriche no atrevimento. – Adorei as roupas de dementadores. Ou vocês deveriam ser Espectros do Anel? Nunca sei a diferença.

Os cinco espectros continuavam se aproximando, e estavam cada vez mais perto, suas cabeças balançavam de um lado para o outro, como se estivessem tentando descobrir quem ou o que eu era.

Levantei as mãos em sinal de rendição e dei um passo para o lado e para longe da parede. Eu precisava de espaço para lutar, se esse fosse o caso. E pelo jeito, era exatamente isso que aconteceria.

– Então, como vocês se chamam? – perguntei, dando mais um passo à frente.

– Como vocês se chamam? – Os cinco espectros falaram, suas vozes assemelhavam-se à minha, porém de forma mais grossa.

Credo. Isso foi assustador. Pior ainda era o hálito de carniça que saía de suas bocas, ou o que quer que estivesse escondido sob seus capuzes.

Eles não avançavam mais tão rapidamente, e eu considerei isso um bom sinal. Eles estavam curiosos. Era isso, ou estavam calculando quem atacaria primeiro.

Mostrei a eles meu melhor sorriso.

– Vocês não saberiam me dizer onde estão as almas, né? Talvez vocês possam me indicar a direção certa?

Os espectros inclinaram a cabeça para o lado.

– Certo. Não pensei que soubessem.

– Você é Rowyn Sinclair – disse um dos espectros, com a voz baixa e um tom cruel.

Enrijeci.

– Como você sabe disso? – *Suas aberrações.* Não gostei do fato deles saberem meu nome.

– Você passou pelo reino da Morte – respondeu o espectro. – Sua alma agora está conectada à Morte. A nós. Sabemos tudo sobre você.

Apertei os lábios.

– Legal. E vocês são… deixe-me adivinhar… os guardiões deste lugar?

O mesmo espectro deu um passo à frente.

– Nós somos os coletores de almas.

– Tá parecendo mais como os carcereiros das almas – Cerrei os dentes ao ver como suas cabeças se inclinavam para os lados. – Vocês não vão pegar a minha, seus espectros.

– Já pegamos – disse outro coletor de almas, com um tom divertido.

Meus instintos de Caçadora se manifestaram e levei a mão ao quadril, esperando puxar minha lâmina da alma. Em vez disso, olhei para a lâmina negra do necromante em minhas mãos.

O ferro ex mortuis.

Contrai meu rosto de surpresa. Que estranho. Minha lâmina da alma não veio comigo para o reino da morte, apenas a lâmina do necromante. Ela era afiada e pontiaguda. Isso serviria.

Sentindo-me um pouco mais corajosa, acenei com o ferro ex mortuis.

– Não. Vocês não a pegaram. Na na na na naaa!

Os cinco espectros sibilaram, suas cabeças seguiam o movimento do ferro ex mortuis, como um cachorro olhando um petisco. Mas eu tinha a sensação de que eles não gostavam dessa lâmina. Na verdade, parecia que eles a odiavam. Quem bom. Também usaria isso a meu favor.

Gesticulei para cada um deles com a lâmina do necromante.

– Uni Duni Tê – Apertei os lábios. – Não… Não posso escolher – Arqueei o quadril e mostrei a eles meus dentes brancos perolados. – Tudo bem, então. Quem é o primeiro?

Três dos cinco fantasmas avançaram.

– Ei, não é justo! – gritei enquanto me inclinava, calculando minha estratégia ofensiva e defesa.

Com um gesto rápido, dedos negros, viscosos e contaminados se estenderam diante de mim, eu os golpeei com um amplo movimento para cima. Uma névoa negra saiu do toco de seus dedos, o que me fez parar. Isso foi estranho. Aquilo era do ferro ex mortuis ou era a névoa de sangue do espectro? Embora curiosa, eu não tinha tempo para pensar. Não se eu não quisesse que esses espectros idiotas levassem minha alma.

O espectro sibilou, parando por um segundo, o que ajudou. Até que os outros dois saltaram para a frente.

Porcaria.

Girando, dei o golpe de parada que vinha praticando com Gareth nos últimos finais de semana. Estiquei meu braço e a ponta da lâmina escura atravessou o pescoço do espectro mais próximo.

Ele gritou, seus dedos podres agarraram a lâmina enquanto ele tentava se libertar. Quando seus dedos tocaram a lâmina, faíscas brancas apareciam em seus dedos.

E então o espectro explodiu em uma nuvem de névoa negra.

Quando digo *névoa,* quero dizer um vapor úmido com cheiro de enxofre que impregna e fica cheirando mesmo que você limpe. Coisa nojenta. Quando os demônios explodiam, geralmente eles soltavam cinzas, mas ocasionalmente tinha um pouco de vísceras. Esse negócio era molhado. *Eca*.

– Que nojo – gritei. Cuspindo ou tentando cuspir o que eu sabia que tinha entrado em minha boca, mas tudo o que eu fazia era aspirar ar. Tente cuspir quando não tem saliva.

Um movimento apareceu em minha linha de visão.

Me abaixei. Mas era tarde demais.

Gritei quando uma dor aguda irrompeu em meu braço. A mão do espectro estava enrolada em meu braço esquerdo, seu toque era como ácido. O corpo que eu tinha neste reino era macio como manteiga para eles. Eu me dissolveria ao menor toque.

Senti como se seu toque fosse abrir um buraco em meu braço. Eu gostava do meu braço. Ele tinha sido um braço muito bom para mim durante todos esses anos. Eu ainda precisava dele.

Com meu braço direito, enfiei a lâmina no olho, ou cérebro, ou o que quer que estivesse sob aquele capuz. Eu sabia que tinha acertado algo quando o espectro me soltou e a dor parou.

Puxei meu braço. Sim, havia uma marca de mão preta em volta do meu braço. Aparentemente, esse corpo também podia se queimar.

– Agora, veja o que você fez. Você é um espectro ruim. Um espectro muito ruim – eu disse olhando para cima.

O espectro que eu havia golpeado entrou em combustão e adivinha? Se transformou em uma nuvem de névoa negra.

Dessa vez, eu estava preparada.

Me abaixei e me virei. Quando me levantei novamente, os três espectros restantes haviam se transformado em uma parede de espectros, com uma dúzia deles.

– Era de se imaginar – Levantei as sobrancelhas e dei de ombros. – Por que será que os bandidos nunca querem jogar limpo? Eu sei. Porque jogar limpo seria eu chutar o traseiro de vocês. E vocês sabem disso.

Os espectros sibilaram e balançaram de um lado para o outro em uma dança sinistra da morte, emitindo gemidos guturais.

Bem, eu não ia ficar parada ali. Eu poderia ser um pouco louca, mas não era uma idiota.

Dei meia-volta e corri.

Corri o mais rápido que pude, o que não foi exatamente uma façanha fácil na areia, mas achei que tinha alguns segundos de vantagem.

Algo me atingiu na parte de trás da cabeça.

Me joguei para a frente, com a boca aberta de surpresa, e sim, baldes de areia entraram na minha boca. Tossindo, rolei e chutei, sabendo que um espectro estaria lá. Minhas botas bateram em algo sólido e tive tempo suficiente para ver o espectro recuar assim que outro o substituiu.

Droga. Isso não estava indo tão bem quanto eu esperava.

Tirando o máximo de areia azul que pude da boca, fiquei de pé e estiquei a lâmina do necromante como se fosse uma espada longa, na esperança de acertar alguns espectros antes que eles tivessem a chance de me queimar novamente.

O medo apareceu repentinamente. Não havia como eu lutar contra todos esses coletores de almas, especialmente quando eles podiam simplesmente aparecer do nada. Eu também tinha a péssima sensação de que havia muito mais deles, se o trabalho deles era guardar as almas, e havia milhares de almas roubadas aqui… bem, você entendeu.

Eu era boa. Mas não era *tão* boa assim.

Os espectros pareceram relaxar um pouco. Ou isso, ou eles reconheceram a vitória.

Curvei meus ombros. Eu havia fracassado. E nem sequer tive a chance de encontrar as almas, muito menos libertá-las.

Tentei novamente voltar à minha mente, conectar-me àquele lugar, àquele estado de consciência que me permitiu fazer essa viagem maluca, queria minha passagem para longe daqui. Revirei minha mente várias vezes, mas ela estava vazia. Não havia nada.

Merda.

– Não há lugar melhor que o nosso lar. Não há lugar melhor que o nosso lar – murmurei, batendo os calcanhares. Nada.

Droga. Eu estava presa em um reino sem meios de voltar para casa. Pior ainda. Eu estava presa em um reino sem meios de voltar para casa *e* com uma horda de espectros feios que queriam levar minha alma.

Se eu tivesse um coração, ele estaria batendo loucamente em meu peito. Sim, eu estava com medo, mas uma parte de mim estava furiosa.

– Vamos lá, seus malditos.

Me preparei quando a multidão de espectros veio em minha direção, esticando seus dedos podres e esqueléticos para me pegar.

De repente, uma luz branca brilhante apareceu diante de mim.

Depois, outra, e outra.

Cambaleei para trás, olhando chocada enquanto milhares de pequenos globos de luz branca atacavam os espectros como um enxame de vespas gigantes do tamanho de bolas de tênis.

Os globos brancos zuniam e disparavam contra os espectros, movendo-se como lâminas de aço e cortando seus corpos como papelão. Vindos de todas as direções, em meio a uma espiral de vaga-lumes letais, eles desferiram uma série de golpes centenas de vezes em questão de segundos. A escuridão da névoa se dispersava no ar conforme os espectros perdiam membros e fragmentos de suas formas..

Vi o medo repentino dos espectros, seus movimentos eram frenéticos enquanto tentavam vencer os globos voadores com os braços. Mas os globos eram rápidos demais, fortes demais, numerosos demais.

Houve um grito coletivo e, em seguida, todos os espectros explodiram formando uma nuvem de névoa negra. Eles desapareceram.

Os globos brilhantes pairavam no ar como vagalumes gigantescos que se destacavam contra o céu verde-escuro. Eu sabia o que eles eram. Eram as almas.

E elas simplesmente salvaram minha vida.

Uma névoa branca apareceu diante de mim. Em um piscar de olhos, a névoa se transformou. Revirando-se ela se solidificou, assumindo a forma de um homem.

– Gareth? – engasguei.

CAPÍTULO 29

Gareth. Meu Gareth estava diante de mim.

Me joguei em seus braços, mas atravessei ele, tropecei e caí de cara no chão.

Cuspi um pouco de areia.

– Não é exatamente o reencontro que eu imaginava – Me virei e olhei para o belo elfo, só então notando que seu corpo parecia um pouco transparente. Se eu olhasse bem, poderia ver as formas através dele, como um fantasma. – Não posso tocar em você. Posso? – perguntei, embora já soubesse a resposta quando me levantei. Eu queria tanto tocá-lo, beijá-lo, envolver meus braços em seu peito grande e simplesmente ficar ali. Mas eu sabia que não podia. Que tristeza.

O rosto de Gareth estava triste.

– Não, você não pode – disse ele, fiquei feliz por sua voz ser a mesma.

Tirei um pouco da areia do meu jeans.

– Este lugar é uma viagem. Não é? Com as árvores de cabeça para baixo, os peixes voadores, a areia azul.

– Verdade.

Olhei de relance para o elfo.

– Você acha que os espectros estão mortos?

O elfo balançou a cabeça.

– Não. Eles voltarão – Ele desviou os olhos para as dunas azuis, sua expressão assumiu um humor mais sombrio. – Eles sempre voltam. E depois tem o outro…

Passei meu olhar por ele.

– Você quer dizer Derrigor.

Gareth me observou.

– Você sabe o nome dele?

Olhei para as almas que pairavam.

– Cortesia dos anjos – respondi olhando de volta para ele. – Você é o único que pode… aparecer assim?

Gareth me olhou fixamente.

– Não. Mas é preciso muita concentração e esforço para manter esse corpo. É muito mais fácil permanecer como uma alma. O que eu sou agora… – Ele franziu a testa ao ver minha expressão. – Esta é apenas uma representação do meu corpo. Não estou aqui no sentido físico.

– Eu também não. Mas... por que eu *sou* sólida? – Olhei para a lâmina do necromante que ainda segurava em minha mão e a coloquei de volta em minha cintura.

– Você não é igual a nós – disse o elfo, fazendo um gesto para as almas. – Você não entrou neste reino da mesma forma que nós. Sua alma não foi levada. Você ainda está viva, Rowyn. Nós não estamos.

– Não diga isso – Franzi a testa nervosamente. – Todos vocês – eu disse, olhando para as almas. – Vocês não estão mortos. O corpo de vocês está *bem* vivo – Suspirei, embora não tenha saído ar. Estranho. – Mas não por muito tempo.

– Do que você está falando? – O rosto de Gareth ficou severo, e ele assumiu uma postura rígida. – Rowyn, por que você está aqui?

Eu sabia que ele estava furioso e pude perceber, pelo franzir de sua testa, que ele acreditava que eu tinha feito algo muito idiota. Dei um sorriso e disse:

– Estou aqui para salvar você, é claro – Estendi meus braços e disse: – Ta-rã!

Ao ouvir isso, algumas almas caíram alguns centímetros no ar. Ou elas ficaram chocadas, ou também pensaram que eu era uma grande idiota. Se tivessem rostos, suas feições seriam parecidas com as de Gareth.

Gareth ficou em silêncio. A fúria borbulhava dentro dele, a raiva e o medo dificultavam sua capacidade de encontrar as palavras.

– Você não foi inteligente – esbravejou o elfo. – Você percebe o que fez? Quantas vezes eu já disse a você para *pensar* antes de agir? Você é muito impulsiva. Você sempre foi assim – Ele balançou a cabeça e começou a andar. – Droga, Rowyn. Como você pôde fazer isso?

– E esse é o agradecimento que recebo por tentar ajudar? – Agora eu estava furiosa.

– Como? – Foi a única palavra que saiu da boca do elfo irritado. Pena que ele tinha uma boca tão bonita.

– Projeção astral – eu disse, um pouco orgulhosa de mim mesmo. Então eu disse: – Pare de fazer isso! – Ouvindo isso, as almas caíram mais um pouco. Algumas até caíram no chão, fingindo de morta. – Sério mesmo?

– Projeção astral – repetiu Gareth. Ele não parecia exatamente impressionado. – Se a sua consciência morrer aqui…

– Sim, sim, sim. Eu sei – Acenei com a mão em sinal de desdém. – Não pretendo morrer aqui. Isso não faz parte do plano.

Gareth levantou uma sobrancelha, e eu odiava o quanto ele fazia aquilo parecer real, mesmo com sua aparência fantasmagórica.

– Ah, é mesmo?

Coloquei as mãos nos quadris e imitei sua expressão.

– Sim. É *verdade*. Olha, precisamos sair daqui.

– Não podemos – O elfo passou a mão pelo cabelo, em um gesto casual e muito genuíno. – Não há como sair daqui. Pelo menos não para nós. Já procuramos uma saída em cada centímetro desta prisão. Foi tudo o que conseguíamos fazer. Mas é inútil. Nunca poderemos sair daqui.

– Nós podemos. Vamos conseguir – Dei um passo para perto dele. – E temos que ir logo.

Gareth apertou os lábios e sua mandíbula se contraiu.

– Por quê?

– Os humanos acham que os corpos dos desalmados são resultados de algum vírus mortal. Eles estão enviando a Guarda Nacional para erradicar os chamados infectados.

– E daí?

Meu rosto ficou abatido.

– E daí?

– Não há nada que você possa fazer, Rowyn – Gareth deu uma risada breve. – Acabou. Somos apenas sombras de quem costumávamos ser – Seus olhos ficaram intensos. – Eu tentei. Tentei lutar contra ele. Mas ele me surpreendeu. E quando percebi o que estava acontecendo… já era tarde demais.

Senti dor ao vê-lo assim. Lembrei-me de como foi a sensação de ter minha alma quase tirada de mim. Não foi legal. Se o padre Thomas não esti-

vesse lá, eu seria igual a Gareth e a todos eles.

Gareth tentou agarrar minha mão e, ao perceber o que estava fazendo, deixou-a cair.

– Este é o fim para nós, Rowyn.

– Não – eu disse. – Sei com certeza que isso não é verdade. Os anjos me disseram.

– Os anjos?

– Se eu conseguir tirar vocês daqui – olhei novamente para as almas. – A alma de todos vocês se reconectarão com seus corpos – eu disse a eles, sem saber a terminologia adequada para usar. Ligação? Reconexão? Não importava. Pela expressão no rosto do elfo, eu sabia que ele havia entendido.

A testa de Gareth ainda estava franzida.

– Os anjos disseram isso a você?

– Sim – Não exatamente. Era mais um talvez do que uma certeza, mas eles não precisavam saber.

O elfo se virou para mim, com os olhos arregalados.

– E quanto a você? Você consegue projetar seu espírito para fora daqui?

– Sim – Mudei de posição. – Sobre isso. Hum… Parece que há um pequeno problema 'técnico' com a viagem de volta para casa.

– Rowyn? – A expressão preocupada de Gareth fez meus joelhos fraquejarem. Eu adorava aquele maldito de orelhas pontudas.

– Não se preocupe. Eu também não pretendo ficar – Se ao menos eu conseguisse descobrir como sair deste lugar, estaríamos garantidos.

– E se você não puder? E se você morrer aqui como todos nós? Ou pior, ele pode simplesmente manter você aqui. É por isso que ele deu a você um corpo sólido. Para causar-lhe dor.

– Você quer dizer Derrigor? Não me importo com ele neste momento. Eu me preocupo em nos tirar daqui – Olhei para as almas que pairavam. – Todos nós.

O elfo cruzou os braços.

– Como? Não há portas nem janelas. Esta não é uma prisão qualquer.

– Eu sei. Então, nós… teremos que pensar fora da caixa. Sim, eu sei como isso soou, mas estou dizendo a você… se há uma maneira de entrar… há uma maneira de sair – Tinha de haver. – Só precisamos encontrá-la.

Gareth sorriu.

– Se eu pudesse beijar você, eu o faria.

– Eu sei – Sorri de volta. – É que sou muito beijável – Uma das almas que pairavam no ar deu um giro e eu juro que, se ela tivesse olhos, estaria arregalando-os naquele momento. De alguma forma, eu sabia que era a alma de uma mulher.

Apontei o dedo para a alma.

– Você, engole essa. Você vai me agradecer mais tarde.

Andei em círculos com as mãos nos quadris, enquanto minha mente elaborava um plano de fuga.

– Ok, você mencionou ter percorrido toda essa região. Certo?

– Certo.

– O que se destacou para você? – perguntei, com os olhos fixos na formação rochosa falsa à distância. – O que não parecia normal para você?

Gareth fez uma careta.

– Você já deu uma olhada nesse lugar?

– Eu entendo que é esquisito. E*xtra-esquisito*.

– Além de ser uma prisão numa caixa de vidro? – O elfo deu de ombros. – Nada.

Foi minha vez de revirar os olhos.

– Não. Quero dizer. Se isso – Abri os braços. – É o seu novo normal. O que *não se* encaixa? – Olhei para as almas. – Alguém?

A alma que eu acreditava ter revirado os olhos para mim se afastou das outras. E de repente, ela estava diante de mim, na forma de uma mulher. Falei que era uma mulher!

– O céu é verde – começou a mulher, cujos cabelos ruivos e cacheados estavam presos em um longo rabo de cavalo. Com uma aparência de ter entre trinta e poucos anos, ela era alguns centímetros mais baixa do que eu. Exibindo boa forma, trajava jeans skinny acompanhados de uma blusa branca. – E você já viu as árvores? Nem sei se você pode chamá-las de árvores. Se isso não é muito estranho, não sei o que é. A propósito, eu sou Marla.

– É um prazer conhecer você, Marla – Olhei para ela e Gareth. Para uma humana, ela estava aceitando muito bem toda essa coisa de alma. Talvez ela não tivesse escolha.

– Está bem. O que mais?

Marla deu de ombros de forma exagerada.

– Tem aqueles monstros assustadores com capuz. E depois tem aquele grandão.

– Derrigor – respondi. – O que mais?

– Não há mais nada aqui – disse Marla, com o rosto distorcido pela raiva. – Somos apenas nós e toda essa areia azul. Não há porta ou portal nem nada. Já verificamos. Estamos presos aqui para sempre – Sua voz ficou trêmula. – Quero voltar para casa, para meus filhos. Mas não posso. Porque não importa quantas vezes eu tenha tentado, não consigo atravessar essas paredes de vidro.

Meu queixo caiu.

– É isso! – Levantei o punho no ar, sentindo-me uma idiota por fazer isso de verdade, pensei que ficaria apenas na minha cabeça.

– Isso é o quê? – riu Gareth. O som teria feito meu coração bater mais forte se eu tivesse um. Ele tinha uma risada tão gostosa, já estava com saudades dela.

Acalmei minhas emoções e disse:

– São as paredes. O que quer que elas sejam, são elas que nos prende aqui – Eu sabia que estava no caminho certo. Não sabia como, mas tinha certeza que essa era a nossa saída. Sorri para eles. – Essa é a nossa saída.

– Já tentamos isso – disse o elfo olhando para Marla. – Não podemos atravessá-las.

– Vocês não podem. Mas talvez eu possa – Me virei para a montanha falsa. – Precisamos desfazer a ilusão – Olhei para eles. – Essa é a única coisa que mantém vocês presos aqui – Fazia sentido. – Este lugar é apenas uma caixa de vidro. Um recipiente com uma tampa para manter vocês aqui. Não precisamos de uma porta. Vamos *fazer* uma.

Naquele exato momento, um sino tocou. Não era como um belo sino de igreja, mas um som mais mórbido e solene que me fez pensar em um funeral. Fiquei arrepiada.

Gareth enrijeceu e seu olhar se fixou em algo atrás de mim. Odiei a expressão de pânico em seu rosto.

– Ele está aqui.

Não precisei olhar para saber a “quem” ele se referia. Mas eu me virei e olhei mesmo assim.

Uma sombra deformada apareceu a menos de 30 metros de nós. Ele tinha três ou quatro metros de altura, e era envolto em sombra. Não tinha forma, mas eu conseguia distinguir características semi-humanas no clarão de sua escuridão, com olhos brancos fumegantes e uma boca aberta de carvão em brasa.

O poder que vinha dele pulsava em ondas, fazendo meu cabelo se arrepiar.

Eu conhecia os demônios. Mas esse não era um. Ele era um deus.

Esse era Derrigor.

Ah, merda.

CAPÍTULO 30

Derrigor era a criatura mais aterrorizante que eu já havia visto. Se eu tivesse corpo neste momento, teria me mijado toda.

Uma onda de náusea percorreu meu corpo. A escuridão ao seu redor parecia uma névoa cintilante, o brilho de seus olhos era muito penetrante, seu poder era sufocante. Dei vários passos para trás até que aquela maré de sensações horríveis diminuísse, mas tive que lutar para ficar de pé.

Marla fez um guincho que teria deixado um camundongo orgulhoso quando seu corpo se deslocou e depois se transformou em uma bola de luz. A alma de Marla voou alto e se afastou de Derrigor. Eu não a culpei. Eu teria feito o mesmo se pudesse me transformar em uma bola de luz.

As outras almas não emitiram nenhum som, mas voavam como milhares de vaga-lumes frenéticos atrás de mim e de Gareth.

Derrigor abriu a boca e falou.

– Venha para a frente, pequeno gafanhoto – disse ele, com uma voz grave. Sua voz era sinistra, com tons estranhos. Seus olhos brancos e ardentes estavam focados em mim. Sim, muito assustador.

– Você é um pequeno gafanhoto curioso – disse o deus. – Sinto uma forte força vital em você. De fato, curioso. Você é diferente. Sim. Você é diferente. Você não é como os outros. Talvez eu deva comer você agora. Sim. Parece-me bom. Venha. Deixe-me ver a sua alma, pequeno gafanhoto – Derrigor riu. Havia um tom inconfundível de prazer em sua voz.

Relaxei meus músculos.

– O quão rápido ele consegue correr? – sussurrei para Gareth.

O elfo balançou a cabeça.

– Não faço ideia.

– Pequeno gafanhoto? Venha agora. É falta de educação ignorar o anfitrião – continuou Derrigor. – Eu deixei você entrar em minha casa. Se eu não quisesse que você entrasse, eu teria negado sua entrada. Deixei você entrar, estava curioso. Queria ver como você se sairia no meu mundo. Criei este corpo para você. Você gosta dele? Quando não respondi, ele continuou. – Você fará o que eu disser e virá até mim. Venha agora, pequeno gafanhoto. Venha brincar comigo.

Ah tá bom. Como se eu fosse obedecer esse deus idiota.

Vi a expressão preocupada no rosto de Gareth e disse:

– Tenho uma ideia.

– Uma boa, espero.

– Acho que vamos descobrir – Olhei para as almas. – Corram! Todos vocês! – Eu disparei para frente, sabendo que Gareth estava bem atrás de mim, e mirei na montanha, onde eu sabia que havia uma das paredes. As almas passaram por mim como um borrão de luzes brancas.

Ouvi a risada profunda de Derrigor atrás de mim.

– Você não tem para onde correr, pequeno gafanhoto. Você está preso. E sua alma será minha. Para sempre.

Acho que não. Corri mais rápido. Não havia adrenalina para me ajudar, nem força sobrenatural. Havia apenas minha vontade. Minha vontade de viver. Minha vontade de salvar Gareth e os outros.

– Venha brincar, pequeno gafanhoto – ouvi Derrigor dizer. O deus estava claramente furioso.

– Rowyn, para onde estamos indo assim? – Gareth corria ao meu lado, seus pés não tocavam o chão e não deixavam pegadas.

Tentei não olhar. Quanto mais eu olhava, maior era a probabilidade de cair de cara no chão novamente.

– Para a parede – Olhei para a frente e vi as almas, pairando como luzes de Natal, no que eu achava ser a parede.

– E depois? – perguntou Gareth.

– Então veremos se meu plano funciona – *Ou todos nós morreremos.*

Chegamos à parede e as almas estavam reunidas, elas pareciam assustadas e agitadas. Elas queriam ver se eu realmente conseguiria nos tirar daqui. Eu também.

– Venha, pequeno gafanhoto – Ouvi a voz do deus em lugar atrás de mim. – Ha, ha, ha. Mas você será minha.

Olhei por cima do ombro. Derrigor vinha em nossa direção, em um ritmo lento, como se estivesse passeando no parque, admirando sua criação malfeita. O cara era realmente apaixonado por si mesmo. Ele não precisava ter um complexo de deus. Ele *era* um deus. Seu ritmo lento significava que ele não achava que poderíamos sair. Isso era bom. Isso me daria os segundos extras que eu precisava. Eu ia usar isso a meu favor também.

Gareth ficou ao meu lado.

– Não poderei ajudar você.

– Pode sim – Tirei a lâmina do necromante do meu cinto. – Fique de olho no grandalhão e me avise se ele se aproximar.

O elfo olhou fixamente para a lâmina.

– Uma lâmina não fará nada com ele. Ele não é mortal.

Puxei a lâmina para cima.

– Não é para ele. É para nós – Minha mente estava acelerada, acompanhando a velocidade das almas que passavam ao redor da minha cabeça, como mosquitos gigantes e irritantes.

A lâmina do necromante havia viajado para este reino comigo. Isso devia significar alguma coisa. Por que essa lâmina em particular veio comigo e não a minha lâmina da alma? Porque Derrigor a havia forjado ou havia derramado parte de seu poder nela. O ferro ex mortuis estava ligado a esse lugar. Eu tinha certeza disso.

Essa lâmina era especial, era por isso que o necromante Rath tinha ficado irritado por eu não tê-la devolvido. E agora, eu ia testar minha teoria e saber se eu estava certa.

Me aproximei da parede e dei uma rápida olhada para trás, Derrigor ainda estava longe demais para ver o que eu estava prestes a fazer.

Me posicionei segurando a lâmina do necromante firmemente.

– Pessoal, preparem-se – eu disse às almas.

E com toda a minha vontade e meu desejo de voltar para casa, bati na parede.

Uma explosão de luz branca formou um clarão ofuscante, seguida por uma explosão de força cinética que formou uma nuvem de areia. Ela sibilou e eu fui jogada para trás, aterrissando de bunda no chão, com as pernas abertas no ar e tudo.

Me levantei. Gareth não havia se mexido. Ele olhava para um ponto na parede.

Corri para lá. No local onde eu havia atingido a parede com a lâmina, havia um pequeno buraco negro, uma fenda do tamanho do meu polegar. Nossa saída.

– Sim! Funcionou! – eu disse tossindo, ao mesmo tempo, entusiasmada e chocada por estar certa. As almas circulavam minha cabeça, elas estavam animadas, e tive que resistir à vontade de afastá-las.

Eu esperava que o vidro tivesse estilhaçado, mas isso era como cortar um papelão grosso.

Derrigor soltou um uivo.

– Gafanhoto! O que você está fazendo?

Olhei por cima do ombro.

Obviamente, ele apertou o passo e agora corria com fúria total. Ele ainda estava bem longe, mas nos alcançaria em menos de trinta segundos.

Ah, que porcaria.

O sorriso de Gareth estava grudado em seu rosto.

– Você conseguiu, Rowyn. Você realmente conseguiu.

– Não fique muito animado ainda. Preciso cortar mais – Eu tinha feito apenas um pequeno furo. Eu precisava fazer uma maldita porta para nos tirar daqui. Inclusive eu.

Me joguei contra a parede, batendo e cortando o buraco o mais rápido que pude. Eu até mesmo o serrei. Parecia funcionar melhor. O reino ficou mais claro novamente, dessa vez a luz era tão brilhante que eu mal conseguia ver o que estava fazendo. Mas quanto mais eu cortava, mais escuridão aparecia pelo buraco.

– Detenham-na! – As palavras ecoaram por todo o reino, como o estrondo de um trovão. Havia poder e comando naquelas palavras.

Não pude resistir a olhar por cima do ombro. E então desejei não ter feito isso. Dez espectros nos cercaram, com suas longas capas ondulando atrás deles enquanto atacavam.

– Continue cortando. Não pare – Gareth e um grupo de almas se separaram e foram atrás dos espectros.

– Vamos lá, Rowyn! – Eu disse a mim mesma. O medo repentino fez com que minha mão escorregasse e eu quase deixei a lâmina cair para o outro lado.

Isso não seria nada bom. Entrei em pânico, mas me esforcei para manter a calma. Eu não podia falhar agora. Não podia. As pessoas dependiam de mim. Eu tinha que lutar. Tinha que fazer isso.

Usando as duas mãos, pressionei com força, tentando abrir o buraco o máximo que pude. Depois de alguns golpes, eu xinguei. Só tinha conseguido abrir um pequeno espaço do tamanho do meu braço. Talvez fosse suficiente para as almas, mas não para mim.

Espiei por cima do meu ombro. Gareth estava de costas para mim, me protegendo, e as almas atingiam os espectros como um enxame de abelhas com esteroides. Isso estava ajudando. Mas quando olhei por cima do ombro de Gareth, Derrigor estava quase nos alcançando.

Eu tinha dez segundos, no máximo.

– Rápido, Rowyn. Ele está quase chegando!

– Eu sei – gritei. Tremendo, coloquei todo o meu peso na lâmina. Gritava enquanto cortava o mais forte que podia.

Finalmente, abri um buraco que podia passar uma pessoa.

– Pronto – Dei um passo para trás, com a lâmina do necromante em minha mão. – Está aberta.

Eu mal consegui terminar as palavras antes que um rastro de globos brilhantes passasse por mim e desaparecesse pela abertura. Observei enquanto as últimas almas se afastavam como um bando de vaga-lumes e sumiam de vista. Elas estavam livres.

– Está bem. Todas elas se foram – eu disse, virando-me para Gareth no momento em que a última alma desapareceu pela abertura. Os espectros haviam desaparecido ou tinham sido derrotados pelas almas. Eu não sabia e não me importava no momento.

O chão tremeu sob meus pés. Estranhos relâmpagos preto e branco brilharam por todo o reino, delineando as paredes e o topo da enorme gaiola que era o reino. O chão ao nosso redor se iluminou com um súbito fogo azul furioso que surgiu de fendas gigantescas.

– O que está acontecendo? – perguntei a Gareth.

– As almas – Ele se virou, com os olhos arregalados. – As almas deviam estar alimentando este lugar. Sem elas…

– Ele vai entrar em colapso – Ótimo. O reino da Morte estava desmoronando ao nosso redor, e Derrigor estava se aproximando. Eu amava minha vida.

– E quanto a Derrigor? – O elfo observava enquanto o deus avançava.

Balancei a cabeça.

– Quem se importa? Eu não vim aqui por ele. Vim aqui por você e pelas almas. Vamos embora!

– Ele vai colocar as mãos em mais almas. Os necromantes não vão se limitar a nós.

– É por isso que precisamos sair daqui e detê-los.

Gareth levantou a mão em direção ao meu rosto. Eu não conseguia sentir seu toque, mas podia imaginá-lo.

– Gareth. Vá.

O elfo abaixou a mão e balançou a cabeça com teimosia.

– Não. Eu não vou até que eu saiba que você pode passar por ele também.

Cerrei os dentes.

– Você está falando sério? Não temos tempo para discutir. Eu vim aqui para trazer você de volta. Você não tem nada a dizer sobre isso.

Gareth se posicionou.

– Primeiro as damas.

Ele era teimoso. Porém, eu era mais. E ele sabia disso.

– Eu não sou uma dama – Eu lhe dei um sorriso malicioso. – Entra lá – ordenei. – Estarei logo atrás de você.

O elfo me deu um sorriso bobo e, em seguida, seu corpo se transformou em uma bola branca brilhante, e como um borrão de luz, ele desapareceu na fenda.

No momento em que ele se foi, tive uma enorme sensação de alívio, mas o sentimento não durou muito.

Me virei rapidamente, minha atenção foi capturada por uma emoção mais intensa e predominante: o medo.

Derrigor estava tão perto que agora eu podia ver como ele era. E não era nada bom. Ele era enorme e igualmente poderoso, parecia um poste negro de energia, e elas giravam e rodopiavam ao redor dele. Acho que os olhos dos mortais não poderiam olhar para ele. Sorte que eu estava no meu corpo de projeção astral.

A pulsação do poder que vinha dele se intensificou, quase me fazendo cair de joelhos. Fiquei encarando-o contra minha própria vontade, enquanto minha mente me dizia para correr, fugir. Mas eu queria olhar para ele, apenas uma última vez. Esse cara, esse um deus, era poderoso o suficiente para criar tudo isso. Uma nova realidade. Um novo reino. Para ele, eu era apenas um gafanhoto.

– Você pode ter encontrado uma maneira de libertá-los, pequeno gafanhoto – disse Derrigor, enquanto diminuía o passo e marchava com confian-

ça. – Mas logo, reabastecerei minhas almas. Isso não foi nada. Terei mais do que antes até que todo o mundo de vocês se curve à minha vontade. Até que toda a última alma mortal… seja minha.

– Você é muito convencido.

A boca de Derrigor se abriu em um sorriso largo.

– *Eu* sou um *deus*.

– Conte-me mais sobre isso.

O rosto do deus se contorceu com uma alegria descontrolada.

– Acho que vou comer sua alma agora.

E *essa* foi a minha deixa para fugir.

Fiquei olhando para o buraco neste mundo, imaginando se ele funcionaria para mim ou se realmente me mataria. Em uma fração de segundo, pensei em deixar a adaga do necromante, mas mudei de ideia. Ela havia nos salvado. Poderia ser útil.

– Gafanhoto! Eu irei atrás de você, pequeno gafanhoto!

Essa última frase foi tudo o que ouvi quando me joguei de cabeça no buraco da Morte.

CAPÍTULO 31

A viagem de volta não foi tão divertida e emocionante quanto a viagem para a Morte.

Era como se meu corpo fosse um elástico, meus braços e pernas foram esticados, meu corpo foi espremido em um tamanho impossivelmente fino. Quero dizer, todos nós queremos perder alguns quilos, mas não queria fazer isso tendo meu corpo esmagado e puxado como um macarrão espaguete.

Quando senti dor em minha bochecha, soube que estava de volta.

Respirei fundo várias vezes. Em seguida, pisquei para encontrar os olhos azuis de um gato siamês, senti seu peso sobre meu peito e sua pata quente em meu rosto. Seus olhos estavam dilatados e ele tinham o olhar concentrado de um gato prestes a atacar.

– Ela voltou! Ela voltou! – gritou Tyrius. E então ele me bateu no rosto com sua pata. – Nunca. Mais. Faça. Isso. De novo!

Levar um tapa na cara de um gato quando acabava de voltar de uma viagem para a Morte não era o comitê de boas-vindas que eu esperava. Mas ele era tão bonitinho quando estava preocupado, com sua boca pequena fazendo beicinho e o nariz arrebitado, eu só queria apertá-lo.

E foi o que fiz.

Sentei-me na cama e peguei meu amigo peludo, apertando-o com força contra meu peito.

– Eu também senti sua falta, Tyrius – eu disse enquanto beijava o topo de sua cabeça. – Mas por que você está aqui? Achei que você estava com Kora e as crianças.

O gato saltou dos meus braços e me olhou com raiva.

– Lance veio me buscar porque achou que você estava morta.

Olhei em volta da sala. Lance estava sentado no chão, ofegante, com a língua para fora e abanando o rabo como um cachorro de verdade. Layla estava de pé com a boca aberta, mas ainda assim conseguia parecer sexy. Shane ainda estava sentado na cadeira ao lado da cama, onde eu o tinha visto pela última vez. Ele estava com a mesma expressão, com exceção do pequeno sorriso que se desenhava em seus lábios.

– Como assim? – perguntei a Tyrius. Estava feliz por sentir meu coração batendo, e ter saliva em minha boca, isso era ótimo.

O gato abaixou as orelhas.

– Você parou de respirar, foi isso.

Dei de ombros.

– Bem. Eu não estou morta.

– Não me diga – Tyrius balançou a cabeça.

– Sua pele estava tão fria, Rowyn – disse Layla, aproximando-se. – Como um cadáver.

– Você até *parecia* um cadáver quando cheguei aqui – acrescentou Tyrius. – Você ficou pálida… dura… isso nos assustou muito. Você ficou fora por muito tempo, Rowyn. Muito tempo. Achei que você não conseguiria voltar.

Meu coração se apertou com a preocupação em sua voz.

– Quanto tempo fiquei desacordada? – Para mim, pareceram horas, mas sabendo como o tempo é diferente em outros mundos como Horizon, poderiam ter sido dias, pelo que eu sabia.

– Uma hora e vinte e seis minutos – respondeu o gato.

– Sério? Não é tanto tempo assim.

– Isso é uma hora e vinte e seis minutos de inferno! – Tyrius suspirou. – Meu coração delicado não aguentaria isso de novo. Veja – Ele levantou a pata com algo longo e fino entre os dedos. – Eu perdi dois bigodes.

Acariciei seu queixo.

– Você é um bebezão. Eles voltarão a crescer. Eu estou bem. Tá vendo? – Sai da cama e fiquei de pé. – Estou me sentindo ótima. Sinto como se tivesse tirado um longo cochilo.

O gato fez uma careta e arremessou os bigodes.

– Sim, bem, você quase tirou o cochilo do século.

É verdade, se Derrigor tivesse conseguido o que queria. Mas ele não conseguiu.

Shane se levantou.

– Funcionou? Você libertou as almas? – perguntou ele, com a voz baixa e um pouco tensa.

Olhei para o anjo, com um sorriso no rosto.

– Sim! Eu consegui. Espere, acho que sim… – Precisava ver Gareth para ter certeza.

Tyrius deu um tapa na sua testa.

– Acho que ela deixou seu cérebro no reino da Morte.

Avancei em direção à porta do quarto e parei.

– Não. Quero dizer, sim – Puxa. Eu parecia um pouco maluca. – Vou começar de novo. *Sim,* eu quero dizer, consegui libertar as almas. Todas elas.

– Incluindo Gareth? – perguntou o gato.

– Ele também – Lembrar do elfo fez meu coração bater mais rápido. – Era um lugar estranho – Um formigamento de apreensão se enrolou em meu pescoço quando lembrei do deus, como se suas mãos tivessem agarrado meu pescoço. – Derrigor é louco.

Tyrius riu.

– Eu também ficaria bravo se você tirasse todo o meu catnip.

Lance riu.

– Aposto que você ficaria.

Balancei a cabeça.

– Não. Quero dizer, o deus *é* louco. Ele não está bem da cabeça. O mundo que ele criou, seu reino da Morte, é todo *errado*. Caótico. Foi como entrar em sua mente maluca.

Shane esfregou o queixo.

– Já ouvi falar de outros deuses com dificuldade em diferenciar a realidade da fantasia após passar milhares de anos sozinhos.

– Bem – suspirei. – Por mim, ele pode ficar lá para sempre, sozinho de novo. Pensamentos e planos voltaram à tona. Meu coração bateu forte no peito, como se estivesse esperando há horas para fazer isso.

Verifiquei meu cinturão de armas. Minha lâmina da alma estava lá, assim como a lâmina do necromante.

– Não temos muito tempo até que Derrigor descubra o que vamos fazer.

O gato pulou da cama.

– E o que vamos fazer, exatamente?

– Eu explico no caminho – eu disse, enquanto saia correndo do meu quarto.

Corri para a sala de estar. Danto se levantou da cadeira que estava ao lado de Gareth.

Ele olhou para mim surpreso.

– Rowyn? Você voltou! Funcionou?

Ignorando-o, corri até Gareth. Com dedos trêmulos, tirei a venda dos seus olhos. Seus lindos olhos escuros piscaram para mim.

– Do que você se lembra? – Perguntei, com o coração disparado, sem saber se nossa viagem ao reino da Morte seria apagada de sua memória.

O elfo sorriu.

– De tudo.

– Seu elfo sexy – eu disse, encostando meus lábios nos dele para não começar a chorar. Eu tinha uma reputação a manter. Me afastei. – Estou feliz por ter você de volta.

O elfo sorriu.

– Nada como o beijo de uma bela dama para acordar um homem em coma. Eu ficaria ainda mais feliz se você me soltasse.

– Deixa comigo – Danto foi para trás da cadeira de Gareth e começou a soltar os nós que envolviam os pulsos, o peito e os pés do elfo.

Assim que ele terminou, pulei em seus braços. Não consegui me conter. Enterrei meu rosto em seu pescoço, deixando o calor de seu corpo penetrar no meu, apenas por alguns segundos. Lamentavelmente, me afastei. Haveria muitos abraços e outras coisas mais tarde.

Layla estava com um sorriso de orelha a orelha.

– Estou tão empolgada… que eu poderia… eu simplesmente poderia... – ela estendeu a mão, agarrou Danto e o beijou ferozmente, passando as mãos por seu corpo de uma forma que faria o padre Thomas corar se estivesse aqui.

– Caramba – murmurou Tyrius. – Eu odiaria ver o que ela faz quando está *super empolgada*.

Eu ri, longa e intensamente. Foi tão bom. Me senti tão bem. Infelizmente, eu sabia que não poderia mais aproveitar o momento. Eu ainda tinha um trabalho a fazer. E sim, ia ser uma droga.

– Os necromantes – Me virei. – Quais são as notícias sobre eles?

– Os aspirantes a Voldemort continuam aqui – disse Tyrius. Ele se aproximou de Gareth. – É bom ter você de volta, elfo mago – Em seguida, acrescentou em voz baixa. – Eu não queria ter que pensar em comer a comida de Rowyn.

– Eu ouvi isso – rosnei, fazendo Gareth rir. Não era segredo que eu não sabia cozinhar, embora adorasse a comida de Gareth. Principalmente quando ele não usava nada além de um avental.

Layla se afastou de Danto, e pegou seu celular.

– Recebi uma mensagem de Alan mais cedo – ela me informou. – Ele disse que eles foram vistos entrando no cemitério de Fairview. Parece que eles ainda têm vínculos lá.

– Bom – Isso era melhor do que bom. Era um verdadeiro milagre.

Alan era o outro Agente nascido-anjo que o Conselho designou para o caso dos necromantes depois do que aconteceu na Times Square. Embora eu nunca tivesse trabalhado diretamente com ele, sua reputação era boa, ele era um líder de equipe e um guerreiro experiente do Conselho. Tivemos sorte em tê-lo.

– Quantos são? – Se minha intuição estivesse certa, estariam todos lá.

– Só um segundo – Layla digitou algo em seu celular. Um momento depois, ouvimos uma notificação. Ela levantou o olhar e sorriu para mim, o tipo de sorriso animado de uma criança que ganhou um novo cachorrinho, ou melhor, dois novos cachorrinhos. – Doze.

– São todos eles – Sorri para ela e bati no meu cinturão de armas. – Este é o nosso dia de sorte.

– O melhor dia *de todos* – Layla imitou meu movimento e bateu com o chicote em seu quadril direito.

– Diga ao Alan que estamos a caminho – eu disse a ela. – Devemos chegar lá em menos de trinta minutos. E quando chegarmos lá, precisamos agir rápido – eu disse. – Se tivermos sorte, os necromantes não saberão que libertei as almas.

– Mas quando eles tentarem usar a magia da morte – disse Tyrius, com os olhos arregalados. – Eles saberão.

Cerrei os dentes.

– No momento, eles não têm nada, ou quase nada – Eu não sabia se eles tinham poder residual das almas ou não. – Não sei se eles ainda podem fazer magia ou não. Portanto, fique atento aos feitiços. Se você sentir que um deles está tentando… derrube-o. Não podemos arriscar com essa magia. Não podemos permitir que eles roubem mais almas, inclusive as nossas. E não deixe que eles ressuscitem os mortos. Eles vão tentar.

– Já que eles estão em um maldito cemitério – murmurou o gato.

– Não podemos deixar que isso aconteça – Observei quando todos concordaram.

– Vou preparar a caminhonete – disse Gareth enquanto se dirigia ao corredor.

Eu o agarrei.

– Você tem certeza de que está pronto para isso? – Eu não sabia como ele se sentia, mas sabia que ele não estava completamente normal. Ainda não. – Se você quiser ficar, não seria um problema.

Os olhos escuros de Gareth eram intensos.

– Não vou perder você de vista. Você pode esquecer isso.

Eu sabia que essa não era uma batalha que eu poderia vencer.

– Tudo bem. Então você dirige.

O elfo me deu uma olhada.

– Claro, que *eu* vou dirigir – Ele pegou seu chapéu fedora preto e desapareceu pela porta da frente.

– Tenho espaço em meu carro – informou Danto, olhando para os anjos. – Vocês podem vir conosco, se quiserem.

– Ótima ideia, vampiro – disse Tyrius, seus olhos azuis brilhavam enquanto ele encarava Lance. – O vira-lata pode ir com o vampiro. Acho que os híbridos não se importam com as pulgas.

Lance franziu os lábios.

– Não, eles preferem um projétil de vômito de bola de pelo.

A cauda de Tyrius se contraiu quando ele pensou nisso.

– Um projétil de vômito é muito legal.

– É sim – concordou o cão.

Franzi a testa, olhando para os dois. Que diabos tinha acabado de acontecer? Eles haviam se unido secretamente enquanto eu estava no reino da Morte?

Eu sorri.

– É tão bom estar de volta – A empolgação tomou conta de mim. – Vamos lá. Tenho um encontro com o Lorde Krull – Fiz uma careta. – Mas primeiro… eu *realmente* preciso fazer xixi.

CAPÍTULO 32

Com a bexiga vazia e a bateria totalmente recarregada com três barras de proteína, agachei-me ao lado de um enorme portão de ferro forjado que levava a um grande cemitério com centenas de lápides e memoriais. O céu era de um azul-marinho profundo com nuvens vermelho-cereja, e o sol mal podia ser visto no horizonte. Restavam apenas alguns minutos de luz solar.

Era emocionante estar em meu antigo corpo novamente, sentindo a adrenalina da caçada, a doce adrenalina acompanhada da agradável sensação de sentir meus músculos. Bem, após ter passado um tempo com um corpo angelical, notei uma grande diferença com esse corpo. Um corpo angelical teria sido melhor, equipado com força sobrenatural, sentidos aguçados e, não vamos nos esquecer, o fato de ser imortal. Porque, se o corpo angelical morresse, eu sempre poderia conseguir um substituto.

Talvez um dia eu possa dirigir um daqueles novamente. Talvez.

Uma energia fria cruzou meu corpo. Ghouls. E muitos deles. Não fiquei surpresa. Sempre havia um ghoul em um cemitério. Eles eram atraídos para os cemitérios como ratos em um celeiro.

Mas eu não estava aqui por eles.

Olhei para uma lápide de mármore cinza com as letras gravadas em negrito que diziam: JOHN REID. Abaixo, podia-se ler: NÃO RIA. VOCÊ É O PRÓXIMO. Legal. Mas minha atenção foi desviada para outro lugar, para o círculo de necromantes que estava além das lápides.

Os necromantes estavam à vista de todos. Contei doze. Estavam todos aqui, com exceção de Rath, que havia beijado a ponta afiada da espada do padre Thomas. Eles estavam vestidos com longas túnicas pretas idênticas, com grandes capuzes pretos que escondiam seus rostos. Um deles se desta-

cou dos demais. Seu capuz repousava sobre os ombros, a luz lançava sombras profundas em seu rosto, dando-lhe uma aparência mais severa e magra, como a de um morto-vivo. Lorde Krull. Eu tinha certeza disso.

O velho maldito era meu.

Sussurros fluíam com o vento, as vozes tinham uma melodia fantasmagórica. Apenas uma coisa poderia ser responsável por aquele som não natural e gutural: a magia da morte. Eles estavam se preparando para fazer outro ritual. Assim que o fizessem, saberiam imediatamente que algo estava errado com a magia idiota deles. O que era bom até que eles decidissem reabastecer seu poço de poder com mais almas.

Eu jamais permitiria que isso acontecesse.

Concordamos em não matar os necromantes, a menos que eles atacassem primeiro. Eu estava contando que eles fariam isso. Eu poderia até dar um pequeno empurrãozinho para isso acontecer.

Algo se moveu à minha direita e vi o padre Thomas ajoelhado ao lado de uma grande lápide com uma estátua de anjo. Atrás dele havia um grupo de seis Cavaleiros Celestiais.

– Os padres sabem o plano? – sussurrou Gareth. Ele estava ao meu lado, seu cheiro almiscarado era agradável e reconfortante.

Acenei com a cabeça.

– Eles ficarão para trás com os outros nascidos-anjo. Se algum necromante escapar de nossas mãos, eles os pegarão.

Direcionei meu olhar para a esquerda, onde avistei o grande homem negro, claramente enfrentando dificuldades para tentar se esconder atrás de uma das lápides. Era Alan. Ao lado dele, escondido atrás de outra lápide, estava seu exército de dez nascidos-anjo, armados até os dentes e prontos para uma chance de mostrar suas habilidades.

Era estranho pensar em quão longe eu havia chegado. Há apenas alguns meses, eu jamais teria confiado em trabalhar com os nascidos-anjo. Mas olhe para nós agora, ambos querendo o mesmo, ambos trabalhando juntos. Essa era uma sensação incrível.

Eu estava tão tonta de alegria com a perspectiva de dar uma surra naqueles necromantes ossudos que mal conseguia me conter.

Tyrius se moveu em meus ombros, com sua cauda batendo em meu rosto incansavelmente.

– Estou começando a sentir aqueles arrepios de animação que sinto antes de uma luta. Vai ser lindo.

Eu sorri.

– Conheço a sensação.

– Você está pronta? – perguntou Gareth, seu hálito quente roçava minha bochecha.

– Você não faz ideia – Me movi nas pontas dos pés, com a adrenalina correndo pelo meu corpo. Se eu não acertasse o rosto de um necromante logo, poderia explodir. Puxei minha lâmina da alma e vi o pó élfico verde escorrendo das mãos do elfo.

Olhei para trás e fiz um aceno de cabeça para Layla, Danto, Shane e Lance. Isso não foi exatamente original. Os olhos de Layla se arregalaram com uma excitação mal contida, parecendo mais animada com a chance de dar uma surra em algum necromante do que eu. Eu adorava minha irmãzinha.

O vampiro ao lado dela me deu uma piscadela, não do tipo sensual, mas uma piscadela para me dizer que não me preocupasse com minha irmã, que ele a protegeria com sua vida. Atrás dele estava Shane, ele me surpreendeu quando me disse que viria conosco.

– Quanto mais, melhor – eu disse a ele, e então dei um soquinho em seu ombro, só para ver como ele reagiria. O anjo riu. Isso foi o suficiente para mim.

Obviamente, Lance não seria deixado para trás. O pastor alemão branco era um lutador habilidoso e um escoteiro, tê-lo conosco era uma decisão óbvia. Os olhos dourados de Lance brilhavam com um entusiasmo mortal. Ele olhava para Tyrius em meu ombro. E eu juro que o cão estava sorrindo.

Eu ri. Não poderia pedir uma equipe melhor.

Isso ia ser divertido.

Me virei.

– Eu fico com Lorde Krull – eu disse, e Tyrius riu.

– Vamos lá, time! – murmurou o gato, enquanto pulava dos meus ombros e desaparecia no cemitério.

Seguindo o exemplo de Tyrius, corri para a frente. Eu sabia que os outros estavam logo atrás de mim, seus passos eram silenciosos. Gareth e eu seguimos em frente, enquanto os outros atravessaram para o outro lado do cemitério.

Levou dez segundos para cercarmos os necromantes.

Seus gritos de choque e indignação eram música para meus ouvidos, uma melodia sombria. Quase comecei a dançar.

Os olhos de Lorde Krull encontraram os meus, e seu rosto se contorceu em uma espécie de fúria.

– Você – sibilou ele.

– Eu – respondi com alegria, apontando a lâmina da alma para o meu peito. Sorri para ele. – Que bom que esclarecemos isso – eu ri. – Você. Eu. Você. Eu. Você. Não sou muito boa com nomes.

Uma luz brilhou à minha frente e vi uma sombra se aproximar. Um segundo depois, uma enorme pantera negra andava em volta dos necromantes, ela era musculosa e forte, e soltou um alto rosnado. Ao lado dela havia um grande cão branco. Eu poderia estar enganada, mas juro que Lance parecia um pouco impressionado.

– Você acha que seus vira-latas vão salvá-la? – perguntou Lorde Krull, com a voz carregada de desdém. – Você é uma tola – ele riu. – O padre foi um tolo. Ele pensou que poderia deter a Passagem, mudar a profecia. E quando ele ameaçou expor nosso trabalho, eu o matei. Ele pensou que sua fé o salvaria, mas estava errado. E eu tirei sua vida porque ela era minha.

Um lampejo de raiva cruzou meus olhos.

– Então, foi você. Você matou o padre Martin.

Lorde Krull sorriu maliciosamente.

– Você é fraca. Assim como ele. Você é apenas um saco de carne inútil – disse o necromante, com a voz inalterada pela nossa ameaça. – Isso – ele levantou seus braços esqueléticos, gesticulando em nossa direção. – É totalmente inconsequente. Não significa nada. A existência de vocês não significa nada. Mas eu posso te garantir, Caçadora. Que desta vez, eu *vou* matar você.

Empinei o quadril.

– Isso não vai acontecer.

Quando Gareth saiu de trás de mim, o rosto de Lorde Krull empalideceu, o que era estranho, pois ele já era pálido como papel. Agora ele parecia um pouco transparente.

Os lábios do necromante se moveram, como se ele estivesse tentando expressar sua indignação, mas suas palavras não saíram. Nos olhos dele, eram visíveis as indagações inquietantes, a descrença, o temor e, a chama da raiva. Os outros necromantes passaram de confiantes para inquietos, sem compreender o que viam refletido no rosto de seu líder. Mas eu sabia.

Meu sorriso se alargou.

– Surpresa! Trouxe presentes.

Gareth riu a alguns metros de distância.

– Você é louca.

– Eu sei.

Lorde Krull não pareceu satisfeito com minha performance. Não me importei. Ele se aproximou mais, provavelmente para tentar me assustar. Mas o tamanho de seu nariz seria o suficiente para me assustar.

Ele elevou sua voz.

– Eu vou destruir você esta noite, Caçadora. Você e todos os seus amigos.

Eu ri da cara dele.

– Você poderia, apenas com seu mau cheiro. Caramba, cara. Você já pensou em tomar um banho? – eu disse a ele, franzindo o rosto em resposta ao bafo que eu só poderia caracterizar como um cheiro nebuloso que lembra um esgoto. – Graças a Deus, tomei minhas vacinas este mês.

Lorde Krull piscou, e quando abriu os olhos novamente, eles estavam completamente brancos.

– Cilerg Enitz – rosnou o necromante, com o cheiro de podridão e enxofre enchendo meu nariz até meus olhos lacrimejarem.

Lá vamos nós.

– Agora! – gritei enquanto pulava para frente e acertava um chute lateral no estômago do velho. Ele soltou um grunhido e cambaleou para trás.

E então avançamos.

Como uma dança ensaiada, nós atacamos. E atacamos com força e rapidez. Não íamos dar aos necromantes a chance deles invocarem sua magia da morte. Mesmo sabendo que o reino da Morte estava vazio de almas, eu tinha a sensação de que eles ainda poderiam extrair um pouco de poder. Era melhor não arriscar.

Gareth avançou rapidamente. Ele era realmente um elfo mago, com seu longo casaco preto balançando ao seu redor enquanto atingia dois necromantes de uma vez com seu pó élfico como uma arma semiautomática. Os olhos de ambos se arregalaram e eles caíram no chão.

O som de gritos se elevou e, em seguida, Alan e seu time de anjos estavam lá, girando e atacando enquanto suas lâminas da alma brilhavam no crepúsculo. Vislumbrei Shane lutando com os nascidos-anjo, com sua lâmina da alma estendida enquanto ele desferia uma série de golpes pesados. Seu ataque era feroz e bem calculado.

Perdi Layla e Danto de vista, mas não me preocupei. Tyrius e Lance lutavam lado a lado, passando por alguns necromantes e agarrando os que tentavam escapar pelas pernas para puxá-los de volta.

Quanto a mim? Bem, fiquei exatamente onde estava. Eu não tinha terminado.

Lorde Krull se endireitou, seu rosto escureceu de fúria. Ele se colocou diante de mim, e seus lábios se moviam rapidamente enquanto proferia uma maldição que ele tentava invocar. Isso parecia familiar. Mesmo com o som da batalha ao meu redor, eu podia ouvi-la claramente como se Lorde Krull e eu estivéssemos sozinhos em uma sala.

Ele estava tentando tirar minha alma.

Eu sei que deveria ter quebrado seu pescoço ali mesmo, mas eu estava curiosa. Talvez fosse idiotice, mas minha curiosidade levou a melhor. Eu estava esperando para ver alguma expressão em seu rosto.

O necromante líder continuava a mover os lábios incessantemente. O suor cobria sua testa enquanto suas sobrancelhas sem pelos se uniam.

– Igt'ra tatari! – gritou ele, com as mãos abertas e estendidas. E depois novamente. – Igt'ra tatari!

E então, eu vi o brilho em seus olhos. Naquele momento ele percebeu que sua magia não funcionaria.

Foi muito bonito.

Os lábios de Lorde Krull se contraíram em um rosnado, semelhante ao de uma fera.

– O que você fez? – escarrou ele, parecendo um pouco louco e muito parecido com seu mestre, Derrigor.

– Eu fiz o que precisava ser feito. Libertei as almas que você roubou.

Ele abriu a boca e depois a fechou.

– Você acha que venceu! Mas não venceu. Você não pode deter a Morte. Você não pode deter a profecia. Eu sou o…

Dei-lhe um tapa na cara.

– Chega de profecias. Isso está ficando ultrapassado – Apontei um dedo para ele. – Você precisa de falas novas.

O necromante foi dominado pela fúria e um cuspe saiu de sua boca.

– Caçadora, cadela. Essas almas eram minhas! Você não tinha o direito de levá-las.

– Aquelas almas nunca pertenceram a você, seu psicótico idiota – eu disse, a raiva contraía todos os meus músculos. – Olhe para você. Você se-

quer é capaz de fazer um feitiço para se salvar. Você é um idiota, um fracassado. Você é apenas um velho rancoroso que precisa urgentemente de um banho.

Sua fúria se intensificou em seus olhos e ele se atirou contra mim.

Movi-me instintivamente e sem medo, bloqueando e dando um passo à frente para acertar um chute lateral no seu estômago. Ele grunhiu de dor e caiu no chão.

– Rowyn! Veja! – Ouvi Layla gritar.

Senti um aperto no peito de medo. Girei, pensando que um necromante estava atrás de mim. Em vez disso, vi Layla, de pé, com sua bota de salto alto no peito de um necromante caído, com seu chicote firmemente enrolado em seu pescoço. O rosto do necromante estava ficando azul.

Sorri para ela.

– Muito bem, Layla.

Ela deu uma risadinha e seus olhos se arregalaram.

– Eu deveria ter trazido o chicote azul também.

Chicote azul? A mulher era louca, mas adorava seus brinquedos.

De repente, ouvi vários passos se aproximando, seguidos pelo inconfundível cheiro de podridão.

Com minha arma em mãos, dei meia-volta.

– Ótimo. Alguém conseguiu invocar os mortos.

Uma multidão de zumbis avançou, deixando longos rastros de sujeira e de entranhas atrás deles. Eles se moviam em sincronia, como uma pulsação rítmica, e por um instante, tive a sensação de estar dentro do videoclipe "Thriller" de Michael Jackson. Muito estranho.

– Eles parecem recém-criados – gritou Layla. Seu sorriso era contagiante quando ela se afastou do necromante inconsciente ou muito morto.

Sim. Eles pareciam frescos.

– Gareth, atrás de você! – gritei quando um dos zumbis, com metade do rosto apodrecido, agarrou o elfo por trás.

Fazendo uma careta, Gareth agarrou o braço do zumbi. E com um simples puxão e uma torção selvagem, o braço se soltou. Usando o braço como arma, o elfo o balançou e arrancou a cabeça do zumbi.

– Esperem por mim! – gritou Layla enquanto se lançava contra a horda de zumbis. Ela lambeu os lábios antes de lançar seu chicote com um estalo, cortando a cabeça do zumbi mais próximo.

Como um vulto preto, Danto apareceu. Com seus olhos negros intensos, ele rosnou e golpeou a cabeça dos zumbis com suas garras, e os zumbis sem cabeça caíram como sacos de batatas.

Pelo canto do olho, vi uma necromante fugindo da batalha, indo em direção à saída.

Ah, não, você não vai escapar.

Eu avancei. Ela me viu e sacou uma faca de dentro do seu manto.

– Isso não vai salvar você – eu disse a ela enquanto me posicionava, pronta para atacar.

Com uma expressão de medo e raiva, ela partiu para o ataque com sua faca, movimentando-se de maneira desajeitada e sem nenhuma habilidade. Desorientada pela fúria da batalha, ela avançou em minha direção de forma desesperada.

Me inclinei para o lado para evitar o golpe e dei um chute em suas pernas. Eu a acertei e ela caiu. Chutei a faca de sua mão e ela gritou de dor. Ops. Talvez eu tenha quebrado seu pulso. Foi mal.

– Você precisa de ajuda? – Lance se aproximou.

– Sim. Fica de olho nela – Eu não queria ter que matá-la se não fosse necessário.

– Pode deixar – O cão branco cerrou os dentes e sentou-se ao lado dela.

– Bom garoto – Aproveitei o tempo para dar uma olhada na cena. Um monte de zumbis decapitados estavam espalhados pelo chão do cemitério. O padre Thomas e os outros padres estavam ocupados amarrando os pulsos dos necromantes sobreviventes com a ajuda de Alan e sua equipe de nascidos-anjo.

– Foi a melhor noite de todas! – gritou Layla ao se aproximar, prendendo o chicote no quadril. – Nenhum de nós se machucou. Você acredita nisso? Aqueles necromantes não fizeram nada. Você conseguiu, Rowyn.

– Não. Nós conseguimos. *Todos* nós.

Era verdade. Nós conseguimos. Transcendemos todas as barreiras e lutamos juntos como uma equipe. Com determinação, superamos a maior ameaça. Juntos, poderíamos fazer qualquer coisa.

– O que vai acontecer com os necromantes agora? – perguntou Layla.

Olhei para o padre Thomas, que agora conversava com Alan.

– Depende do Conselho. Se eles serão presos, não sei. Tudo o que me importa é que eles saiam das ruas para sempre.

Um rosnado alto chamou minha atenção à esquerda. Tyrius, a pantera negra, estava encurvado ao lado de Lorde Krull. O velho necromante estava arrastando seu traseiro ossudo pelo chão com as mãos, tentando se afastar do grande felino.

– Tenho mais uma coisa a fazer – eu disse a ela, enquanto Danto se juntava a nós. Dirigi-me na direção de Tyrius.

Os lábios da pantera negra estavam a centímetros do rosto do necromante, que estava molhado de suor e contorcido de medo.

– O medo lhe caí bem – eu disse a ele.

– Tire sua besta de cima de mim! – gritou o velho.

Eu sorri.

– É uma merda, não é? Não ter poder, ser fraco, ter medo. Agora você sabe como aquelas pessoas se sentiram quando você roubou suas almas.

O necromante fez uma careta e sua voz assumiu um tom de zombaria.

– Eu sou o Andarilho da Morte. Tenho o poder de dominar a vida e a própria morte.

– Não mais – eu disse.

– A morte também faz parte de você, Rowyn Sinclair – disse o necromante, com a boca retorcida em um rosnado. – Você caça e depois mata. Você tira vidas, assim como nós tiramos vidas. Não há diferença. Uma vida é uma vida. Você é exatamente como nós. Você brinca com a morte.

Balancei a cabeça.

– Gosto de pensar que sou uma fodona com um pouco de ousadia – disse a ele. – Eu poderia matar você agora mesmo, mas decidi não fazê-lo. Talvez seja a escolha errada, mas ainda assim a escolha é minha.

– Você vai se arrepender disso – rosnou o necromante.

Olhei em seus olhos e sorri.

– Hoje não – eu disse, dando um soco forte em sua têmpora esquerda.

Os olhos de Lorde Krull se arregalaram, sua boca se abriu em um gemido e então ele caiu para o lado.

CAPÍTULO 33

Era o dia perfeito para um casamento. O céu estava azul sem nuvens, e os raios de sol penetravam as folhas dos carvalhos gigantes que emolduravam o quintal da minha avó. As folhas farfalharam, e a brisa quente de agosto trouxe o cheiro de roseiras e grama recém-cortada.

O som de jazz suave se sobrepôs à conversa alegre do lado de fora da tenda e eu sorri. Era um dia glorioso. E eu não poderia estar mais feliz.

Algumas horas atrás, o quintal da minha avó estava frenético, com os detalhes de última hora e muita correria. O rosto dela estava ruborizado enquanto dava ordens, segurando uma taça de vinho branco.

Tinha que ser perfeito.

Esquece a ideia de um vestido branco tradicional. Layla usava um vestido gótico vermelho-sangue com um corpete apertado e camadas de renda e seda. Seus cabelos escuros estavam amarrados no alto da cabeça em uma intrincada trança em forma de coroa, com uma trama de fitas vermelhas entrelaçadas. Sua presença tinha um ar mágico. Ela parecia uma rainha.

Danto, bem, ele tinha que estar à altura, é claro. Ele usava um terno vermelho da mais fina seda, que brilhava ao sol e ondulava. Ele fez um esforçou para fechar a camisa, mas os dedos dos pés estavam à mostra. Ele era fiel a si mesmo.

Suas mãos estavam entrelaçadas e eles não se soltaram desde que a cerimônia acabou.

Sim. Layla e Danto finalmente se casaram, no quintal da minha avó.

Sempre achei que os casamentos ao ar livre eram os mais bonitos. Foi um casamento pequeno, apenas para a família e os amigos, o que foi perfeito, já que no quintal da minha avó só cabiam vinte pessoas confortavelmen-

te. Acrescente seis demônios baal e um pastor alemão branco e você terá uma casa cheia.

Assim que Layla e Danto nos deram a boa notícia, minha avó se ofereceu para casar os dois e eu a ajudei a preencher o formulário online para que ela pudesse oficializar o casamento. Um casamento na igreja estava fora de questão, por motivos óbvios, o mais óbvio era que ambos tinham sangue demoníaco em suas veias. Isso não incomodou Layla nem um pouco, pois ela preferia esse tipo de casamento ao ar livre.

O padre Thomas parabenizava o casal feliz. Ele havia sido convidado, é claro, e estava mais bonito do que nunca em seu habitual traje preto de padre.

Quatro semanas se passaram desde que acabamos com a ameaça dos necromantes. Até onde sabíamos, os desalmados, ou melhor, as vítimas, não mencionaram sua viagem ao reino Morte ou os necromantes. Talvez, sem ter sangue demoníaco nas veias como Gareth, os humanos não se lembrassem do que havia acontecido com eles. Pelo menos era o que parecia. Ou talvez eles não quisessem se lembrar e quisessem apenas deixar tudo para trás.

A Guarda Nacional havia sido chamada naquela mesma noite, pois os supostos infectados haviam se curado milagrosamente. Não havia vestígios do vírus. Porém, eles ainda precisaram ser examinados em diferentes hospitais de Nova York, mas esperar horas para ver um médico era muito melhor do que não ter uma vida.

As risadas ecoaram pelo jardim, e eu observei enquanto Kaia montava nas costas de Lance, enquanto gritava de alegria:

– Yuppie! – Ela era igualzinha ao pai. Eu ri. Os filhotes baal estavam se revezando para montar o pobre anjo como um cavalo. Mas Lance não parecia se importar. Na verdade, o cachorro parecia feliz e contente.

Tyrius e o cão-anjo haviam se unido nas últimas semanas. Eles haviam lutado juntos, combatendo o mesmo inimigo, e agora, para dizer a verdade, pareciam melhores amigos.

Meu coração quase explodiu de felicidade, e eu pisquei rapidamente para não chorar.

– Então, pessoal – Tyrius se juntou a mim e a Gareth e se esparramou na grama. – Quando vocês dois vão se casar?

Quase cuspi meu vinho. Dei um gole cuidadoso, consciente de que Gareth estava sorrindo.

– Hum… o quê? – Meu coração estava acelerado, e eu queria que ele se acalmasse.

Tyrius riu, com os bigodes se contorcendo em um sorriso.

– Você me ouviu. Vocês dois, pombinhos, foram feitos um para o outro. O próximo passo lógico é… você sabe… – ele inclinou a cabeça para Layla e Danto. – Isso. Quero dizer, eu me casei – Ele acenou com uma pata para Kora, cujo pelo branco parecia brilhar ao sol quando ela acenou de volta. – Foi a melhor coisa que já me aconteceu.

– Hum – Me lembrei que o baal passou anos sem me dizer que era casado. Mas achei melhor não tocar no assunto.

O sorriso de Gareth se alargou, e eu desejei que ele parasse com isso.

Tyrius me deu um olhar que dizia que ele ainda não havia terminado a conversa.

– Bom. Preciso ir. Lance prometeu às crianças uma corrida de duas patas mais tarde.

– Como você vai conseguir fazer isso? – Eu ri. – Todos vocês têm quatro patas.

O gato sorriu.

– É um segredo. Se quiser saber, é só assistir – E com isso, o gato siamês saiu correndo pelo quintal em direção à sua família.

Senti os olhos fixos em mim e sabia que meu rosto provavelmente estava da cor do vestido de Layla.

– O quê?

O sorriso do elfo era radiante, do tipo que fazia meu estômago dar sérias cambalhotas.

– Eu nunca tinha visto você de vestido antes. Você é linda.

Ah... bolas demoníacas. Por que ele tinha que dizer isso? Agora eu estava toda emotiva e sabia que tinha um sorriso bobo estampado no rosto.

Olhei para o vestido novo que havia comprado para o casamento. Era um vestido de chiffon rosa claro com alças que se ajustava confortavelmente às minhas curvas, fluindo até os tornozelos. Eu o havia escolhido com a ajuda de Layla. Nunca pensei que seria vista em um vestido. Mas assim que o vesti, soube que era o ideal para mim.

Agora, a única pessoa que poderia tirá-lo de mim era Gareth.

Olhei nos olhos do elfo e abri a boca para dizer algo sexy.

– Gareth! Preciso de você! – gritou minha avó do outro lado do quintal.

Gareth não parou de sorrir quando se levantou.

– Vou pegar mais vinho para você – disse ele, pegando a taça vazia da minha mão. E quando pensei que ele estava prestes a ir embora, ele se abaixou e me beijou.

Não foi um beijo feroz com uma paixão ardente ou um beijo apressado. Não, esse beijo foi cheio de amor, compaixão e uma promessa. E quando ele se afastou, achei que fosse explodir em lágrimas. Graças às almas, consegui me controlar.

Observei o elfo sexy se aproximar da minha avó, que cuidava do vinho. Eu não sabia quem a havia colocado no comando. Provavelmente ela.

Eu nunca havia pensado em me casar com Gareth. Ok, sim, isso era uma mentira total. Eu *havia* pensado nisso algumas vezes. Ainda assim, não precisava de um anel ou de um pedaço de papel para justificar ou reconhecer o que eu sentia em meu coração.

Quem sabe? Talvez um dia seja eu com um vestido de noiva no quintal da minha avó, dizendo sim para o melhor homem do mundo.

Um dia.



Qual é a pior coisa que pode acontecer com uma bruxa?

Apaixonar-se pelo chefe rabugento e sensual como o pecado de Hollow Cove.

Depois de ficar longe da comunidade paranormal por anos, aceito a proposta de minhas tias e entro para o negócio da família que, basicamente, consiste em proteger nossa cidade e matar qualquer coisa que queira prejudicá-la.

As coisas logo desandam quando híbridos começam a cair como moscas. E quando demônios aparecem em Hollow Cove, cabe a mim cuidar deles. Permanentemente.

O único problema é que tenho que trabalhar com o chefe ranzinza que me odeia. Como se não fosse o bastante, a cada segundo que passamos juntos, começo a vê-lo com um olhar diferente.

Detesto admitir, mas estou me apaixonando por ele...

Bruxa das Sombras é perfeito para os fãs de fantasia urbana, de mistério, de romances lentos e de humor. Prepare-se para essa aventura mágica hilária e de tirar o fôlego!

Mais livros de Kim Richardson

AS BRUXAS DE HOLLOW COVE

Bruxa das Sombras

Feitiços da meia-noite

SOMBRA E LUZ

Caçada Sombria

Vínculo Sombrio

Ascensão Sombria

ARQUIVOS SOMBRIOS

Feitiços e Cinzas

Encantos E Demônios

Magia e Chamas

Maldições e Sangue

GUARDIÕES DE ALMA

Marcada

Elemental

Horizonte

Submundo

Seirs

Mortal

Ceifeiros

Selos

REINOS DIVIDIDOS

Donzela de Aço

Rainha das Bruxas

Magia de Sangue

SOBRE A AUTORA

KIM RICHARDSON é uma autora best-seller do USA Today de fantasia urbana, fantasia e livros para jovens adultos. Ela mora no leste do Canadá com o marido, dois cachorros e um gato velhinho. Os livros de Kim estão disponíveis em edições impressas e as traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, acesse:

www.kimrichardsonbooks.com